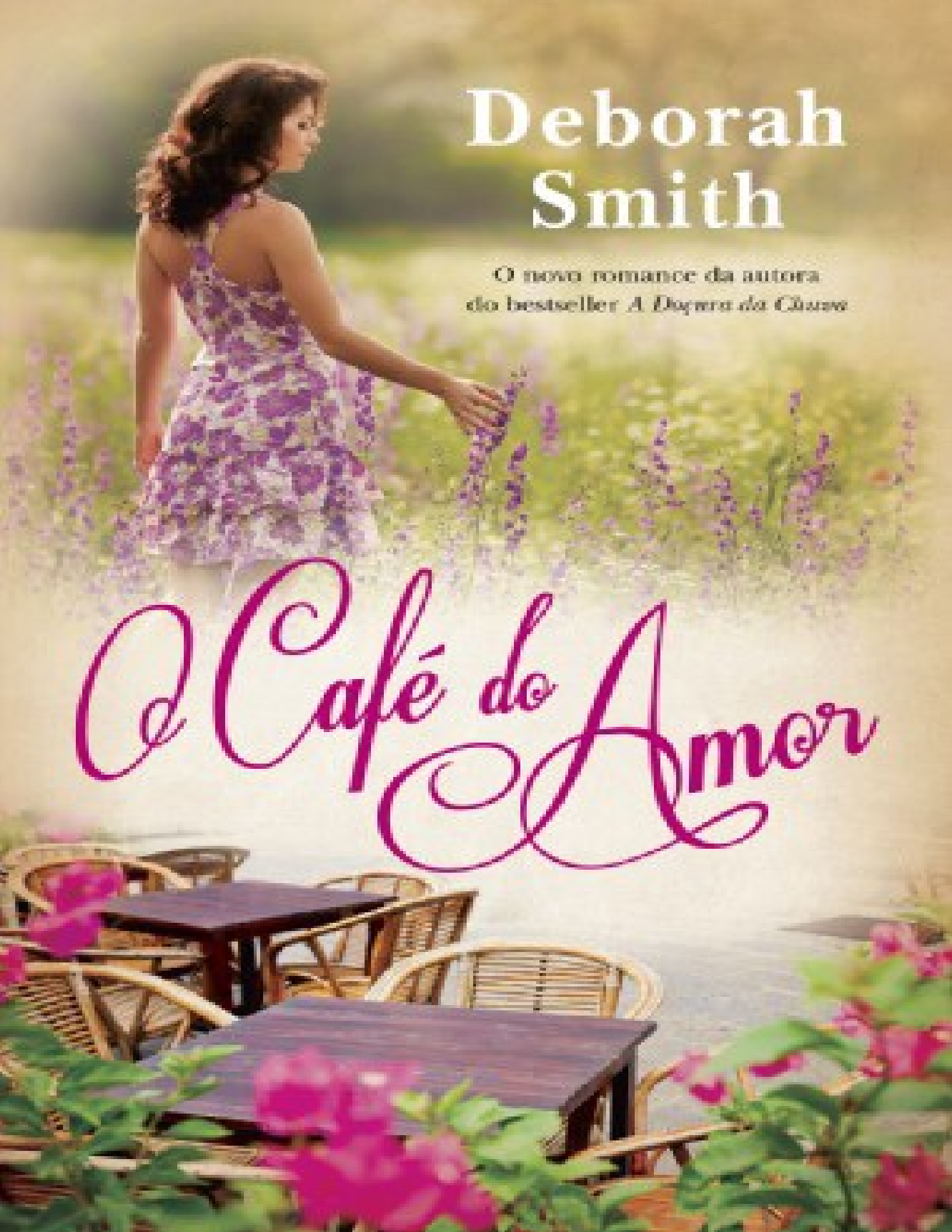

Deborah Smith
O novo romance da autora do bestseller A Duquesa da Chuva
O Café do Amor



Deborah Smith é uma das autoras americanas mais lidas em todo o mundo: a sua obra já vendeu mais de três milhões de exemplares. Nomeada para diversos prémios importantes, como o *RITA Award da Romance Writers of America* e o *Best Contemporary Fiction da Romance Reviews Today*, foi distinguida com o Prémio de Carreira atribuído pela *Romantic Times Magazine*.

No catálogo da Porto Editora figuram os seus romances *A Doçura da Chuva* e *Segredos do Passado*, que obtiveram assinalável êxito junto dos leitores portugueses.

Este livro foi disponibilizado pela equipe do e-Livros, com o objetivo de ser usado somente para fins não comerciais.

e-Livros.xyz

«Uma vez mais, Deborah Smith criou uma comovente e inesquecível história de amor na melhor tradição da literatura romântica.»

Booklist

«Deborah Smith no seu melhor.»

The Romance Reader

«Os livros de Deborah Smith fazem mais do que comover corações; as suas histórias tocam no âmago das almas.»

The Best Review

«Um verdadeiro tesouro – a sabedoria e ressonância emocional da escrita de Deborah Smith são simplesmente espantosas.»

RT Book Reviews

DEBORAH SMITH

O CAFÉ DO AMOR

Tradução de Isabel Alves

Porto Editora

O Café do Amor

Deborah Smith

Publicado em Portugal por Porto Editora, Lda.
Divisão Editorial Literária – Lisboa

E-mail: dellisboa@portoeditora.pt

Título original: The crossroads café

© 2006 by BelleBooks, Inc., Memphis, Tennesse (USA)
This work is published by arrangement with Literary Agency Dialog, Dr. Michael Wenzel, Lille, France.
Design da capa: © Dinis Matinhos
Imagens da capa: © Shutterstock.com
1.ª edição em papel: maio de 2013

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação, sistema de armazenamento e disponibilização de informação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Primeira Parte

A beleza física continuará a reinar no mundo.

– Florenz Ziegfeld

A mulher «feminina» é eternamente estática e infantil. É como a bailarina de uma caixa de música antiga, as suas imutáveis feições pequenas e ameninadas, a voz fina, o corpo espetado num alfinete, girando numa espiral que nunca crescerá.

– Susan Faludi

Sabem, quando comecei a fazer filmes, Lionel Barrymore interpretou o papel de meu avô. Mais tarde interpretou o de meu pai e por fim o de meu marido. Se ele ainda fosse vivo, tenho a certeza de que teria representado o papel da sua própria mãe. Em Hollywood é assim. Os homens rejuvenescem e as mulheres envelhecem.

– Lillian Gish

Prólogo

Cathy

Crossroads, Carolina do Norte

Janeiro

Antes do acidente, nunca tive de seduzir um homem às escuras. Deslumbrava milhões sob a luz forte dos projetores de cinema nas passadeiras vermelhas de Hollywood, dos *flashes* das objetivas durante os Óscares, à luz do sol nas praias de Cannes. As mulheres belas não temem a chama do desejo e da crítica nos olhos dos homens nem o brilho azedo da inveja nos das mulheres. As mulheres belas anseiam, aliás, pela luz mais brilhante. Eu já tinha sido a mulher mais bela do mundo.

Agora, precisava da noite, da escuridão, das sombras.

– Larga a arma – ordenei, deixando o *soutien* e a *sweatshirt* cair ao chão.

Atrás de mim, uma lua cheia e branca estava suspensa num céu estrelado sobre as montanhas de inverno, recortando a silhueta de Thomas e a minha. A minha respiração estremecia no ar frio. Debaixo dos meus pés descalços, a erva do prado estava crestada e coberta de geada, reluzindo ao luar. Não havia mais luzes no nosso mundo, nem um pontinho de luz numa janela distante, nem o tremeluzir de um avião nas alturas. Nessa noite, era possível que mais nenhuma criatura habitasse estas cristas da Carolina do Norte. Só eu e Thomas e as trevas dentro de cada um de nós.

– É a última vez que te aviso, Cathy – disse ele, a sua voz carregada mas firme. Não era homem que empastasse as palavras por mais embriagado que estivesse. – Vai-te embora.

Desapertei os *jeans*. Tremiam-me as mãos. Não conseguia tirar os olhos da pistola da Segunda Guerra Mundial que ele segurava casualmente, com o braço direito dobrado, a arma apontada

para cima. Thomas fora arquiteto de conservação e restauro; respeitava a boa qualidade de execução, mesmo ao escolher uma arma para se matar.

Desci lentamente os *jeans*, juntamente com as cuecas. Senti a impressão desagradável da ganga a roçar a pele cicatrizada ao longo da coxa direita. Virei um pouco o meu lado direito para escapar à luz da lua, tentando iluminar apenas o lado esquerdo do corpo e do rosto. Metade de mim ainda era perfeita. Mas a outra metade…

Passei por cima da roupa amontoada no chão e ali fiquei, nua, protegida pela luz que incidia sobre mim por trás. A brisa noturna, lambendo-me a pele desfigurada, constituía um embaraço. A minha mão estremeceu num impulso para tapar a cara. Queria desesperadamente esconder as partes repulsivas. Thomas observava-me sem se mover, sem falar, sem respirar.

Não me deseja. Em surdina, disse:

– Thomas, eu sei que não sou nenhuma beldade, mas preferes sinceramente matar-te a tocar-me?

Ele continuou em silêncio, sem a mais leve reação. Mal distinguia a sua expressão na obscuridade e não estava certa de querer distinguir. A vergonha submergiu-me como uma vaga gelada. A mim, que outrora me embelezava para o mundo sem duvidar um momento de mim própria. Virei-lhe as costas, tentando não tremer com o desaire.

– Larga a arma. Eu volto a vestir-me e esquecemos que isto aconteceu.

Ouvi passos rápidos atrás de mim e, antes de poder virar-me, ele envolveu-me nos braços. Passou as mãos pela minha pele nua. Torci a cabeça para apresentar o lado bonito, mas ele inclinou os lábios para o outro e beijou brutalmente a carne destruída. Chorei de alívio e ele também. O que quer que pudesse acontecer-nos mais tarde, nessa noite salvei-lhe a vida. E, pelo menos por essa noite, ele salvou a minha. A esperança está no espelho que guardamos dentro de nós, o amor apenas vê o que quer ver e quem o feio ama bonito lhe parece.

Por vezes, basta-nos essa impressão para sobrevivermos.

Capítulo 1

Thomas

Dez Meses Antes

O Dia do Acidente

Nunca era bom sinal quando acordava num sábado ao pôr do sol no banco de trás da minha *pickup* no parque de estacionamento do café. Estava com uma ressaca terrível e tinha passado todo o dia a ressonar num saco-cama na caixa ferrugenta da carrinha. Pouco depois de me ter fixado em Crossroads, tinha orgulhosamente resgatado a carrinha – uma *Chevrolet* com sessenta anos – de uma sucata na montanha. Era arquiteto e não mecânico, porém, como a minha especialidade sempre fora conservação, não fui capaz de resistir ao desafio.

A minha *Chevy* ferrugenta, mas clássica, convém reconhecer, merecia melhor sorte do que passar as noites dos fins de semana debaixo dos carvalhos gigantes do café. As árvores eram poiso de um grande bando de esquilos turbulentos que defecavam em cima da carrinha e de mim. Estavam agora a crivar-nos alegremente aos dois com cascas de bolota podres, atarefados com as suas limpezas diárias.

Quando fragmentos de casca me acertaram na testa, abri os olhos sonolentos. Quase sufoquei ao reconhecer o cheiro almiscarado e pungente a queijo *feta* estragado que me encheu as narinas. Semicerrando os olhos, deparei-me com o focinho de um pequeno bode branco. Estava ao lado da minha cabeça, a mastigar placidamente. Caíam-lhe dos lábios bocados de plástico preto. Como um cão que saboreia um osso, estava a dar conta do meu novo telemóvel.

– Lá se vai mais um – resmunguei. Sacudi bolotas e fragmentos de telemóvel da barba. – Diz à rececionista que vou apresentar queixa do serviço de despertar deste hotel. Se o serviço de limpeza não melhorar, terei de me retirar para o conforto da minha cabana quando bebo. Um homem já não pode passar o dia a dormir na carrinha sem ser incomodado?

Zás. *Banger*, o bode, olhou para mim com um ar de inocência enquanto a última parte do telemóvel se desintegrava por entre os seus dentes. Escorreram-lhe fragmentos do invólucro dos lábios brancos e peludos. Suspirei.

– Paciência, também não o queria.

Se o meu irmão deixasse de me mandar telemóveis, talvez o *Banger* passasse para algo mais nutritivo, como por exemplo tampões de rodas. John, em Chicago, estava determinado em impedir que eu me tornasse um verdadeiro eremita.

Espreguiçando-me com cuidado, dei a todas as partes do corpo o pré-aviso necessário de que estávamos prestes a mexer-nos em conjunto. Estômago azedo, olhos gordurosos, dores de cabeça, costas perras. Só tinha trinta e oito anos mas, ao fim de algumas horas na carrinha, as minhas costas estavam sempre aptas a habilitarem-se ao desconto da terceira idade.

Um ronco encheu-me os ouvidos. Levantei os olhos franzidos quando um grande jipe passou, dirigindo-se para o último lugar de estacionamento livre. Crianças bem vestidas olharam e apontaram para mim através das janelas do jipe. *Mamã, que está a fazer aquele homem de meter medo naquela carrinha de meter medo com aquele bode?* Uma mulher voltou-se no banco do passageiro, fixou-me e depois disse qualquer coisa às crianças. *Não olhem. É falta de educação olhar para esses montanheses barbudos que dormem com o gado. Não o provoquem*.

O que quer que ela tenha dito, a criançada recostou-se, depressa desviando o olhar. Acenei-lhes jovialmente com a mão. Afinal de contas, quem feio ama bonito lhe parece.

O meu tesouro pessoal de beleza encontrava-se aqui, em Crossroads, um pequeno vale nas montanhas remotas do Oeste da Carolina do Norte, onde uma velha estrada alcatroada, conhecida como a Asheville Trace, e outra ainda mais antiga, não pavimentada, chamada Ruby Creek Trail, se intercetam diante de um aglomerado de edifícios: uma antiga casa de lavoura, uma velha cabana de madeira, um conjunto de barracas caiadas de branco e um par de bombas de gasolina sob um toldo de metal. Mercearia, estação de serviço, correios, loja de artigos usados, restaurante e outros serviços. Todos eles conhecidos por um nome que sintetizava o espírito, o sustento e os momentos decisivos das vidas que ali se cruzavam.

O Café Crossroads.

Eu não era necessariamente um cidadão exemplar de Crossroads, mas tinha conquistado o respeito das pessoas importantes dali. Ou, pelo menos, a sua tolerância.

De súbito, apercebi-me de que a minha longa barba castanha estava molhada. Tal como a cabeça e o rabo de cavalo e, quando levantei a barba, até a parte da frente da camisola de coleção dos *New York Giants*. Encharcados. Alguém tinha ensopado o legado do distinto Lawrence Taylor. Um sacrilégio.

Foi então que reparei na mensagem amarrada à coleira do *Banger*. Escrita com marcador preto num pedaço de cartão rasgado, com o logótipo da Dixie Crystals ainda visível numa ponta, dizia:

Thomas Mitternich,

Trata de te apresentares na minha cozinha até às 18h30. A Cathryn vai aparecer na televisão. Dá esse consolo aos teus olhos cansados. Não me obrigues a ir aí com mais água.

Beijos, Delta

Cathryn Deen. Não a conhecia pessoalmente, mas claro que sabia quem era. *Toda a gente* sabia quem era. Uma *estrela de cinema* genuína e sofisticada. Não era grande atriz mas que diferença é que isso fazia hoje em dia? Era linda de morrer, ganhava fortunas com os filmes, surgia todas as semanas nas capas das principais revistas, casara-se há pouco tempo com um magnata pedante e agora ia lançar a sua própria linha de cosméticos. Até os pigmeus na Amazónia e os guardadores de iaques na Mongólia, que viviam em palhotas na tundra russa, sabiam quem ela era. Em Crossroads, uma das comunidades de montanha mais isoladas na Costa Leste, as pessoas sabiam qual a cor favorita de Cathryn Deen (verde-esmeralda, como os seus olhos), o seu passatempo favorito (fazer compras em Paris) e que género de flores (rosas brancas salpicadas de ouro de 24 quilates) tinha adornado o pavilhão de verão no seu caríssimo e muito privado casamento havaiano.

O que as pessoas em Crossroads *não* sabiam era por que razão nunca visitava a quinta que herdara da avó a norte do Vale, nem respondia aos alegres e cordiais cartões de aniversário e de Natal que a dedicada prima afastada, Delta, dona do café e presidente da câmara oficiosa de Crossroads, lhe enviava. Para mim e para todas as pessoas que viviam no isolado vale da montanha, Delta era uma rainha. Para Cathryn Deen, Delta era claramente uma desconhecida.

A sua atitude desagradava-me.

Retraindo-me, saí da carrinha e aprumei-me. Depois de uma vista de olhos rápida em todas as direções, meti-me entre a carrinha e o carvalho, levantei a camisola molhada, desapertei os *jeans* e urinei nas raízes protuberantes da árvore.

– Ora tomem lá – disse aos esquilos e a Cathryn Deen.

Banger largou o meu telemóvel desfeito e saltou da carrinha. Bateu com um casco duro e fendido na biqueira da minha sapatilha e deu-me uma cabeçada no joelho esquerdo, enfiando

um chifre por um buraco na ganga que espetou bem no meio da minha rótula. Por um minuto, vi estrelas. Quando me recompus, passei uma mão pelas orelhas moles do bicho.

– Se Deus existe – exclamei ao bode –, incumbiu-te de seres a minha consciência.

Com uma camisola dos *Giants* lavada e cuecas limpas – quando se acorda regularmente em público, é boa ideia andar com uma muda de roupa na carrinha – saí a coxear de baixo do carvalho. A gravilha fina, de pedra corrida, do parque de estacionamento era de um material macio, mesmo tratando-se de granito, no entanto, ainda assim conseguia produzir sons ensurdecedores.

Tentei caminhar em bicos de pés, mas não serviu de nada.

Uma catedral de céu e montanha abria-se sobre a minha cabeça. Revigorei-me, inalando e exalando duas vezes. A luz do fim da tarde envolvia o Vale em suaves sombras azuis; as montanhas de Ten Sisters, cercando o Vale reluziam douradas e verde-menta sobre filamentos de neblina prateada. Encaminhei-me para um velho banco de igreja que servia de banco de jardim ao lado da estrada alcatroada. Deixando-me cair, aliviado, na madeira gasta de castanheiro, respirei fundo. A Trace serpenteava à minha frente, o seu piso cinzento envelhecido rachado e esburacado, as bermas escalavradas desaparecendo suavemente sob tufos verdes e rasteiros de cravos-do-mar, semeados de pequenas flores cor de alfazema.

A Asheville Trace sugeria que era possível chegar a Crossroads e regressar à civilização em veículos modernos sem ter de levar merenda. Devendo, naturalmente, o nome à sua homónima, Asheville, a Trace abandonava as Ten Sisters ao longo dos seus contrafortes, contornava o verdejante Vale e passava então pelo café antes de se cruzar com a Ruby Creek Trail. Finalmente, dirigia-se para oeste, para a capital do distrito. Durante a hora de ponta, nós, a gente da terra, talvez víssemos um carro de dez em dez minutos.

Pela minha parte, não tinha razões de queixa.

Reclinei-me no velho banco e inspirei o ar e a vista. Em quase todas as tardes de primavera, as Ten Sisters enchiam-se de bruma branca, desaparecendo como ilhas num mar calmo. Não foi por acaso que os pioneiros puseram aos Apalaches do Oeste da Carolina do Norte o nome de *Smokies*.

O ar e a vista quase desanuviavam uma ressaca. Quase.

– Thomas! Ainda aqui estás a dar água sem caneco? – A voz arrastada e estridente de Delta feriu-me os tímpanos. Estremecendo, virei-me para ela. Estava debruçada sobre a balaustrada do alpendre do café, uma figura rechonchuda e maternal, um anjo de misericórdia, enquadrada pela brancura do alpendre de uma casa de lavoura/restaurante e cercada por uma série de floreiras feitas de meias pipas e cadeiras de baloiço gastas.

Como tudo o resto em Crossroads, Delta Whittlespoon parecia dever a existência a uma combinação perfeita de necessidade, desejo e conforto. O seu avental de cozinheira estava torto por cima de uma *T-shirt* cor-de-rosa e húmida do suor com o *slogan*: *As Raparigas do Sul Dizem: Os Desígnios da Banha São Insondáveis*1. Uma luva de forno espreitava pelo bolso de trás dos seus *jeans* enfarinhados. Vi um esquilo a descer como uma flecha pelos balaústres do alpendre, aterrar ao pé das suas sandálias de solas grossas e apanhar um amendoim que caíra de um dos comedouros de pássaros do alpendre. Um tentilhão passou pela cabeça dela a grande velocidade para se empoleirar na muscadínea que trepava enrolada num poste.

A mulher atraía a vida selvagem e as almas perdidas. Era uma matriarca de cabelo escuro, sardenta, de meia-idade, gorducha, carinhosa, intransigente, excelente cozinheira e possuidora de um sentido apurado para os negócios que reinava sobre tudo à sua volta, incluindo eu. Estava determinada em manter-me vivo.

– Vens para dentro ou tenho de te dar uma paulada com um ramo de nogueira nesse cu de ianque? – perguntou-me.

– Estou a meditar – respondi. – Eu e o *Banger* estamos a refletir sobre o sentido da vida. Até agora, achamos que tem a ver com dar cabeçadas às coisas.

– Poupa-me às tuas ideias intratáveis. Anda, vais perder a Cathryn na televisão! Vai dar uma conferência de imprensa sobre a empresa de cosméticos dela! Vão entrevistá-la ao vivo!

Delta estava claramente convencida de que um vislumbre da sua familiar famosa fazia sempre bem à minha alma embotada. E eu evitava sempre dizer-lhe, por uma questão de educação, que a única coisa que queria de Cathryn Deen era o tesão que ela me provocava e a escritura da quinta abandonada da avó dela.

– Se eu for, dás-me um biscoito quente?

– Entra imediatamente! – Apontou um dedo para a porta de dois batentes onde um pequeno letreiro dizia: *Café Crossroads. Boa Comida e Mais*. – Não tenho tempo para ficar aqui a convencer-te! Estás a ver todos estes jipes e carrinhas no parque de estacionamento? Tenho o restaurante cheio de famílias de Asheville. Quero que trabalhes como ajudante de mesa!

Anuí, levantando o polegar. Ela voltou para dentro.

– Não esperes por mim, lindo – disse ao *Banger* que estava a comer uma ponta de charuto que eu tinha atirado para o chão.

Encaminhei-me vagarosamente para o café, já cansado de estar acordado e sóbrio. Pois bem, ia então ver Cathryn Deen a seduzir uma plateia.

A fantasia só me podia fazer bem.

Cathy
Beverly Hills, Califórnia

*O Rosto da Flawless*2, diziam os cartazes espalhados pela suíte panorâmica do Four Seasons, por baixo de um grande plano sensual, de filme negro, da minha cara. Adorava aquela fotografia minha. Clássica mas inocente e convidativa. Uma Grace Kelly de cabelo escuro para o século XXI. *Beleza intemporal. Perfeição eterna. Da atriz Cathryn Deen. Porque todas as mulheres podem ser perfeitas*.

Sim. Como eu. *Perfeita*.

Às vezes a publicidade fazia-me corar. Ou, pelo menos, fingir que corava. Uma beldade sulista é treinada desde nascença para ser encantadoramente autocrítica de modo a que as pessoas lhe deem o benefício da dúvida e não a esganem quando ela absorve todas as atenções numa sala. Falsa modéstia? Podem crer. Dava muito jeito nas entrevistas e nas sessões de autógrafos. Fiquem a saber que nós, as estrelas de cinema, somos como o resto das pessoas. Não nos consideramos especiais nem melhores do que os outros.

Nem mais.

Pronto, está bem, admito: eu era pedante, mimada, uma coquete irritante e demasiado narcisista para que gostassem de mim. Mas não escamoteemos a verdade: *era* a mulher mais bela do mundo. Foi o que disse a revista *People*. E a *Vanity Fair*. E até a *Rolling Stone* e a *Esquire*, esses meninos cínicos, obcecados com sexo.

Eu era elogiada e apaparicada desde que atingi a idade em que gorgolejava adoravelmente, empurrada pelo meu pai pelos melhores salões de baile e salas de conferência de Atlanta num carrinho verde-esmeralda, feito por medida para condizer com os meus olhos. Toda a gente me adorava. As receitas de bilheteira eram a prova.

Sou a nova Liz Taylor, pensava, mirando-me com orgulho num enorme espelho iluminado enquanto os meus estilistas se ocupavam de mim como se eu fosse uma Barbie em tamanho natural.

– Conseguimos dar a raparigas de quinze anos o aspeto de vinte e cinco e a mulheres de trinta e cinco o aspeto de vinte e cinco – dizia Judi, a minha cabeleireira, aos outros, ajeitando uma longa madeixa da minha juba preta com tons de moca. – É por isso que a nossa cultura pornográfica nos quer tramar.

– A nossa cultura pornográfica? – retorqui, sorrindo enquanto assistia aos esforços deles para me embelezar. – Faz parte da natureza humana as raparigas seduzirem e os rapazes apreciarem.

Randy, o meu caracterizador, riu-se com sarcasmo.

– Da *minha* natureza não faz parte, querida. Mas se um *rapaz* me quiser seduzir, aí a coisa já é diferente. – A sua escova macia de pelo de zibelina perpassou-me pela testa. A sua mão de pele escura movia-se como a de um artista. Uma lufada de Pó Base Creme *Flawless* flutuou à nossa frente. Randy sacudiu a escova para a Judi. – Cá eu não me importo de ter um ar pornográfico. Ou mais jovem.

Judi protestou.

– Tu és homem. Não é a mesma coisa. Os homens continuam a ser considerados desejáveis mesmo quando se transformam numas ameixas secas e gordas com pénis. Nem uma bichona velha e mal-encarada arruma as botas.

– Espero bem que não!

– A cultura porno? – disse Luce, a minha assistente de guarda-roupa. – Deixem-me contar-lhes como era quando eu tratava do guarda-roupa para um produtor de filmes pornográficos. Era tudo corpetes de couro e saltos altos. E isso era só para o gado no elenco. – Soltou uma gargalhada, enfiando um vestido de seda prateado por cima do meu decotado *soutien* prateado. Meti os braços pelas alças de renda e Luce alisou o corpete sobre o peito, baixando-se para espreitá-lo. *Verificar a mamilagem*, como a gente lhe chamava. – Esse mamilo aí da esquerda está arrebitado, chefe.

Assenti em concordância. Até as minhas mamas tinham amor-próprio.

– Vai buscar os adesivos. Não quero os jornalistas a mirar-me os faróis quando devem é estar a ouvir as minhas ideias brilhantes e inteligentes sobre o meu novo império de cosmética.

Randy fez estalar a língua.

– Ó chefe, nem que usasse uma *burka* e se borrifasse com almíscar de camelo, os homens deixavam de olhar para as suas maminhas.

– Almíscar de camelo? Às tantas devia incluí-lo na minha linha de perfumes. Judi, só tenho trinta e dois anos. Quanto é que isso dá em idade de camelo? Daqui a quanto tempo é que os camelos vão deixar de me assobiar na rua? A cultura porno inclui camelos?

– Ora, já sabe o que eu quero dizer, chefe – continuou Judi. – As mulheres são objetos sexuais. Ao fim de décadas de feminismo, *continuamos* a sê-lo. Se não formos novas e *sexy*, não temos qualquer valor.

– Tenciono ser *sexy* mesmo quando tiver cem anos – protestou Luce. – Enquanto houver lubrificante e *vodka*, hei de continuar a mocar.

Ri-me. O *sex appeal* era mais uma das dádivas ditosas da vida e eu fora abençoada com quantidades muito generosas. Não me imaginava sem ser bela. Convencida? *Eu*? Nem pensar.

A minha *gente* – via os meus empregados da mesma maneira que os velhos sulistas falavam dos criados, como se me pertencessem –, a minha *gente* sempre me adorou. O meu pai e todas as minhas tias sulistas – essas veneráveis damas da cena social de Atlanta que jogavam golfe e frequentavam o clube – tinham-me educado para ser proprietária de plantações do Novo Sul, boa e generosa. Virei-me para perscrutar Judi por baixo de uma madeixa de cabelo que ela esticou como um fio de chocolate brilhante para pentear por baixo.

– Judi, esta discussão vai descambar para a tua «teoria das bruxas contra os engenheiros»?

– Isso não é um novo *reality show* da Fox? – perguntou Randy.

Luce desatou-se a rir enquanto Judi franziu a testa.

– Ri-te, se queres. Mas andam aí muitos imbecis que dizem que as mulheres são bruxas e que os homens são engenheiros. Que as mulheres representam a emoção e o sexo… as artes ocultas… e que os homens representam a lógica e o intelecto… as ciências do progresso. Que o único propósito das mulheres é procriar. E, como tal, que o papel das mulheres é permanecerem desejáveis até atingirem a menopausa. Depois disso, as mulheres estão simplesmente condenadas a apagar-se.

Sacudi-lhe um dedo.

– Eu não. Recuso-me a apagar-me. E recuso-me a envelhecer. Vou parar o meu relógio biológico. – Fiz estalar os dedos. – Pronto. Já está. Não envelheço mais. Nunca terei rugas, nem pele flácida ou estragada pelo sol, nem manchas senis. Nunca hei de ter barbela. Nem sequer borbulhas da tensão pré-menstrual.

Todos sorriram. Juntaram as caras à minha volta, como se eu fosse o centro de uma flor. Judi suspirou.

– Ó chefe – insistiu –, nunca há de ser feia. Não consigo imaginar tal coisa. Nunca há de ser uma simples mortal como nós.

Um laivo de melancolia contraiu-me o coração, um aperto fluido de solidão. Ser especial significava também estar isolada. No fundo, sentia-me sempre deslocada. Os homens olhavam-me com nervoso miudinho e as mulheres invejavam-me. Não tinha amigas íntimas nem amigos íntimos que não fossem *gay*. Era sempre, em primeiro lugar, «o rosto» e não uma pessoa. Um dia, apesar da minha prosápia, a minha cara apagar-se-ia. E então não seria ninguém. *Não penses nisso*.

Virei a atenção para uma elegante travessa do hotel cheia de fruta fresca e iogurte magro entre os estojos de maquilhagem, os ferros de frisar e outras tralhas. A minha simples dieta refletia-

se coloridamente no espelho. Estava sempre com fome e sempre a abster-me de comer. Olhei triste para o reflexo da comida. *Detesto comer como um coelho encurralado num spa*. De súbito, o reflexo desvaneceu-se. Em seu lugar, vi a minha avó a estender-me um prato de porcelana com um motivo oriental azul cheio dos biscoitos que costumava fazer. Divinal.

Não estou a dizer que *pensei* na minha avó Nettie e nos seus biscoitos. Estou a dizer que a *vi*, no espelho. Uma visão. A ironia de uma vida passada a olhar para espelhos que por vezes me *retribuíam* o olhar. Como agora. As pessoas que acreditam em poderes psíquicos chamam-lhe *adivinhação*. A avó Nettie afirmava que era capaz de o fazer contemplando qualquer superfície brilhante. Espelhos, lagos, janelas. Disse-me que eu também era capaz quando criança. Ao regressar a casa depois dessa visita, declarei que tinha visto a cara da minha mãe morta na janela de um quarto da casa da minha avó, que a mãe que morrera quando eu era bebé me sorriu como que a dar-me as boas-vindas a casa. *Este era o meu quarto*, sussurrou ela nos meus pensamentos. *Pode ser o teu quarto agora*. O meu pai disse-me que só as pessoas doidas viam coisas nos espelhos e nunca mais me deixou visitar a minha avó Nettie. Eu sentia saudades desesperadas dela e da sua estranha quinta.

Desde então, não tinha visto mais do que umas quantas imagens em espelhos; a minha última visão, dois anos antes, fora aterradora: estava a arranjar o cabelo nos bastidores durante a cerimónia dos Óscares quando vi a cara do meu pai.

Substituiu a minha durante um segundo. Sereno, atraente, clássico, austeramente carinhoso, com o cabelo prateado. O pai que fora o meu maior admirador e o meu mais severo crítico. Pouco depois uma das minhas assistentes apareceu a correr.

– Recebeu uma chamada de emergência de Atlanta. É sobre o seu pai.

Ele tinha morrido de um ataque de coração. Era uma pessoa muito exigente, mas com um enorme orgulho em mim. Como nunca acreditou nas visões da avó Nettie, nunca lhe disse que eu também as tinha. Agora, olhando para a minha avó, que me retribuiu o olhar, esforcei-me por respirar com calma embora me tivesse percorrido um calafrio. *Desaparece. Nunca acontece nada de bom quando vejo coisas em espelhos.*

Ela não arredou pé, obstinada, tão real como se estivesse viva. Os seus olhos verdes eram quase assustadores na sua paixão. O seu cabelo preto salpicado de brancas surgia debaixo de um boné que me parecia tão exótico como o turbante de uma sultana. Morrera quando eu tinha doze anos, pouco depois da minha última visita. A sua quinta na montanha, na Carolina do Norte, fora um mundo tão diferente da minha vida em Atlanta como um país estrangeiro. A minha mãe não tinha vivido muito tempo para me poder criar e a avó Nettie não tinha vivido para me ver chegar à idade adulta. As duas mulheres mais importantes na minha vida morreram sem me dizer como lidar com os reflexos.

Pestanejei, sentindo-me tonta. A visão desvaneceu-se.

– Está a sentir-se bem, chefe? – perguntou Judi. – Quer comer alguma coisa? Está de olhos colados nos quivis e nos brócolos como se a fossem morder.

Respirei fundo, ri-me e levei uma mão trémula ao coração.

– Nem pensar, não me *atrevo* a comer antes de uma conferência de imprensa. Se engordar *um* grama que seja, a cultura porno cancela-me o cartão de sócia.

Mais risos. Inspirei fundo mais uma vez. *Estou simplesmente com fome. A imaginar o que me apetece comer. Por vezes, um biscoito não passa de um biscoito.*

De repente, abriu-se uma porta. Em passos largos, entrou a elegante figura de um metro e oitenta e sete de altura de um magnata californiano da indústria, trajando um fato *Armani*.

O meu marido, Gerald Barnes Merritt (nunca «Gerald Merritt», era simples de mais), era treze anos mais velho do que eu, selvagem, brilhante, rico e sim, loucamente *sexy* por mérito próprio. Estávamos casados há menos de um ano e durante este tempo o Gerald vangloriava-se à comunicação social das suas duas belas ex-mulheres, das suas três belas filhas adultas e dos seus negócios de sucesso no setor imobiliário, na tecnologia informática, no *marketing* e agora em mim. Agora, graças a ele, ia ser senhora do meu próprio império de cosmética. *Flawless*, de Cathryn Deen. Por sinal, o Gerald dirigia tudo. Era o diretor executivo. Mas eu era o *rosto*.

– Estás pronta para anunciar o teu novo projeto à imprensa, minha bela? – atroou Gerald, dispersando os meus assistentes como um *rottweiller* num galinheiro.

Inchada de orgulho, fixei os olhos no espelho, evitando olhar uma vez mais para a mística travessa de comida.

– Oh, não sei. Vês em mim alguma coisa que pudesse estar mais perfeita?

Ele passou os braços à minha volta por trás, inclinando a cabeça para me olhar no espelho, mas com o cuidado de não me despentear o cabelo nem estragar a obra-prima irrepreensível do meu rosto perfeito. Senti-lhe o sexo a provocar-me levemente.

– Não podias estar mais bela. Estou casado – respondeu com doçura – com a rapariga que todos os homens desejam.

Percorreu-me outro estranho calafrio. *A beleza é fugaz, mas os biscoitos são eternos*. Sorri e afastei o estúpido pensamento.

Era a mulher mais bela do mundo. E sempre seria certamente.

Thomas

Num pequeno televisor portátil suspenso no teto em tabuado do café, entre os tachos e as panelas, a estrela de cinema mais bela do mundo, Cathryn Deen, seduzia-me de formas de tal modo efémeras e clássicas que – como os jornalistas anónimos que lhe faziam delicadamente perguntas – mal me dei conta que estava completamente rendido ao seu encanto. Quer gostasse dela ou não.

Envergando um vestido longo e justo prateado de linhas depuradas, Cathryn estava sentada numa cadeira diante de um cartaz de si mesma sob a palavra *Flawless*. A sua voz rouca era convidativa, aromatizada com o mel de uma educação abastada do Sul e a modulação divertida suficiente para sugerir uma consciência de si própria e talvez genuína inteligência. Inclinava a cabeça na perfeição e sorria na perfeição com uma longa madeixa de cabelo escuro a cair-lhe *na perfeição* ao longo do ângulo perfeito da sua face. A expressão dos seus olhos muito verdes dizia que nunca tinha experimentado um momento de dúvida na vida e que, se lhe fosse dada a oportunidade de nos beijar com a sua boca sensual, nos faria também esquecer quaisquer dúvidas que alguma vez tivéssemos alimentado.

Hipnotizado, encontrava-me na alegre cozinha do café, de onde ninguém escaparia em caso de incêndio, rodeado de uma chusma de familiares próximos de Delta vestidos com o uniforme do café de *jeans* e *T-shirts Os Desígnios da Banha São Insondáveis*.

– O Senhor é o meu pastor – rosnou a cunhada de Delta, Cleo McKellan, espetando um autocolante a dizer *Jesus Ama-te* na manga da minha camisola, ao passar com travessas de couve, abóbora estufada e salada de pera, maionese e queijo num braço –, mas se Ele não te tirar da minha frente, mato-te.

O marido, Bubba, que estava a picar cebolas para uma assadeira de rolo de carne, soltou uma gargalhada. Mudei-me para um local sem movimento. Cleo soprou-me um beijo casto e desapareceu pela porta de vaivém para o restaurante.

– Olha bem, Thomas, *esta* mulher sim, é uma beldade – disse Delta com orgulho, olhando para Cathryn na televisão. – É filha da prima do marido da minha prima.

Delta repetia esta informação e a história de fundo sempre que tinha oportunidade. Acenei vagamente com a cabeça.

Há razões para certas pessoas nos captarem a atenção, para o seu carisma nos levar a pensar que, por conhecê-las ou simplesmente por olhar para elas, nos elevaremos a um plano superior da existência. Há razões para certas mulheres enviarem pedidos de casamento a famosos assassinos na prisão e certos homens gastarem o salário de um mês num lugar de tribuna num estádio. Queremos partilhar a aura de fama, qualquer fama, apanhar a ponta desse arco-íris, como se isso também nos tornasse especiais.

– Olha para aqueles olhos – comentava Delta, ao meu lado, com um tabuleiro de biscoitos nas mãos rechonchudas. – Sabes, Thomas, todos os grandes atores e atrizes têm aquela expressão. Um pouco triste, como se soubessem que aquilo não vai durar para sempre e que no fim têm de dar o braço a torcer. Sabes o que eu penso? Por mais maravilhoso que seja serem tão belos e atraentes, todos os dias acordam sabendo que estão um dia mais perto de se tornarem flácidos e normais como nós. É uma espécie de maldição, ser especial só porque se tem uma bela figura. – Suspirou, animou-se e estendeu os biscoitos para eu me servir. – «A beleza é fugaz, mas os biscoitos são eternos.» Era o que me dizia Mary Eve Nettie, a avó de Cathryn. Essa é que era uma mulher. Manteve o apelido de solteira, dormia com todos e não fazia segredo disso, votava liberal. Deram o nome dela ao monte. Cume da Mulher Selvagem.

Acenei mais uma vez com a cabeça, olhando para a televisão num raro momento de tranquila excitação. Cathryn Deen era sexo, mistério, doçura, fantasia e… magia. Era arquitetura clássica num mundo obcecado com a destruição dos ícones. Ponham uma vedação à volta dela; protejam-na da negra realidade.

Delta deu-me uma cotovelada.

– Sai a mim na zona dos olhos, não achas?

Saí do meu transe.

– Definitivamente. Mas aposto que é demasiado simpática para despejar água num inocente a dormir debaixo de um carvalho.

Delta deu-me um safanão com um pano de cozinha. Recebi a agressão com coragem, peguei numa bandeja para levantar os pratos e dirigi-me para o restaurante. Mesmo um ajudante de mesa voluntário com uma ressaca tem a sua dignidade.

Cathy

Rindo, conduzi a minha comitiva por uma das saídas mais discretas do Four Seasons. O hotel é um dos mais famosos refúgios para celebridades do mundo. Frank Sinatra cantou junto do piano no bar principal no dia em que fez oitenta anos. O pessoal da receção fala num misterioso dialeto de inglês, com *nuances* vagamente euro-asiáticas, como se tivesse sido especialmente importado de um pequeno país elegante para servir celebridades. Dois funcionários do serviço de estacionamento correram a buscar o meu carro, quase tropeçando quando me viram. Ah, o poder de uma camisola branca de angorá justa, de um par de perneiras pretas e botas pelo joelho *Louis Vuitton* com saltos agulha. Transmitia o ar de uma perfeita dominadora.

– Encantou toda a gente na conferência de imprensa hoje, Ms. Deen – elogiou um dos homens. – Estava esplêndida.

– É muito amável.

– Não te babes mais e vai buscar o carro de Ms. Deen – ordenou um guarda-costas. O homem largou a correr.

Seguiam-me dois seguranças privados, cinco publicistas, duas assistentes e um assistente de um assistente do Gerald. Todos menos eu tinham um auricular e estavam a falar, mas não comigo nem entre si. Eu ria-me enquanto dava autógrafos aos paquetes. Os elementos da minha comitiva continuaram a palrar sem mim, tão eufóricos como periquitos pedrados.

– Mulheres como tu destroem a vida das outras mulheres, cabra!

A voz retiniu quando me preparava para entrar pela porta aberta do meu *Trans Am*. O carro era um descapotável preto e dourado de 1977 num estado impecável. Parei com um tacão no estribo. Várias mulheres mal-arranjadas apareceram por trás das gloriosas palmeiras do hotel a acenar com letreiros escritos à mão.

AS MULHERES VERDADEIRAS NÃO TÊM DE SER PERFEITAS
CATHRYN DEEN ODEIA AS MULHERES VERDADEIRAS

– Estás a dizer às mulheres que se odeiem por terem caras e corpos normais – gritou uma das manifestantes. – Mas a anormal és *tu*, não somos nós!

Os meus publicistas formaram um círculo à minha volta, como pioneiros a tentar repelir um bando de índios Sioux furiosos. As manifestantes dispersaram a esbracejar quando os seguranças as perseguiram. Fiquei boquiaberta de espanto.

– Porque é que ninguém me disse que estas raparigas estavam aqui? – perguntei. – Podia tê-las convidado para a conferência de imprensa. Ouvido as suas preocupações. Podia ter-lhes oferecido uma transformação de visual…

– Nunca se negoceia com terroristas – afirmou um dos publicistas, num tom sério.

– Terroristas? Por amor de Deus! Não passam de universitárias mal penteadas. Provavelmente são alunas de segundo ano em Berkeley. Às tantas têm um projeto de protesto social e resolveram concentrar-se em mim. – Chamei os seguranças. – Tragam-nas aqui e deixem-me falar com elas!

Os meus publicistas fizeram uma pirueta em uníssono para me fixarem horrorizados.

– Essas raparigas podem andar com bastões grossos ou gás pimenta – disse um deles.

– Ou uma bomba escondida – disse um segundo.

Ri-me.

– Ou *iPods* cheios de canções horrorosas ou escovas do cabelo com pelos duríssimos ou…

– Por favor, Cathryn. O hotel ainda está cheio de fotógrafos. Se a imprensa se apercebe disto, estas manifestantes vão aparecer nos jornais e a única coisa que vai ficar na memória das pessoas do lançamento dos Cosméticos *Flawless* é isto.

Tive de me render à evidência. *Gerald investiu tanto esforço e dinheiro neste projeto. Não lhe posso arruinar o dia*. Suspirei.

– Pronto, ganharam.

Empurraram-me para o *Trans Am*. Um dos publicistas, um jovem, levou a mão ao coração ao fechar a porta.

– Ms. Deen, lamento o que se passou. Se eu mandasse, as raparigas feias e desbocadas iam todas para uma ilha deserta.

Olhei para ele, espantada. Nunca me tinha imaginado um modelo para os homens que achavam que as mulheres deviam calar a boca e ser bonitas. Ao afastar-me do elegante Four Seasons, ensombrado por palmeiras, as raparigas fulminaram-me com os olhos por entre os seguranças. Não sabia como lidar com as pessoas que não me idolatravam.

Como tal, respondi-lhes com um educado, mas totalmente desajustado, aceno próprio de Miss Mundo.

Thomas

Imediatamente depois de anoitecer, hora da Costa Leste.

Pausa para fumar. Mais uma vez, instalei-me no banco gasto no limite do parque de estacionamento do café.

– Se Cathryn Deen alguma vez cá vier e nos tratar de cima – disse para o *Banger* –, prendo-a enquanto tu lhe comes o telemóvel.

O bode agitou a cauda branca, excitado com a ideia.

Acendi uma ponta de charuto amassada que encontrei no bolso da frente dos *jeans*. O tabaco de enrolar local – uma herança da Carolina do Norte – fumava-se bem, mas fazia bastante mal a um estômago vazio. Inalei o cheiro a cabelo queimado. Uma partícula de tabaco estava a arder na minha barba. Com umas quantas palmadas rápidas, salvei a barba. Mais inspirações profundas. Inalei o agradável cheiro a madeira das chaminés próximas, a fragrância pura e primaveril da terra e os aromas do jantar que vinham da cozinha de Delta. Quando Delta estava a cozinhar, as brisas das montanhas captavam os seus aromas, transportando-os por todo o vale. Até na minha cabana era por vezes capaz de jurar que sentia o cheiro dos seus famosos biscoitos.

– Ei, Mitternich – gritou Jeb Whittlespoon da porta lateral do café. – Póquer às nove. Assim que o restaurante fechar.

Fiz-lhe um gesto de concordância.

Póquer às nove, bêbado à meia-noite, a dormir com um bode de madrugada.

Uma noite de sábado típica.

Por volta das oito, estava a levantar mesas cobertas com uma toalha de oleado aos quadrados vermelhos debaixo de velhos candeeiros de teto metálicos que projetavam charcos de luz quente. Por norma, o ambiente acalmava-me, porém, naquela noite sentia-me tenso: não apenas o habitual estado de espírito negro que surgia assim que o sol se punha, mas algo pior.

O café estava repleto de famílias felizes e saudáveis. Visitavam o Vale e Turtleville nas imediações por causa das vistas, dos parques de campismo, dos riachos que transbordavam de trutas e das caminhadas. Muitos chegavam de carro de Asheville, mas havia quem viesse de longe, da Geórgia e do Tennessee. Todos tinham um objetivo em comum: saborear, no famoso Café Crossroads, pratos cheios da melhor comida caseira sulista, guarnecidos com os apetitosos biscoitos de Delta.

Cleo, juntamente com a nora de Delta, Becka, corria apressada por entre as mesas. Becka deu-me uma cotovelada.

– Chega-te para lá, bonitão. – Becka atirava-me piropos inofensivos, tinha uma paciência infinita comigo e estava sempre a dar-me ordens. Cleo rezava por mim. Advertiam as duas os maridos para esconderem as armas de mim quando eu me embebedava.

Virei-me com uma bandeja cheia de pratos e dei com um rapazinho a olhar para mim. Boquiaberto, hipnotizado. Era parecido com o Ethan. Mais ainda do que a maioria. Todos os miúdos com menos de cinco anos me lembravam o meu filho. De cada vez que respirava, lembrava-me dele. Tudo me fazia recordá-lo: as nuvens, brinquedos num anúncio. Pingos de

sangue falso num episódio de *Crime sob Investigação*. Questionei-me se ainda teria meia garrafa de *vodka* debaixo do banco da frente da carrinha.

– O senhor é um saloio? – perguntou o rapaz. A voz tremia-lhe. Estava com *medo* de mim.

O pai acorreu.

– Ele não falou por mal.

Limitei-me a acenar com a cabeça. As palavras atravessaram-se-me na garganta. Num relance, confirmei que toda a gente no restaurante estava a olhar para mim. Um metro e noventa e barbudo, camisola dos *Giants* engelhada, *jeans* deslavados, sapatilhas velhas, olhos vermelhos. Como se não bastasse, um rabo de cavalo e uma longa barba castanha e ondulada. Já podem imaginar.

Delta interpôs-se entre mim e os clientes aflitos, sorrindo.

– Ora, não é saloio – anunciou ela. – É o Thomas, um arquiteto excêntrico de Nova Iorque. – No meu ouvido, sussurrou: – Já sabes que a gente aqui gosta muito de ti, mas hoje estás com uma expressão estranha nos olhos. Andas a assustar os miúdos e a dar mau nome à gente do campo. Faz uma pausa.

Acenei novamente com a cabeça, com a garganta a arder. Levei a louça para a cozinha e depois saí lá para fora. Dirigi-me à carrinha, entrei e procurei a *vodka* debaixo do assento. A garrafa estava meia cheia, felizmente.

– Uma garrafa de *vodka* nunca está «meia vazia» – anunciei pela janela ao *Banger*. – É preciso ser otimista.

Um piparote dos meus dedos mandou a tampa da garrafa num arco perfeito para o chão ferrugento da carrinha. Eu tinha os meus rituais. Abrir a garrafa, baixar a pala e contemplar as fotografias plastificadas que tinha colado ali. Sherryl e Ethan no primeiro aniversário dele, em Central Park, a rirem-se para mim entre umas flores. E a outra fotografia, a dos arquivos do *New York Times*, uma imagem igual a dezenas de outras que tinham sido estudadas, analisadas e arquivadas.

Uma fotografia da manhã do dia 11 de setembro de 2001, quando a minha mulher saltou da Torre Norte do World Trade Center com o nosso filho nos braços. Toquei nas duas fotografias com a ponta de um dedo e depois emborquei o meu primeiro gole da noite.

Cathy

– Caaathryn! – Um jipe aberto cheio de adolescentes passou por mim, acenando e buzinando.

Retribuí vagamente o aceno, ainda distraída por causa do incidente no hotel, acelerei pela famosa Ventura Highway da Califórnia através do tráfego intenso e dirigi-me para a saída de L.A., a noroeste. Mais automobilistas acenaram e buzinaram: na maioria homens e rapazes que levavam as mãos ao coração.

Os produtores do meu novo filme, *O Gigante*, uma equipa de marido e mulher, possuíam um rancho fabuloso de puros-árabes nos arredores de Camarillo, perto da costa. Planeava passar o fim de semana lá hospedada, para discutir o guião e conhecer o realizador. Gerald tinha-me dado um beijo de despedida no hotel antes de ir apanhar o nosso avião privado. Ia viajar para Londres para se encontrar com alguns dos nossos investidores na *Flawless*.

O meu pé direito retesou-se quando carreguei no acelerador do *Trans Am*. As botas de salto alto, justas à perna, de pele de avestruz, não foram feitas para conduzir um carro potente. Tinha a garagem cheia de *Mercedes* e *Jaguares*, mas adorava o meu bólide clássico e provinciano. Tinha claramente herdado alguns genes de corredor de automóveis do meu avô Nettie. Morrera novo: assassinado numa rixa, numa estalagem na montanha, mas a minha avó disse-me que, em jovem, tinha sido contrabandista e corredor de automóveis de série. Mais um repreensível legado dos Nettie que desagrava ao meu pai. Agora eu era proprietária da quinta dos Nettie, uma espécie de compensação cármica. O meu pessoal financeiro geria-a, de acordo com as instruções deixadas pelo meu pai em testamento. Andava sempre a pensar ir dar uma vista de olhos ao sítio, mas os afazeres nunca o permitiam. Pelos vistos, se eu não ia à quinta da minha avó, a minha avó e a quinta vinham até mim. Em espelhos. Estremeci. *Não penses nessa visão*.

Olhei para o conta-quilómetros do carro. Só cento e trinta quilómetros/hora. Pelos padrões das autoestradas californianas, ia em velocidade de passeio.

– Eh, avó Nettie, olha para isto – disse em voz alta. Sacudi o pé, carreguei com mais força e sorri ao ver a agulha avançar para os cento e cinquenta. O vento entrava pela capota aberta do carro, fustigando-me o cabelo. Estava um dia de primavera perfeito, a temperatura rondava os vinte e tal graus, o *smog* não passava de uma bonita neblina azulada no horizonte. Passei o cume de uma colina e sorri a uma paisagem rendilhada com os contornos verde-lima de extensos campos cultivados. Horizontes abertos. Eu tinha asas.

Pelo retrovisor, vi um carro a fazer sinais de luzes. Franzi a testa quando reparei numa familiar carrinha azul atrás de mim. Uma mão saiu da janela do passageiro, acenando-me jovialmente, desapareceu e voltou a aparecer a segurar numa grande câmara de vídeo. Um tipo cabeludo, louro grisalho, meteu a cabeça de fora e encostou o visor da câmara a um olho.

– Bolas!

Conhecia-o. Era um imbecil, mesmo pelos padrões de agressividade dos *paparazzi* do mundo do espetáculo. O nosso conhecimento era de longa data, com resultados irritantes para mim e

lucrativos para ele. E agora tencionava filmar-me a conduzir pela Ventura Highway? A semana devia andar morta no capítulo dos escândalos com celebridades. Não estava para aí virada. *Cabra. Mau exemplo para as raparigas*. Estas palavras continuavam a ecoar no meu espírito.

E *biscoitos*. Os biscoitos da avó Nettie cobertos de creme. Subitamente, quase que sentia de novo o sabor deles, como tinha sentido na suíte do hotel, quase ouvia o fantasma dela a murmurar-me ao ouvido. *Consola-te agora. Rejubila. Hás de querer morrer mas sentirás satisfação por teres vivido.*

Estranhos pensamentos. Arrepios na pele. Pu-los de parte, fulminei o fotógrafo com os olhos pelo espelho retrovisor e carreguei a fundo no acelerador.

Durante meses, mais tarde, tentaria recordar todos os pormenores desse momento. Recordar todas os instantes, tudo o que senti e fiz, tudo o que *devia* ter feito de maneira diferente. Seria perseguida por tudo o que fiz mal nessa fração de segundo de eternidade quando a minha vida se transformou para sempre.

A biqueira da minha bota deslizou para o lado do pedal. O tacão alto e estreito da bota enfiou-se debaixo do pedal e ficou ali encravado. O pé ficou preso talvez durante dois segundos, três no máximo. Tempo suficiente para o *Trans Am* abrandar, tempo suficiente para encorajar o condutor, ignorante do que estava a acontecer, na faixa à minha esquerda, que meteu a pequena e velha berlina à minha frente. Olhei horrorizada para os faróis traseiros do carro contra o qual estava prestes a chocar.

Libertei o pé e carreguei a fundo no travão. O *Trans Am* encolheu-se como um cavalo que tenta parar em pleno galope. Os pneus chiaram. Continuava a precipitar-me para a berlina sem a mais leve esperança de não colidir com ela. Guinei para a faixa de emergência. O para-choques traseiro à direita prendeu-se numa barreira de proteção. O carro fez um pião. Não consegui segurar o volante. O para-choques dianteiro embateu contra a barreira, derrubou-a e o carro subiu no ar, arrastando a barreira a toda a velocidade, a sua parte inferior fendendo-se. O rugido e o contorcer do metal encheram-me os ouvidos, tal como os meus gritos.

O carro saiu da estrada junto de um morangal. Não vi a vedação de arame do morangal antes de me enfiar nela, nem a vala de irrigação pouco funda. Bati com a cabeça contra o volante. Felizmente tinha o cinto de segurança apertado. O carro imobilizou-se na vala, de pé, mas inclinado, com as rodas do lado do passageiro pousadas na rampa.

Silêncio. De súbito abateu-se um silêncio total e não se ouvia um som. Latejava-me a cabeça mas, de resto, não estava ferida. Aturdida, consegui respirar trémula e profundamente várias vezes. Ouvi pessoas a gritar, todavia, por qualquer razão, ninguém apareceu em meu socorro. Tentei abrir a porta. Sem sucesso. Empurrei. A porta não cedia. Estava encravada. A minha cabeça começou a desanuviar e senti o princípio do pânico. Que cheiro era aquele?

Fumo. É fumo. E gasolina. Sai do carro. Sai pelo tejadilho.

Pus-me de joelhos no assento. Os meus tacões prenderam-se na manete de velocidades na consola central atrás de mim. Agarrei-me ao peitoril da janela com as duas mãos. O metal estava quente. Um fumo acre enchia-me as narinas e a garganta. Um ataque de tosse obrigou-me a dobrar-me.

– Lindo – gritou o fotógrafo. – Lindo, Cathryn. Esforça-te, Cathryn.

O fotógrafo que me tinha perseguido estava agora a poucos passos de mim, *a filmar-me*.

– Preciso de *ajuda*. Ajuda-me, cretino!

– Anda lá, Cathryn, és capaz! És uma estrela, boneca! E as estrelas adoram dar espetáculo! Pensa na publicidade que vais ter! «Uau, olhem para a Cathryn Deen, já não precisa de duplos!» – Aproximou-se mais, sem nunca vacilar com a câmara. Lancei-me de cabeça para fora da janela e caí no chão. – Bela técnica! – gritou ele, com uma gargalhada.

Levantei-me tropegamente, mas o tacão da minha bota esquerda enterrou-se na terra mole e tropecei. Caí sobre o lado direito. Cabelo, cara, braço direito, anca direita, perna direita. Na imundície molhada. Que líquido viscoso era este nas minhas mãos? E o cheiro? Oh, meu Deus! *Gasolina*. O solo estava alagado em gasolina. E agora o meu corpo também.

– Despacha-te, Cathryn! Quer-me parecer que o teu catalisador está prestes a atear fogo às ervas! Quero ver-te a *correr* com essa camisola justa e saltos altos! Levanta a cabeça para eu tirar uma boa foto desses teus lindos olhos. Anda lá, depressa!

Saí da vala de gatas. Nesse momento, o meu mais ardente desejo era acercar-me do tipo, pôr-lhe as mãos à volta do pescoço e estrangulá-lo.

Atrás de mim ouvi uma rajada sinistra e suave.

Uma bola de fogo elevou-se no ar à minha direita.

Há vítimas de acidentes violentos que dizem que o tempo parece abrandar. Dizem que se sentem desligadas, quase como se fossem espetadoras. Eu não. Imaginem o que é meter o tronco num forno quente. Imaginem o que é mergulhar as mãos nas brasas incandescentes do churrasco do quintal.

Imaginem. A sensação foi essa.

– Incrível, Cathryn! – gritou o fotógrafo.

Nunca mais haveria de esquecer a *excitação* na voz dele. Eu não era incrível, coisa nenhuma. Eu estava a arder.

Rebola. Atira-te para o chão e rebola. Lancei-me de cara para baixo ao lado do carro, a

esbracejar, a gritar, a rebolar. O calor diminuiu, as chamas apagaram-se. Fiquei sem forças, ofegando, urinando, vomitando bílis.

Quatro ou cinco segundos. Não estive a arder mais de quatro ou cinco segundos, disseram depois algumas testemunhas.

O choque começou a apoderar-se de mim. Agora, sim, sentia-me estranhamente calma, agradavelmente desapegada.

Ouvi sirenes, ouvi pessoas a gritar. Havia até quem estivesse a chorar. Alguém gemeu:

– Oh, meu Deus, oh, meu Deus, *olhem para ela*.

Consegui levantar a cabeça. O fotógrafo estava agachado a menos de um braço da minha cara, respirando com dificuldade, excitado. Via-o através do fumo, ouvia-o a debater-se com falta de ar, como um homem prestes a vir-se. Era *ele* que largava aquele cheiro nauseabundo? Cheirava a cabelo queimado e… a *carne* queimada. Apontou o olho grande e preto da objetiva diretamente para a minha cara. Olhei para o espelho negro e vidrado daquele olho, o olho do *mundo*, e vi um reflexo grotesco, carbonizado, macabro.

E então compreendi que era *eu*.

O meu pai e as irmãs começaram a inscrever-me em concursos de beleza desde que comecei a gatinhar. Sendo sulistas das classes altas, normalmente viam com desdém os concursos de beleza que consideravam pirosices sem categoria nenhuma, mas perante a minha aparência sedutora e espetacular, não resistiam a exibir-me. «Estamos simplesmente a fazer jus a uma velha tradição sulista de exibir o nosso melhor gado», disse uma tia minha às amigas. «Esperem que vão ver como a Cathryn vai receber mais fitas azuis que uma porca bonita na feira do condado.»

Não se passa a meninice em palco, em competição com outras meninas ambiciosas e respetivos pais, brutalmente obcecados com o sucesso teatral das filhas, sem aprender a resistir, custe o que custar. Uma vez, quando me sabotaram a pauta de música e o fato, cantei o tema inteiro de *Annie* sem acompanhamento, vestida com uma simples malha preta e uma saia feita do lenço de caxemira cor-de-rosa da minha tia. Ganhei o concurso de talentos e ganhei esse desfile. Tinha quatro anos.

Poderosa beldade sulista e dama de ferro do século XXI, assim era eu. Apaparicada, abençoada, elogiada, protegida e depois lançada no mundo do cinema como uma rapariga sofisticada de corpo inteiro e um símbolo sexual. Até hoje.

Na ambulância, ouvi os paramédicos a falar sobre mim: *Custa-me a crer que seja a Cathryn Deen. A Cathryn Deen.*

Enquanto o meu mundo mergulhava nas trevas, desejei morrer.

Thomas

À noite, o Vale e as montanhas, que circundam Crossroads, cobrem-se de uma tonalidade de verde intenso, quase negro. Sentimos então o potencial para o mal que se acoberta na escuridão, as árvores altivas e vigilantes, a atração fatídica dos penhascos, os recôncavos subversivos, o encanto mortal dos riachos de água borbulhante, a fome dos animais selvagens que habitam as sombras, à espera para fazerem de nós o repasto seguinte.

Por volta da meia-noite, refastelei-me no banco, demasiado bêbado para jogar outra partida de póquer. O pátio estava iluminado apenas pela luz fraca do letreiro do café ao lado da Trace. O parque de estacionamento do café estava deserto. Brilhavam algumas luzes no restaurante lateral onde Delta e o seu grupo estavam a costurar mantas de retalhos, cavaqueando e bebendo chá gelado doce misturado com bom vinho da montanha. As uvas mais ricas medram nos lugares mais bravios. O universo derramava as suas luzes no céu sobre Ten Sisters e eu observava.

Aparece, disse eu ao mal. *Eu sei que estás aí escondido*.

Tantas ameaças distantes, desconhecidas. Mas aqui, à luz de Crossroads, o mundo era seguro e familiar, um velho mundo, uma ilusão como a de todos os lugares seguros, mas ainda assim uma ilusão. Enquanto arquiteto, apreciava ilusões. O sofrimento priva o mundo de toda a sua beleza e depois restitui-a, peça a peça, até que a casa a que chamamos a nossa vida assenta mais em esperança do que mágoa. Até agora, eu só tinha reivindicado uma janela aqui, uma porta ali, agarrando-me com as unhas a esses pequenos fragmentos de fé.

Uma cintilação brilhante e breve captou a minha atenção.

Atraída pela terra, uma estrela refulgiu e desapareceu no horizonte a oeste.

1 No original, “The Lard cooks in mysterious ways”. *Lard* (banha, um dos ingredientes fundamentais dos biscoitos) alude a *Lord* (Senhor). (*N. da T.*)

2 Perfeita. (*N. da T.*)

Capítulo 2

Thomas

Cume da Mulher Selvagem

Tinha-me apaixonado pela quinta que pertencia a Cathryn Deen, no meu primeiro dia no Vale, quatro anos antes. Cheguei numa chuvosa manhã de verão, ao nascer do sol, numa *Harley* que comprei quando saí de Manhattan. Senhor do asfalto, andava simplesmente à procura do lugar seguinte onde pudesse passar tempo entre estranhos que me deixassem beber e chorar à vontade. As montanhas da Carolina do Norte gingavam e seduziam-me enquanto eu rolava ao longo da Costa Leste, fazendo planos para passar o verão a beber *vodka* nas praias da Florida.

Quando eu e o meu irmão éramos miúdos, o nosso pai levava-nos com ele ao ir trabalhar nas majestosas e velhas estâncias e nos «acampamentos» da viragem do século nos Adirondacks, essas mansões rústicas de troncos criadas por barões da idade dourada como os Vanderbilt. O nosso pai, mestre carpinteiro, era um estupor rijo, pouco dado ao sentimentalismo e nada agradável. Massacrava o John por ser obeso e chamava-me maricas por ter inclinação para as artes e para a arquitetura. De um modo geral, fazia os possíveis por nos dar vontade de lhe cuspir na cara.

Contudo, venerava a memória da nossa mãe, que morreu demasiado nova para eu e o John nos lembrarmos dela, e nunca duvidámos de que seria capaz de se atirar para debaixo de um comboio descontrolado para nos proteger. Respeitava o seu ofício. Para ele, os acampamentos históricos dos Adirondacks simbolizavam-no. Quer o amássemos ou odiássemos, respeitávamos a sua dedicação. Ensinou-nos a assumir a responsabilidade pelos nossos pensamentos, emoções e pilas e ensinou-nos a criar mundos inteiros com um martelo, uma serra e as mãos. Não tinha passado do oitavo ano na escola e, como tal, não era capaz de traduzir o seu apreço pela arquitetura de qualidade nas palavras efeminadas que afirmava desprezar, mas ele manifestava-se na sua reverência pelos velhos lugares, na sua atenção ao pormenor.

Quando cheguei ao Vale de Crossroads nesse primeiro dia e vi o café a acolher-me como um posto avançado no deserto, pensei no meu pai e senti-me menos só. Saía fumo das chaminés do

café e o parque de estacionamento já estava cheio de carros, no entanto, não parei para tomar o pequeno-almoço. Nessa manhã, abandonei a Ruby Creek Trail, a velha estrada de terra batida que cruza a Trace ao lado do café, e embrenhei-me na floresta.

Andava à procura de um local isolado onde estender um saco-cama. Não o sabia então, mas estava a seguir fantasmas por um caminho tão antigo que os primeiros exploradores franceses haviam escrito sobre ele nos anos 1700. Antes disso, os Cherokees esculpiram os marcos do seu percurso em afloramentos rochosos. Os petróglifos que ainda subsistiam – em pedregulhos demasiado grandes para serem roubados – extasiavam-me e, quando dei por mim, estava metido num recôncavo encantado cheio de fetos, avançando ao longo de Ruby Creek.

Perdido.

Estacionei a mota e subi a uma crista para me orientar. Quando cheguei ao cume, fiquei surpreendido ao encontrar uma pastagem abandonada. Jovens pinheiros batalhavam com as ervas altas. O orvalho cintilava em estacas de vedação abauladas de madeira de castanheiro, cinzentas sob a ação do tempo. A pastagem desaparecia numa curva na floresta como um rio verde que descrevesse um meandro; não resisti a segui-la.

Caminhei durante muito tempo antes de alcançar o topo de uma elevação onde parei. Ali, à minha frente, na extremidade de uma vereda bordejada de enormes carvalhos e álamos, refulgindo na luz opalescente da aurora, entre velhos celeiros e telheiros arruinados e vagas sugestões de canteiros de flores num pátio frontal esquecido, reluzindo em tons rosa e dourados sob a luz mágica, estava uma casa clássica em estilo *Craftsman*.

Estas construções veem-se em filmes, veem-se versões delas em todos os bairros da América; são o produto poderoso, pequeno e orgulhoso da eficiência e da elegância. Algumas são elaboradas e outras não; esta, escondida no meio de uma herdade de montanha, era a joia da coroa da sua espécie.

Corri para ela como um amante desvairado, abrindo caminho por entre as ervas e os pequenos pinheiros. Subi a correr degraus de pedra e detive-me, assombrado, sob o arco curvo do profundo pórtico de pedra. Contornei a casa uma dezena de vezes, admirando as pesadas vigas expostas e o seu travejamento, esse toque vagamente asiático que faz lembrar um pagode acolhedor. Acariciei a chaminé e a fundação de pedra grossa e arranquei um emaranhado de gigantes e longas trepadeiras que tinham subido até ao telhado, ameaçando cobrir a larga mansarda de empena sobre o alpendre.

Era-me indiferente que me apanhassem a invadir propriedade alheia. Pondo as mãos em concha, espreitei pelas janelas para os soalhos de bordo e para as tábuas da parede de castanheiro carunchoso, para os armários embutidos de cerejeira e para os vãos das portas colunados. Como se todos os fantasmas me tivessem seguido ao sair do caminho para uma visita à casa, exclamei:

– Olhem só. Meu Deus, *olhem só*.

Por fim, atordoado de admiração, recuei e olhei para as próprias janelas. Cada uma delas estava bordejada de vitral com intrincados desenhos geométricos. A luz do sol refletia-se em rubis e safiras toscos do tamanho de ervilhas, encastrados nas interseções soldadas. A casa exibia um colar de janelas feitas à mão, decoradas com pedras preciosas locais. O meu pai ter-se-ia retraído se ouvisse as minhas descrições artísticas, porém, teria apreciado a casa tanto quanto eu. Precisava desesperadamente de obras. Um ramo caído de um carvalho abrira um buraco no telhado. Várias janelas estavam partidas. As térmitas tinham arruinado várias vigas.

A casa precisava de mim.

A *Casa da Nettie no Cume da Mulher Selvagem*, era como se chamava. Descobri quando fui ao café e me informei. Nesse dia, um grupo de turistas encolheu-se quando entrei pela porta da sala de jantar principal. Sei que o meu aspeto não inspirava confiança. Alguém foi às traseiras avisar Delta que um *Hell's Angel* se tinha enfiado no restaurante dela.

Ela apareceu para ver pessoalmente. Esta preciosa mulher sorriu-me, deu-me uma chávena de café fumegante e disse em voz alta para que todos os clientes tímidos ouvissem:

– Hoss, estás com um ar de meter medo. É melhor sentares-te aqui comigo a comer um biscoito.

Nesse momento, nasceu o meu amor platónico por ela.

Sentou-se à minha frente numa mesa coberta com uma toalha aos quadrados e respondeu a todas as perguntas que eu fiz sobre a quinta abandonada e a sua incrível casa. Mary Eve Nettie tinha sido uma rebelde, uma inconformista, uma feminista primitiva que manteve o apelido de solteira depois de casar, uma lenda. Herdara a quinta dos pais que tinham feito fortuna com o contrabando do melhor rum e *bourbon* caseiros do Oeste da Carolina do Norte.

Os pais de Mary Eve construíram a exemplar casa da quinta quando ela era menina. Já então dera que falar na montanha. Os Nettie inspiraram-se num modelo fantasioso e moderno de casa em estilo *Craftsman*, «Hollywood», num catálogo da Sears and Roebuck, e mandaram pelo correio um cheque de cinco mil duzentos e cinquenta e dois dólares para a Sears de Chicago: uma verba extraordinária na época. A sua extravagante compra por catálogo transformou-os em heróis populares em toda a região montanhosa, exasperando legiões de agentes do fisco que não podiam provar que os Nettie não ganharam o dinheiro por meios legais.

A Sears expediu a casa de três quartos completa por comboio, do depósito de madeira da empresa a norte. Tudo – incluindo as tábuas do soalho, as lareiras, os armários, as janelas, as portas, as molduras e até as fasquias de cedro – chegou em caixotes e pilhas ao entreposto de Asheville na Carolina do Norte. Franklin Nettie, o pai de Mary Eve, transportou os materiais de furgoneta ao longo de oitenta quilómetros de estradas de montanha assustadoras até ao Vale

de Crossroads, onde foi tudo transferido para carroças puxadas por mulas para a difícil viagem pelo trilho até à quinta no cume. Depois, Franklin e uma equipa de homens montaram a casa.

A casa acabada era uma maravilha de execução de alta qualidade e pormenor. Mais tarde, Mary Eve embelezou-a com retoques perfeitos, incluindo ladrilhos feitos à mão no chão e nos balcões da cozinha e guarnições de vitral nas janelas e na porta de entrada. A casa era um dos raros exemplos intactos de uma casa pré-fabricada em estilo *Craftsman* da Sears. Não havia outra igual no país. Desabitada, ignorada, deixada a apodrecer. Um sacrilégio.

Era evidente que Barnard Deen, o proprietário, um advogado abastado da Geórgia, se estava nas tintas para a herança da sogra. Eu assentei arraiais à porta do café e lancei uma campanha para adquirir a quinta. Enviei uma dezena de propostas ao Deen, cada uma delas mais generosa do que a anterior.

Deen rejeitou-as todas. Não queria sequer falar comigo. Depois de ele morrer, tentei contactar a herdeira, a famosa Cathryn, sem sucesso. Só recebi mais cartas de advogados a aconselharem-me a esquecer o assunto e a não voltar a entrar em contacto com Ms. Deen nem a invadir a propriedade.

Assim, desde esse dia, tenho, naturalmente, invadido a propriedade e feito reparações. Passei muitas noites a dormir no alpendre da frente entre as minhas ferramentas e materiais. Assisti a majestosas trovoadas no horizonte a oeste onde a montanha de Hog Back, vizinha das Ten Sisters, enchia o céu. Vi a neve cair nos carvalhos; vi a floresta cobrir-se de vermelho e dourado no outono.

Toda a gente no Vale sabia que eu estava a ter uma relação ilícita com a casa da Nettie, mas ninguém se importava. Em Crossroads, tolera-se o amor de um homem a uma casa.

Entretanto, instalei-me nas proximidades, em doze hectares de terreno que ganhei ao póquer ao cunhado de Delta, Joe Whittlespoon, ou por outra, o *Santa* Whittlespoon, cultivador de marijuana. A propriedade da Nettie ocupava uma ponta do Cume da Mulher Selvagem; a agora denominada «propriedade do Mitternich» ocupava a outra ponta. Construí uma cabana no meu terreno e, quando não estava bêbado, ia plantando uma vinha. Não era agricultor nem viticultor, mas sentia uma forte necessidade de dar raízes a uma nova vida naquela crista mesmo que, numa noite negra de bebedeira, viesse a pôr fim à minha.

Brusco e manipulativo, o xerife Pike Whittlespoon não era nenhuma simpatia, antes um pragmático oficial da paz do grande Condado de Jefferson, incluindo o Vale de Crossroads. Era capaz de encontrar um miúdo perdido na encosta mais agreste, convencer uma mulher maltratada a testemunhar contra o marido ou desmantelar um laboratório de metanfetaminas sem a ajuda de ninguém. Pike e Delta estavam casados desde os dezasseis anos – há quase trinta e cinco anos – e ele beijava discretamente o chão que ela pisava. Era um amigo para o

sensível filho do casal, Jeb, um homem de cabelo arruivado, ex-militar, um avô ferozmente protetor dos adoráveis miúdos do Jeb e da Becka e um defensor resignado do irmão mais velho, Joe, o já referido *Santa* Whittlespoon, o tal que se dedicava à cultura de canábis.

– Tommy, meu rapaz – disse-me Pike pouco depois da minha chegada à comunidade, tratando-me como um pai e conferindo-me um estatuto inferior –, se alguma vez te meteres na caranguejola da tua carrinha *clássica* quando estás bêbado e tentares conduzir a caranguejola da tua carrinha *clássica* nas minhas estradas, trato de te pôr a passar os doze meses seguintes a ver o sol aos quadradinhos e a apanhar pazadas de merda de vaca na prisão *clássica* do condado.

Era por isso que eu passava muito tempo a dormir na carrinha debaixo dos carvalhos do café.

Nesse domingo de manhã, estava no meu terreno ao ar livre, pouco depois do nascer do sol, a suar as estopinhas para dissipar a minha depressão de sábado à noite e uma garrafa inteira de *vodka*. Os dois punhos de um perfurador de solo transmitiam uma boa sensação contra os calos das minhas mãos. Bolha a bolha, ia construindo a minha vinha.

Tinha acabado de colocar a última estaca da treliça quando um ruído surdo insinuou-se na névoa do meu cérebro. Ignorei-o por alguns segundos, baixando-me para medir a profundidade exata da minha nova perfuração. Quando comungava com a vinha e lutava contra uma ressaca, a minha atenção não era facilmente desviada. Porém, o ruído recrudesceu e acabei por levantar os olhos.

O carro-patrulha azul e cinzento do Pike surgiu a roncar da floresta com as luzes a piscar. Larguei a fita métrica. Apertou-se-me o peito e, por um momento, senti o cheiro do terror e vi corpos a cair numa rua de Manhattan. Os médicos chamam a esta reação de extremo alerta «síndrome do stresse pós-traumático». Eu chamava-lhe «inteligente».

Pike parou quase em cima das minhas botas de trabalho salpicadas de suor. Pus de lado o perfurador de solo e endireitei o tripé de topógrafo, tomando alguns segundos para respirar.

– Não me poupes, Pike. Diz o que tens a dizer. Que aconteceu ao meu irmão? Ou à mulher ou aos filhos…

– Calma. O teu irmão e a família estão bem. Tommy, meu rapaz, por que diabo não andas com um telemóvel a mais?

Respirei fundo.

– A Delta, o Jeb… o *Banger?* Estão todos bem?

– Ótimos. Mas a Delta precisa de ti imediatamente. Precisa da tua ajuda.

– Para quê?

– Cathryn Deen.

– Deixa-me adivinhar. O gestor de negócios da Cathryn Deen mandou finalmente uma resposta *pessoal* a uma das cartas da Delta e ela está tão chocada que quer que toda a gente em Crossroads a veja?

A piada não surtiu efeito. Havia qualquer coisa na expressão, no rosto cheio e curtido de Pike que me inquietou novamente.

– Cathryn Deen sofreu um acidente de automóvel ontem – disse Pike. – Quase morreu queimada.

O sangue gelou-se-me nas veias quando ele me contou os sangrentos pormenores. A CNN estava a informar que Cathryn ia sobreviver, mas que ficara horrivelmente desfigurada.

– Uma pena – rematou Pike. – Ela era uma brasa. Saía à Delta na zona dos olhos.

O meu sentido de autopreservação afirmou-se. O cinismo é um bom antídoto do excesso de preocupação. *Se Cathryn Deen morrer, talvez possa comprar a quinta da Nettie aos herdeiros*. Não me sinto orgulhoso deste pensamento, mas admito que o tive.

– Porque é que a Delta acha que eu posso fazer alguma coisa pela prima famosa?

– És um tipo com influências. És capaz de conseguir telefonar para o quarto de hospital da Cathryn na Califórnia.

Delta e Pike pensavam que eu conseguia milagres porque, uma vez, havia subido a um precipício, em Devil's Knob, pouco depois de Jeb ter chegado do Iraque e tinha-o dissuadido de saltar. Quando se tem o bucho cheio de *vodka* e se não se dá valor ao perigo, é fácil ser herói. Abanei a cabeça.

– Sinto muito, Pike, mas…

– Ouve, eu e tu sabemos que o pimpão do marido da Cathryn Deen não vai deixar a Delta falar com os médicos. Mas podes tentar ao menos ajudá-la? Ela fica doida por não poder envolver-se nos problemas da família. Mesmo que a família viva na outra ponta do país e não a visite há vinte anos.

No céu intensamente azul da montanha, um falcão à caça emitiu o seu feroz e desolado chamamento planando como um anjo nas correntes altas. Na melhor das hipóteses, provavelmente, Cathryn Deen não queria saber da sua herança em Crossroads nem da velha quinta da avó e podia não ver com bons olhos a ideia de uma familiar obscura querer ajudá-la.

No entanto, ao contrário de um falcão, eu tinha pesadelos recheados de remorsos. Grandes doses de infelicidade cármica para retribuir.

– Podes pelo menos ouvir o que ela tem para dizer? – insistiu Pike.

Concordei.

O falcão apanhou uma rabanada de ar perfeita e flutuou, imóvel, na palma invisível da redenção.

Delta não era mulher de chorar. Uma mulher que se esfalfava a dirigir um restaurante com tanto sucesso que a revista *Southern Living* lhe chamava «uma joia bem conhecida no meio do deserto», que reinava sobre uma família de montanheses enérgicos e um bêbado barbudo que dormia com um bode debaixo do carvalho dela, não, uma mulher assim não ia perder o controlo e chorar porque a prima do marido da prima estava num hospital de Los Angeles, estropiada para toda a vida. «A vida não se conforma com uma "fervura lenta" só porque te apetece diminuir o calor», costumava dizer. Não fazia muito sentido, mas soava a algo de profundo.

– Tenciono descobrir como está a Cathryn – declarou. – Só isso. E tu vais ajudar-me, Thomas.

Delta, Pike e toda a família Whittlespoon mais chegada olharam para mim no espaço apertado da cozinha do café. Soprava à nossa volta uma brisa carregada do aroma da comida. Como habitualmente, as portas de madeira estavam abertas e só os mosquiteiros impediam a entrada de gatos, cães, cabras e esquilos. Uma ventoinha de chão zunia apesar do frio da manhã primaveril. Aromas deliciosos desprendiam-se de uma mesa cheia de comida. O parque de estacionamento estava a abarrotar de carros e carrinhas. Havia pessoas que vinham de Asheville, nas manhãs dos fins de semana, só para tomar o pequeno-almoço.

Mas não estavam a ser servidas porque Delta e a sua gente se encontravam todos na cozinha a exercer sobre mim a pressão do poder de grupo. Em termos sulistas, eu estava a ser *fulminado*.

– Vocês, nova-iorquinos, são capazes de tudo – insistiu Delta. – Têm as vossas manhas.

– Contrariamente ao que se pensa – respondi com calma –, nem toda a gente de Nova Iorque tem ligações à Máfia ou amigos no mundo do espetáculo. Delta, eu passei os últimos anos a tentar em vão entrar em contacto com a Cathryn Deen para comprar a quinta da Nettie. O que é que te leva a pensar que consigo agora ligar para o quarto de hospital?

Delta sacudiu o avental na minha direção.

– És a minha única esperança. Quando liguei para o hospital em Los Angeles, recusaram-se a informar-me sequer sobre o seu estado de saúde. E quando lhes disse que era da *família*, disseram-me que não faço parte da lista que lá têm. Eu ainda pedi: «Deixem-me falar com o marido da Cathryn que passo logo a fazer *parte* da lista», mas eles responderam: «Terá de falar primeiro com o publicista dele.» Que raio de marido precisa de um publicista para lidar com as

chamadas dos *familiares* da mulher?

Pike suspirou e passou um braço comprido pelos ombros curtos da mulher.

– O pai da Cathryn varreu-te do mapa, a ti e a todos os familiares aqui da montanha, há vinte anos, meu anjo, e desde então só tens falado com gente da publicidade, advogados e gestores de negócios sempre que tentas comunicar com ela. Agora o marido levantou o mesmo muro. Não é novidade nenhuma. Não podes ajudar a rapariga, meu anjo. Não podes. Às tantas não precisa da tua ajuda nem sequer a quer.

– Mas eu não sei isso. – Delta projetou uma mão para o pequeno televisor preso ao tabuado envelhecido da parede da cozinha, entre prateleiras de rede empilhadas com tachos e panelas. A CNN estava a mostrar uma imagem macabra do carro carbonizado da atriz. – Só falam dela nos noticiários da manhã. Uma pessoa da minha família está num hospital do outro lado do país, num sofrimento atroz, e precisa de saber que tem familiares que se preocupam!

– Se te faz sentir melhor – disse suavemente –, duvido que ela tenha consciência do que quer que seja. Os médicos põem as vítimas de queimaduras sob forte sedação nos primeiros dias depois de um acidente. Neste momento, ninguém que tenha sofrido as queimaduras que ela sofreu está consciente.

– Mas vai acabar por acordar e, quando isso acontecer, precisa da família. O pai morreu, a mãe morreu, essas velhas tias beatas de Atlanta do lado dos Deen estão mortas ou senis. Eu sou a última raiz que resta na árvore genealógica dela! Thomas, tu eras um arquiteto importante em Nova Iorque, casado com uma mulher rica que… enfim, tinhas contactos influentes. Hás de arranjar alguma maneira de me pôr em contacto com a Cathryn.

A referência à minha vida anterior não trazia nada de positivo. Virei costas. Cleo fulminou-me com os olhos.

– Não desistas assim das coisas. Jesus acredita em ti, mesmo que *tu* não acredites em *ti próprio*.

– Jesus não me conhece como eu conheço.

Despedi-me de todos com um aceno de cabeça e saí. Ia a meio do pátio das traseiras a caminho da carrinha quando Delta me apanhou. Pequena, mas obstinada, barrou-me a passagem.

– Não podes passar o resto da vida a esconder-te do mundo!

Olhei para ela com má cara.

– Não quero ser responsável pela vida de ninguém, a não ser a minha.

– Mentiroso! Se não fosses tu, o meu filho estava morto! Arriscaste a pele para impedir o Jeb

de saltar de Devil’s Knob quando tinhas acabado de aqui chegar.

– Só porque tenho uma aversão especial a que as pessoas saltem de sítios altos.

– Já vi as fotografias que tens na carrinha! Já te vi a olhar para elas quando pensas que ninguém te está a ver.

Retesei-me.

– Devia treinar o *Banger* a balir quando te ouvir a aproximares-te de mim à socapa.

– Obrigas-te a reviver a desgraça que aconteceu à tua mulher e ao teu filho vezes sem conta, como se o teu sofrimento te pudesse transportar no tempo e alterar o que lhes aconteceu. Mas não podes. Não podes, Thomas. Ninguém pode recuar no tempo. O que *podemos* fazer é aprender com as nossas mágoas e mudar o futuro. – Agarrou-me nas mãos. – Sabes como é ser apanhado numa coisa tão terrível, é como cair num poço fundo, sem ver sequer uma réstia de luz em cima. É onde a Cathryn está neste momento, no fundo de um poço. Sê a luz dela, Thomas. Sê a luz dela.

Fiquei ali, de cabeça baixa e ombros vergados. É esta a sensação de ser arrastado dos alicerces de cimento de uma rotina confortável.

– Eu faço uns telefonemas – prometi. – Mas não alimentes grandes esperanças.

Ela apertou-me as mãos e sorriu.

– Já estou a alimentar.

Capítulo 3

Cathy

Los Angeles, Unidade de Queimados

Infelizmente, ninguém tinha tido a visão de me deixar morrer e me tornar uma lenda. Podia ter ido fazer companhia ao Elvis e à Marilyn na Galeria da Fama dos Ícones Mortos, mas não.

– Cathryn Deen? Cathryn Mary Deen? Sabe onde está?

Pestanejei lentamente, envolta numa névoa de analgésicos e sedativos, esse *cocktail* de drogas que se dá a vítimas de queimaduras durante os primeiros dias para que não percebam que partes do seu corpo ficaram fritas. Mal conseguia lembrar-me do meu nome, quanto mais do que me tinha acontecido.

– Quem? – murmurei.

Se tivesse podido ver-me, nua à exceção dos lençóis esterilizados e das enormes ligaduras na cabeça, braço direito, lado direito do tronco e perna direita, os meus braços amarrados, tubos intravenosos ligados a um monitor por todo o lado e um cateter entre as coxas… se tivesse podido ver a minha cabeça inchada e sem cabelo, com uma massa de ligaduras espapaçada do lado direito, teria desejado voltar a adormecer. Para sempre. Tinha a cabeça grotescamente inchada e até o lado esquerdo da minha cara, o lado que acabaria por recuperar um aspeto normal, estava vermelho.

Felizmente ainda não sabia com que aspeto estava. Ouvi-me balbuciar numa voz débil: «Papá? Avó Nettie? Mãe?» Eles tinham-me visitado. O meu pai sorriu-me simplesmente. Nunca sabia o que dizer quando eu me magoava. Isso competia à minha ama. A avó Nettie disse: «Come, rapariga. Sempre que a vida te dá biscoitos, come e rejubila.» Nos meus sonhos, estava na cozinha com ela, contemplando através das suas fabulosas janelas de vitral o Cume da Mulher Selvagem, vendo a luz do sol e as sombras beijar os enormes socalcos das montanhas azul-esverdeadas. *Isto não é lugar para medrosos*, sussurravam-me as montanhas. O cheiro a banha, leite, chouriço, farinha e manteiga enchia os meus sentidos. Estranhamente

reconfortante. *Tudo se recomporá, se encontrares o que realmente queres,* sussurrou a minha avó. *Anima-te, deixei-te uma casa. Está à tua espera*.

A minha mãe há muito desaparecida, que era, como eu tinha descoberto, muito mais bonita do que as fotografias nos meus álbuns de recortes, debruçou-se e murmurou: *Vai para casa, sim. Um dia, voltaremos a ver-te*. «Não me deixem.» Demasiado tarde. Já estava desperta.

– Cathryn? Ms. Deen? Sabe onde está?

Parecia ter a língua inchada. Testei-a, passando-a pelos dentes.

– *Ms. Deen, sabe onde está?* – Era uma voz insistente de mulher. Não se deixou impressionar pelos meus dentes.

– No inferno? – balbuciei por fim.

– Não, apesar de poder parecer-lhe. Está na unidade de queimados. Sou a médica responsável pelo seu caso, mas está a ser acompanhada por uma grande equipa de profissionais.

– A minha comitiva.

– De certo modo. Ouça-me com atenção. Já a deixo voltar a dormir. Acabámos de a transferir dos Cuidados Intensivos. Passaram cinco dias desde o seu acidente. Temo-la mantido deliberadamente medicada para seu bem. Caso contrário, a dor seria insuportável. Não queremos que se mexa. Está ligada a tubos intravenosos. Tem um cateter ligado à bexiga. Até há umas horas tinha um tubo de alimentação enfiado na garganta. Eu sei que, neste momento, os seus movimentos estão um pouco… tolhidos. Não queremos que se sinta claustrofóbica e é por isso que a mantemos medicada. Na próxima semana a situação começa a melhorar.

Claro, pensei. *Vou ficar boa. Não devem ser mais que umas bolhas*.

A minha visão estava um pouco turva e, quando olhei para cima, vi qualquer coisa de inflamado e vermelho. Na altura, não sabia, mas estava a olhar para a parte inferior inchada das minhas sobrancelhas. Pensei que estava com uma espécie de chapéu de abas cor-de-rosa. Olhei mais para cima e descobri a origem da voz. Vinha de uma forma vestida de branco que pairava sobre mim. A forma tinha uma máscara e luvas, e agia como se estivesse a manusear lixo tóxico. Era como se tivesse chegado de outro planeta.

– Leve-me daqui… – pedi à criatura extraterrestre. – Preciso de um… um banho.

– Preste atenção, Cathryn. Há boas notícias. Os seus olhos estão bem, os pulmões também, teve muita sorte. As suas queimaduras cobrem um pouco menos de trinta por cento do seu corpo, o que representa um excelente prognóstico de recuperação total das funções. As suas queimaduras são sobretudo de segundo grau, o que significa que não vai precisar de enxertos de pele extensivos, embora fique com cicatrizes permanentes.

Cicatrizes? *Cicatrizes?*

– A sua mão direita sofreu algumas lesões mais profundas dos tecidos e por isso vai precisar de cirurgia para assegurar a mobilidade das articulações dos dedos. Mas é uma intervenção exequível.

Exequível. Eu era exequível.

– As más notícias são que tem *de facto* algumas zonas com queimaduras de terceiro grau. Nesses pontos, a pele ficou destruída e não tem capacidade para se regenerar. Essas áreas incluem o ombro direito, o lado direito do pescoço e da garganta e… o lado direito da cara, desde o canto do olho e da boca até atrás da orelha. Durante as próximas semanas, vamos tirar pele do lado esquerdo do seu corpo e das costas, que não sofreram lesões, e enxertá-la. Substituirá a pele queimada.

Pois bem, na verdade, só precisava de um bom esfoliante.

– O lóbulo da sua orelha direita teve de ser amputado, mas o resto da orelha está intacto… embora seriamente queimado… contudo, a sua audição não deve ter sido afetada.

Um momento. Esta criatura de outro planeta deve estar a brincar comigo. Era capaz de ter jurado que ela dissera que eu já não tinha o lóbulo de uma orelha. Suponho que podia poupar dinheiro em brincos.

– Muito engraçado – murmurei.

– Infelizmente não tem graça nenhuma, Cathryn.

– Tire-me daqui. Tenho… tenho que fazer. Tenho de estar em Inglaterra na quarta-feira. E tenho uma sessão de fotografias para a *Vogue*.

– Tente não pensar agora no trabalho. Vai ficar hospitalizada pelo menos seis semanas. Irá ser submetida a uma série de pequenas intervenções cirúrgicas e também, lamento dizer, a desbridação regular. A desbridação é um procedimento pelo qual lhe mudamos as ligaduras duas vezes por dia e removemos o tecido desvitalizado das suas feridas. Não é muito agradável, infelizmente. Mas não se preocupe com isso para já.

Não me preocupo?

– Gerald. Gerald. O meu marido. Diga-lhe. Quero sair… daqui. Ele trata disso.

– Ele está muito ocupado neste momento. A falar com a comunicação social, com os seus agentes, tudo isso. Não se preocupe.

– Quero-o… aqui.

– Sinto muito, mas por enquanto não podemos autorizar ninguém a visitá-la. A unidade de queimados é um ambiente esterilizado, Cathryn. Existe um grande risco de infeção para os doentes que estão a recuperar de perda extensiva da pele. Não lhe vai ser permitido receber muitas visitas e as que receber estarão protegidas com roupa cirúrgica antisséptica como a que estou a usar.

– Chame-o. Eu chamo-o.

– Não está em condições de chamar ninguém. Além disso, o seu marido pediu para não a incomodarem. Não queremos aqui jornalistas a tentarem falar consigo. Não pode comunicar com o exterior e ninguém pode comunicar consigo sem a expressa autorização dele. O seu marido não quer que os órgãos de comunicação social a assediem.

– Mas… preciso dos meus… dos meus amigos. Dos meus estilistas. Da Judi, do Randy, da Luce. Da minha gente.

– Lamento muito, Cathryn. Aqui não tem «gente». Por vezes, a unidade de queimados poderá parecer-lhe um dos lugares mais solitários do mundo. Mas vai correr tudo bem. Descanse. Tem muito trabalho à sua espera.

A mulher saiu. Outras criaturas da patrulha do lixo tóxico rondavam a minha cama.

– Agora vamos ajudá-la a adormecer – disse uma. – Vamos pôr a tocar a sua música favorita para lhe fazer companhia enquanto tenta descansar. O seu marido diz que gosta muito da Gwen Stefani.

Eu não gostava nada da música da Gwen Stefani; Gerald só dizia isso porque a sua equipa de *marketing* acreditava que tal iria atrair a atenção da população jovem para comprar os cosméticos da minha marca.

A minha música favorita? Bonnie Raitt, Rosanne Cash, Dixie Chicks. Mulheres sensatas com guitarras. Gerald assegurava que eram demasiado velhas e demasiado feministas para a minha imagem de rapariga foliona e, provavelmente, nem sequer usavam maquilhagem, quanto mais encorajarem outras mulheres a usar, mas… onde é que ele estava? E porque é que não me contactava sequer pelo telefone?

– Posso ouvir – balbuciei. – Ainda tenho uma orelha.

– Durma – ordenou uma criatura, retirando-me uma seringa do braço. – É melhor não pensar muito.

Fechei os olhos. Extraterrestres com macacões antissépticos disseram que não me podia mexer, que não podia falar com ninguém, que me faltava o lóbulo da orelha direita, que partes da minha pele teriam de ser substituídas e que tinha muita sorte por estar viva. Além disso, obrigavam-me a ouvir a Gwen Stefani. Ninguém conhecido, em quem eu confiava, estava

aqui. Nem o meu marido e os meus fantasmas familiares.

A minha gente tinha desaparecido. Mesmo as pessoas mortas.

Thomas

– Para a próxima, pede-me uma coisa simples, Thomas – disse o meu irmão. – Como entrar em contacto com o Coelhinho da Páscoa. E, a propósito, vou-te mandar um telemóvel novo. Com localização por GPS.

Como ele estava aos berros, afastei o aparelho do ouvido que um dos netos de Delta me tinha emprestado. Mesmo assim, a voz de John ressaltava do interior de metal não revestido da cabina da carrinha.

– Ótimo – respondi. – Quando o satélite indicar que o novo telefone anda em itinerância pelo celeiro atrás do café, ficas a saber que o *Banger* também o comeu.

– Só quero poder localizar-te fisicamente. A Monica e os miúdos vão ficar desapontados se não houver nada para enterrar. Já te disse que ela está a planear um funeral judaico para ti?

Simpatizava com a mulher do meu irmão. O seu sentido de humor mórbido enquadrava-se perfeitamente com a imagem de marca da família Mitternich.

– Diz à Monica que agradeço do fundo do meu coração ateu e gentio.

– Ela há de juntar a família toda para observar o Xiva em tua honra. Eu? Eu vou simplesmente ao *pub* mais próximo brindar com uma cerveja ao Thomas Karel Mitternich, o meu autodestrutivo irmão mais velho, e depois arranjo um padre bondoso que me vai mentir e jurar que não estás no inferno por te teres matado.

– Gosto muito destas nossas alegres conversas.

– Também eu, Thomas. Mas estou a tergiversar. Perdeste o juízo por completo? A gente da Cathryn Deen nunca há de deixar a tua compincha Delta… nem mais ninguém dessa parvónia de borrachões e adeptos de corridas de automóveis de série… chegar perto da sala VIP da Deen numa unidade de queimados de Los Angeles.

John tinha feito os possíveis para me ajudar a cumprir a missão de Delta para contactar a prima Cathryn, mas tinha razão. Penetrar o muro de privacidade – ou secretismo – que o marido de Cathryn havia erguido à volta dela era impossível. Passara mais de uma semana desde o acidente. John, consultor financeiro em Chicago, era capaz de seguir um rasto de dinheiro que

levava a informações de todos os tipos, mas nem ele era capaz de decifrar este código. As celebridades no nível de fama da Cathryn Deen, ou estavam na luz da ribalta ou eram invisíveis. Neste momento, tristemente para ela, aplicavam-se as duas situações.

O biltre que filmou o macabro vídeo de Cathryn a escapar do carro e que espetou depois a câmara na cara dela enquanto ardia, já estava a faturar com o negócio na Internet. Tinha-se esquivado a um processo-crime porque o advogado dele argumentou que Cathryn ia a conduzir perigosamente antes de ele a perseguir. Numa situação de risco como um incêndio, diz a lei que não se é obrigado a pôr a vida em perigo para salvar outra pessoa. Muito conveniente.

Como tal, o vídeo podia ser descarregado por um valor exorbitante e os principais canais noticiosos estavam a mostrar fragmentos do mesmo a pretexto de noticiar a controvérsia. Em termos de degradação humana, o confronto entre cristãos e leões no Coliseu romano não chegava aos calcanhares dos voyeuristas modernos. Delta estava furiosa. E, a um nível mais calmo, eu também. Sabia qual era sensação de ver as pessoas que me eram queridas serem exploradas.

Só restava uma opção.

– Vou ligar à Ravel – disse ao John.

Silêncio. Depois, muito calmo e sério, o meu irmão mais novo retorquiu:

– Ela vai-te comer as gónadas acompanhadas com *risotto* de limão e um bom vinho.

– Eu sei – concordei.

– Não mereces o que ela te vai dizer.

– Isso é discutível.

– Ela tem sede de sangue.

– Sangue não me falta.

– A Cathryn Deen vale isso? Uma estranha, Thomas? Vale? Porquê? E não me digas que é tudo por causa dessa quinta que lhe queres comprar.

Olhei para as fotografias na pala da minha carrinha. O aperto lento e infalível da infelicidade atenuou-se por um instante.

– Talvez seja desta, quem sabe, que eu posso fazer a diferença na vida de alguém.

Há duzentos e cinquenta milhões de anos, a África colidiu com a América do Norte,

amontoando massas de rocha metamórfica sobre camadas de calcário e projetou os Apalaches. Com uns quantos glaciares e séculos de erosão, tínhamos agora Devil's Knob, um monólito escarpado e desarborizado, salientando-se da montanha de Hog Back como um espinho no flanco de um porco. Eu adorava a pureza primitiva do lugar. Tocava-se na pedra e estava a tocar-se na história. Estar lá em cima era como ter os pés sobre a eternidade.

A mil e duzentos metros de altitude, Devil's Knob era um dos picos mais altos das redondezas. Lá em cima, com mais um telemóvel emprestado na mão, procurei o norte, sobre o Vale de Crossroads, na direção de Nova Iorque, aproximadamente a quatro estados de distância. A separar-me da minha vida anterior estavam altas cadeias montanhosas, profundos recôncavos, velozes riachos repletos de trutas, herdades isoladas, manadas de veados, bandos de perus bravos e a ocasional destilaria ao lado de um campo de canábis.

A paisagem agreste entre mim e a minha cunhada ainda não era suficiente, mas teria de servir. Ravel, a irmã de Sherryl, estava certamente escondida na sua *penthouse*, na Fifth Avenue, a cerca de duzentos metros acima do nível do mar. Eu estava a mil e duzentos metros. Precisava da certeza de que ela tinha de levantar a cabeça para olhar para mim.

– Thomas, tens a certeza de que não conheces ninguém na CIA a quem ligar em vez dela? – disse Joe Whittlespoon na sua voz arrastada. O irmão mais velho de Pike, que tinha a alcunha de *Santa*1 graças à sua evidente parecença com o original, estava sentado a alguns passos de mim a baloiçar as pernas na saliência rochosa do Knob. Cofiava a barba branca encaracolada com uma mão e com a outra segurava num cigarro comprido de marijuana caseira. Pendia-lhe do peitilho da jardineira um lenço estampado. Rubis e safiras toscos, apanhados nos ribeiros locais, decoravam as pulseiras e os anéis que usava. Toda a gente no condado sabia que *Santa* era um velho *hippie* que cultivava erva em Hog Back mas era, afinal de contas, o irmão mais velho de Pike. – Estou só a dizer – continuou *Santa* – que deve ser mais fácil tratar com a CIA do que com a irmã da tua mulher. E a CIA deve ter melhor feitio.

– Não me resta outra alternativa. Acredita, é a minha última opção. Não fazia isto por mais ninguém.

– Aviso-te. A Delta considera-te como massa que pode moldar como lhe convém. Há uma arte em *amassar* as pessoas assim e ela aprendeu-a com a força da natureza mais irresistível que o Vale alguma vez conheceu e estou a falar-te da Mary Eve Nettie. Deus nosso Senhor, essa mulher era capaz de pôr um tipo aos saltos e aos berros e logo a seguir a deitar-se e a gemer. Olha que sei do que falo. Eu tinha dezanove anos e a Mary Eve tinha pelo menos trinta e cinco quando me atirou para cima de uma cama pela primeira vez.

Olhei para ele, admirado.

– Tu e a Mary Eve…

Ele assentiu. Os seus olhos tornaram-se distantes e ternos.

– Essa mulher sabia como conseguir o que queria. E pagava sempre na mesma moeda. – O telefone do *Santa* vibrou de súbito na minha mão. *Santa* passou uma mão sobre o semblante melancólico e depois franziu-me a testa. – Lembra-te que te avisei de que a Delta te usa para conseguir o que quer. Não usa o sexo para abrir portas como a Mary Eve usava, mas é igualmente determinada.

Olhei para o número de telefone da chamada. O indicativo era 212. Manhattan. Ravel.

– Chegou a hora da verdade.

– Fala ou lança-te do precipício – disse *Santa*.

Encostei o telefone à orelha.

– Estou? Ravel? Agradeço muito a chamada. Se isto não fosse uma emergência, não te pedia nem esperava a tua ajuda.

– Parasita de merda. – A voz dela tremia de emoção. Gelava-me sempre o sangue saber que era tão odiado. – Só há uma razão para continuar interessada na tua sorte, Thomas. Não posso deixar de ter esperança de vir a saber que tiveste a decência de dar um tiro nos cornos.

– Não compliquemos. Recebeste a minha mensagem. Já sabes o que quero. Podes descobrir todas as informações sobre a situação da Cathryn Deen, incluindo o nome da auxiliar de enfermagem que lhe esvazia o cesto do lixo. Preciso desses dados de contacto e… em troca faço o que quiseres.

– Quero que sofras e que morras tão desgraçadamente como a Sherryl e o Ethan, monte de lixo humano insensível e patético.

– Não te estou a pedir nenhum favor pessoal. Isto é para gente boa que precisa de ajuda.

– Poupa-me às tuas tentativas ridículas para encobrir a tua própria culpa armando-te em bom samaritano para esses pacóvios preconceituosos com quem privas.

– Ravel faz o que te peço e eu mando-te *o relógio*.

Silêncio. Ao fim de um minuto, ouvi-a a chorar de mansinho. Depois afirmou:

– Manda o relógio por estafeta privado, com seguro, e quando o tiver na mão, dou-te a informação que queres. Sacana manipulador de emoções.

Desligou.

– Bem, não custou nada. – Atirei o telefone ao *Santa*.

Ele franziu-me a testa por sobre uma coluna de fumo medicinal.

– A Delta não estava à espera que subornasses esse Avejão da Morte do Reino dos Ianques com o teu tesouro.

Avejão da Morte. Muito gostava eu da maneira como os sulistas classificavam os demónios das nossas vidas. Dê-se um nome engraçado a um demónio e ele já não pode fazer muito mal. Tirei o meu relógio de prata antigo do bolso e aproximei-me da beira de Devil's Knob. Baixando os olhos abri a tampa do relógio e passei mais uma vez o polegar sobre a inscrição. O relógio era uma das minhas pedras de toque. Não me restavam muitas.

Tinha pertencido ao avô de Sherryl e ela mandara-o gravar para mim. *Obrigada por me teres dado o Ethan*. Estas palavras sintetizavam por que razão o nosso casamento instável valia a pena; sintetizava tudo o que acordar de manhã tinha de maravilhoso. O nosso filho. Para mim era mais do que uma bugiganga, mais do que uma simples herança da família da minha mulher. E Ravel sabia-o. Era o último presente que Sherryl e Ethan me tinham dado antes de morrerem.

E eu acabara de usá-lo como moeda de troca para ajudar Cathryn Deen, uma estranha.

Santa levantou-se devagar. Estava demasiado pedrado para me impedir de dar um passo para lá da borda de um penhasco e tinha consciência disso.

– Thomas – disse-me com cuidado –, eu sei porque é que vens para aqui. – Indicou com a cabeça o telefone que eu lhe devolvera. – Como sei porque é que não gostas que o mundo te encontre facilmente. Sei porque é que vens para lugares altos e olhas para baixo e pensas como terá sido com a tua mulher e o teu filho. Mas acredita em mim. Um dia hás de olhar para cima e não para baixo e hás de ver tudo de maneira diferente.

Fechei o relógio, enfiei-o no bolso e afastei-me da extremidade do penhasco.

Não via senão ar rarefeito.

A bufar com o esforço, Delta subiu uma escada até ao telhado de baixa inclinação da casa de Mary Eve Nettie e sentou-se ao meu lado sob a aura do sol poente. Dourado, vermelho, alfazema, rosa, o céu sobre Hog Back era um arco-íris saturado. A neblina orlava os cumes e a noite azul-escura que se adensava no céu atraía-me ao seu foco infinito. Não havia melhor vista sobre as montanhas do que a do telhado de Mary Eve no Cume da Mulher Selvagem.

Uma pequena manada de veados pastava no prado ao lado de um celeiro gasto pelo tempo. Um bando de perus bravos debicava no chão entre os veados. Eu tinha sacos de milho guardados no celeiro de Nettie e distribuía vários baldes cheios todos os dias para atrair a bicharada. Não caçava, mas gostava da companhia.

– Imagino que a Mary Eve gosta da ideia de um homem bem-parecido sentado no telhado dela – disse Delta em voz baixa. – Às tantas ela está acolá no prado neste momento a olhar para nós.

– Concordo.

Delta deu-me uma palmada no braço.

– O teu relógio de bolso vai a caminho de Nova Iorque. O Anthony foi buscá-lo há uma hora. Disse que ia ter um cuidado especial com ele. – Anthony Washington era o motorista da UPS de Asheville. Delta insistia em dar-lhe de comer sempre que ele fazia a longa viagem até Crossroads. A troco do frango, das almôndegas de batata e dos biscoitos de Delta, entregaria o relógio em mão. – Thomas, eu…

– Não passa de um relógio.

– Não é verdade. Obrigada, Thomas.

– Só fiz isso porque quero esta casa.

– Nem para mentir prestas.

– Quando a Cathryn Deen se restabelecer, diz-lhe que me venda a casa da avó. O acordo é esse. Aperta aí.

– Já sabes que não faço negócios com bêbados que cheiram ao alambique do meu avô. Quando o meu avô McKellan entornava o álcool que fazia, a casa toda ficava a cheirar como um bar. Enfia a cabeça num dos armários do café e inala bem. Licor de milho. O meu avô era um velho desonesto e adúltero que manchou o nome da família McKellan por estas bandas durante décadas. Além disso, dizia que eu era «uma rapariguinha gorda e feia» e pregava a toda a gente que eu nunca havia de dar em nada. Não queiras cheirar à memória dele.

– É só a minha nova loção da barba. *Eau de Vodka*. Não mudes de assunto. Quero esta casa.

Ela bateu no telhado com os nós dos dedos.

– Thomas, tu não precisas desta casa vazia. Precisas de um lar.

– Não há outra casa como esta no estado. Na região. No país. No mundo. Posso restaurar esta casa como ela deve ser restaurada. Tenho dinheiro para isso. Não há muita coisa no mundo que tenha a certeza de poder proteger e preservar… mas esta casa? Posso salvá-la.

– E eu que durante todo este tempo – respondeu-me suavemente – pensei que continuavas em Crossroads porque não resistias aos meus cozinhados.

– Quero esta casa – repeti. – Vendi a alma à minha cunhada por ti. A única coisa que peço em troca é que convenças a Cathryn Deen a vender-me esta casa.

– Ela não ta pode *vender*.

– Porquê?

– Porque depois de eu a convencer a vir viver para aqui, ela vai precisar da casa. Mas anima-te… imagino que lhe há de agradar a ideia de seres tu a renová-la.

Delta deu-me uma palmada no braço, derrubou uma garrafa quase cheia de *vodka* que tinha ao meu lado e desceu. No crepúsculo, apenas deixou ficar um sorriso radioso.

1 Referência a Santa Claus (Pai Natal) (*N. da T.*)

Capítulo 4

Cathy

O Contacto É Estabelecido

– Não houve chamadas para mim? – murmurei à enfermeira.

– Não, Ms. Deen, hoje nada.

Nem chamadas, nem visitas, nem marido, nem lóbulo da orelha direita.

Dor. Sono. Dor. Sono.

Lágrimas.

E para cúmulo, os pesadelos tinham começado. Sempre que fechava os olhos, recomeçava a arder.

Duas semanas depois do acidente, continuava pouco coerente e só conseguia descrever a minha vida em meia dúzia de palavras. Não havia medicamento algum que mitigasse a dor por completo, nada inibia os meus pesadelos e nada me incutia desejo suficiente pelos batidos de leite brancos e saturados de proteínas que uma vítima de queimaduras tem de tomar constantemente para alimentar um corpo que procura em desespero sarar a peneira furada da sua própria pele.

– Ou bebe os batidos ou volta a ser alimentada através de sonda, Ms. Deen – ralhou a nutricionista, metendo-me uma palhinha na boca.

Bebi.

Só tinha visto Gerald uma vez, durante cinco minutos. Por cima do fato de bom corte, estava vestido à última moda da unidade de queimados: touca, máscara, bata e luvas esterilizadas. Só lhe via os olhos e disse a mim mesma que a expressão de repulsa neles era fruto da minha imaginação.

Não passou de um sonho, pensei. *Repugnância e chamas. Só mais um pesadelo*.

Ainda estava presa à cama por tubos e ligaduras e só conseguia mexer o dedo indicador da mão esquerda para premir um botão de chamada e ligar uma perfusão de morfina.

Havia uma televisão no quarto, mas o pessoal só a ligava para passar filmes aprovados por Gerald. Apesar de drogada, estava quase certa de já ter visto Leo e Kate a escapar do *Titanic* umas quinze vezes.

Sozinha na cama à noite, tendo unicamente a Gwen por companhia, chorava sem usar um único músculo da minha cara queimada, derramando lágrimas.

Gorda. Vou engordar com os batidos cheios de calorias, estava sempre a pensar. Desde a infância, toda a minha vida se centrara em ser bela, exceto quando visitava a avó Nettie na Carolina do Norte. O meu pai não gostava dela e era claro que queria que fosse esquecida. Eu regressava das visitas à minha avó alegremente bronzeada, cheia de nódoas negras das quedas das árvores, vários quilos a mais e muitíssimo mais opiniosa. As minhas tias de Atlanta detestavam a avó Nettie e estavam sempre a insistir com o meu pai para ele me proibir de a visitar.

Não se esqueçam que eu sou produto de um casamento misto. O meu pai e a família dele eram sulistas abastados da Carolina do Sul e a minha mãe e a sua família eram sulistas sem dinheiro das montanhas da Carolina do Norte. A minha mãe morreu quando eu tinha apenas três anos e a avó Nettie resolveu que acabaria com a influência do meu pai. Os Deen consideravam-na sem pudor uma bruxa reacionária ou pior. Os seus pulsos grossos estavam carregados de pulseiras vistosas cravejadas de rubis e safiras toscos que apanhava no riacho que corria na sua quinta. Criava cabras leiteiras e plantava pinheiros, sabia cantar as canções todas de *Cats*, tinha uma série de namorados, alguns mais novos do que ela, e admitia abertamente que o meu avô Nettie tinha sido morto a tiro em 1967, durante uma disputa familiar.

Não posso engordar, não posso ficar flácida, pensei aturdida, deitada na cama. *As raparigas gordas não têm sucesso.* Só queria lembrar-me onde tinha o rabo.

Precisava de falar com alguém, quem quer que fosse. Precisava de ouvir uma voz no meu ouvido bom que me dissesse que ia ficar boa. Mas o Gerald agora controlava todos os contactos com o mundo exterior. Porquê? Sempre que a música se avolumava e o transatlântico, esse belo, lendário e inafundável transatlântico, se afundava, desfazia-me em lágrimas.

Thomas

Estava com uma ressaca de proporções épicas. Sempre que relanceava o olhar, atingia-me entre os olhos um teste de Rorschach. Uma manta de retalhos gigante e semiacabada estava pendurada numa armação suspensa no teto do alpendre da sala de jantar do café. Ao sábado à noite, o Clube dos Acolchoados de Crossroads juntava-se ali. Delta afirmava que o padrão era Ananás. Abstrato. Octogonal. A luz do sol refletia-se na profusão de cores. Fazia-me trocar os olhos, mas ela não queria saber do meu estado.

– Faz a chamada – ordenou, olhando para o telefone entre nós em cima de uma toalha de mesa aos quadrados. – É quase meio-dia na Califórnia. Aposto que a Cathryn está acordada e prestes a almoçar. Isso é bom. As pessoas dão-me mais ouvidos quando estão com fome.

Não era de admirar. Delta cheirava sempre a farinha e a açúcar, mesmo numa tarde de semana. Um afrodisíaco para os espiritualmente famintos. A sua pele apresentava essa maciez própria da meia-idade, os ossos agradavelmente recobertos por uma almofada de carne. Os seus antebraços curtos e grossos estavam salpicados de sardas e as suas mãos eram fortes e ágeis. Era uma tarte de maçã humana.

A única coisa que lhe prometi foi um telefonema. Uma chamada, um contacto pessoal, nada mais. Essa conversa sobre a Cathryn Deen vir para aqui viver na casa da avó? Uma fantasia ingénua da Delta. A casa da Nettie é minha.

Exalei um longo sopro, bebi um revigorante gole de chá gelado, tão doce que a minha língua se encolheu, e marquei o número que os subalternos de Ravel me tinham enviado por faxe para o café. Teríamos sorte se Delta não fosse ignorada, insultada e repudiada. Não queria que ela sofresse. As pessoas que acreditam na bondade humana merecem proteção contra os que, como eu, não acreditam.

Ao fim de dois toques, estabeleceu-se o contacto com a outra extremidade do continente.

– Unidade de queimados – disse uma voz zelosa de mulher. – Segurança.

– Gostaria de falar com Cathryn Deen – pedi, com igual zelo. – Tenho o meu código de segurança pronto.

– Muito obrigada. Queira digitá-lo agora e prima em seguida o asterisco.

Digitei um número de dez algarismos e premi o asterisco. Soou um *clique*, a que não se seguiu qualquer toque, e outro *clique*.

– Unidade de queimados – exclamou uma mulher.

– Gerald Merritt.

– Mr. Merritt! Ainda bem que é o senhor. A sua mulher precisa muito que o senhor lhe ligue mais vezes. A psicóloga que a acompanha pediu-me para lhe transmitir que ela se sente

demasiado isolada. Como todas as vítimas de queimaduras graves, está a passar por uma série de problemas emocionais. Na qualidade de chefe da equipa de enfermagem, vejo-me obrigada a pôr em causa a sua decisão de proibir os amigos de lhe ligarem. Ela precisa de contacto com o mundo exterior. Que posso dizer para levá-lo a reconsiderar?

Não estava a contar com isto. Mentir a respeito da minha identidade para estabelecer contacto entre Delta e Cathryn Deen era uma coisa. Pedirem-me uma decisão sobre os privilégios telefónicos de Cathryn Deen era bem diferente. Por outro lado, era óbvio que o marido dela era um imbecil de primeira.

Delta acenou-me furiosamente. *Gerald*, murmurou ela, *é um cretino de todo o tamanho.*

Pois, está bem. Nisso estávamos de acordo.

Aclarei a garganta e, convicto, disse:

– Estou absolutamente de acordo com a sua preocupação a respeito da necessidade de mais contactos entre a minha mulher e os amigos e família. A minha mulher tem uma prima chegada na Carolina do Norte. Chama-se Delta Whittlespoon. A partir de agora, sempre que a Delta ligar, passe imediatamente a chamada.

– Excelente! Delta Whittlespoon. Estou a tomar nota. Vou-lhe dar um número direto para Ms. Whittlespoon usar. Comunica automaticamente com o quarto da sua mulher que recebe a chamada através de um altifalante. Quando eu passar a chamada, pode começar logo a falar.

Levantando um punho vitorioso no ar, Delta exclamou:

– Boa!

– Ótimo – disse eu acerbamente, esperando soar como Gerald. – Por sinal, tenho agora a Delta na outra linha. Transfira então esta chamada para o quarto da minha mulher e…

– Não podia ter ligado em melhor altura. Estão a mudar as ligaduras e estou certa de que a sua mulher precisa de ouvir a sua voz. Um conselho: prepare-se para os gritos. Todos os doentes gritam durante o processo de desbridação. Vou informar a sua mulher de que está em linha.

– Espere. Não… – *Clique*. Olhei para os olhos horrorizados de Delta. – Não consigo continuar a fingir…

Delta agarrou-me na mão.

– Tem de ser. A Cathryn precisa de ti. Está a ser des… qualquer coisa. Deve ser horrível.

– Ela precisa do marido.

– Thomas, não prestaste atenção? Ele não a visita. Nem sequer lhe telefona. Abandonou-a. Ela não precisa de um homem como ele; precisa de um homem como *tu*.

– Isto já ultrapassou todos os limites…

Clique.

– Gerald – implorou uma voz doce e tensa. – Ajuda-me.

Tudo dentro de mim se contraiu. Tudo se concentrou na dor daquela voz. De súbito, deixou de ter importância que eu não fosse o Gerald. Estava aqui e ele não. O cretino de todo o tamanho.

– Ajuda-me – repetiu. – Ajuda-me.

– Cathryn. – Tentei falar suavemente, com doçura. O senso comum evaporou-se. – Estou aqui, Cathy.

Do outro lado, silêncio. Um silêncio desolado. A minha voz seria assim tão diferente da do Gerald? Às tantas tinha usado um diminutivo que Gerald nunca usava. *Cathy*. Fiquei irritado comigo mesmo. À minha frente, Delta debruçou-se sobre o telefone e inclinou a cabeça, à escuta. Ouvimos o choque de metal contra metal. Instrumentos cirúrgicos a cair em bandejas. Cathryn. A gemer.

– Desculpa, não te estou a ignorar – murmurou por fim. – Tive só um momento de fraqueza quando a enfermeira estava… não consegui pensar direito. – Nesse momento, ouvi um som inesperado. O riso dela. Gutural, dilacerado. Um grito de guerra. – E eu que pensava que a depilação das virilhas era dolorosa. – Outro ruído metálico.

Em segundo plano, uma enfermeira pediu-lhe:

– Cathryn, respire fundo. Vou agora raspar esta área sensível. Vai sangrar. É normal.

– Oh, meu Deus – sussurrou ela. – Nada é *normal*.

Senti a minha própria respiração retalhar-me a garganta.

– Respira, Cathy. Respira. Devagar. És capaz.

Ela gemeu de novo e voltou a rir-se, mas o riso acabou num arquejo.

– Desculpa. Estou a ser uma… cobarde.

– Não, querida – retorqui. Querida. Delta sorriu-me orgulhosa. Franzi a testa. Estava metido numa grande confusão mas não conseguia parar. – És uma mulher forte, Cathy. Uma sobrevivente. Não és nenhuma cobarde. Fala comigo… querida. Conta-me o que se está a

passar.

– Este processo chama-se… desbridação. Devia chamar-se… tortura. – Outro som leve, dilacerante. Outra gargalhada triste. – Ou morticínio. Ai, parem, parem um momento. Parem. Por favor. Estou enregelada. – Estava a bater os dentes.

– Está bem, vamos fazer uma pequena pausa – disse a enfermeira. – Vou inclinar estas lâmpadas um pouquinho. Não a posso tapar com o lençol antes de terminarmos. Pronto. Está mais quente?

– É como apanhar banhos de sol… numa praia de nudistas… horrorosa.

O suor escorria-me pela testa, registando o que Cathryn estava a dizer. Estava ali deitada nua, a sangrar, com secções de pele em carne viva. E pensava que estava a partilhar aqueles momentos de infelicidade íntima e humilhante com o marido dedicado.

E devia estar. Onde estava o sacana?

– Gerald? – gemeu. – Por favor tenta… visitar-me… esta semana. Eu sei que estou com um ar um pouco assustador mas…

– Continuas a ser a mulher mais bela do mundo. – As palavras impulsivas foram ditas numa voz baixa e rouca. Como se estivesse a ser sincero.

E estava.

Ela soltou uma espécie de lamento.

– Nunca imaginei… que voltarias a dizer isso. Amo-te.

– Eu também… – *não digas nada, estás a ir longe de mais* – te amo.

Mais sons dilacerados. Tinha-a feito chorar. Estava a chorar porque o marido disse que a amava. Porque pensava que o marido tinha deixado de a amar.

Delta deu-me um soco no braço para me chamar a atenção. *Eu*, murmurou ela. *Fala em mim.*

– Cathy, tenho aqui alguém muito especial comigo. Pode parecer-te um pouco estranho porque há muito tempo que não falas com nenhum familiar ou amigo da tua mãe, mas uma prima tua afastada contactou-me, da Carolina do Norte, e…

– Olá, Cathryn Mary Deen – gritou Delta. – Cathy Deen, sou a tua prima Delta e era uma das melhores amigas da tua mãe e, da última vez que vieste visitar a tua avó Nettie, quando eras menina, passei por lá com o meu filho Jeb e tivemos um almoço maravilhoso contigo e com a tua avó. E só quero que saibas, Cathy…

– Biscoitos! – declarou Cathryn.

– Biscoitos – repetiu Delta. – Eu faço e vendo os biscoitos da tua avó.

– Biscoitos. – O tom era melancólico e insistente, a ligação estava estabelecida. A palavra mágica.

– Tenho muita pena, Cathryn – interrompeu a enfermeira. – Tenho de começar a limpá-la outra vez. Tente relaxar. Respire fundo.

– Depressa, Delta, fala comigo – suplicou Cathryn. – Fala-me dos biscoitos da avó Nettie. Da Carolina do Norte. Da casa dela. Ainda está de pé? Ajuda-me a pensar noutra coisa que não seja ser desbridada. Biscoitos. Biscoitos. Não fazes ideia do que significam para mim. Quero saber tudo sobre a avó Nettie e os biscoitos dela e sobre ti e sobre Crossroads e…

– Sim, claro. – Os olhos de Delta cintilaram de triunfo. Lançou-se num discurso fervoroso sobre o café, o menu, o segredo dos bons biscoitos, a arte de uma crosta estaladiça. Cathryn não disse uma única palavra depois disto, mas os sons surdos de angústia que emitia e as suas gargalhadas dolorosas pontuavam as histórias de Delta, juntamente com o ruído metálico dos instrumentos da enfermeira e o som grave e molhado de gaze ensanguentada a cair numa bandeja.

Permaneci ali sentado, de cabeça baixa e olhos fechados.

Não faz qualquer sentido dizê-lo, mas apaixonei-me por Cathryn Deen nesse dia. Numa tarde de semana no café, à luz do sol revigorante da primavera, fazendo-me passar pelo marido dela, sob os octógonos psicadélicos de uma manta de retalhos Ananás e ao telefone. Tinha-me enganado a seu respeito. Ela era forte, inteligente, dava valor às heranças e à família. E eu dava-lhe valor por isso.

Todos os doentes gritam durante a desbridação, dissera a enfermeira.

Cathryn Deen não.

Cathy não.

Cathy

São estranhas as conversas que tenho comigo mesma, dormitando num torpor induzido pelas drogas, depois de ter estado deitada numa marquesa de metal, nua, debaixo de lâmpadas de calor, enquanto uma enfermeira raspa sítios onde dantes havia pele.

Agora sou uma mulher. Gerald disse que eu era uma mulher. Nunca tinha dito que eu era uma «mulher». Sempre uma rapariga. Uma rapariga bela. Uma rapariga sensacional. Talvez «mulher» seja o único termo que é agora verdadeiro. O tratamento afetuoso por falta de alternativa.

Não, o tom foi elogioso. Ele pareceu falar com sinceridade.

Nem parece dele.

Tratou-te por «Cathy». Tão íntimo e doce.

Ele odeia diminutivos. Os seus colegas no internato tratavam-no por «Gerbil».

A voz dele era tão terna. Como um bálsamo tépido. Profunda, calmante, compassiva.

Gerald não é assim, compreendes?

Ama-te. Foi o que disse.

Então porque é que não te visita? Porque é que não te telefona?

Mas telefonou. E deu-te uma prenda. Delta Whittlespoon.

Sim, tens razão. Ele ama-me.



– Ms. Deen, temos uma encomenda para si – disse uma enfermeira. – Correio expresso, UPS, de uma Delta Whittlespoon, da Carolina do Norte. Quer que lha abra?

– Da Delta! – Premi a perfusão de morfina, esperei que a dor se atenuasse um pouco mais e levantei ligeiramente a cabeça. Trajando o habitual vestuário antisséptico, a enfermeira pousou uma grande caixa de cartão na mesinha de cabeceira, cortou a fita e abriu a tampa. O meu coração repeliu uma intravenosa de ansiolíticos e tremeu de expectativa. Delta. A prima do marido da minha prima. Mesmo quando não estava sedada nem traumatizada, apenas recordava vagamente uma mulher pequena e alegre, de cabelo escuro, que visitara a minha avó quando eu lá estava. Nas presentes circunstâncias psicotrópicas, o meu cérebro apenas evocava Delta como uma essência. Ela era um biscoito.

Um biscoito apetitoso e reconfortante. Uma maravilha.

A enfermeira mostrou vários objetos.

– CD de música – anunciou. Passou-os em revista. – Bonnie Raitt, Rosanne Cash. E… as *Log Splitter Girls*?

– As minhas novas favoritas!

– As *Log Splitter Girls*?

O meu cérebro turvo não era capaz de encontrar uma explicação. Franzi a testa enquanto relembrava as muitas coisas fascinantes que Delta me dizia sempre que telefonava. Como ligava duas vezes por dia, com uma precisão infalível, durante as minhas sessões de desbridação, e falava incessantemente para me distrair, eu tinha muita informação para organizar. Uma das vizinhas de Delta, uma mulher, cultivava árvores de frutos vermelhos. No tempo livre, ela e a companheira compunham canções e tocavam guitarra acústica numa banda de raparigas. As *Log Splitters.*

– São lésbicas – disse eu finalmente à enfermeira. – Músicas lésbicas. Ah, e… cultivam árvores de frutos vermelhos.

Ela pousou os CD.

– Quem teria imaginado? Com um nome como *Log Splitter Girls*. – Em seguida, tirou da caixa dois recipientes, fechados com muita fita e isolados. – Estes parecem conter qualquer coisa de perecível. Um está embrulhado num saco isotérmico.

– Isotérmico. Gosto.

Cortando a fita, levantou a tampa de um copo, aproximou-o da máscara facial e cheirou.

– Tem uma substância viscosa branca. Eu não como produtos lácteos, mas pelo cheiro esta gelatina branca parece conter leite. Que horror!

Levantei a cabeça uns bons cinco centímetros da travesseira.

– Biscoitos com creme!

Ela pousou o copo, abriu a tampa da caixa, encolheu os ombros ao ver o conteúdo e inclinou-a para eu examinar.

– Biscoitos.

– Biscoitos! – Doía-me o corpo todo com a excitação. Voltando a cair sobre a travesseira, ofeguei. – Parta um bolinho em bocadinhos. Mergulhe-os no creme. E dê cá.

– Mas estão frios.

– Ótimo. Não quero nada quente. Isso acabou.

Ela calçou luvas esterilizadas novas, preparou-me um pequeno prato de biscoitos desfeitos

com colheradas de creme frio em cima e deu-mo. Meti a mão esquerda no prato, peguei, aturdida, num pedaço de biscoito com creme e, arrastando os tubos intravenosos como se fosse um ciborgue queimado do sol, meti a comida à boca. A enfermeira susteve a respiração e apressou-se a pôr-me uma toalha debaixo do queixo. Choveram nela migalhas de biscoito e gotas de creme frio. Eu mastigava alegremente entre lágrimas.

Agora estava menos só. Tinha Delta Whittlespoon e Bonnie e Rosanne e as *Log Splitter Girls* e os biscoitos da avó Nettie.

A verdadeira comida sulista.

Capítulo 5

Thomas

A Sentina

Mentiste à Cathy Deen. Enganaste-a. A esta hora, ela já percebeu. Às tantas pensa que não passas de mais um que a quer explorar. Como é que pudeste deixar a Delta convencer-te a fazer essa chamada?

Meio nu e de ressaca, armado apenas de uma escova de dentes e desodorizante, combati um bestiário de mágoas e uma latrina cheia de animais selvagens. Em cores primárias.

Quase tudo no café era uma remodelação ou um acrescento, incluindo a casa de banho exterior que se projetava de um recesso junto do alpendre lateral. No interior também havia casas de banho, mas a Sentina das Belas-Artes, como toda a gente lhe chamava, era um marco e um museu de arte popular dotado de canalização.

A Sentina das Belas-Artes datava da década de 1940, quando os pais de Delta construíram a mercearia de troncos ao lado da casa de lavoura e instalaram bombas de gás no pátio da frente. Nesse tempo, a Sentina atraía viajantes cansados com a sua sanita com descarga e luzes elétricas, coisas raras nas montanhas. Podia dizer-se que a Sentina foi a primeira atração turística moderna do Vale. Agora era uma lenda pitoresca e uma inspiração da arte popular.

Eu estava na Sentina a lavar baba de bode da cara depois de uma noite a dormir com o *Banger* na carrinha, quando Delta bateu à frágil porta. O ferrolho saltou do caixilho, o que acontece quando se bate numa porta com sessenta anos decorada com lagartos verdes com olhos cor-de-rosa. Pensei em meter-me no recesso da retrete com as trutas e os perus mas, como estava apresentável – com *jeans* e uma abundante barba que me cobria o peito nu –, não arredei pé, franzindo o sobrolho à Delta.

– Era menino para gritar e corar, mas estou com uma ressaca – afirmei imperturbável.

– A Cathryn recebeu a encomenda de mimos. Adorou!

– Estás a dizer que ela não percebeu que era eu ao telefone e não o marido?

– Não! Acreditou em tudo o que disseste! A partir de agora, vou-lhe mandar uma encomenda todas as semanas. Biscoitos com creme e presentes. Tens de me ajudar a descobrir outras maneiras de a animar.

Na opinião de Delta, as pessoas acabavam sempre por se animar. Meti a escova dos dentes no estojo da barba e respondi calmamente:

– Pode ser que lhe consiga arranjar uma máquina do tempo no *eBay*.

– Não, mas podes arranjar um telefone e voltar a ligar-lhe.

Paralisei.

– Não abusemos da sorte.

– Não há mal nenhum em dizer uma boa mentira num mau momento.

– Vou fazer queixa de ti à Cleo. Ela tira-te logo a pulseira *Que Faria Jesus?*

– Que mal tinha fazeres-te passar pelo Gerald?

– Não é justo para ela. Se o marido é um cretino, é um cretino. Até podia piorar a situação dela.

– A situação dela pode ser pior, Thomas? Ela está de rastos. Mal consegue articular uma frase inteira… está a tomar imensos medicamentos… mas balbuciou qualquer coisa a respeito de o marido ser fantástico por nos ter posto em contacto. Thomas, qual é a desse bruto insensível?

– Às tantas está lá, visita-a e telefona-lhe, e ela está simplesmente confusa.

– Mesmo uma mulher sob o efeito de drogas sabe quando o marido a abandonou. Thomas, por favor…

– Não. Ela vai acabar por descobrir e vai ficar magoada porque um estranho lhe invadiu a vida e abusou da sua confiança. Há de pensar que eu sou um vigarista qualquer. – Hesitei, olhando sombriamente para Delta. – E, provavelmente, vai pensar o mesmo de ti.

Delta susteve a respiração. Nunca se tinha lembrado dessa hipótese.

– Valha-me Deus.

– Desculpa. Não fazes ideia de como gostava de ajudá-la. – Reconsiderando, corrigi: – É que quero a casa da Nettie.

– Leste as revistas cor-de-rosa desta semana? Só falam de horror, tragédia e mutilação e quem ler pensa que a Cathryn já não vale nada! E os apresentadores de televisão andam a debater «a cultura da beleza» e «a cultura da fama». Andam todos a mostrar imagens do vídeo desse fotógrafo nojento ao mesmo tempo que torcem o nariz e se fingem escandalizados!

– Nada do que se vende como «notícia» me surpreende – retorqui calmamente. – É tudo uma questão de vender melodrama e ganhar dinheiro. E de propaganda para a causa política do dia.

– Há comediantes em alguns dos programas de rádio da manhã que fazem pouco dela. Sabes o que disse um desses imbecis? Disse: «Enfiem-lhe um saco na cabeça. Não faz sentido perder um rabo tão jeitoso.» Porque é que os homens dizem coisas destas?

– Eu não digo coisas dessas. O Pike não diz coisas dessas. Nem o Jeb, nem o Bubba. Nem o meu irmão. Não nos metas a todos no mesmo saco.

– Eu sei, eu sei! Mas não entendo os que dizem coisas dessas sobre as mulheres!

– São idiotas. Usam a boca pela mesma razão que os macacos guincham e batem no peito. Porque se sentem vulneráveis na presença das mulheres e querem que elas sejam submissas. – Tentando aligeirar a minha diatribe, apertei a camisa contra o peito nu. – Por falar em vulnerabilidade e submissão, estou aqui a precisar de uma certa privacidade.

– Sentes-te ameaçado pelas mulheres?

– Absolutamente. Mas o meu velho criou-me a mim e ao meu irmão para deixar as raparigas bater-nos e não responder na mesma moeda.

– Grande homem! Gostava de o ter conhecido. Um cavalheiro. Os homens deviam respeitar as mulheres! Nós somos tudo o que eles têm!

– As mulheres podem ser tão cruéis como os homens. Esse tratamento obsceno que está a ser dado à Cathryn não tem a ver com política sexual. Tem a ver com ciúmes e dinheiro e poder e os suspeitos do costume. A sociedade coloca as pessoas extraordinárias num pedestal. E depois deita-as abaixo.

– Isso não quer dizer que seja justo.

– Será preciso dizer? «A vida não é justa.»

– Como é que ela se vai sentir quando sair do casulo e se aperceber de que é o alvo mais recente de chacota? E de que há gente para aí que *rejubila* com o que lhe aconteceu? Gente que está a ganhar dinheiro com isso! Custa-me a crer que esse fotógrafo tenha sido ilibado. Claro que ela ia a conduzir depressa de mais, mas ele ia *atrás* dela!

Delta abanou a cabeça e afastou-se, batendo com a porta. Vesti a camisa e depois passei alguns

momentos à procura de um novo sítio onde aparafusar o ferrolho no caixilho esburacado da porta. As palavras dela ecoavam-me na cabeça. Detestava o que estava a acontecer a Cathy e não sentia simpatia nenhuma pelos homens, sobretudo no tocante à sua disponibilidade para pilotar aviões comerciais, cheios de pessoas inocentes, contra edifícios altos demasiado cheios de pessoas inocentes. Às tantas devia seguir o sacerdócio. Podia pregar sobre a natureza pérfida do homem. *Aleluia*. Contudo, duvidava que os fiéis quisessem ouvir o que eu tinha a dizer.

Porque é que Deus deu a Cathy todos os dotes que uma pessoa pode desejar e depois lhos sonegou como se fosse uma brincadeira de mau gosto? Porque é que deixava morrer crianças de maneiras horrorosas? Porque é que Deus, o universo, o azar puro e simples – seja o que for que se lhe queira chamar – se abateu sobre Cathy Deen com tamanha violência, como se tinha abatido sobre Sherryl e Ethan? Sim, deixem-me pregar. Diria às pessoas que Deus se estava nas tintas.

Se Deus existia, se tinha um plano para Cathy e para mim, teria de nos dar uma ideia sobre o que fazer a seguir.

Cathy

Dia de festa na Terra das Atrizes Tostadas. Podia sentar-me. Enfim, parcialmente. E, em lugar de estar nua, estava com uma bonita e elegante bata de hospital, num estilo cativante, que cobria quase todo o lado intacto do meu corpo, cuja pele agora descamava como numa insolação de todo o tamanho. Lentamente meti à boca uma colherada da última remessa de biscoitos da Delta, olhando para a milésima reposição do *Titanic*. Tinha mais filmes para ver, mas ganhara uma forte afeição a icebergues e água. Tudo molhado e fresco. Não há incêndios no *Titanic*.

Entrou uma enfermeira.

– Não quer aquecer um pouco essa comida?

– Não, obrigada. – Também tinha adquirido uma pequena mania em relação a comida quente. Não a comia. Não queria calor, fosse sob que forma fosse, perto do meu corpo. Até agora, havia conseguido iludir os psiquiatras do hospital. Estavam sempre a avisar-me de que os medos irracionais eram comuns, mas eu tartamudeava constantemente que o molho frio era uma iguaria do Sul. *Ah, enganei-os*.

– Tem uma visita – disse a enfermeira, tirando-me o prato da mão.

Gerald, pensei. *Finalmente*. Levei instintivamente a mão esquerda à cara para verificar a

maquilhagem e alisar o cabelo, mas a mão não ia muito longe antes de ficar imobilizada na ponta de um tubo.

– Que tal é que estou? – perguntei expedita à enfermeira.

Ela olhou para mim por cima da máscara.

– De dia para dia melhor.

Ah, palavras *saborosas*.

Ela abriu a porta, permitiu que uma pessoa estranha de uniforme antisséptico entrasse e deixou-nos à vontade. Pestanejei e franzi a testa. A pessoa estranha ficou do outro lado do quarto como se eu a pudesse contagiar.

Não era o Gerald. Esta pessoa de máscara e bata tinha pernas de mulher e usava rímel. Trazia uns papéis num envelope de plástico transparente. O que eu via da cara da visitante, em redor dos olhos e na testa, por baixo da touca esterilizada, era mais branco do que os lençóis da minha cama e reluzia de suor. Mas os olhos não vacilavam. Olhos de tubarão. Meu Deus!

– Ou é uma agente – afirmei pausadamente –, ou uma advogada.

– Sou advogada, Ms. Deen. Da equipa legal de Mr. Merritt.

– Não a conheço.

– Nunca fomos apresentadas. Sou… especialista. – Oh, meu Deus. A mulher deu uns passos em frente, retirando um documento do envelope. – Antes de mais, Mr. Merritt autorizou-me a transmitir-lhe a seguinte mensagem pessoal. – Aclarou a garganta.

Cathryn, eu e tu tínhamos uma relação baseada em quem eras e no que eras. O nosso contrato de casamento foi por conseguinte anulado. Decidiste conduzir de uma forma irresponsável. Decidiste conduzir esse embaraçoso carro desportivo de qualidade inferior, apesar dos meus insistentes pedidos para que considerasses a tua imagem pública. Decidiste deixar os teus guarda-costas, negligenciando por completo a tua proteção e o meu investimento no teu futuro. Sinto muito, mas violaste a minha confiança e agora tens de aceitar as consequências.

A advogada voltou a guardar a mensagem no envelope e olhou firmemente para mim por cima da máscara.

– De acordo com a lei californiana sobre as condições de um divórcio amigável e incontestado e as disposições da sua convenção antenupcial assinada de mútuo acordo, Mr. Merritt vai apresentar o pedido de divórcio. Já notifiquei o seu advogado. Aqui tem uma cópia da ação. –

Colocou o envelope de plástico em cima da arrastadeira na mesa para os tabuleiros. – Tenha um bom… sinto muito.

Saiu.

O homem que me jurou amor eterno, perante Deus, um pastor ordenado e quinhentos dos nossos melhores amigos, numa cerimónia numa praia privada no Havai, declarava agora que eu era um investimento inútil.

Talvez tenha razão. A culpa do acidente foi minha. Sou feia e mereço ser punida.

Ao fim de algum tempo, apercebi-me de que estava a mexer um pouco a mão boa, dando suaves palmadinhas nas partes do meu corpo a que conseguia chegar e que se resumia à minha anca esquerda. *Pronto, pronto. Tudo se há de compor*.

Nem eu acreditava em mim.

Thomas

O fim de semana da Páscoa representou o início não oficial da época turística da primavera nas montanhas e o café transformou-se num manicómio.

– Deus não ressuscitou dos mortos para esta gente poder ir acampar! – gritou Cleo pegando em pratos cheios e voltando para as salas de jantar.

Delta sorriu mexendo um grande tacho.

– O Senhor compreende a necessidade de comungar com a natureza e comer a minha comida.

Quando eu enchi uma bandeja com pratos levantados das mesas e comecei a carregar a máquina de lavar louça, Pike entrou. Atirou o chapéu de xerife para cima de uma pilha de panelas lavadas e começou a ajudar Becka e Jeb a empilhar tartes de pêssego numa caixa. Alguém no novo clube de golfe em Turtleville ia fazer um piquenique de Páscoa.

– Partida de póquer sábado às nove da noite em ponto no meu escritório – anunciou Pike aos membros da brigada do póquer. – Coelhinhos da Páscoa de chocolate de borla para toda a gente. – O «escritório» do Pike era um velho atrelado de obras nas traseiras. As suas características principais eram uma mesa de póquer, um velho frigorífico cheio de cerveja e um alpendre de madeira ao longo da parte de trás onde os convidados podiam cuspir, fumar e urinar como homens numa pilha de lenha. Por outras palavras, era perfeito.

– Quanto é que te ganhei na semana passada? – perguntei.

Pike resmungou.

– Duzentos e cinquenta dólares e cinquenta e dois cêntimos. Aceitas outro vale?

– Não e quero dois coelhos de chocolate. Adiantados.

– Alguém que ponha essa televisão mais alto – ordenou Delta, tirando um grande tabuleiro de biscoitos do forno. – Está quase na hora do *Entertainment Tonight*. Às vezes falam do estado da Cathryn. Ela recusa-se a ver. Prometi-lhe que lhe dizia se dissessem alguma coisa estúpida.

– Alguma vez dizem alguma coisa que não seja estúpida nesses programas de mexeriquice? – atalhou Jeb, esquivando-se quando a mãe lhe atirou um biscoito. Ele apanhou-o e retirou-se para um canto para o comer.

No café, nunca se desperdiçavam biscoitos, mesmo quando eram usados como armas. Ao almoço e ao jantar, Delta servia-os com manteiga fresca e mel ou creme. Ao pequeno-almoço, distribuía-os com molho de carne cremoso cheio de pedacinhos de chouriço picante. Se Deus existe, serve-os no céu. Sem chouriço para os anjos *kosher* e os vegetarianos.

– Thomas, as mesas sujas não esperam que acordes da ressaca – gritou Delta enquanto eu dispunha metodicamente mais pratos na máquina da louça. – Despacha-te.

– Não sou pago para aguentar tanta pressão. Aliás, não sou pago, ponto final.

– Comes à borla e tens a companhia de pessoas que gostam de ti tal como és. É a tua paga, meu menino. – Estendeu-me um biscoito.

Uma mão negra intersetou-o.

– Obrigadinho, Ms. Delta – disse Anthony, o homem da UPS, que tinha acabado de entrar pela porta das traseiras. – Podes comer as minhas migalhas, branquinho.

– Estás de uniforme. Não é contra as regras comer o meu biscoito em serviço?

– Fiz a minha última entrega em Turtleville há meia hora. Assim que a Delta me preparar a comida para levar, vou para casa em Asheville. Hoje prometi à minha mulher um jantar aqui do café.

– Dava-nos jeito mais um parceiro para o póquer este fim de semana. E há coelhinhos de chocolate.

– Pergunta-me no sábado. A minha mulher vai visitar a mãe em Detroit.

– Talvez te guarde um biscoito. Ou talvez não. Depende se vier a receber a minha parte.

Delta atirou-me um pano da louça.

– Caluda. Está a começar o programa. – Premiu o telecomando e a televisão da cozinha começou de repente a passar o tema de abertura do programa em altos berros.

– Esta noite temos novos desenvolvimentos na trágica história de Cathryn Deen – anunciou. – O marido, com quem estava casada há um ano, pediu o divórcio e segundo últimas informações Cathryn foi transferida para os Cuidados Intensivos com uma infeção. Os médicos classificam o seu estado como grave.

Delta imobilizou-se. Eu também. Quando se virou para olhar para mim, tinha os olhos repletos de lágrimas.

– Vai morrer – disse Delta.

Abanei a cabeça.

– Só se eu não puder fazer nada.

Cathy

Agora o mundo inteiro sabia que o Gerald me tinha deixado.

O mal-estar que se apodera de um sobrevivente a queimaduras, poucas semanas depois de iniciar tratamento, já de si seria suficientemente mau sem ser abandonado por um ente querido. Estava a ser tratada por equipas de médicos como se fosse um animal de laboratório, a perder a noção do tempo com as drogas, privada de espelhos, a começar a pensar que não existia. Junte-se a isto tudo a rejeição do homem que jurou amar-me para sempre e, de repente, evaporava-me.

Sentia-me… eclipsada.

Estava ali deitada num torpor, nessa tarde anterior à Páscoa, o meu cubículo nos Cuidados Intensivos silencioso e às escuras, o meu espírito vagueando entre recordações dolorosas do Gerald e sonhos estranhamente coloridos, quando um homem falou comigo, uma voz vinda do éter do altifalante.

– Cathy – disse ele em voz baixa –, chamo-me Thomas e vou-te descrever o pôr do sol hoje na montanha de Hog Back, tal como o vejo no alpendre da casa da tua avó Nettie.

A voz era profunda, ressonante e vagamente familiar. Já a teria ouvido antes? Transmitia-me conforto.

– Olá, Thomas – respondi, sem abrir os olhos. Não era necessário pedir uma apresentação formal. Não sei porquê, mas conhecia aquela voz. – Não estou a ter um dia nada bom.

– Eu sei, querida.

– Não compreendo o que se passa. Porquê eu?

– Dantes pensava que as coisas más só aconteciam a pessoas más. Mas não acontecem.

– Eu mereci isto? Não percebo o que é que fiz de mal.

– Não fizeste nada de mal, Cathy.

Talvez eu estivesse apenas a imaginar esta voz. Talvez fosse um anjo que estivesse a falar comigo. Não se deve ignorar um anjo.

– Como é que podes ter a certeza? – perguntei.

– Sou um entendido em matéria de culpa.

– Diz-me porquê.

– A minha mulher e o meu filho morreram num acidente. Houve coisas que eu podia ter feito de maneira diferente e que podiam tê-los salvo. Ou pelo menos ter salvado o meu filho. Nessa manhã, devia ter ficado a tomar conta dele, mas tinha um prazo a cumprir. Eu e a minha mulher discutimos sobre que planos eram mais importantes, os meus ou os dela. Insisti para que ela o levasse.

– Oh, Thomas. Lamento muito.

– Sempre acreditei que as pessoas que amava estavam protegidas dentro de um casulo mágico, só porque as amava. Se Deus existe, não deixaria nada de terrível acontecer-me a mim ou aos meus. Eu era boa pessoa. Se nunca tinha feito deliberadamente mal a ninguém, porque é que Deus havia de me fazer mal a mim? Depois aconteceu uma coisa má, *sim*, tão terrível que nunca imaginei que pudesse acontecer. Tudo em que acreditava a respeito do destino, da sorte e da justiça evaporou-se. Desde então, sinto-me como se estivesse entre as ruínas de uma casa em que vivi toda a vida.

– Vazio. Um vazio total. Eu compreendo.

– Não sou padre, não sou filósofo, não sou terapeuta. Mas tenho passado muito tempo a tentar compreender por que razão as pessoas sofrem. Os budistas dizem que a ideia não é explicá-lo,

mas aceitar e ver o que de bom pode vir daí para nós e para os outros.

– Os budistas veem… sempre o lado positivo.

– É isso mesmo. E os muçulmanos acreditam que o sofrimento é um teste divino por que todos temos de passar. Enfrentamo-lo com esperança, paciência e coragem? Dizem eles que sem sofrimento não haveria uma via para a salvação.

– O Islão… não é para gente medrosa.

– Nem mais. Não há aí margem para ambiguidades.

– Os episcopalianos… para canapés não há melhor.

– O quê?

– Tive uma educação episcopaliana. Porque… as minhas tias diziam… que os episcopalianos são mais respeitáveis que os unitários e… servem melhores acepipes.

Thomas, o meu misterioso confidente, emitiu um som. Através do nevoeiro das drogas e da apatia, apercebi-me de que era uma gargalhada. *Fi-lo rir*. Imagine-se. Talvez uma parte de mim ainda fosse charmosa.

– Fala – insisti. – Continua a falar.

– Muito bem. Ora vejamos. Os católicos, por exemplo, dizem que os desígnios de Deus são insondáveis e que, para compreendermos a natureza do sofrimento, temos de ser obedientes. Não submissos e indefesos, mas da raiz latina da palavra, *obedire*. *Ouvir*. O meu pai mandou-nos, a mim e ao meu irmão, para uma escola católica. É por isso que posso dizer-te com conhecimento de causa que, se não dermos ouvidos a uma freira, ela demonstra o significado da palavra «obediente» e a gente *sofre*.

Consegui esboçar um sorrisinho.

– Tem graça – murmurei.

– Não tinha muita graça quando a irmã Angela me atirava borrachas à cabeça. Tinha um braço como o Roger Clemons.

– Astros.

– Gostas de basebol?

– Clemons, Roger. Ganhou o prémio Cy Young, lança uma bola curva incrível. O meu pai costumava levar-me a jogos. O único interesse que tínhamos em comum.

– Vamos a um jogo quando ficares boa. De acordo?

– De acordo. Até lá, conta-me alguma coisa que me anime.

– Quando perdemos tudo – disse ele devagar –, ficamos cegos. A única coisa que podemos fazer é ficar sentados no escuro à espera que a luz volte. Infiltra-se um raio aqui e ali, o suficiente para nos manter vivos. O nosso dever é ter fé em que a luz se torne mais intensa.

– Eu estou cega. Neste momento, estou completamente cega.

– Eu sei, mas não podes desistir.

– Porque não?

– Porque temos marcada uma ida a um jogo de basebol.

– Ah, certo.

– Ouvi-te sorrir.

– Um sorriso torto. O lado queimado dói-me.

Por alguns segundos, ele ficou calado. Depois, disse bruscamente:

– Prometi que te descrevia o pôr do sol do alpendre da tua avó. Estás pronta?

– Estou. Pôr do sol. Ajuda-me a visualizar.

– Estou sentado nos degraus de pedra. São de granito muito cinzento com veios de quartzo branco. As pedras centrais estão gastas pelos pés das pessoas. As exteriores completamente cobertas de musgo verde dos lados. Crescem pequenas flores silvestres amarelas na base dos degraus e nas fissuras das pedras do alpendre. Todo o quintal está banhado por um delicado tom de dourado.

– Ah!

– Os grandes carvalhos em redor da casa cobriram-se finalmente de folhas. Mas ainda têm as tonalidades da primavera. Em junho, serão verde-escuras. Os carvalhos devem ser centenários, todos eles. O tronco do maior é tão grosso que duas pessoas não conseguem unir os braços em volta. O telhado está a precisar de mais sol… há pontos em que cresce musgo, no tempo húmido de verão… mas as árvores compensam isso. Mesmo durante os dias mais escaldantes de agosto, o quintal e a casa são frescos e com sombras.

»Há um abrunheiro velho e enorme no pátio e, neste momento, está coberto de flores cremes. Há um mês as árvores na orla cobriram-se de flores brancas, por volta da altura em que o

açafrão floriu. Havias de ter visto o quintal da tua avó com centenas de minúsculos crocos púrpuras numa fina camada de neve. As azáleas selvagens estão agora a florir. Não sei quantas a tua avó plantou inicialmente na borda do quintal da frente mas, ao longo dos anos, multiplicaram-se e agora há centenas. São lindas, com trombetas amarelas da cor da gema de ovo. Por todo o lado. E há dois arbustos gigantes de *forsythia*. Enormes. Carregados de flores amarelas.

– És… um entendido em flores e arbustos. És jardineiro?

– Não, mas fiz algum trabalho que exigiu conhecimentos rudimentares de paisagismo.

– Deves ter coração de poeta. Pela maneira como descreves as coisas. Lindo.

– Não. Mas os pormenores fascinam-me.

– Então continua a descrever-mos. Adoro ouvir.

– Muito bem, vejamos. Mais para o fim do ano, os hibiscos-da-síria no quintal lateral da tua avó vão florir. Havias de ver as abelhas que atraem. Estou a olhar ao longo da vereda do quintal da frente, para um rio verdejante que desce pela colina. Cortei o velho arame farpado das estacas. Estava enferrujado e partido em certos sítios, um risco para os veados que pastam por aqui.

»A vereda de pastagem arrasta os olhos até à montanha de Hog Back que é um prolongamento das Ten Sisters em redor do Vale de Crossroads. Os recôncavos e os pequenos vales enchem-se de sombras azul-escuras na encosta da montanha e uma neblina branca eleva-se ao fim da tarde, como agora.

– Mágico – sussurrei.

– Lá está, a luz começa a desvanecer-se. Os dourados, os azuis e os rosa estão a ser absorvidos pelas árvores, pelos picos e pela terra. É fabuloso ver o sol a pôr-se sobre Hog Back. Transmite uma sensação de que todo o universo está seguro dentro da montanha até amanhecer.

– Seguro – sussurrei.

– Vou mandar-te fotografias da casa da tua avó. E também fotografias de tudo e todos no Vale. Olha para elas, memoriza todos os pormenores, acredita no que vês. É um lugar especial. Promete-me que ficas boa e que vens aqui ver o pôr do sol do alpendre da tua avó. Promete-me, caramba. Não desistas.

– Prometo – sussurrei. – Continua a falar, por favor. Estou a ser… absorvida pela montanha. Adoro a sensação.

– Ótimo. Agora dorme. Combate essa infeção. És capaz.

Ele chama-se Thomas, pensei ao adormecer, *e eu adoro a maneira como ele me vê. Deve ter olhos muito belos.*

Thomas

Meti o telefone no bolso de trás e encostei-me ao arco de pedra do alpendre frontal de Mary Eve. Naquele alpendre, no meio da floresta, senti-a ao meu lado. *Pois bem, Mary Eve, mantive a tua casa viva. Agora ajuda-me a manter a tua neta viva. De acordo?*

O último raio de luz saudou-me sobre Hog Back.

Capítulo 6

Thomas

Macacos de Pedra Batistas

Durante a evolução negativa de Cathryn, três homens pararam um carro alugado no parque de estacionamento do café, armados de câmaras. Eu encontrava-me por coincidência na mercearia a comprar querosene e comida enlatada: a essência da vida na minha cabana. Os estranhos perguntaram a toda a gente onde vivia a avó de Cathryn Deen. Delta não estava presente para mobilizar uma resposta diplomática ou pelo menos *unificada*.

– A casa da Nettie ardeu aqui há anos – respondeu Bubba McKellan, o irmão de Delta, aos visitantes, sem levantar os olhos da sua bancada de oleiro.

– Foi vendida a dois motoqueiros de Nashville – respondeu Cleo, atirando embalagens de tomate vazias para o contentor do lixo atrás do café. – Transformaram a quinta numa dessas escolas de sobrevivencialismo. Têm montes de armas. E cães enormes e ferozes. Louvado seja Deus.

– A casa foi alugada por um bando de nudistas – afirmou Becka, separando correspondência no guiché da estação dos correios, localizada no interior da joalharia do Jeb. – O pessoal de fora não consegue aproximar-se da casa. Esses nudistas são uns tipos duros quando as pessoas invadem a privacidade deles.

Sobrevivencialistas nus a viver numa casa incendiada. É lógico que os visitantes não ficaram convencidos. Vieram ter comigo quando eu estava a colocar um caixa de latas de fiambre de conserva com legumes enlatados, querosene, uma embalagem de dez rolos de papel higiénico, uma caixa de *vodka* que o Jeb me tinha comprado em Asheville e um saco de quilo de sêmola de milho. Quando se adota a sêmola como parte da dieta, é-se um sulista. Altera o nosso código genético.

Os visitantes sorriram ao ver as minhas compras ecléticas.

– Eh, meu, deves ser um homem experiente – disse um deles.

Meu, eh? Os outros olharam para mim como se esperassem que o meu primo albino aparecesse a qualquer momento e começasse a dedilhar um banjo. Ao fim de quase quatro anos nas montanhas, eu era capaz de afetar um sotaque montanhês decente… ou pelo menos uma imitação manhosa, tipo filme da semana. Suficientemente bom para enganar parvalhões ignorantes de outras bandas.

– Claro – assegurei secamente. – Em que posso ajudá-los?

– Aposto que caças e pescas nestas montanhas. Aposto que sabes onde ficam todas as quintas antigas e casas abandonadas.

– Bem, digamos que sei onde estão enterrados alguns corpos.

Os sujeitos empalideceram um pouco mas depois riram-se. O chefe dos parvalhões insistiu:

– Pois bem, meu, que dizes a cinquenta dólares para nos levares num passeio?

– Cinquenta dólares! Ena pá! Vocês devem mesmo querer encontrar um sítio especial, não?

– Alguma vez ouviste falar da atriz Cathryn Deen?

– Então não ouvi! Vi um ou dois filmes dela. Ena pá!

– Ao que sabemos, ela costumava visitar a avó por estes lados. Uma mulher chamada Mary Eve Nettie. Nós somos… fãs da Cathryn. Gostávamos de visitar a casa da avó dela.

– Porquê? Não há muito para ver.

– Provavelmente não, mas gostávamos de tirar umas fotografias. Que tal cem dólares para nos levares à casa?

– Ena, caramba! Cem dólares! – Dirigi-me descontraído para o carro deles. – Ouçam, rapazes, não sei se este carro da cidade aguenta o trilho até casa da Nettie. Às tantas tenho de levá-los na minha carrinha.

– Não há problema, meu.

Espreitei para o banco de trás do carro deles.

– Vocês têm aí imenso de equipamento! Parece material profissional! Para meia dúzia de fotos! Impressionante! Vocês trabalham para algum desses jornais de celebridades que se vendem nos supermercados?

– Mais ou menos. Então, temos acordo?

– Claro. Metam essa tralha nas traseiras da minha carrinha que eu levo-os lá agora.

– Fixe!

Esperei que eles transferissem… não sei, num cálculo por baixo… uns dez mil dólares de câmaras, objetivas, *flashes* e tripés para a minha carrinha, juntamente com as compras, antes de sugerir:

– Esperem lá. Tenho uma ideia para arranjar mais espaço para se sentarem todos.

Fui buscar uma alavanca de pneus *clássica* que estava debaixo do assento da frente da minha carrinha *clássica* e voltei para junto deles, sem sorrir, dizendo no tom de voz mais brutal, típico das ruas de Brooklyn, do meu velhote:

– Saiam-me já daqui senão espalho a merda dos vossos miolos pelo parque de estacionamento.

E em seguida, no espaço de alguns segundos de profunda concentração, enquanto eles gritavam e se esquivavam e imploravam e fugiam, reduzi o equipamento de vídeo dos tipos a uma pilha de sucata reluzente.

Daria uma nova escultura perfeita para a Sentina das Belas-Artes.

Pus-lhe o nome de «Privada».

Apresentei-me ao juiz Benton Kaye no tribunal de Turtleville. O juiz Kaye era o único negro do Condado de Jefferson, além de Anthony, o motorista da UPS. Baixo e gorducho, seria de pensar que o juiz teria alguma simpatia por um forasteiro privado de direitos cívicos como eu. Sobretudo, um forasteiro que jogava póquer com ele aos sábados à noite no café e que tinha projetado e construído um jardim de inverno para a mulher, Dolores, no viveiro de plantas que ela possuía.

Mas não, o juiz Kaye apontou-me o martelo, com o cabo para a frente, segurando na cabeça com o punho de tal forma que o martelo rasgava o ar como um picador de gelo, e disse severamente, num sotaque que ficaria bem a um Corleone:

– Esses fotógrafos vão voltar lá para a terra deles e dizer às pessoas que nós somos um bando de labregos violentos e dementes. Incluindo *eu*. E olha que a ironia disso não me agrada.

– Compreendo, juiz. Prometo que não torna a acontecer. Eles não voltam.

– A tua atitude de justiceiro não terá sido motivada pelo egocentrismo? Toda a gente sabe que

queres a casa da Nettie para ti.

– Sim, quero a casa da Nettie. Hei de querer sempre a casa. Se a Cathy Deen alguma vez aceitar vendê-la, compro-a. Mas não é só isso. A privacidade dela já foi demasiado explorada. Não vou permitir que um bando de fotógrafos também venha agora tirar fotografias da quinta.

– Não são as boas intenções que fazem um estado de direito. Presumo que não sentes remorsos por aterrorizar três tristes parasitas da sociedade inofensivos e destruir o equipamento deles?

– Isso não é verdade, juiz. Sinto remorsos. Quem me dera ter assentado mais uma pancada na objetiva de quatrocentos milímetros. Só parti o invólucro.

Benton pousou o martelo. Olhou para a estenógrafa do tribunal por cima dos óculos de leitura.

– Mrs. Halfacre, dê descanso aos dedos por um minuto. Isto não é oficial.

Mrs. Halfacre sorriu e pousou as mãos no regaço de um saia-casaco amarelo-canário com pintainhos cor-de-rosa da Páscoa bordados nas lapelas. Benton olhou sombriamente para mim:

– Há quatro anos que ando para te perguntar uma coisa. Agora estás sob juramento e espero que me respondas com a verdade.

– Há a verdade e há os factos. Mas farei os possíveis.

– Depois do 11 de Setembro, é verdade que tentaste alistar-te no exército?

– É. Várias vezes. Rejeitaram-me. Por ter mais de trinta anos e me mostrar demasiado ansioso por matar toda a gente com o nome de «Mohammed».

– Alguma vez consideraste fazer terapia de gestão da agressividade? As tuas sessões com o doutor Smirnoff e o doutor Absolut não contam.

– A terapia é para gente cuja agressividade e culpa são irrealistas. A minha agressividade e a minha culpa baseiam-se inteiramente na realidade.

– Eu li sobre o que fizeste no 11 de Setembro. Não há nada de realista na tua culpa.

– Nesse dia de manhã, devia ter ficado com o meu filho. Discuti com a minha mulher, como sempre, se era o tempo dela ou o meu que era mais importante, e insisti para que ela o levasse. Como resultado, morreram os dois. Não há nada que possa alterar essa realidade.

– Compreendo. Devemos olhar o futuro e basear as nossas decisões em todos os desenlaces possíveis, incluindo atos de terrorismo em série. O que tu lamentas, Thomas, é a mesquinhez brutal do destino que não se pode conhecer. Uma coisa que nem tu nem ninguém pode superar.

– Isso não quer dizer que não possa tentar.

– Andas à procura de alguém para castigar. Se eu pudesse pôr agora à tua frente o Osama bin Laden, dar-te uma arma e deixar-te matá-lo, punhas uma pedra no assunto?

– Teria de encher um estádio com a gente que devia morrer com ele.

– Queres indicar nomes?

– Digamos apenas que começa com toda a gente que beneficiou política e economicamente com o 11 de Setembro e toda a gente que ganhou dinheiro com ele desde então.

– Não me tinha apercebido que eras um dos nossos teóricos residentes da conspiração.

– Nunca houve uma guerra na história da humanidade que não tenha sido iniciada pelos ricos e para os ricos.

– Como um rapaz de Jersey que se ofereceu como voluntário para os Fuzileiros Navais em mil novecentos e sessenta e seis, sinto-me insultado por acreditares que o patriotismo não é mais que uma capa do cinismo egocêntrico.

– Há patriotas e há políticos. Não são necessariamente uma e a mesma coisa. O verdadeiro patriotismo tem a ver com o lar, a família e a comunidade e não com matar civis inocentes do outro lado do mundo para as grandes empresas.

– A «comunidade» é este país inteiro. Este estilo de vida.

– Quando a Carolina do Norte for invadida, corto a garganta aos invasores e mijo-lhes lá dentro. Não antes. – Olhei para Mrs. Halfacre, cujos pintainhos estavam agitados. – Desculpe a linguagem, minha senhora.

Benton apoiou o queixo nos dedos juntos.

– Que aconteceu ao homem que queria matar toda a gente com o nome de «Mohammed»?

– Viu demasiadas imagens das mulheres e das crianças iraquianas inocentes que matámos.

– Nós?

– Se acreditarmos verdadeiramente que «nós, o povo» somos o governo, sim, matámo-las.

– Ora deixa ver se entendi, Thomas. Alguém matou a tua mulher e o teu filho. Não sabes exatamente quem foi o responsável, não acreditas em nenhuma versão dos factos, queres castigar legiões de celerados anónimos e como tal… culpas-te a ti mesmo e atacas equipamento de vídeo.

– Culpo-me a mim mesmo por ter mandado a minha mulher e o meu filho para a morte por causa dos meus afazeres de uma manhã. E quanto a atacar equipamento de vídeo, enfim, é um começo.

– Nesse caso, se queres ser honesto, tens de admitir que a privacidade de Cathryn Deen não é muito importante para ti.

– Meritíssimo, percorreu uma longa distância para chegar ao destino errado.

– Então mostra-me a verdade, o caminho e a luz.

– Se conseguir salvar a vida dela e se o céu existir e se o meu filho lá estiver, talvez possa encontrar-me com ele quando me matar.

Silêncio. O único som foi um arquejo de Mrs. Halfacre.

Benton baixou lentamente as mãos para o martelo.

– Consideras que Cathryn Deen é uma via para ganhares pontos junto de Deus?

Que esperava ele que eu lhe dissesse? A verdade? Que não acreditava no céu, que não esperava voltar a ver o Ethan e que considerava Deus uma piada de mau gosto impingida à humanidade como uma droga barata? Que amava Cathy? Que pura e simplesmente a amava? Uma mulher com quem nunca me tinha encontrado? Encolhi os ombros.

– Aceito todo o crédito cármico que me for dado. Agora gostava que os procedimentos ficassem novamente registados.

Benton suspirou.

– Mrs. Halfacre, retire as mãos do coração e comece a datilografar.

– Santo Deus – disse Mrs. Halfacre. – Não quero saber do que as pessoas cochicham a seu respeito, Mr. Mitternich, mas o senhor não é nenhum maluco.

– Muito obrigado. – Fiz-lhe uma ligeira vénia.

Benton pegou no martelo e decidiu:

– Thomas, vais pagar uma indemnização a esses jornalistas pelo valor total dos prejuízos e não posso deixar-te ir embora sem cumprires pena.

– Vai sentir a minha falta ao póquer. Quem mais o deixa ganhar?

– Acabas de assinar a tua sorte. – Levantou o martelo. – Indemnização completa, seis meses de

pena suspensa e duas semanas na prisão do condado.

Zás!



Portanto, lá estava eu, a cumprir pena. Pike não dava tréguas aos criminosos. A prisão significava trabalhos forçados. Significava também andar com um fato-macaco à moda antiga, às riscas pretas e brancas.

– Ai, ai, Tommy, meu rapaz, estás mesmo com um ar *clássico* – elogiou Pike com sarcasmo, da primeira vez que eu saí da cela.

Como novo membro do grupo de presos acorrentados, considerei chefiar uma fuga para o café The Lucky Bean. O mês de abril é demasiado frio para os condenados trabalharem com água, e um fato-macaco às riscas pretas e brancas torna tudo ainda mais humilhante à medida que se cola ao corpo. Eu e os meus companheiros de prisão – Bert, autor crónico de cheques carecas, e Roland, acelera reincidente – tiritávamos em cima de um andaime a meia altura do prédio de dois andares do tribunal. Estávamos a lavar à pressão as gárgulas de pedra por cima da porta principal.

– Tommy, meu rapaz, presta atenção à orelha esquerda dessa gárgula – ordenou Pike do seu confortável lugar seco num banco. – Ainda está verde. Dá a impressão que tem o ouvido infetado.

– É feita de calcário e a superfície do calcário é porosa. Precisa de ser impermeabilizada com um bom primário para pedra.

– Vou comunicar à assembleia municipal. Hão de gostar de saber que estás a dar contributos positivos para o bem da cidade. É prova de que o nosso sistema de reabilitação funciona.

– Quer isso dizer que já sou um preso de confiança? Posso levar o Bert e o Roland ao outro lado da rua para comprar uns *lattes?*

– Uns quê? – perguntou Bert, debatendo-se com uma pistola de pressão que massacrava os poleiros de pedra das gárgulas.

– É café com leite, pacóvio ignorante – explicou Roland, arrastando um compressor ao longo do andaime. – Gosto do meu com sabor a moca.

– Ninguém vai tomar café de espécie alguma – declarou Pike, fazendo-me má cara.

– Quero saber uma coisa – disse Bert. – A que propósito é que temos macacos num tribunal numa cidade chamada Turtleville?1

Roland abanou a cabeça.

– Não são macacos, palerma, são demónios de pedra.

– Eu sou batista, como tal chamo-lhes macacos. Macacos de pedra batistas.

– São gárgulas – entoei numa voz professoral. – Vem do francês antigo, *gargouille*. Na época medieval, eram usadas como um elemento das caleiras de descarga nas catedrais. Agora são sobretudo ornamentais.

– Tudo bem – insistiu Bert –, mas a que propósito é que temos gárgulas ornamentais no tribunal de uma cidade com nome de tartaruga? Não devíamos ter antes tartarugas ornamentais?

– Foram os Cherokees que puseram o nome a Turtleville, idiota – respondeu Roland com crueldade. – A minha avó era Cherokee e contou-me que antes da chegada dos brancos se chamava Turtle Town. Os Cherokees davam muito valor às tartarugas. Diziam que o mundo andava em cima de uma grande tartaruga.

– Não digas isso aos batistas. Ainda querem espetar um autocolante nos livros de ciências.

Roland olhou para mim.

– O que é que achas, Mitternich? O mundo apareceu através da evolução, da Génese ou do poder das tartarugas?

Sorri tenuemente.

– Por mim, acredito que foi da teoria do caos aleatório. Por outras palavras, «a merda acontece».

Bert e Roland escacaram-se a rir. Bert apontou a pistola de pressão para a inscrição *Condado de Jefferson* gravada no arco onde estavam os macacos de pedra batistas.

– Muito bem, ianque espertalhão, responde a esta pergunta de cultura geral: quem deu o nome ao condado?

– Presumo que foi o Thomas Jefferson. O nosso terceiro presidente e reputado arquiteto.

– Errado. Foi o Amos Jefferson. O nosso primeiro cabreiro pioneiro e notório conquistador. Três mulheres… todas casadas com ele ao mesmo tempo… e dezanove filhos.

Roland gritou para Pike:

– Xerife, você e a Delta não são aparentados com o velho Amos?

Pike rosnou.

– Toda a gente no Condado de Jefferson cuja família se estenda por mais de duas gerações é aparentada com ele. Whittlespoon, McKendall, Nettie, entre outros. Todos primos afastados ou coisa que o valha.

Então isso incluía a Cathy, pensei. Ela ocupava os meus pensamentos constantemente. Descendente do Amos Jefferson? Talvez o destino quisesse que a Cathy e as cabras locais gostassem de mim.

– Cabreiro, hein? – insisti. – Imagino então que o *Banger* descende de uma cabra pioneira que comia telemóveis pioneiros.

Bert e Roland desataram a rir.

– Deixa-te de palavreado e trabalha – gritou Pike. – Tom, és uma má influência para os teus companheiros de crime.

Concentrei-me na orelha gangrenosa da gárgula. Uns chuviscos finos de água respingaram e molharam-me a barba.

– Se não posso ser um bom exemplo, pelo menos sirvo de advertência.

Pike não se riu. Não acreditava no caos aleatório nem em desculpas pessoais. Eu fazia parte da lista negra dele.

Acabei a orelha da gárgula e desliguei o compressor. Bert e Roland ainda estavam a trabalhar.

– Thomas – chamou Delta. Olhei por cima da ponta do andaime.

Ela estava em baixo com a Dolores Kaye, olhando orgulhosamente para mim.

– Trouxe tarte de mirtilo para ti e para o resto da malta. As *Log Splitter Girls* venderam-me o resto das reservas de compota de mirtilo caseira que tinham da colheita do outono passado. Em tua honra.

Roland e Bert sorriram-me.

– És um herói! – murmurou Roland. – Essas lésbicas não se separam do último lote de frutos vermelhos por qualquer pessoa.

– Obrigado – respondi. – Há novidades?

Delta indicou que sim.

– A Cathy já não tem febre. A infeção está controlada. Saiu dos Cuidados Intensivos e está outra vez na unidade de queimados. Pediu-me para mandar mais biscoitos. Não disse mais nada sobre o marido. Dá ideia que alguma coisa ou alguém lhe levantou o ânimo. Às tantas vou-lhe contar a história desses cretinos dos jornais que puseste a andar. Ela precisa de saber que ainda há um sítio no mundo onde um homem íntegro se levanta em defesa de uma mulher.

A Cathy já não está com febre. Um grito de vitória formou-se-me no peito. Sorri.

Pike e Delta estavam de olhos fixos em mim.

– Esta agora, olhem só – gracejou Pike. – O gajo tem dentes.

Delta pousou uma forma de tarte coberta no banco, deu um beliscão na bochecha de Pike – na de baixo, não na da cara, quando pensou que ninguém estava a ver – e dirigiu-se para o café. Dolores Kaye sorriu-me, um sorriso só para mim.

– Thomas – disse-me, antes de seguir Delta –, encomendei mais videiras *vidal blanc* para ti. É um presente meu.

Até um condenado a trabalhos forçados podia ter um clube de fãs.

Cathy

Nunca pensei que me enchesse de satisfação voltar para a unidade de queimados, mas esta era quase animada em comparação com os Cuidados Intensivos. O meu primeiro objetivo era saber mais sobre o misterioso homem que me tinha telefonado e ajudado a combater a infeção.

– Recebi há dias uma chamada de um tipo chamado Thomas – comentei com Delta.

Delta soltou um gritinho.

– Logo vi!

– Também é meu primo?

– Não, querida, nem sequer é primo em terceiro grau por afinidade. Não é de cá mas adaptou-se bem. Aqui há uns anos, salvou a vida do meu filho. É uma longa história. Quando te apetecer ouvir, conto-ta.

– Salvar vidas. Então tem uma certa prática. Bem me quis parecer.

– Estou a ver que tiveste uma boa conversa com o Thomas.

– Ele é que falou. Eu limitei-me quase só a ouvir.

– Vive na propriedade ao lado da casa da tua avó! Tem uma grande paixão por essa estranha casa. Olha por ela. Enfim, mais do que isso. Deixa-me falar-te dele…

– Não, prefiro o mistério.

– Mas não queres…

– Não. Imagino-o como um… avozinho. Com quase sessenta anos, talvez, ou sessenta e poucos. Ligeiramente careca, a puxar para o pançudo. Viúvo, contou-me. A mulher e o filho morreram novos. Deve sentir-se só.

– Querida, não é preciso imaginar os homens como pais ou avôs meigos e inofensivos para se confiar neles.

– Não? Toda a minha vida, os homens cobiçavam-me por causa da minha figura. Agora sou feia e os homens já não me desejam. Acabaram os almoços à borla. Como tal… não desejo os homens. Não da mesma forma que até aqui. Preciso que os homens na minha vida sejam… neutros. Por favor.

Suspirou.

– Pois seja. Mas digo-te uma coisa: ele não é um cretino de todo o tamanho como o Gerald.

– É bom saber.

Quando a nossa conversa chegou ao fim, permaneci deitada a refinar a minha imagem mental do Thomas. Ele vivia numa casinha pacata, com portadas brancas nas janelas e comedouros para pássaros no quintal. Tinha um jardim, um cão meigo e indolente que resgatara de um canil e um casal de gatos gordos. Via jogos de basebol na televisão por satélite. Porta-retratos com fotos da mulher e do filho decoravam as suas estantes e aparadores.

Usava calças de caqui com suspensórios por causa da pança, mocassins com pontos gastos onde os joanetes nodosos forçavam o couro, e camisas de golfe com o nome da igreja que frequentava bordado sobre o lado esquerdo. Era bom e atencioso e nunca tentaria propositadamente magoar ninguém, incluindo eu.



– Cathryn? Está pronta?

O psiquiatra estava ao lado da minha cama, com um grande espelho de mão cuja superfície

espelhada estava virada para o outro lado. Atrás dele, várias enfermeiras e terapeutas observavam-me, desconfiados. A minha mão boa segurou-se à barra da cama com tanta força que os meus dedos entorpeceram.

– Estou – menti.

O médico rodou lentamente o espelho de mão e aproximou-o da minha cara.

Olhei para aquela coisa ao espelho. *A coisa*. A coisa ainda tinha belos olhos verdes, maçãs do rosto proeminentes e uma boca sensual e adorável. Ainda tinha um narizinho arrebitado e uma pele leitosa no lado bom. Mas a outra metade do rosto da coisa parecia uma máscara de um filme de terror foleiro, como se um artista de efeitos especiais tivesse esparramado um pedaço de látex na pele em fios esquisitos e manchas papudas e o tivesse pintado depois com tons de rosa, vermelho, castanho e branco, como a barriga de um peixe. A coisa exibia um vago e permanente sorriso afetado.

E a orelha direita da coisa… enfim, o pessoal dos efeitos especiais teria simplesmente de arranjar uma mais bonita. Não, esta orelha deformada pura e simplesmente não servia.

– Cathryn? – disse suavemente o psiquiatra. – Como se sente?

Estou bem, mas essa coisa ao espelho quer morrer.

– Já me vi o suficiente por hoje. Agora vou comer biscoitos.

Aproximei do peito a última encomenda da Delta e do Thomas, parti um pedaço de biscoito, mergulhei-o no creme e meti-o à boca. Mastigando agitada, olhei para a brigada da terapia. Esta concluiu que era seguro deixar-me sozinha. Saíram do quarto, levando o espelho com eles.

Deixei cair o biscoito e rompi em lágrimas. Recentemente insistira para que me mostrassem tudo o que tinha sido escrito e teledifundido sobre o meu acidente. Má ideia. As anedotas, o vídeo apresentado até à exaustão, a maldade deliciada das pessoas. Trémula toquei nas macabras texturas do lado direito do meu rosto. Passei a ponta de um dedo sobre a prega rugosa que era antes a minha orelha. A *coisa* não existia apenas ao espelho. A coisa era eu.

Nunca mais vou permitir que me fotografem, nunca hei de ir à Carolina do Norte e deixar que a Delta veja o meu aspeto e também nunca hei de mostrar esta cara repugnante ao Thomas.

Queria que ele continuasse a ser a minha fantasia reconfortante e afetuosa.

E queria continuar a ser a fantasia *dele*.

Bela.

1 Cidade das Tartarugas. (*N. da T.*)

Segunda Parte

É extremamente urgente que a identidade das mulheres assente na premissa da nossa «beleza» para que continuemos vulneráveis à aprovação dos outros, transportando o sensível órgão da autoestima exposto ao ar.

− *Naomi Wolf*

Eu, com um instinto mais profundo, escolhi um homem que impulsiona a minha força, que me faz exigências enormes, que não duvida da minha coragem nem da minha dureza, que não me julga ingénua nem inocente, que tem a coragem de me tratar como uma mulher.

− *Anaïs Nin*

Capítulo 7

Cathy

O Fantasma de Hollywood

– Atenção, Um. A gatinha está à porta. Repito. A gatinha está à porta.

– Entendido, Dois. A porta está aberta. Cuidado com os coiotes. Múltiplos coiotes na rua.

– Entendido, Um. Vamos entrar.

Os meus guarda-costas, que falavam em código, eram tão sérios como agentes dos Serviços Secretos e andavam igualmente bem armados.

Eu estava sentada entre dois deles, no banco de trás de uma pequena limusina, com vidros de tal modo fumados que o interior parecia uma caverna. Lá fora, o luminoso sol de maio refletia-se nas palmeiras e nas begónias copiosamente regadas da minha minimansão nas colinas de Hollywood. Finalmente, tinha tido alta do hospital. Agora podia ser prisioneira na minha própria casa.

– Queira desculpar, Ms. Deen – disse um dos guarda-costas, pondo-me uma fina manta preta sobre a cabeça. – Por via das dúvidas. Estas janelas não são completamente opacas.

– Não há problema – respondi debaixo da manta. Agradava-me andar tapada.

Ao transpormos o portão aberto do muro de pedra que cerca a minha casa, os seguranças barraram a passagem a uma pequena manada de *paparazzi* que saltaram de carrinhas e carros. Os meus advogados tinham conseguido uma ordem judicial de restrição contra o tipo que filmara o acidente. Pelo menos durante os próximos doze meses, não precisava de me preocupar com a possibilidade de ele me armar uma emboscada. Porém, continuava a ser uma fonte de rendimento para os outros «coiotes» da matilha dos *paparazzi*. Queriam uma coisa de mim: a primeira e valiosíssima fotografia da minha cara desfigurada.

A minha missão na vida era impedir que a conseguissem.

Dez segundos mais tarde, o portão fechou-se atrás da limusina e o guarda-costas tirou-me a manta da cabeça.

– Quero sair.

– Só mais uns segundos, Ms. Deen. Deixe-nos entrar primeiro na garagem. Desconfiamos que estão fotógrafos num telhado mais acima na colina. Se sair agora, veem-na.

Assenti e continuei rigidamente sentada, lutando contra o impulso de esgadanhar as janelas. Corria-me suor pela testa. Estava envolvida numa *écharpe*, com óculos de sol, uma camisa de mangas compridas e calças largas. Para não falar da máscara terapêutica justa que me cobria a cabeça inteira. Imaginem uma meia elástica na cara. Por baixo da roupa, trazia um *body* feito por medida do mesmo material. Viria a ser a minha segunda pele nos próximos meses. Com sorte, a pressão forçaria a pele, durante o processo de cura, a formar tecido novo.

– *Señora* Cathryn! Bem-vinda a casa! – A Bonita e o Antonio Cavazos correram para mim quando me apeei trôpega do carro. Tinha as pernas fracas e os nervos em franja. Quase caí nos braços dos Cavazos. O casal de meia-idade governava a minha casa de uma ponta à outra, por dentro e por fora. Supervisionavam as criadas, as cozinheiras e os jardineiros e viviam numa pequena casa de hóspedes próxima da piscina. Agora seria só eu e eles. Quanto menos pessoas me vissem, melhor.

– Retiraram os espelhos todos da casa? – perguntei.

Eles olharam tristes para mim e assentiram.

Sim, era neurótico da minha parte, mas não aguentava olhar para mim mesma. Não era só a minha cara, mas também o meu corpo. Uma serpentina de cicatrizes descia-me pelo pescoço até ao ombro e braço direito. Fazia um mosaico de estranhas texturas e cores, como se a pele se tivesse derretido e reconstituído. Se voltasse a olhar para um espelho, veria outra imagem que sugeria um futuro perdido? Retraía-me só de pensar como tudo podia piorar ainda mais.

– Não quero espelhos – realcei em surdina.

– Não, não há espelhos. Venha para dentro, querida – disse Bonita num tom reconfortante. Avancei lentamente, coxeando um pouco, amparando-me no braço dela e no do Antonio. Tremiam-me as pernas. Quando por fim entrei no fresco interior de pedra e tijolo vermelho da mansão, sentia-me tão exausta que não tive sequer energias para chorar quando olhei para as salas principais.

Vazias.

Gerald tinha saído de casa e levado a mobília toda.

– Mas nós mandámos decorar uma das suítes de hóspedes em todos os seus estilos preferidos – assegurou-me Bonita, a chorar. – Venha sentar-se na varanda que eu trago-lhe uma bebida fresca e pode admirar a cidade.

– *Gracias*. Antonio, os novos toldos estão montados?

Ele indicou que sim.

– Tal como pediu. Todos os pátios e varandas estão cobertos. Toldos. Painéis laterais. E cortinas transparentes na frente. Poderá sentar-se onde quiser no exterior que ninguém a vê. Até mandei instalar um abrigo ao lado da piscina.

– *Gracias*.

Não eram só os fotógrafos que me preocupavam. Não tolerava o sol. Havia secções da minha pele em regeneração que estavam hipersensíveis e se queimavam com facilidade. Estava constantemente com comichão. A minha mão direita, que precisava de mais algumas pequenas intervenções cirúrgicas para esticar a pele enquanto sarava, parecia estar dentro de uma luva de borracha. Aquecer essa mão ao sol intenso de L.A.? Nem pensar.

Os Cavazos ajudaram-me a caminhar devagar para o meu quarto, um encantador refúgio em tons quentes de azul e verde-acinzentado, com um toque de seda cor-de-rosa aqui e ali. O mobiliário era uma combinação de peças rústicas inglesas e francesas, a madeira dourada, os estilos simples. A cama de dossel era enorme com um toldo de renda. A luz filtrava-se através de altas janelas em arco. Uma porta de sacada abria sobre uma varanda privada, agora completamente coberta por um toldo tipo tenda. Comunicavam com o quarto uma casa de banho e uma sauna, uma sala de exercício e até uma pequena cozinha. Tinha dado ordens à Bonita e ao Antonio para que retirassem o fogão a gás. Não queria chamas. Só ficara um micro-ondas.

– Os seus amigos mandaram uma prenda – disse Bonita. Num toucador estava uma caixa de Delta. Bonita e Antonio saíram do quarto, fechando a grande porta atrás deles. O silêncio era opressivo. A solidão apoderou-se de mim, tão profunda que me doíam os ossos.

Desembaracei-me da *écharpe*, dos óculos de sol, da camisa, das calças e dos sapatos e fiquei ali sem nada, a não ser o horroroso *body*. Lentamente retirei a máscara facial e deixei-a cair no chão frio de ladrilhos.

Abri a caixa. Os biscoitos de Delta, com o revigorante creme. E um grande envelope em papel *kraft*. O envelope dizia: «Bem-vinda a casa, Cathy.»

No interior estavam fotografias maravilhosas. Reconheci imediatamente a paisagem. A casa da avó Nettie e o celeiro, o prado e Hog Back, veados, perus, flores primaveris e o ocaso.

E uma mensagem. Assinada simplesmente: «Thomas».

Bem-vinda a casa. Está à tua espera.

Apertei as fotografias contra o peito e rompi em lágrimas.

Não tinha coragem suficiente para ir.



A minha nova vida de reclusa de Hollywood caiu numa rotina quotidiana. A única diferença era que a minha definição de «normal» se alterara.

Não tinha passado nem futuro. Vivia como uma vampira, numa gruta de morcegos evitando janelas sem cortinas e nunca me aventurando no exterior, exceto a horas tardias da noite. Por cima do meu fato de pressão e máscara, usava capuzes, *écharpes*, óculos de sol e chapéus. Parecia uma farrapeira com um logótipo da *Gucci*.

Passava o tempo à espera da próxima encomenda de biscoitos e fotografias da Carolina do Norte. Havia semanas em que a ideia deles era a única coisa que me tirava da cama. Lia livros de autoajuda que não me ajudavam, dormia, chorava e afixava as fotografias de Thomas nas paredes do meu quarto, fotografias da casa que eu tinha medo de visitar. Uma fotografia mostrava uma mão a apontar para uma flor. *Devia ser a mão do Thomas. Uma mão bonita. Surpreendentemente magra e com um aspeto viril para um avozinho de idade avançada.*

Não só nunca viria a conhecer pessoalmente Thomas, como podia nunca mais voltar a sair de casa. Quando era obrigada a ir ao hospital para o tratamento ambulatório viajava em carrinhas comerciais para me esconder dos fotógrafos que rondavam com insistência o meu portão. Até agora, tinha passado por roupa suja, por um sofá que precisava de ser estofado e por controlo de térmitas. Durante as viagens, tiritava e transpirava e rezava para não ter um desastre nem arder.

Só faltavam alguns meses para o meu divórcio do Gerald que seria decretado no outono. A dor de ter sido abandonada por ele era profunda, mas a dor da minha própria estupidez era ainda mais profunda. Como podia ter sido idiota ao ponto de me casar com um calculista tão insensível? Tinha trinta anos quando me apaixonei por ele. Esperei até ser adulta para dar o nó com alguém. Planeava casar-me apenas uma vez: uma união inteligente e madura para toda a vida. Afinal tinha-me enamorado de um homem que me tratava como uma gata persa. Para exibir e vender.

Gerald avançou com a *Flawless* como se nada tivesse acontecido. A notoriedade do meu acidente até ajudou a lançar a empresa. Comecei a compreender que ele me tinha isolado no hospital porque queria que o público se esquecesse de quem eu realmente era. Queria que as mulheres olhassem para a minha cara nos anúncios e se sentissem inspiradas a comprar os produtos sem pensar na minha pele grelhada pelas chamas.

Queria que a pessoa que eu era na realidade fosse esquecida.

E eu não me importava nada de alinhar na fantasia.

– A ironia – dissera à Delta, numa das nossas conversas telefónicas – é que da última vez que falei com o meu marido, pouco antes de ele mandar a advogada com a papelada do divórcio, foi quando mais senti que ele me amava e aceitava. Quando ele ligou para te apresentar. Dessa vez, foi maravilhoso.

– Como se estivesses a falar com um adorável estranho – disse Delta num tom malicioso.

– Exato.

– Porque não dás cá um salto? Estas montanhas iriam fazer-te bem ao coração. Sem fotógrafos, portões, muros, cortinas. O Thomas leva-te a casa da tua avó no Cume da Mulher Selvagem. Tens de conhecer o Thomas.

– Oh, ainda não posso fazer viagens longas. Não acredites no que lês nos tabloides. Não sou nenhuma reclusa, estou apenas concentrada na terapia. Os médicos acham que conseguem reconstituir por completo a minha cara. Existem tratamentos novos espantosos e técnicas de cirurgia plástica que nem te passa pela cabeça. Dentro de alguns meses, já estou fina. A minha agente já está a receber propostas de todo o tipo.

Mentiras, mentiras, mentiras.

A minha agente sentou-se no canto da lareira da minha sala de estar vazia. Eu sentei-me numa cadeira de jardim onde costumava estar o sofá do Gerald, com a máscara facial, uma bonita *écharpe Versace* e um fato de treino.

– Não tens calor com esse fato? – perguntou-me, tiritando com o frio do meu ar condicionado. – Como suportas essa… essa máscara de esqui?

– É terapêutica. Quanto mais a usar, mais facilmente os meus enxertos de pele saram. Dentro de alguns meses, a minha cara vai estar com um aspeto fabuloso. Acredita.

– Cathryn, sinto muito, mas são horas de enfrentar a realidade.

– Absolutamente! Disseste que tinhas uma longa lista de propostas para discutir comigo. Vamos lá então discuti-las.

– Não estou a dizer que recomende estas propostas, no entanto sou obrigada a transmitir-tas.

– Comecemos pelos papéis de cinema. Estou disposta a aceitar um papel pequeno, com classe, talvez num filme *indie* de um realizador em ascensão.

A minha agente fixou-me.

– Papéis em filmes? Não. Não há nenhuma proposta para filmes.

Eu sabia que não havia, tal como sabia que a minha cara nunca mais seria fabulosa nem sequer normal. Mas tinha de manter uma fachada de orgulho.

– Adiante, podemos tratar dos filmes mais tarde. Que mais é que tens?

– Um contrato para um livro a contar tudo sobre o acidente. Direitos para o cinema sobre o livro. Participações em debates televisivos a respeito do acidente.

– Não quero falar sobre o meu acidente. Quero representar.

– Certo, tenho algumas propostas nessa área. Não são filmes, mas bons papéis como atriz convidada na televisão.

– Está bem, lanço então esta nova fase da minha carreira no pequeno ecrã. Talvez fosse boa ideia ser a atriz principal numa série minha. Estou a pensar numa coisa com classe. Uma comédia romântica.

A minha agente desviou os olhos e aclarou a garganta.

– Tens as seguintes escolhas: uma vítima de queimaduras inquebrantável cujo marido foi assassinado pela ex-mulher em *Lei e Ordem*. Uma jovem e corajosa médica com cicatrizes de queimaduras em *Serviço de Urgência*. Uma advogada de acusação idealista a quem um ex-presidiário vingativo atirou ácido para a cara em *Boston Legal*.

– Estás a brincar, não estás? Quem é que pensas que eu sou, a nova rapariga de cartaz para anunciar pele frita? Quando os agentes de *casting* introduzem «Atriz Queimada» nas bases de dados, o meu nome aparece?

– Ouve, só te estou a transmitir as propostas.

– Não tens nada melhor?

– Por último, mas não menos importante, tens propostas de pelo menos uma dezena de revistas de renome. Querem todas os direitos exclusivos das tuas primeiras fotografias despida depois do acidente.

Posar nua? Nua e desfigurada? *Olhem para o monstro*. Olhei para ela. Dentro de mim, uma outra pequena parte do meu ser encolheu-se e escondeu-se.

– Perdeste o juízo? – disse aparentando calma. – Ainda sei representar. Sou uma boa atriz.

– Lamento.

– Ainda tenho o meu talento, a minha personalidade.

– Tinhas valor por causa da tua figura. Eras especial. Sem o rosto, não passas de uma atriz como qualquer outra.

– Eu não sou apenas um conjunto de partes. As mulheres são mais do que a soma das partes.

– Nesta atividade não. Nem em qualquer atividade em que os homens gostem de observar. Olha para as jornalistas cheias de vitalidade nos noticiários dos canais por cabo. Vestem o trinta e quatro e têm menos de trinta e cinco anos.

– Isso é só nos noticiários.

– Ai, sim? Achas que a Rachel Ray é uma estrela na Food Network só porque é boa cozinheira?

– E a Paula Deen? – retorqui. – É mais velha, tem um ar maternal e cabelo grisalho e…

– É uma excelente cozinheira. Tu nem esparguete sabes fazer.

– Pronto, está bem. Mas não posso interpretar papéis de composição? Olha para todos esses homens de sucesso, cheios de acne, que interpretam papéis poderosos na televisão…

– As mulheres ganham rugas. Os homens ganham linhas de carácter. Sim, o que se diz é verdade, Cathryn. Há duplicidade de princípios. As mulheres engordam. Os homens têm pneus. As mulheres são trocadas por esposas mais novas. Os homens arranjam… esposas mais novas. Os homens controlam a maioria das escolhas. Controlam a maior parte do dinheiro.

– Não fazia ideia que pensavas assim. Odeias os homens?

– Não, individualmente não tenho nada contra eles. Mas põe-nos juntos e são uns tiranos que só gostam de abanar as pilas. E as mulheres deixam-nos escapar impunes. Queremos agradar-lhes. Mulheres bonitas, com ar de jovens. Nós não passamos do sistema de apoio da raça reprodutora. Ou do alvo da chacota.

– Isso não é verdade! Olha para todas as mulheres que têm sucesso porque são inteligentes e trabalham no duro.

– São a exceção à regra. Diz isso a qualquer mulher gorda, sem graça ou simplesmente de aspeto normal que alguma vez se queixou do sistema. – A expressão da minha agente tornou-se distante, irritada. – Quando era nova, no Minnesota, queria ser patinadora artística. Os meus pais gastaram tudo o que tinham na minha formação. Era uma verdadeira atleta, Cathryn. Tinha jeito. Mas quando os treinadores importantes começaram a escolher as raparigas que

tinham as maiores hipóteses de se tornarem campeãs nem sequer me puseram à prova. Não porque eu não tivesse talento ou alma, mas porque não era suficientemente bonita.

– Podias ter enveredado por patinagem de velocidade. Ou hóquei no gelo. Ou… – De repente, tive consciência de que não sabia do que estava a falar. – Desculpa – terminei esgotada.

– Cathryn, a minha avó judia dizia: «A sorte é um ramo de rosas, *bubelah*. Há pessoas que a recebem num grande ramo. Outras recebem uma flor de cada vez, até que um dia dizem: Ah! Tenho um ramo completo!»

– Trabalhei duramente pelas minhas rosas!

Ela suspirou.

– Eu sei, mas começaste com muitas mais do que qualquer uma de nós alguma vez recebe. Só tinhas de dourar a pílula. A rosa. Não interessa. Cathryn, sê feliz com todas as rosas que já te foram dadas. Talvez haja mais aí, à espera que as encontres em sítios onde até agora nunca procuraste. A tua carreira… a que queres… acabou. Sai de L.A. Vai para algum lugar longe desta vida. Esquece a vida que tinhas. Arranja um passatempo. Casa-te com um tipo simpático e tem filhos. És rica, não tens preocupações financeiras, podes criar uma fundação benemérita ou coisa que o valha. És boa pessoa. Uma pessoa inteligente. Podes fazer algo de novo com a tua vida. – Levantou-se. – Ou a partir de agora podes interpretar uma vítima de queimaduras.

Quando eu não disse nada, com medo de chorar, ela pousou a mão no meu ombro do lado bom e partiu.

Eu voltei para a cama.

Agendar uma sessão de cabelo e maquilhagem com Luce, Randy e Judi foi um desses momentos úteis, um ponto de viragem, que mais tarde, muito mais tarde, viria a considerar uma experiência que me fortaleceu o carácter. Mas, na altura, acrescentou simplesmente uma gota à quantidade acumulada de últimas gotas que eu já carregava.

– Viva, pessoal – entoei quando o trio entrou no meu quarto. Recebi-os com uma fachada desesperada de displicência, vestida com uma elegante *T-shirt* preta e calças informais, sem máscara facial, o meu incipiente cabelo uma tigela invertida, curta e escura. – Bem-vindos à toca do Fantasma! Operem em mim a vossa magia! – Imprimi à voz um tom de jovialidade perfeita. Tinha passado horas a praticar.

Os três miraram-me horrorizados. Judi murmurou:

– Lamento imenso. Não fazia ideia que era assim tão grave.

Luce chorou e acenou com a cabeça.

– Pensamos que os rumores eram mentira.

Randy recuou literalmente até à porta do quarto, com uma mão no coração.

– Preciso de ar – declarou.

Quando um tipo de cor fica pálido, pode ter-se a certeza que a situação é grave. Grande grupo de apoio cosmético que me saiu. A sua flagrante piedade causou-me um choque pelo qual não esperava. Dispensei-os com um aceno.

– Obrigada por terem vindo, mas vamos remarcar a sessão, certo? Vou-me submeter a mais intervenções cirúrgicas na cara, entendem? Da próxima vez que me virem, já não estou com este aspeto. Havemos de pensar no dia de hoje e… *rir* da vossa reação. De acordo?

Eles escaparam o mais rapidamente que as boas maneiras e a falta de ar permitiam. Dirigi-me a uma secretária num canto e risquei os três do meu livro de endereços. Não, não haveria sessões de beleza no futuro.

Nessa noite, esgueirei-me até ao exterior. Los Angeles cintilava sob uma lua bela e solitária. Sentei-me junto da minha piscina em que mergulhei os pés nus, observando o luar refletido na água e chorando de frustração. Não tinha coragem para olhar para o meu reflexo na água.

Vasculhei entre os meus medicamentos e encontrei um frasco de comprimidos que tinha deixado de tomar semanas antes quando a dor se tornou tolerável sem eles. Entornei as cápsulas na palma da mão queimada, contei-as e voltei a metê-las no frasco, uma a uma, ouvindo o som suave de cada um dos derivados de ópio altamente controlados. *Clique*. *Clique*. *Clique*.

Se as regasse com uma garrafa de *bourbon*, suprimiriam a dor para todo o sempre. Uma ideia a ter em mente.

RECLUSA DEVASTADA…
CATHRYN DEEN ESCONDE-SE DO PÚBLICO
EM DILACERANTE VERGONHA.
CORTINAS, DISFARCES E REFEIÇÕES FRIAS…
RUMORES SOBRE AS EXTRAVAGÂNCIAS DA ESTRELA INTENSIFICAM-SE.
A MAIS BELA MULHER É AGORA A MAIS TRÁGICA EXCÊNTRICA.

A maior parte do tempo, os tabloides proclamam meias-verdades, exageros descomedidos ou

flagrantes mentiras. Contudo, no meu caso, acertaram. Judi, Luce e Randy não resistiram a falar de mim a amigos que, por sua vez, falaram com jornalistas.

Só as encomendas semanais de Delta e de Thomas me impediam de engolir o frasco de comprimidos. Num dia especialmente deprimente, peguei num conjunto de fotografias, olhei para elas e fiquei surpreendida.

«Nesta foto, estás a dormitar no prado, Cathy», tinha escrito Thomas no fundo de uma fotografia. Uma pequena vitela dourada e branca estava a cochilar ao sol. Na segunda fotografia, a vitela estava a ser perseguida por uma cabra bebé. Thomas escreveu: «Aqui estás a brincar no feno com a *Ellen*. Recebeu o nome da Ellen DeGeneres. Tu e a pequena *Ellen* são apenas boas amigas.»

Nunca ninguém tinha posto o meu nome a uma vaca. A pequena vitela dourada e branca tinha olhos grandes e escuros e um nariz que parecia tão pequeno e delicado que me cabia na palma da mão.

Era linda. Pus as fotografias na mesinha de cabeceira à frente dos comprimidos.

Obrigada, Thomas, por me dares luz suficiente para me aguentar um pouco mais.

Thomas

Não foi intencionalmente que pus o nome de Cathy a uma vitela. Aconteceu por acaso.

Estava sentado no chão do celeiro na Quinta da Deusa do Arco-Íris – o reino das nossas agricultoras de frutos vermelhos lésbicas locais, Alberta Groover e Macy Spruill, que eram também conhecidas pelo seu nome musical, as *Log Splitter Girls* – com os meus grandes pés de homem nus firmemente plantados ao lado de uma vaca. À minha volta, a observar com atenção, estavam duas dúzias de mulheres e crianças. Trabalhavam e viviam no sítio, que era uma combinação de quinta comercial, comuna, cooperativa e abrigo oficioso para mulheres maltratadas.

Estava, portanto, rodeado por um conjunto de mulheres que iam das que não *precisavam* de homens, às que não queriam homens. Algumas das minhas espetadoras estavam armadas de enxadas e pás. Se alguma coisa corresse mal com o iminente parto bovino, só esperava que não me matassem diante dos filhos.

Este vosso criado, Parteiro de Vacas. Tinha somente passado por ali para pedir emprestado equipamento fotográfico para a minha mais recente série de fotografias para enviar a Cathy. Alberta e Macy recrutaram-me de imediato para funcionar como o seu fórceps humano. Uma

vitória da força masculina bruta.

– Vá, Thomas. Segura neste bebé pelas patas e puxa devagar – ordenou Alberta. Inclinei-me mais entre os joelhos dobrados, prendi com cuidado as patas minúsculas da vitela com as mãos e puxei. A mãe, uma vaca leiteira de Guernsey dourada e branca, grunhiu fatigada, tão cansada que não conseguia dar à luz sem ajuda.

– Puxa, isso, puxa, isso mesmo! – entoou Alberta.

Uma vitela viscosa, ensanguentada, coberta de placenta caiu-me no regaço. Agarrei-a com os braços. Ela soltou um débil balido e começou a contorcer-se.

– Puxaste bem. Agora deixa o resto connosco – insistiu Macy. Ela e Alberta limparam o bebé com velhas toalhas. À medida que ia secando, a sua pele macia e dourada revelou uma mancha branca e leitosa no dorso e nas patas dianteiras da vitela e um largo pingo branco no focinho. Um bovino verdadeiramente belo.

Levantei-me e assisti, oscilando um pouco. A cabeça zunia-me. Tinha estado na sala de partos quando o Ethan nasceu, tinha estado à cabeceira da Sherryl, a encorajá-la, vendo com assombro o nosso filho minúsculo e perfeito a entrar lentamente no mundo. Parecia ter nascido com um sorriso nos lábios. Claro que tinha tido dias rabugentos e ataques de choro durante os seus três anos de vida, mas agora só me recordava do seu sorriso.

– Porque é que precisámos da ajuda de um homem? – sussurrou uma das mulheres atrás de mim.

– Chiu – respondeu alguém. – É o Thomas Mitternich. Sabes quem é. O da mulher e do filho. Que morreram no… já sabes. 11 de Setembro.

– Oh, meu Deus. – Isso. É ele. O Senhor Bom Coração. Mete isto na cabeça: é heterossexual e celibatário.

– Não pode ser.

– Pode.

A conversa delas chegou-me através de um nevoeiro indistinto.

– É uma bezerra – proclamou Macy, espreitando entre as pernas traseiras da vitela.

Alberta levantou os olhos para mim, sorrindo.

– Tom, em honra do teu grande talento de parteiro, podes batizá-la.

Um anel escuro começou a turvar-me a visão.

– Pois seja – murmurei. – *Cathy*. Ponho-lhe o nome de *Cathy*.

– Muito bem. – Alberta franziu a testa. Ela e Macy olharam uma para a outra de esguelha e encolheram os ombros. Macy virou-se para a assistência.

– Aqui batizamos a nossa nova bezerra, nossa irmã do peito que dá o sustento, *Cathy*.

Aplausos.

Eu tinha posto o nome de Cathy a uma vaca leiteira.

Saí do celeiro cautelosamente com os braços afastados do corpo. Tentei concentrar-me nos campos primaveris da quinta, banhados pelo sol, mas a única coisa em que conseguia pensar era na camada viscosa dos fluidos de parto que começavam a secar-me na pele, a endurecer e a tirar-me o ar. *Não faças isso. Respira. Não baixes os olhos.*

Mas o horror, a compulsão, era demasiado grande. Olhei por mim abaixo, para as minhas mãos ensanguentadas abertas como que em súplica. De súbito, vi-me de novo na Baixa de Manhattan, coberto de sangue seco e do pó dos mortos, em busca da Sherryl e do Ethan.

Mais uma vez, envolvido em morte.

Eram horas de uma bebida.

Capítulo 8

Cathy

O Isolamento Agrava-se

A beleza abriu todas as portas; deu-me coisas que eu não sabia sequer que queria e coisas que por certo não merecia. Assim falou Janice Dickinson, uma das primeiras supermodelos, que apareceu em capas da *Vogue* e que conheceu o auge há trinta anos. Agora, com cinquenta e tal anos, Janice era uma estrela da *reality tv*, com um vocabulário que faria um marinheiro corar. Disse Janice: *Prefiro ser uma cabra honesta a uma filha da puta lambe-botas, pieguinhas e sonsa.*

Também eu, pensei. *Se ao menos tivesse forças para me enfurecer com alguma coisa.*

Tinha os três livros de memórias da Janice espalhados à minha volta na cama, juntamente com um computador portátil, livros de autoajuda, livros sobre fobias e ataques de pânico, manifestos feministas, uma Bíblia, um livro sobre o budismo zen e *E Tudo o Vento Levou*.

Defronte dos pés da minha cama, num televisor gigante, de ecrã plano, um homem flácido, mas bem abonado, e uma mulher de feições duras com estrias nas coxas estavam envolvidos em sexo baboso. Noutra grande televisão, Mary e a pequena Laura estavam a receber do Pequeno Joe uma severa mas adorável lição sobre a vida, por via de *Uma Casa na Pradaria*. A pornografia e *Uma Casa na Pradaria* só tinham duas coisas em comum: ninguém ardia e nenhuma delas se assemelhava minimamente à vida real.

Perfeito. Eu não queria nada com a vida real. Tinha estado a consultar no Google as biografias das grandes reclusas, as minhas almas gémeas. Estava deitada no meio da minha cama, apoiada em almofadas, apenas vestida com o meu fato de pressão cor de pele e máscara de esqui melhorada, mergulhada num estado meditativo induzido pelas drogas, com um telefone sem fios enfiado na orelha boa. Estava com um dos livros da Janice apertado contra o peito, vendo distraidamente a televisão e comendo um dos biscoitos da Delta.

Decoravam agora o quarto todo fotografias encaixilhadas da quinta da avó Nettie. Tinha

colado as mais recentes do Thomas às colunas da cama. Retomei a leitura do livro da Janice. Queria compreender como as pessoas faziam isso: como se enfureciam. Eu não era capaz de me enfurecer com a minha situação, apenas ficava cada vez mais deprimida. Buscava pontos de referência numa estrada solitária sem um mapa. Saúdo-vos, companheiros de viagem.

Sabia que devia sentir-me grata por estar viva, grata por dispor dos melhores cuidados médicos que o dinheiro podia comprar, grata pelos biscoitos, grata pelo Thomas e pelas suas fotografias. Mas não me sentia grata, pelo menos a um nível sincero e feliz. Queria reaver a minha vida antiga. Sentia-me culpada por não me sentir grata por estar viva e ser rica e sentia-me culpada por ter sido uma princesa mimada que, por qualquer razão, tinha feito abater-se sobre ela a ira do carma negativo.

De súbito, ocorreu-me uma solução.

Tenho de subornar Deus.

Há pessoas que prometem praticar boas ações se Deus lhes salvar a vida ou a vida de entes queridos. A minha prece era mais simples: *Por favor, meu Deus, ensina-me a ser feliz com aquilo que sou agora*. A que podia eu renunciar que simbolizasse a minha vaidade, a minha riqueza, o meu próprio sentido de mim mesma?

– Já sei – disse eu, sentando-me na cama uma tarde. – Alta-costura.

Corri para o quarto de vestir contíguo à casa de banho. Abri um par de portas de três metros e meio de altura, liguei um interruptor e contemplei fila atrás de fila de vestuário de marca.

Se Deus deixasse sentir-me novamente bela, nem que fosse uma ilusão, doaria tudo a instituições de caridade. Horas mais tarde, levei as últimas peças da alta-costura sacrificial para a sala de estar vazia. Estendi os vestidos no chão. A espaçosa sala parecia uma versão de estilista da cena de um crime. Em lugar de contornos a giz, *Yves Saint Laurent* e *Versace* ocupavam o lugar dos corpos.

De súbito, Deus interpelou-me ou fui eu que falei comigo mesma e Ele limitou-se a ouvir.

Cathryn, estou a ver que guardaste os vestidos com decotes subidos e mangas compridas.

Bem, Senhor, são esses que vão esconder algumas das cicatrizes no meu pescoço e braço direito.

Estás com ideias de pôr um vestido bonito e sair à rua? Isso para mim é novidade. Se te sentisses verdadeiramente segura com a tua nova aparência, não te preocupava tanto esconderes as cicatrizes.

Que estás a insinuar, Senhor?

Que o teu esforço para te conformares com as tuas cicatrizes é pouco convincente. Do que precisas mesmo é de um milagre. Não te vou dar esse milagre. Queres voltar a ser bela. Não apenas sentir-te bela. Ser bela. Nada feito.

– Nesse caso, não levas o resto dos meus vestidos – respondi azeda e fui deitar-me.



Bonita desfez-se lágrimas, na manhã seguinte, quando viu as roupas de marca espalhadas por todo o lado.

– Tudo? Quer doar tudo à escola missionária da minha irmã? – Bonita tratava carinhosamente a irmã que era freira por «Irmã Irmã».

– Tudo. Contacta uma leiloeira, vende estas coisas todas e manda o dinheiro à Irmã Irmã. Espera. O dinheiro todo *não*. Quero mandar uma parte à minha prima na Carolina do Norte.

– Estes vestidos de marca devem valer um ou talvez dois milhões de dólares.

– Pelo menos. Agora que sou grotesca e ignóbil, espero que rendam o dobro do que paguei por eles.

– Bendita seja, mas…

– Diz apenas à tua irmã que peça às outras freiras para que rezem uma oração por mim.

– Uma simples oração? Uma ação destas pode valer-lhe a santidade.

– Contento-me com umas quantas orações a pedir a Deus que me dê um novo visual. Ou pelo menos uma ideia do que devo fazer à minha vida.

Ela abraçou-me e saiu para ligar à Irmã Irmã no México.

Hoje em dia, eu pousava o meu frasco de comprimidos na mesinha de cabeceira todos os dias. Tirava-os para fora, contava-os e voltava a metê-los no frasco.

Todos os dias.

Capítulo 9

Thomas

A Chegada de Cora e Ivy

Nesse outono, quando Anthony entregou um cheque de Cathy de duzentos e cinquenta mil dólares, toda a gente no Vale susteve a respiração e engoliu em seco. Eu entrei no jardim em frente da casa de madeira da Delta e do Pike e descobri que uma churrascada comunitária de sábado à tarde se tinha transformado numa festa de contemplação de um cheque. Várias dezenas de pessoas – por outras palavras, a maioria dos habitantes do Vale – tinham aparecido para ver.

– Ela diz que é para pagar as minhas despesas com o envio dos biscoitos durantes estes meses – gritou Delta. – E as tuas despesas com as fotografias. Metade para mim e metade para ti, diz ela. Eu assegurei-lhe de que não preciso e que, além disso, a família não quer dinheiro por mandar biscoitos para a família.

Ligeiramente sem fôlego da gritaria, Delta demorou um momento a recompor-se enquanto eu estudava o cheque passado à mão. A assinatura de Cathy era elegante e expansiva, mas precariamente inclinada em ângulos esquisitos. Um especialista em caligrafia talvez dissesse que ela andava desesperada por orientação.

Não digas ao meu coração, ao meu coração que sofre, cantava Billy Ray.

– O que é que vais fazer com a tua metade? – perguntou Delta.

Abanei a cabeça. Graças ao John, que geria alguns bons investimentos que eu fizera, e graças ao meu modesto estilo de vida, que raiava uma vida de pioneiro, não precisava de dinheiro. Tinha rejeitado a indemnização do governo do 11 de Setembro, tendo doado a minha parte, mais de um milhão de dólares, a instituições de beneficência para crianças. Não queria as luvas do governo; queria, esperança fútil, saber o que realmente tinha levado àquele dia. O dinheiro não compra amnésia. O dinheiro não me faria esquecer o terror nas vozes da Sherryl e do Ethan da última vez que falei com eles. O dinheiro não silencia a culpa.

Cathy está a tentar remediar alguma coisa, pensei. *Cathy, não fizeste nada de mal. Acredita em mim. Sou especialista em matéria de culpabilidade.*

– Guarda a minha metade por agora – respondi a Delta. – Diz à Cathy que hei de arranjar um bom destino para o dinheiro. Quem sabe se não vai servir para subornar Deus para lhe ligar?

Thomas

Algumas semanas mais tarde, ainda não me tinha ocorrido nenhuma utilidade para o dinheiro de Cathy. Delta considerava-me um mandrião. Numa fria manhã de outubro, estava eu a cozer uma bebedeira na minha carrinha, quando ela me atirou uma panela cheia de água e cubos de gelo para a cara. Abri os olhos, sacudi a água fria e os cubos de gelo da barba, e olhei para as narinas rosadas do *Banger*, que deitou a língua de fora e lambeu-me o nariz.

Repeli-o e sentei-me, segurando na cabeça. Estava com uma fortíssima ressaca que me martelava o cérebro.

– Pronto, ele está acordado, podemos ir – disse uma voz, acompanhada de relinchos. Delta desapareceu pela porta de trás do café, a baloiçar a panela vazia. Seis rostos jovens miraram-me de perto. O mais velho era do filho adolescente de Bubba, o Brody, de quinze anos. O mais novo era da miúda de Jeb, a Laura, de oito. Todos os netos, sobrinhas e sobrinhos de Delta estavam perto da minha carrinha, observando-me com uma satisfação pouco solidária.

– Até logo – disse Brody –, temos de apanhar o autocarro. A tia Delta mandou-nos ter a certeza de que acordavas depois de te encharcar.

Consegui levantar o polegar em concordância. Os seis encaminharam-se para a paragem do autocarro da escola. – *Bée* – baliu o *Banger*, mordendo-me a camisa. Havia pedaços do meu telemóvel espalhados na minha barba. Voltei a repeli-lo. A minha mão tocou em cartão. Arranquei a mensagem de Delta da coleira do *Banger* e tentei focar a vista. Ela tinha escrito uma só palavra, em letras garrafais e furiosas.

APÓSTATA.

Rastejei para fora da carrinha. As abóboras estavam cobertas de geada e as florestas folhosas de Ten Sisters haviam-se transformado numa paisagem impressionista de vermelho e dourado. O meu quarto ao ar livre exigia um cobertor extra sobre o saco-cama. E agora, pelos vistos, também de um guarda-chuva. Dirigi-me a cambalear para a Sentina, lavei-me e voltei para a carrinha. Deixei-me cair no banco da frente, baixei a pala e toquei nas fotografias do Ethan e da Sherryl.

Hoje era o aniversário do Ethan.

Teria feito oito anos.

Celebraria o seu aniversário plantando mais uma fila de videiras. Conduzi pela Trace até Turtleville e depois virei à esquerda numa estrada secundária e sinuosa chamada Fox Run Lane. Um grande letreiro verde deu-me as boas-vindas ao Viveiro de Plantas Históricas da Kaye. Dolores e o juiz viviam numa elegante casinha vitoriana com vista sobre os jardins. Tinham convertido um pequeno celeiro numa loja e escritórios. Graças à Internet, à UPS e à estação dos correios, Dolores tinha um negócio de sucesso a despachar rosas para todo o país. Dentro da loja, vendia bonsais e orquídeas, mas também apetrechos de jardinagem caros e artigos de artesanato feitos por gente da terra. A loja registava uma grande afluência de senhoras de Asheville amigas de almoçar fora. Esperei que umas quantas senhoras saíssem antes de entrar. A minha personalidade pública levava normalmente os estranhos a enfiar uma mão na carteira para tirar o *spray* de gás pimenta.

– Estás com um ar assustador – disse Dolores com simpatia.

Apoiei-me no balcão junto da caixa registadora, inalando *pot-pourri* de rosas que me acalmou o estômago.

– Adoro os teus elogios.

– As tuas *vidal blancs* chegaram, mas ainda estou à espera das *baco noirs* que encomendaste. Espero bem que não estejas a pensar só em plantar vinha.

– Como?

– Seria uma pena se só plantasses estas híbridas maravilhosas por prazer e não fizesses vinho. A *baco noir* dá um tinto delicioso. As plantas dão-se bem a esta altura. Podias lançar uma pequena adega tua, Thomas. Há agora pequenas adegas de charme nestas montanhas em todo o lado.

– Vou pensar nisso – menti.

– Apóstata. – Ela olhou-me com severidade.

– Ah, os rumores correm depressa.

– Eu sei que hoje é o aniversário do teu filho. A Delta disse-me. Achas que o teu filho gostava de te ver nessa figura? Achas-te a única pessoa no mundo que sofreu uma tragédia na vida? – Dolores indicou com a cabeça várias fotografias encaixilhadas da filha adulta dela e do juiz. A rapariga tinha morrido num acidente de automóvel numa autoestrada da Florida, junto com o marido e o bebé do casal. Dolores e o marido tinham ficado devastados. Mudaram-se para Crossroads para escapar às recordações.

– Quer acredites ou não – disse tranquilo –, estou perfeitamente ciente de que o mundo está cheio de dor e sofrimento. Nunca pretendi ser especial e não peço a ninguém que sinta pena de mim.

– Thomas, claro que tens direito ao luto, mas tens de pensar na tua vida, comunicar com as pessoas. Compreendo aquilo por que estás a passar. Quando eu e o Benton viemos para cá, só nos apetecia morrer. Talvez só nos tenhamos mudado para aqui para confirmar que o mundo era um lugar mau e frio, cheio de pessoas que não queriam a nossa presença e que eram indiferentes à nossa perda. Mas queres saber que mais? A Delta Whittlespoon apareceu. No dia em que viemos para cá apresentou-se à nossa porta a dizer dessa maneira que lhe é característica: «Olá! Provem um biscoito!» Ou qualquer coisa do género. Ela, o Pike e a família receberam-nos de braços abertos e fizeram com que o resto das pessoas nos aceitassem. Dia após dia, a Delta arrancou-nos ao nosso desespero. Nunca havemos de esquecer isso nem deixaremos de tentar retribuir-lhe, *favores em cadeia*, se é que me percebes. Não vamos deixar-te simplesmente cruzar os braços e desistir.

– Aprecio a vossa preocupação, mas…

– Não quero exprimir-me por chavões religiosos, como a Cleo no café, mas acredito que Deus nos pôs aqui por uma razão. Há pessoas que precisam de ti, pessoas cuja vida seria terrível sem ti. Tens de fazer um esforço para encontrar essas pessoas e para as reconhecer quando elas te encontrarem.

– Gostava muito de acreditar nisso.

– Lá no fundo do teu coração, acreditas – disse ela categoricamente. – Senão, a esta hora, já te tinhas suicidado.

Não podia continuar a falar deste assunto. Afastei-me do balcão.

– Pois bem, quanto a essas *baco noirs*…

– Chiu. – Ela detetou qualquer coisa pela janela ao lado da caixa registadora. – Chegou uma das minhas pequenas. É ela que faz à mão essas almofadas fabulosas de seda ali na cadeira de vime. Eu forneço o tecido e ela faz o resto. Essas mulheres que acabaram de sair compraram dez almofadas a trinta dólares cada. Esta pequena é uma das artistas mais criativas que já vi com tecidos.

Dolores considerava os artesãos dela como as suas «pequenas e pequenos». Precisava de tratá-los como se fosse mãe deles. Ou, como no meu caso, dar-lhes para baixo numa atitude de amor exigente. Do sítio onde eu estava, não via nada pela janela.

– Estou lá atrás a carregar adubo vegetal na carrinha.

Dolores emitiu um ruído de censura à pessoa que eu não via.

– Aposto que está outra vez pedrada. Devia dizer ao Benton. Mas não sei o que é pior, se deixá-la com essas meninas a cargo ou deixá-las a elas sem uma tia sequer para as criar.

Eu não estava interessado em mexeriquices, nem em ver-me arrastado para uma discussão a respeito de crianças. Comecei a encaminhar-me para as traseiras, calçando um par de luvas de trabalho que trazia no bolso.

– Estou lá fora – repeti.

– A pequena chama-se Laney Cranshaw. Só veio para cá viver há umas semanas. Acho que era de Raleigh. A irmã morreu e está a criar as duas sobrinhas e, passe a expressão, não tem onde cair morta.

Enfiei o último dedo das luvas.

– Estou lá…

– Ela e as pequenitas estão a viver numa tenda no parque estatal. É apenas uma questão de tempo até os guardas-florestais correrem com elas. Tentei falar com ela sobre o assunto… esta comunidade está disposta a ajudá-la… mas ela tem uma pedra no sapato do tamanho de um pedregulho. Desconfio que tem medo que alguma autoridade investigue o seu passado. Ou o problema com a droga.

– Tenho um conselho para ti: não podes ajudar quem não quer ser ajudado.

– As pessoas querem sempre ser ajudadas – retorquiu. – Às vezes não querem é admitir.

Ouvimos passos no pequeno alpendre de madeira da loja.

– Isso, arma-te em psiquiatra – disse eu secamente, saindo pela porta das traseiras do celeiro reconvertido.

Estava eu a carregar adubo para a plataforma da carrinha, uns minutos mais tarde, quando ouvi passos curtos e rápidos a parar no caminho de cascalho atrás de mim.

– Hagrid! – gorjeou uma vozinha num forte sotaque arrastado da montanha. – Fizeste dieta!

Virei-me devagar e baixei os olhos. A mais deslumbrante carinha estava a olhar para mim. Olhos escuros brilhavam sob uma massa de cabelo comprido, preto e lustroso. Ela tinha as mãos juntas sobre o coração de uma *T-shirt* desbotada das *Powerpuff Girls*. Uma minúscula borboleta amarela volitava em redor das suas sandálias cor-de-rosa e *jeans* largos de menina pequena.

A borboleta estava enfeitiçada.

E eu também, contra vontade.

– Hagrid? – perguntei docemente, não querendo assustá-la, apesar de ela não parecer muito nervosa, fixando-me com um assombro inspirado em *Harry Potter*. – Lamento mas não sou o Hagrid. Sou o… primo magricela dele, o Herman.

– Herman! Viste a minha coruja? Despachei-a com um recado para a minha professora. Não posso ir à escola amanhã porque eu e a Ivy temos de ajudar a tia Laney a mudar a nossa tenda para um novo acampamento. Ando na primeira classe.

Levando uma mão à testa, inspecionei o céu.

– Ultimamente não tenho visto muitas corujas, mas vou estar à espreita. Como é que ela se chama?

– Mrs. Jones.

– É um nome interessante para uma coruja.

Elevaram-se no ar gargalhadinhas de menina.

– Mrs. Jones é a minha professora. A minha coruja chama-se *Arianna*.

– Ah! É um belo nome para…

Princesa Arianna. O primeiro grande papel de Cathy, quando tinha apenas dezanove anos, tinha sido num fantasioso filme de espadachins e dragões intitulado *A Princesa Arianna*. Não era que eu estivesse assim tão familiarizado com os filmes de Cathy. Eram sobretudo filmes de mulheres e o papel de *Princesa Arianna* era mais fedorento do que queijo estragado. Delta, contudo, tinha os filmes todos de Cathy em cassetes e DVD. Todos os sábados à noite, passava um na sala do Clube dos Acolchoados do café. Eu não tinha outro remédio senão ver quando atravessava a sala a caminho do póquer.

– É um nome muito bonito para uma coruja – rematei num tom brusco. – Aposto que viste os filmes todos da *Princesa Arianna*.

– Se vi! Adoro a *Princesa Arianna!* Tínhamos as cassetes, mas um dos namorados da tia Laney deu cabo delas.

Todos os meus sentimentos paternais se uniram num instinto protetor.

– Conheço um sítio onde podes ver os filmes da *Princesa Arianna* aos sábados à noite. De graça.

– Onde?

– Vamos lá dentro falar com a Dolores sobre isso. Ela diz à tua tia…

– Ei! Deixe-a em paz!

Um dínamo virtuoso e pré-adolescente saiu de rompante pela porta das traseiras, largando a correr pelo caminho. A minha primeira impressão foi de cabelo frisado, vermelho-acastanhado e olhos azuis, numa cara redonda, castanho-clara e sardenta. Especou-se entre nós e a rapariguinha, olhou para mim com visível medo mas também firme determinação.

– Que é que quer, *Mister?*

A pequenita olhou em volta e sorriu-me.

– Ivy, ele não se chama Mister, chama-se Herman! É primo do Hagrid. Não faz mal.

– Disse-te para não falares com estranhos.

– Mas ele não é um estranho. É o primo do…

– Não é primo do Hagrid, coisa nenhuma. Não é de nenhum conto de fadas. É cabeludo e é um estranho.

– Não sejas tão má, Ivy! – A rapariga mais nova avançou. – Eu chamo-me Corazon. O meu pai era mexicano. O meu nome significa *coração* em espanhol. Podes chamar-me Cora. – Puxou pela mão da irmã. – E ela é a Iverem, mas podes tratá-la por Ivy. O pai dela era afro-americano. Tem doze anos e eu tenho sete.

– Não te chegues a nós – advertiu-me Ivy entre dentes cerrados. – Eu sei onde dar um pontapé a um homem de maneira a doer. Anda, Cora. – Começou a puxar pela irmã pelo caminho de cascalho. – Disse-te para não falares com estranhos.

– Mas ele não é…

– Se não me engano, Iverem é um nome nigeriano – afirmei. Ivy parou e virou-se, fixando-me com os olhos arregalados. Cora olhou espantada para os dois. – Em tempos trabalhei com uma arquiteta da Nigéria – continuei. – Era muito minha amiga. Uma pessoa muito inteligente e forte. Quando se casou, ela e o marido puseram nomes nigerianos aos filhos. Ajudei-os a pesquisá-los. *Iverem*. Não significa «bênçãos»?

Pela expressão da Ivy, vi que tinha marcado pontos, mas depois o seu olhar tornou-se inexpressivo e começou a recuar.

– Artista da treta – sibilou, levando Cora para dentro. Cora desapareceu a olhar para mim e a acenar.

Sentei-me no taipal traseiro da carrinha. Tremiam-me as mãos e não era só da ressaca. As epifanias podem ser delicadas, dolorosas e afiadas como agulhas. Dolores tinha razão. As pessoas querem sempre ajuda, mas não o admitem. Especialmente quando são jovens e desconfiam que o mundo está cheio de monstros. As mais rijas são defensivas e as mais brandas constroem contos de fadas à sua volta.

De súbito, no aniversário do Ethan, aqui, deparei-me com um presente que lhe podia dar. A esperança de uma vida mais feliz. Não a dele nem a minha, mas a delas. Duas pequenas estranhas chamadas Cora e Ivy. Sentindo-me iluminado, como se a luz cintilasse por breves instantes através dos poros da minha pele, olhei para uma das janelas de trás da loja. Dolores estava ali a observar-me.

Favores em cadeia, articulou ela.

Nesse momento, ocorreu-me a maneira perfeita de o fazer.

Capítulo 10

Cathy

O Rubi Obscuro

Em primeiro lugar, Thomas pôs o meu nome a uma vaca. Depois transformou-me numa senhoria.

Querida Cathy, obrigado pelo dinheiro que mandaste, agora és a orgulhosa proprietária de uma «casa para alugar», escreveu. *Por estas bandas, é o que as pessoas chamam a uma propriedade para arrendar. A tua é uma pequena casa em Fox Run Road. Estás a arrendá-la à Laney Cranshaw e às sobrinhas por um dólar por mês, com todos os serviços pagos por ti, a senhoria. Também a mobilaste, incluindo uma televisão, um leitor de DVD e uma coleção completa dos teus filmes da* Princesa Arianna *e dos filmes do* Harry Potter. *Anteriormente, as três Cranshaw viviam numa tenda no acampamento de Turtleville. Estão na penúria*.

A viver numa tenda. Reli esta frase várias vezes, no conforto da minha cama com almofadas de seda. A viver numa tenda com o inverno a chegar.

A Delta disse à Laney que compraste a propriedade como um investimento e que não estás interessada em mais do que uma renda simbólica dos inquilinos porque só queres alguém que olhe pela casa. A Laney não faz ideia que fui eu que arquitetei isto. A Delta está a funcionar como o elo de ligação porque Laney desconfia dos «bons samaritanos» em geral, mas Delta convenceu-a de que as tuas intenções são honestas. Como ela lhe disse: «A que propósito é que uma estrela de cinema, com milhões de dólares no banco, ia cobrar renda a quem quer que fosse?»

Bem-visto. Pestanejei lentamente, querendo concentrar-me, embora um pouco atordoada. Tinha acabado de chegar de um dia no médico.

Lembras-te das fotografias que mandei do Viveiro de Plantas da Kaye?, escrevia Thomas. *A tua propriedade fica logo adiante. Um bonito hectare e meio com uma casa, um pequeno quintal, uma encantadora mata e um braço do Ruby Creek. A minha metade do cheque que*

mandaste chegou para tudo, incluindo os custos da transação. Os preços na montanha são imbatíveis. Junto fotografias.

Vasculhei a última encomenda dele e da Delta, encontrei um grande envelope e coloquei as fotografias no colo. A de cima mostrava uma delicada casinha revestida a tábuas de madeira branca, toldos de metal vermelhos e brancos à moda antiga e portadas vermelhas. Aninhava-se na sombra de azedas cujas folhas se haviam tingido de um vermelho-escuro e de um ácer que se havia recoberto de tons amarelos brilhantes. Era adorável. O doce e paternal Thomas escolhera uma casa que as meninas e os duendes adorariam. Tinha a minha aprovação.

A casa tem uma história. É um aspeto que me agrada. E a história está ligada à tua avó. O avô dela, Parker Nettie, construiu-a para o irmão da segunda mulher, Samuel Barkley. Segundo Delta, que conhece a árvore genealógica de toda a gente em Crossroads, o Samuel usava-a como uma cabana de mineiro, no final da década de 1800, quando houve uma pequena corrida às minas de pedras preciosas no Vale. Poucos anos depois a febre passou mas havia (e ainda há) muitas pedras semipreciosas nas ribeiras e alguns achados raros de rubis e safiras de qualidade comercial. São todas compostas do mesmo mineral, corindo, mas é a cor que as distingue. Os rubis são de corindo vermelho e as safiras são azuis, verdes, amarelas, alfazema e de outras cores. A cor e a clareza definem a qualidade. Sabes o que dá ao corindo a sua cor? As impurezas na mistura. Pensa só, Cathy: as pedras preciosas mais belas não são as puras mas as híbridas.

Híbridas. Rubis. Eu. Talvez eu só precisasse de mais impurezas nos meus minerais. Thomas arranjava sempre maneiras estranhas e enternecedoras de dizer que eu não era feia agora, desse por onde desse. Mas ele não me tinha *visto*.

A Delta diz que a tua avó… e a tua mãe… eram bateadoras exímias de pedras preciosas. Tinham olho para as pedras em bruto; é um talento porque as pedras preciosas em bruto assemelham-se a pedras cinzentas vulgares. Sei que a tua mãe morreu ao dar à luz quando tinhas apenas dois anos. A Delta tem excelentes fotografias dela, do tempo em que eram amigas em raparigas, aqui no Vale. Havias de as ver juntas, vestidas com macacões, a bater na mesma ribeira que agora te pertence. Não podiam ter mais de dez anos. Vou fazer cópias para te enviar.

A minha mãe, de macacão, enfiada até aos joelhos numa ribeira de montanha? Só tinha visto fotografias dela de vestido de baile e *tailleurs Chanel* justos, pelo braço do meu pai, um elegante homem mais velho. Ao rever as fotografias do Thomas da casa que tinha acabado de comprar, parei subitamente. Duas meninas olhavam-me da imagem.

Estas são as sobrinhas da Laney Cranshaw. A Ivy tem doze anos, a Cora tem sete. Têm pais diferentes e a mãe morreu aqui há uns anos. A tia teve alguns problemas e a vida não tem sido fácil para as três. Ainda assim, a Cora é um pequeno anjo cheio de otimismo. A Ivy é inteligente mas muito desconfiada. O Pike averiguou o passado delas. As raparigas passaram algum tempo num lar de acolhimento, há dois anos, depois de um dos namorados da tia ter

molestado a Ivy. A Laney Cranshaw chamou pessoalmente a polícia, o que só abona em seu favor. Mas o mal estava feito.

Tenho de ser muito cuidadoso com a Ivy. Ela assusta-se facilmente e não confia nos homens… quem pode censurá-la? E é muito protetora em relação à Cora. Na semana passada, deu uma tareia a um miúdo que se meteu com a Cora por ela acreditar em histórias da carochinha.

Li e reli esta última parte, sentindo-me cada vez mais deprimida e zangada em nome delas. A minha infância fora privilegiada, mas não especialmente feliz. O meu pai adorava-me, porém, era uma pessoa distante; as minhas tias eram senhoras da sociedade rabugentas que me exibiam como se eu fosse um tesouro de família. Às tantas tinha herdado as atitudes insensíveis das minhas tias. As irmãs do meu pai – que eram todas mais velhas do que ele e já tinham passado a idade de ter filhos quando eu nasci – gostavam claramente mais de golfe e dos seus cãezinhos do que dos próprios filhos.

«Qualquer idiota pode procriar… não requer ponta de senso comum, elegância, sabedoria ou boa sorte», disse-me uma vez a minha tia Emiline, bebendo um *martini* e fumando um cigarro. «Mas as mulheres inteligentes protegem as suas qualidades físicas, escolhem os parceiros para uma relação prática e só procriam quando lhes convém. Depois criam os filhos sem sentimentalismos e despacham esses amorzinhos ingratos para o mundo assim que fazem dezoito anos. Se planeares bem as coisas, Cathryn, podes arrumar com os filhos… e os maridos… enquanto ainda és suficientemente nova para teres a vida que queres.»

Por vezes, interrogava-me se as minhas tias não sentiriam uma satisfação secreta por a minha mãe ter morrido nova. Tinham o meu pai, o atraente irmão mais novo, outra vez só para elas e podiam criar-me como uma bonita boneca de porcelana, sem interferência maternal e sem as verdadeiras responsabilidades de uma mãe.

Fosse como fosse, cresci sem nenhum desejo entusiástico de ter filhos. Estudei mais de perto a Cora e a Ivy na fotografia do Thomas. Não queria filhos e, no entanto, ali estavam elas… as minhas filhas. Quanto mais não fosse, porque viviam numa casa que agora me pertencia. Ivy olhava-me da imagem com uma expressão solene, os olhos penetrantes e azuis, a pele cor de chocolate, o cabelo uma nuvem vermelho-acastanhada emoldurando-lhe a cara e os ombros. Era um tudo-nada gorducha, com feições não inteiramente simétricas e não inteiramente brancas ou negras. Dos seus olhos inteligentes e determinados irradiava uma atitude firme de autodefesa.

Punha-lhe o cabelo liso, com madeixas douradas, pensei, *e vestia-lhe uma camisola de veludo castanha com um casaco* bordeaux *curto e algumas joias alegres azul-turquesa para lhe realçar os olhos azuis. E arranjava maneira de a fazer sorrir. Prometia-lhe que nunca mais teria de viver numa tenda. E que nunca mais ninguém lhe poria uma mão indesejável em cima.*

Quanto a Cora… transmitia luz do sol ao mundo. Aquele sorriso, aquela inocência. Um cabelo liso preto tão fino que lhe flutuava em redor do rosto feliz como que eletrificado pela sua

energia. Eu escadeava-lhe aquele cabelo, punha-lhe umas travessas de *strass*, vestia-lhe um vestido dourado-claro com vivos creme e filas de preguinhas no corpete. E fazia tudo que me fosse possível para preservar aquele brilho inocente nos olhos.

Bonecas. Vestiria as minhas duas bonecas vivas com encantadores adornos – como o meu pai e as minhas tias tinham feito comigo – e dizia-lhes que eram lindas… não, dizia-lhes que não era importante serem bonitas, que não levassem isso muito a sério, que se sentissem felizes com o seu corpo e a sua cara e saboreassem os biscoitos da vida.

Soltei um lamento. O que dizer a meninas pequenas? Que ignorassem as pressões, a publicidade, os placares *sexy*, as revistas? Que não idolatrassem o mais recente cantor *pop* adolescente trinca-espinhas com implantes e problemas alimentares? Que ignorassem toda uma cultura dedicada a fazê-las sentirem-se mal com a sua figura para elas comprarem obsessivamente a maquilhagem e a roupa perfeitas para se transformarem numa imagem de feminilidade própria de um anúncio a cerveja?

Bati na fotografia com a mão ligada. «Tanguinhas só quando tiverem dezoito anos», disse eu à Ivy e à Cora. «Se a *lingerie* indecente é tão gira e edificante, porque é que não vemos rapazinhos com cuecas de biquíni a dizer "Aqui escalda" na frente? Não sexualizamos os rapazinhos para o prazer das massas, é por isso! Mas as raparigas dão para tudo. Não precisam de entrar nessa febre da publicidade, sabem? Não *precisam* de se transformar em rainhas de beleza de palmo e meio e galdérias em miniatura! Podem… podem jogar *softball*, se quiserem! Eu queria jogar *softball*, sabem, quando tinha treze anos prestei provas para a equipa da minha escola privada e fui aceite! Mas o meu pai não me autorizou. Disse que eu podia magoar-me… arruinar a minha preciosa figura com cicatrizes ou partir um dente. Joguem *softball*, se quiserem, meninas! E hóquei no gelo e basquetebol e…» A frase morreu-me nos lábios.

Estava a gritar com duas pequenas estranhas num retângulo de papel fotográfico.

Deixei-me cair e pus a fotografia de lado. Quem era eu para aconselhá-las a não quererem agradar às pessoas, a seguirem o coração? Se um génio mágico saltasse da garrafa de *Perrier* vazia na minha mesinha de cabeceira e me oferecesse três desejos, o primeiro seria: *Devolve-me a beleza.* Afundei-me nas travesseiras. Passados uns momentos, peguei novamente na carta de Thomas e acabei de ler.

Este é um desenho da Ivy de uma eclusa de água semelhante à que o Samuel construiu em tempos no Ruby Creek. Ela encontrou um velho esquema numa brochura sobre a história da exploração mineira local. A Ivy tem um talento natural para a forma e a estrutura. Adora ler e desenhar e é craque em matemática. A sua natureza desconfiada é um osso duro de roer mas a rapariga tem imenso potencial se lhe for dada uma oportunidade. Quanto à Cora, enfim, a Cora adora animais e sempre quis ter animais de estimação. As Log Splitter Girls *dirigem um abrigo para animais não oficial na quinta delas e deixaram a Cora escolher um gato. Vê a fotografia seguinte.*

Tirei mais uma foto do monte. Lá estava Cora no alpendre da frente da casa, com um enorme sorriso na cara, abraçada a um gatinho de ar plácido. Mas fui apanhada de surpresa pelo que estava empoleirado na balaustrada do alpendre junto ao ombro direito de Cora.

Um galo. Um galo zarolho de penas ratadas.

A gatinha na imagem é a menina dos olhos dela. A Cora pôs-lhe o nome de Princesa Arianna *em tua honra. É também o nome da coruja invisível dela. Por falar em aves, um labrego qualquer largou um galo meio morto na estrada. A Delta diz que é de uma raça de combate e o bicho tem ar de ter ido ao tapete demasiadas vezes. Falta-lhe um olho e muitas penas. Mas é sossegado e manso, o que talvez explique o fim da sua carreira na arena. A Cora decidiu que o galo é uma coruja mágica disfarçada e pôs-lhe o nome de* Herman *em minha honra. Não perguntes porquê. É uma longa história*.

Herman, o galo pacifista. E uma gata a que tinham posto o nome do personagem do meu primeiro filme que me tornou famosa. Uma gata com o meu nome. E uma coruja também. E não convém esquecer que já há uma vitela com o meu nome.

A propósito, terminava Thomas, *a Cora mandou-te um rubi que encontrou na ribeira. Procura na caixa.*

Vasculhei até encontrar um saquinho de pano brilhante atado com uma fita. Abri-o e depus ternamente o conteúdo na palma da minha mão boa. Uma pedra. Era uma pedrinha vulgar. Até eu era capaz de reconhecer uma simples pedra do quintal. Voltei a ler a carta de Thomas.

Pode parecer um pedaço de quartzo vulgar do caminho. Mas para a Cora é um rubi. Se pudesses ver como a Cora vê o mundo, sabias que essa pedrinha de quartzo é, na essência, um rubi.

Fechei a minha mão boa sobre a pedra. Espalhados na cama à minha volta estavam maços de papéis rasgados. Os papéis do meu divórcio concluído. Gerald tinha mandado outra advogada bonita, com olhos de tubarão, entregá-los, como que a demonstrar que precisava de se rodear de beleza em todos os aspetos da sua vida. Ela estava à espera quando cheguei a casa depois da cirurgia à mão. Os médicos já não podiam fazer mais nada à minha cara, mas os meus dedos, pelo menos, podiam fechar-se sem dificuldade à volta da garganta de Gerald. Como não tinha agora duas mãos boas para usar, tinha rasgado os papéis com os dentes.

Nunca se deve chatear uma mulher que ainda tem os incisivos originais.

Os meus sonhos estavam desfeitos. Já não confiava na magia, na boa sorte, na bondade de estranhos, na adoração dos homens ou na graça de Deus. Mas, graças a Thomas, ainda podia brandir uma varinha de condão. Podia transformar uma tenda numa casa real e dar um abrigo a duas meninas… e a uma gata e um galo zarolho. Podia dar a Cora e a Ivy uma coisa que para mim, em criança, nunca estivera em questão. Segurança.

Pousei o rubi de Cora junto do meu frasco de comprimidos. Ao lado estava uma fotografia de Gerald e da sua nova namorada.

Thomas

Ms. Deen pede aos dois que administrem um fundo em trust *para Cora e Ivy, incluindo bolsas para os estudos universitários de ambas. Deseja deixar um legado muito mais positivo do que o atual retrato que a comunicação social transmite dela como uma reclusa falhada.*

Delta atirou a carta do advogado para cima da mesa ensolarada do café.

– Thomas, tenho cinquenta anos e tu vais morrer de excesso de álcool dentro de um ou dois, mas a Cathy age como se fôssemos naturalmente viver mais tempo do que ela. Está a fazer planos como se não fosse estar aqui para os orientar.

Franzindo a testa, voltei a passar os olhos pela carta.

– Às tantas só quer prever todas as possibilidades.

– Talvez esteja apostada em desistir e morrer – insistiu Delta. – Olha para estas manchetes. – Delta espalhou vários tabloides da mercearia na mesa. – «Amigos Preocupados com a Saúde Mental da Estrela». «Vizinhos Só Veem a Frágil Cathryn à Noite». «Decretado o Divórcio da Estrela; Pode Ser a Última Gota». Que podemos fazer, Thomas? Claro que, quando lhe ligo, ela diz que não devemos dar atenção ao falatório, mas é possível que estas revistas todas estejam a mentir?

Afastei os pasquins. Apetecia-me agarrar em Cathryn pelos ombros, olhá-la frontalmente nos olhos e dizer: *Dá luta. O desaire só te apanha se o deixares*. Mas eu não era grande exemplo para dar este género de conselho.

– Não sei que mais podemos fazer para a ajudar.

Delta suspirou.

– Ofereci-me para a visitar e convidei-a para cá vir e ficar em minha casa até se sentir preparada para ir para a dela. Porque é que não lhe ligas outra vez? Deixa-a continuar a pensar que és um velhote simpático que lhe liga para dois dedos de conversa.

– Podia aconselhá-la a adotar a minha filosofia – disse eu sombriamente. – Vir viver para Crossroads e passar dois anos bêbada.

– Às tantas era o que ela devia fazer. Olha para os progressos que fizeste, Thomas. Agora só adormeces bêbado na tua carrinha uma vez por semana e o pessoal da terra reduziu as probabilidades de te matares para uma em cem. Não te devia dizer isto, mas dantes eram de uma em cinco.

– Sinto-me honrado.

– Se pudesses falar com a pessoa que eras antes, a que mal conseguias chegar ao fim do dia, que é que dizias? Que é que te fez perseverar?

– Tenho uma regra. Se a minha mão treme quando pego na pistola que tenho na minha cabana é porque não estou seguro. As dúvidas deitam por terra até o suicídio mais bem planeado. É difícil acertar com a mão a tremer. Não quero armar barraca.

Delta reclinou-se lentamente na cadeira, abrindo a boca, horrorizada.

– Valha-me Deus – murmurou.

Assenti com a cabeça.

– Perguntaste.

Os ombros dela descaíram.

– Bem, felizmente as mulheres não se matam a tiro.

– Não, tomam comprimidos.

A minha língua paralisou na última palavra. Eu e Delta ficámos a olhar um para o outro. Ela disse num tom gélido:

– A Cathy está a planear matar-se.

Tirei do bolso dos *jeans* um telemóvel novo. John tinha plastificado uma fotografia minúscula da cabeça de um bode na parte de trás, dentro de um círculo vermelho com um traço na diagonal sobre o focinho do bode.

Fiz uma chamada.

Capítulo 11

Cathy

A Hora da Decisão

Já passava da meia-noite. Entrei em casa depois de ter estado sentada na piscina. Não há nada como emborcar um *Chardonnay* de duzentos dólares diretamente pela garrafa. Tinha um copo do melhor *bourbon* velho à minha espera. O *bourbon* é a bebida dos sulistas mórbidos em toda a parte. Eu estava pronta para ir e o *bourbon*, juntamente com os comprimidos, levar-me-ia ao destino.

O meu cabelo estava bonito e fofo, fixo com gel. Já crescera o suficiente para me esconder a orelha deformada e eu havia fixado as suas ondas escuras com gel. Tinha-me maquilhado, pelo menos na parte sã da cara. Os meus famosos olhos estavam grandes e sensuais, apesar de injetados. Vestia um pijama de seda largo, vermelho-escuro como um rubi. Por cima envergava um fabuloso roupão estilo quimono. Quando o gabinete de medicina legal divulgasse os pormenores do meu suicídio, teria de mencionar a elegância da minha figura. Gerald e a nova namorada não haviam de conseguir roubar-me a cena no meu funeral.

– Cobarde! – gritou-me Bonita.

A minha fiel governanta estava no meio do meu quarto, lavada em lágrimas, mas colérica. Agitou o frasco dos comprimidos na minha cara.

– Encontrei isto escondido na sua mesinha de cabeceira. A minha filha morreu de uma *overdose!* Sabe muito bem! Como pode pensar em fazer uma coisa destas a si mesma? Não lhe passou pela cabeça a que ponto vai magoar as pessoas que gostam de si? Livre-se!

Até agora, durante os anos em que ela e o Antonio tinham estado ao meu serviço, a Bonita nunca remexera nos meus haveres pessoais. Quem é que a alertara para os comprimidos? Ninguém sabia da minha reserva escondida.

– Esses comprimidos foram receitados – insisti.

– Ai, sim? Os médicos deixaram de lhos receitar há meses. – Deu uma pontada com a unha no frasco. – Estou a ver a data aqui. Tem andado a guardá-los para… já sabe. Oh, querida! Pode ter um milhão de freiras a rezar por si, mas elas não a salvam se se matar!

– Os episcopalianos não vão para o inferno. Vamos para o clube de golfe.

– Então está a admitir. Preparava-se para se matar!

– Guardei os comprimidos para o caso de sentir dores de cabeça.

– Dores de cabeça? Ora, não minta. A minha filha costumava mentir-me. Devia ter percebido os sinais. E devia ter feito isto pela minha filha. – Correu para a casa de banho.

Segui-a o mais rapidamente que pude, cambaleando um pouco e amparando-me à mobília. Quando ouvi o autoclismo, voltei a gritar:

– Foram receitados!

Tarde de mais. Entrei trôpega na casa de banho e vi a dose para o meu suicídio remoinhar em direção ao Pacífico. Bonita bateu com a tampa da sanita e encarou-me.

– Eu sei que pode comprar mais – disse ela sombriamente. – Os traficantes de droga andam de *Mercedes* neste bairro e intitulam-se «amigos» e distribuem lindos comprimidos em frascos bonitos, mas não são melhores do que os piores traficantes de rua. Se lhes comprar alguma coisa, eu e o Antonio despedimo-nos. Vamo-nos embora.

– Não me podem deixar – solucei.

Ela envolveu-me num abraço.

– Nós não a queremos deixar, querida. Mas não quero correr o risco de entrar no seu quarto um dia de manhã e encontrá-la morta por ter tomado comprimidos!

– Só quero… acabar com o sofrimento.

– Eu sei, eu sei. Chiu. – Ajudou-me a deitar-me, afastou os livros e pegou-me na mão enquanto eu me metia debaixo dos cobertores.

– Que hei de fazer à minha vida? – gemi. – Não tenho jeito para nada senão para servir de decoração. Agora tenho medo de tudo e todos, exceto de ti e do Antonio. Como é que te lembraste de procurar os comprimidos no meu quarto?

– Não vou dizer.

– Ninguém sabia. Ninguém.

– Pois, alguém desconfiou. Amigos que tiveram a mesma ideia triste. Alguém que sabe o que é estar desesperado. Não pode censurar os seus amigos por se preocuparem.

Delta, interroguei-me. Mas ela era a criatura mais alegre e estável do mundo. Não. Ela nunca pensaria em suicídio. Thomas? Um estranho meigo e paternal que me mandava fotografias do pôr do sol, flores e grandes planos das janelas de vitral da avó Nettie? Thomas, que me disse no hospital: *Dantes pensava que as coisas más só aconteciam a pessoas más. Mas não acontecem.*

Ele conhecia a tragédia. Conhecia o desespero. Talvez *me* conhecesse melhor do que eu pensava.

Thomas.

Thomas

O meu mais recente telemóvel tocou às cinco da manhã e pregou-me um susto que me arrancou de um pesadelo. Eu estava a asfixiar numa nuvem de pó, olhando para as minhas mãos cobertas de cinza e sangue seco. A ver mais uma vez as torres a desabar. Incapaz de me mexer.

– John? – perguntei, mal encostando o telefone à orelha. – Que se passa? – Por essa altura, já estava em pé, nu, ao lado da cama.

– Thomas? – Era a voz de Cathy. – Foste tu, não foste? Ligaste à minha governanta esta noite. Mandaste-a procurar comprimidos no meu quarto. Presumiste que eu queria matar-me.

Inspirei fundo e passei uma mão pela cara.

– Pelo tom da tua voz, devo ter acertado. Tinhas comprimidos. Tencionavas tomá-los. Correto?

– Comprimidos receitados. Perfeitamente legítimos. Não tinhas o direito de assustar uma empregada minha.

– Ai, não? Que interessa que um médico te tenha receitado os comprimidos ou os tenhas comprado a alguém numa esquina? Morrias na mesma.

– Não tenho tendências suicidas.

– Tens, sim.

– És espírita?

– Não, mas sei a que ponto é tentador desistir e morrer.

– Seja como for, não é nada contigo.

– É, pois.

– Mandas-me fotografias, telefonaste-me uma vez. Aprecio a tua amizade, mas não me conheces verdadeiramente.

– Sei que tencionavas tomar esses comprimidos. Mais vale admitires.

– Não vou admitir nada. Porque é que te preocupas tanto? Tens segundas intenções? Que é que queres de mim?

Tudo, nada. Mais do que posso dizer. Não compliques.

– Seja, se pensas sinceramente que só estou interessado no que podes fazer por mim, vou ser bem claro. Quero comprar a casa da tua avó.

Silêncio aturdido.

– A casa da minha… estás a dizer que te tens insinuado na minha vida, durante estes meses todos, porque queres que eu te venda a quinta dela?

– Não, quem o diz és *tu*. Mas já que estamos a falar do assunto, *devias* vender-me a quinta. Porque não? Não lhe dás valor, não a queres. Tu e o teu pai abandonaram-na.

– Isso não é verdade. Ele contratou uma pessoa para tomar conta da quinta. Estava bem tratada. Foi o que ele sempre me disse. Quando morreu aqui há uns anos, o administrador dos negócios dele assegurou-me que a quinta estava em boas condições.

– Mentiu.

– O meu pai *não* era mentiroso.

– Tenho muita pena, mas neste caso mentiu. Ouve, não queres a casa? Ótimo. Vende-ma. Eu compro-ta, recupero-a e acarinho-a.

– Estou a ver. Então é verdade. Tens sido simpático comigo para deitar a mão à casa.

– Não, Cathy, não estás a entender. Vem cá e eu mostro-te. Depois já percebes.

– Não posso… – falhou-lhe a voz. – Gostava muito, mas não posso ir aí. Não compreendes os meus problemas.

– Compreendo, sim. Sei como é fechares os olhos todas as noites, com medo de veres e sentires coisas que nunca quiseste recordar. Sei como é viveres os teus dias a pensar como vais pôr um pé diante do outro. Não há nenhuma maneira simples de ultrapassar isso. Porém, tu não és cobarde. Eu sei que não és. Uma pessoa que consegue cerrar os dentes e dizer piadas enquanto uma enfermeira lhe raspa a pele em ferida… não há mulher mais rija do que tu.

– Como é que tu… nunca falaste comigo enquanto… – Ouvi-a suster a respiração. – Eras tu ao telefone naquele dia no hospital. Não era o Gerald. Eras tu.

– A Delta estava desesperada para entrar em contacto contigo e eu ajudei-a. Não tinha qualquer intenção de te enganar, aconteceu assim.

– Tu.

– Sim, eu. E o que ouvi nesse dia convenceu-me que tens coragem para sobreviver. Não desistas agora.

– Depois do que ouvi esta noite, a que propósito é que havia de acreditar numa palavra tua?

– Dás valor à herança da tua avó?

– Dou. Apesar do que pensas, adoro a casa dela, as minhas recordações dela, a liberdade que tinha quando a visitava… adoro aquela quinta.

– Então mete isto na cabeça pelo menos: se te matares, pego fogo à casa. Percebeste? Se morreres, tudo o que amas… e tudo o que ela te deixou para amares… também morre. Juro-te. Se é isso que é preciso para te manter centrada na vida.

Ouvi-a inalar bruscamente.

– És ainda mais doido do que eu.

– Tenho muitos anos de prática.

– Tudo o que pensei que sabia sobre ti está errado. És um sociopata. E um incendiário.

– Não tens de acreditar em mim. Eu acredito em ti. Continua viva, vem até aqui e hás de ver que tenho razão.

Ela desligou.

Baixei os olhos sobre mim mesmo. Pelo menos tinha evitado que ela tomasse os comprimidos. Tinha-lhe salvo a vida, pelo menos esta noite. Essa vitória deu-me a maior ereção da minha vida.

– Ameaçaste pegar fogo à casa da avó dela – repetiu lentamente Delta, arreganhando os dentes a cada palavra. – Pegar-lhe fogo. Ameaçaste uma mulher queimada? Ameaçaste pegar fogo à casa da avó dela. *Thomas*.

Estava cercado. Na manhã seguinte, dei por mim na cozinha do café sob o olhar do Pike, do Jeb, da Becka, do Bubba, da Cleo, do *Santa*. O clã Whittlespoon inteiro parecia ter formado um júri improvisado para me julgar. Estavam armados de facas e panelas.

– Talvez não tenha sido a melhor tática – admiti com tristeza –, mas queria pô-la em sentido. Queria enfurecê-la, arrancá-la à depressão por um momento, obrigá-la a pensar. A coisa mais difícil para alguém que se sente profundamente infeliz é pensar de maneira lúcida.

Silêncio. Não percebi se os presentes compreendiam os meus argumentos. Pike franziu a testa. Os outros olharam para o chão. Delta fechou os olhos e continuou de mãos nas ancas e cabeça baixa.

Finalmente, Jeb levantou a cabeça e firmou o queixo.

– O Tom tem razão. Ele fez pela Cathryn Deen o mesmo que fez por mim quando me convenceu a não saltar daquele penhasco. Não vou dizer as coisas que ele me disse na altura. É privado. Mas chamou-me à razão.

Nessa ocasião, as minhas palavras tinham sido mais motivadas pela *vodka* do que as pessoas imaginavam. E tinha sido um discurso do género: *Caramba, Jeb, ou saltas ou sais daí para saltar eu. Tens família e tens de pensar nela. Eu não*. O facto de Jeb ter interpretado esta leviana observação como um exemplo de sabedoria profunda – uma sina comum, uma promessa de fraternidade – não tinha passado de pura sorte. Alguém nos protegera aos dois nesse dia. Não me parecia que voltasse a ter essa sorte. Que tinha eu conseguido ontem à noite? E se tivesse provocado Cathy ao ponto de ela cortar relações comigo *e* com Delta?

– E se ela não atender mais as minhas chamadas? – retorquiu Delta, exaltada.

– Eu telefono-lhe a pedir desculpa. Já. Faço o que for preciso para acalmá-la.

– Não. Já fizeste estragos suficientes. Duvido muito que ela torne a dar-te ouvidos. Eu ligo. Se ela falar comigo, conto-te depois. – Atirou-me um biscoito. – Agora desampara-me a loja.

Assenti, empalmei sombriamente o biscoito para o pequeno-almoço do *Banger* e saí.

Cathy

Sentia a cabeça a martelar por causa do vinho. Os meus olhos estavam turvos de ter passado a noite a chorar. Contudo, sentia-me estranhamente purificada, como se as lágrimas me tivessem desintoxicado. E mais espantoso era que estava furibunda. Finalmente.

– Delta?

– Cathy, estou muito feliz por te ouvir. A propósito de ontem à noite…

– Como é que o Thomas Mitternich anda por Crossroads em liberdade?

– O Thomas? Ora, o Thomas é a pessoa mais querida… Estás com uma voz diferente. Sentes-te bem, querida? Lamento muito se ele te perturbou. Mas só estava a tentar ajudar.

– Se me perturbou? Acusou-me de ter tendências suicidas.

– Tens a certeza que não tens?

– Ele admitiu ter mentido desde o princípio para chegar à fala comigo. E depois ameaçou destruir a casa da minha avó. É evidente que não é a pessoa que eu pensava.

– Quer dizer então que *tencionavas* matar-te.

– Tinha um frasco de comprimidos receitados. Receitados.

– Pois. Bem, os instintos do Thomas não costumam enganá-lo. E devo dizer que é bom ver-te doida como uma galinha choca.

– Não o vou deixar usar a herança da minha avó para fazer chantagem comigo.

– Que tencionas fazer?

– Em primeiro lugar, quero saber tudo sobre ele. A começar pelo nome completo.

– Mitternich – apressou-se a dizer. – Thomas Karol Mitternich. A família do pai era holandesa, uma família antiga do Norte do estado de Nova Iorque. Não sei nada sobre a família da mãe. Ela morreu quando o Thomas e o irmão eram pequenos.

– Mitternich. Soletra isso por favor. – Quando ela soletrou, digitei o nome no meu portátil. Thomas Mitternich. – Muito bem, disseste que era de Nova Iorque? Como é que um ianque doido foi parar à tua comunidade e conquistou a tua amizade?

Por um momento, fez-se silêncio do outro lado da linha. Por fim, ela disse em voz baixa:

– Posso dizer-te o que sei sobre o Thomas, mas seria melhor se lesses a história completa.

Introduz o nome dele nessa coisa… como é que se chama?… Google. É isso. Faz uma busca no Google sobre Thomas Mitternich. Vê o que os jornalistas escreveram sobre ele aqui há uns anos.

Franzi a testa.

– A história dele é do domínio público?

– Pode dizer-se que sim. Mas lê tu. Há de abrir-te os olhos melhor do que se eu me puser aqui a falar sobre ele.

– Pois sim – disse eu lentamente, intrigada.

– Cathy?

– Sim?

– Agrada-me imenso ouvir-te assim animada.

– Não tenho alternativa. A minha vida foi invadida por esse homem.

– Talvez te fizesse bem vires até aqui assim que puderes, sabes, para fazeres um juízo pessoal sobre ele. Nunca se sabe o que ele vai fazer a seguir.

– Oh, não te preocupes. Hei de fazer tudo para proteger a quinta da minha avó.

– Ótimo. Continua assim brava. Vai lá, lê sobre o Thomas no Google e depois vem cá e dá cabo dele. Querida?

– Que é? – Eu já estava a clicar febrilmente no botão de busca do Google. Pareceu-me ouvi-la casquinar, mas estava demasiado ocupada a encontrar informação sobre o meu novo adversário, Thomas Mitternich, para lhe perguntar o que tanto a divertia.

– Espero-te aqui com biscoitos – disse Delta.

Capítulo 12

Thomas

As Notícias

HERÓIS DO ONZE DE SETEMBRO
CIDADÃOS NORMAIS DEMONSTRARAM CORAGEM EXTRAORDINÁRIA
NOTÍCIAS E REPORTAGENS DO ATRIUM

Quando se casaram, Thomas Mitternich, filho de um carpinteiro de Brooklyn, convenceu a mulher, Sherryl, herdeira da respeitável família Osken de Nova Iorque, a deixar o elegante Upper East Side de Nova Iorque e a ir viver para os bairros históricos da Baixa de Manhattan. A área oferecia o melhor de dois mundos: charme tradicional com vistas deslumbrantes de arranha-céus, mais concretamente, do World Trade Center.

Mitternich, de 34 anos, um jovem arquiteto galardoado, especializado na conservação de edifícios históricos, despediu-se, na manhã de 11 de Setembro, de Sherryl e do filho de três anos do casal, Ethan, que a mãe estava a sentar num carrinho. Sherryl tinha um encontro às nove da manhã com um grupo de coordenadores de eventos no Windows on the World, o famoso restaurante no último andar da Torre Norte do WTC. Estava a planear uma festa de aniversário-surpresa para a irmã, a *socialite* e mulher de negócios, Ravel Osken Cantaberry. Empurrando o carrinho de Ethan, percorrera a pé os poucos quarteirões entre o condomínio dos Mitternich e as Torres Gémeas.

Os Mitternich apreciavam residir no décimo andar de um antigo prédio de escritórios da década de 1890, que o próprio Thomas recuperara para os conhecidos promotores imobiliários de Manhattan, Schmidt & Roman. Tendo ficado a trabalhar em casa, nessa manhã, via claramente as torres principais do World Trade Center, norte e sul, pelas janelas do seu *atelier*.

Quando Sherryl e Ethan se dirigiam para os elevadores do edifício, Thomas enfiou o brinquedo predileto de Ethan, um camião do lixo antigo, em metal, que Thomas comprara e restaurara,

nas mãos do filho. Ethan sorriu e perguntou ao pai se o levava mais tarde ao parque para brincar com o camião do lixo. Thomas respondeu que sim.

Quando o Voo 11 da American Airlines se precipitou contra a Torre Norte do World Trade Center, Thomas ouviu um estrondo abafado e sentiu o estirador abanar. Levantou os olhos e viu fumo a elevar-se dos últimos andares da Torre Norte. Correu para a rua e dirigiu-se para o WTC a pé, tentando ao mesmo tempo contactar repetidamente Sherryl por telemóvel.

Quando chegou ao complexo do WTC, a zona estava repleta de evacuados em pânico. Thomas seguiu obstinadamente os bombeiros, a polícia e os paramédicos para a Torre Norte. O ar estava agora saturado de pó e fumo. As ruas cobertas de detritos que atingiam as pessoas ao cair. O mais macabro era que os detritos incluíam fragmentos de corpos humanos. Thomas ficou salpicado de sangue e tecido quando um tronco se despenhou no passeio mesmo à sua frente, desintegrando-se com o impacto. Pedaços de vidro em queda abriam golpes na cabeça do jovem arquiteto e um pedaço de metal do tamanho de um punho ressaltou-lhe do ombro esquerdo, fraturando-lhe a clavícula.

A sangrar, ferido, mas determinado em encontrar a mulher e o filho, Thomas continuou em direção ao arranha-céus. Aí, no caos do átrio, o seu telemóvel tocou. Era Sherryl.

– Não sei bem em que andar estamos – afirmou. – Há muito fumo e está a ficar muito quente. Estamos a tentar encaminhar-nos para as escadas.

– Eu encontro-te, juro, estou aí o mais depressa possível – disse-lhe Thomas. Em segundo plano, ouviu o filho a chorar. – Diz ao Ethan que não vou deixar que lhe aconteça nada. Prometo.

Antes de a comunicação ser interrompida, ouviu o filho gritar «Papá».

Thomas largou a correr por uma escada acima até ser bloqueado pelas pessoas que desciam, muitas delas feridas, ensanguentadas e queimadas. Dois bombeiros de uma empresa de combate a incêndios estavam a debater-se para transportar vários trabalhadores de escritório gravemente feridos.

– A sua mulher e o seu filho usaram provavelmente uma escada diferente – disse um dos bombeiros a Thomas. – A Torre Sul também foi atingida. É capaz de desabar. Esta também. O senhor deve sair daqui. Não pode subir mais.

Não podendo senão rezar para que a família tivesse escapado por uma escada diferente, Thomas ajudou os bombeiros a transportar as vítimas para um local seguro. Regressou com os bombeiros por três vezes para ajudar outros evacuados feridos apesar dos seus próprios ferimentos.

Estava a transportar uma mulher jovem para os paramédicos na rua quando a Torre Norte

desabou. Como muitas pessoas, nesse dia, ficou a olhar incrédulo enquanto o enorme arranha-céus implodia. Os paramédicos tiveram de o levar à força para a ambulância pois uma vaga de pó asfixiante estava a encher a rua.

Ele estava determinado em voltar para a torre à procura da mulher e do filho nas ruínas.

BOMBEIROS ELOGIAM CIVIS QUE OS AJUDARAM
NOTÍCIAS DA PSR NORDESTE

Thomas K. Mitternich foi eleito bombeiro honorário do Departamento de Combate a Incêndios de Nova Iorque por ter auxiliado os bombeiros no salvamento de outros cidadãos no 11 de Setembro e pelo extensivo trabalho voluntário que realizou na «Pilha», como é conhecido o Ground Zero, nas semanas e meses seguintes. Mitternich continua a trabalhar incansavelmente no local, ajudando os investigadores e coordenando informação para os sobreviventes e as suas famílias.

A mulher e o filho de Mitternich continuam desaparecidos.

FOTOGRAFIA E ANÁLISE AO ADN CONFIRMA OS PIORES RECEIOS DO HERÓI DO ONZE DE SETEMBRO
CORRESPONDENTES DA NORTH PRESS

Para Thomas Mitternich, um dos heroicos civis do 11 de Setembro e incansável voluntário no Ground Zero desde então, chegou a notícia de que mais temia há sete meses.

O Gabinete de Medicina Legal da Cidade de Nova Iorque identificou, por meio da análise do ADN e de fichas dentárias, os restos mortais da mulher de Mitternich, Sherryl, e do filho, Ethan. Agudizando a tragédia, especialistas em fotografia identificaram conclusivamente que Sherryl e Ethan se encontravam entre as dezenas de vítimas que perderam a vida ao saltar das torres. Um operador de câmara no local captou uma imagem de uma mulher agarrada ao filho pequeno, ao saltar de uma janela que explodira na Torre Norte. A mulher é Sherryl Mitternich. A criança é Ethan.

«Não classificamos as pessoas que saltaram no 11 de Setembro como suicidas», declarou um porta-voz. «Não tiveram alternativa. Ou morriam devido à inalação de fumo e ao calor, quando o edifício desabasse, ou saltavam. Sabiam que não iam receber ajuda.»

Calcula-se que a queda de Sherryl, de Ethan e de outras vítimas que saltaram dos andares mais altos da Torre Norte tenha durado dez segundos antes de atingirem as ruas ou a praça em

baixo. Embora a morte tenha sido instantânea no impacto, há especialistas que admitem que muitas das vítimas provavelmente permaneceram conscientes durante a queda.

Na semana passada, trabalhadores no Ground Zero entregaram a Mitternich um comovente objeto retirado das ruínas: a forma distorcida do camião de brincar antigo que colocara nas mãos do filho nessa fatídica manhã.

Cathy

«As vítimas provavelmente permaneceram conscientes durante a queda.»

Esta frase não me saía da cabeça. Depois de ler os artigos sobre Thomas e a família, permaneci deitada de costas no pavimento fresco de ladrilhos da minha varanda envolta em cortinas, tonta com a sobrecarga de informação. Thomas não era nenhum avô, não tinha mais que trinta e muitos anos. Nas fotografias granuladas que acompanhavam os artigos, vi um homem alto e magro, de cabelo castanho, olhos solenes e uma expressão angustiada. Um homem que sofria. Sim, ele queria a casa da minha avó, mas não era o género de homem que enganasse ou maquinasse para a conseguir. E sim, tinha-me salvo a vida. E merecia melhor do que as coisas que eu lhe tinha dito. Infinitamente melhor.

Levantei-me sem pressa, pondo-me a andar pelo espaço ensombrado. As pesadas cortinas de lona moviam-se numa rara brisa leve, uma lufada seca do ar abafado da Califórnia do Sul. Incidiam no chão réstias de luz que desapareciam com o movimento dos panos. Eu andava por entre os feixes de luz e pela escuridão que eles deixavam atrás.

A mulher e o filho dele tinham saltado. Iam morrer queimados e saltaram. Ele não pôde salvá-los. Sherryl Mitternich levou o filho nos braços e saltou. Saltou. E sabia que estava a saltar e teve tempo para pensar sobre isso no trajeto até ao solo. Apertando o filho aterrado nos braços. Se eu estivesse no lugar de Thomas, há um pensamento que nunca me sairia da cabeça: *Papá, porque não nos salvaste, a mim e à mamã?*

Comovi-me e enterrei a cabeça entre as mãos. *Se não sair desta casa, nunca mais vou ter uma vida. Não vou merecer ter uma vida. Nunca hei de provar nada ao Thomas. Nunca hei de merecer o seu respeito. Vejam o que ele passou.*

Corri para as cortinas. Não as abria há meses, nunca ali estive à luz do dia. Agora corri-as e apoiei-me à balaustrada. A luz quente de uma tarde de L.A. envolveu-me. Olhei alucinada para as mansões nas colinas em baixo, os seus imaculados jardins espreitando debaixo de toldos e vedações de segurança. Cada arbusto talvez escondesse uma longa objetiva ligada a um fotógrafo.

– Não me metes medo – afirmei em voz alta. – Força, tira uma fotografia.

A voz não vacilou, porém, os joelhos estavam fracos. Tremiam e eu receei cair da varanda por causa da força instável dos meus próprios pensamentos em pânico. Voltei a cambalear para o quarto e sentei-me a uma secretária.

Com as mãos a tremer, digitei «Crossroads, Carolina do Norte» num motor de pesquisa cartográfica por satélite. Nenhum resultado. Ótimo. O amado vale de montanha de Delta não era conhecido na estratosfera. Quantos lugares no mundo estavam *assim* escondidos? A transpirar, digitei o endereço do café. Para os satélites e o serviço postal, o Vale só devia existir na vizinhança da grande Turtleville.

Uma imagem de satélite encheu o ecrã do meu portátil. Sim.

Floresta. Nada senão floresta e algumas manchas cinzentas onde a rocha nua se salientava das montanhas verdejantes. Um *zoom*. Surgiram algumas pequenas clareiras, dispersas no cenário selvagem. Outro *zoom*. Lá estava Turtleville, com as suas minúsculas ruas, aninhada na margem de um pequeno rio e apenas servida por umas quantas estradas. E muito à direita, enfiado entre um anel de picos cinzentos e uma imensidão azul e verde, estava um pequeno recôncavo. O Vale!

Suspendi a ponta de um dedo sobre as pequenas casas, celeiros e vedações.

– Deve ser aqui que a Delta e o Pike vivem, e esta deve ser a casa do Jeb e da Becka, e aquela é do Bubba e da Cleo, e mais ali em cima, deve ser a casa do *Santa*. A Delta tem razão. Ele sabe esconder a sua plantação de canábis.

Terceiro *zoom*.

Uma estrada. Uma estradinha minúscula. Deve ser a Trace. Ali. O café. E, à volta dele, um aglomerado de edifícios como que orientados para um ponto comum. O Café Crossroads. O centro do conforto na minha vida. Delta e o café. A origem dos meus biscoitos, espiritual e não só. Agora, tendo encontrado os pontos de referência de que precisava, podia encontrar Thomas e, ao lado dele, a quinta da minha avó.

Fiz deslizar o mapa para noroeste, sustendo a respiração. Quando vi duas pequenas ilhas no mar de floresta, lado a lado, mas separadas por uma extensão verde, fiz um último *zoom*.

– Avó – disse em surdina. O celeiro era bem visível, no entanto, tudo o resto estava encoberto por árvores. Podia vislumbrar-se o telhado da casa dela através dos carvalhos gigantes que a rodeavam. Escondida.

Ninguém me veria ali. Podia andar ao ar livre. Podia sentar-me à sombra das árvores, deitar-me na relva, dançar na pastagem como um veado selvagem e ninguém podia fotografar-me. Nem os satélites.

Movi um pouco o mapa e estudei a clareira de Thomas. Uma cabana diminuta. Não havia árvores frondosas, nem anexos de grande dimensão, mas… que desenho geométrico seria aquele no prado dele? Franzi os olhos. Fiz um esboço num caderno com um lápis. O que quer que fosse, era belo. Etéreo. Todavia, parecia apontar para a casa do lado. Para a casa da minha avó. Para a minha herança. Para mim.

Desliguei o portátil e permaneci ali sentada, agarrada a mim mesma, a baloiçar-me.

Vais para a Carolina do Norte. Vais provar que és capaz de olhar pela tua vida sem a ajuda de ninguém. Vais descobrir de que fibra és *feita, provar que tens mais a dar do que um rosto. Vais viver na quinta da tua avó. Vais ser forte. Vais mostrar ao Thomas que também não vais desistir de viver. Vais obrigá-lo a respeitar-te tanto quanto o respeitas secretamente a ele. Nem que morras a tentar.*

Terceira Parte

Uma mulher tem de ser capaz de dizer, sem se sentir culpada: «Quem sou eu e que quero da vida?»

− *Betty Friedan*

Aquilo que as mulheres ainda têm de aprender é que ninguém lhes dá poder. Têm simplesmente de o tomar.

− *Rosanne Barr*

Capítulo 13

Thomas

O Dia de Ação de Graças

Cathy partiu de Los Angeles sem aviso, no dia seguinte ao Dia de Ação de Graças. A temperatura lá era de vinte e quatro graus e fazia sol. No Vale era de um grau negativo e estava a nevar. Não nevava abundantemente aqui mais do que duas vezes no inverno e, de um modo geral, nunca antes de janeiro mas, nesse outono, o vento norte soprava com uma violência inusitada.

– A governanta dela só diz que a Cathy «se mudou» – disse-me Delta na cozinha do café. – A Cathy instruiu-a a não nos dizer para onde ia. Segundo a governanta, a Cathy quer desaparecer, mas deixar os *paparazzi* a pensar que ainda está a viver em Los Angeles. Ela mandou dizer que entrará em contacto connosco assim que se instalar. Qual será a ideia dela, Thomas?

– Se não conseguimos encontrá-la, só nos resta esperar.

Delta apontou triste para uma caixa de cartão num dos balcões de linóleo da cozinha.

– Estava agora mesmo a preparar-lhe a próxima caixa com biscoitos. Até lá pus peru e recheio e tarte de abóbora para o dia de festa.

– Eu sei. – Indiquei com a cabeça o envelope de papel *kraft* que tinha na mão. – Estava a planear mandar-lhe fotografias da casa coberta de neve. Apesar de ela pensar que eu sou um incendiário e um sociopata, espero que as fotografias a comovam.

Delta desviou os olhos de modo furtivo.

– Ora, já te perdoou com certeza. Ou pelo menos mudou de opinião para melhor.

Levantei uma sobrancelha.

– O que é que fizeste?

– Dei-lhe o teu nome completo. E sugeri que te consultasse no Google. As pessoas fazem *gluglu* quando são pesquisadas no Google*?* Deviam fazer.

O peso de um longo e frio inverno de memórias abateu-se-me nos ombros.

– Já sabes que eu não gosto…

– Ela precisava de saber quem tu és na realidade.

Abanei a cabeça e saí para o alpendre frontal do café. A neve caía em grandes e macios flocos, escondendo as montanhas e quase encobrindo a Trace. Esta noite não haveria clientes para o jantar. A extensa pastagem do Vale era um manto puro de branco. Chegava-me o cheiro a fumo de lenha das chaminés, o odor límpido da neve, o aroma de comida. Uma noite aconchegada para as pessoas e os animais se reunirem em redor de lareiras quentes e mesas recheadas. Uma noite para saborear refeições nutritivas e fazer amor debaixo de edredões macios e pesados.

Encolhi os ombros, dirigi-me para a carrinha e fui para casa. Precisava de estar sozinho, de estar a sós com os meus pensamentos e de me adaptar à solidão numa noite fria. Tinha pressionado de mais Cathy e o facto de Delta a ter posto no caminho da minha história não ajudava em nada. Cathy já tinha muito com que se preocupar sem os meus discursos estimulantes e hipócritas. *Arquiteto, antes de mais recupera-te a ti*. Ela tinha provavelmente deixado o país, escondendo-se em alguma estância de esqui europeia ou numa ilha privada, num lugar tropical. A pensar em matar-se onde eu nada podia fazer.

Cathy

– Tem a certeza que há um cruzamento neste vale, Ms. Deen? – perguntou o meu motorista. – Não vejo nada com este nevão.

– Procura um grupo de edifícios à direita. – Os meus dentes tiritavam não do frio, mas dos nervos. Não, nervos não, terror. E exaustão. Tinha partido de Los Angeles de madrugada, hora de L.A., numa carrinha de entregas. Duas horas mais tarde, deixei a Califórnia num avião particular. Às duas da tarde, estava a sair do aeroporto de Asheville, hora da Costa Leste, num grande *Hummer* preto que rebocava um atrelado carregado de equipamento de campismo de alta tecnologia e acompanhada por um segundo *Hummer*, para que o meu motorista e guarda-costas pudessem deixar o primeiro na quinta da minha avó e regressar à civilização sem mim.

Equipa da Pioneira Cathy, foi o nome que dei ao meu grupo.

Pioneira. Era isso. Estava vestida com lã, um colete *GorTex* por cima de umas perneiras térmicas de lã polar, os pés protegidos por grossas peúgas de lã e botas de marcha impermeáveis, as mãos cobertas com luvas de lã e uma colorida máscara de esqui com um desenho asteca a esconder-me a cabeça e o rosto. Parecia um balão muito cheio mas, pelo menos, não teria medo de morrer de frio na casa sem aquecimento. Planeei a minha viagem às regiões selvagens da Cordilheira Azul como uma exploradora ártica que planeia uma excursão ao polo Norte.

O único elemento imprevisível do plano era eu. Após meses de isolamento, carregava o meu medo de carros, fogo e publicidade numa viagem dilacerante de uma ponta à outra do país. Tinha tantos frascos de tranquilizantes na carteira que chocalharam quando de lá tirei um lenço de papel. Contudo, mesmo com a proteção dos medicamentos, tinha sofrido ataques de pânico regulares durante todo o dia e, neste momento, estava a ser acometida por mais um.

– Está tudo bem consigo, Ms. Deen?

– Quando v…vires o café, a mercearia, os outros edifícios pequenos – disse eu, a bater os dentes –, é Crossroads. O cruzamento propriamente dito é do outro lado do c…café.

– São quatro da tarde aqui. Se não formos já para a quinta da sua avó, faz-se noite. Tem a certeza que não prefere passar a noite em Asheville, Ms. Deen?

Hesitei por momentos. Tínhamos acabado de passar uma hora arrepiante numa estrada estreita a subir e a passar as montanhas que cercavam o Vale. Era como uma montanha-russa sem pista de segurança.

Se desistires agora, nunca mais voltas a tentar.

– Tenho.

– Muito bem. Vou contactar o *Hummer* da frente a dizer que continue.

Enquanto ele ligava aos guarda-costas que seguiam no primeiro veículo, apertei com mãos trémulas a garrafa fria de metal de um pequeno extintor de incêndios. Era a minha rede de segurança, tal como o *Hummer* me tranquilizava um pouco com as suas funções de resistência a capotagem e incêndio.

– Aí está o café – anunciou o motorista. – Parece estar deserto. Numa noite destas, não há clientes.

Encostei-me à janela do banco de trás e perscrutei por entre a neve. O café. *Sim, é encantador e simpático e tudo o que imaginei que seria*. Mesmo na luz esbatida e no remoinho de neve, com o parque de estacionamento vazio e uma única luz acesa no letreiro junto das bombas de gasolina, o Café Crossroads era um ícone reconfortante na minha louca viagem.

Podias parar já aqui, disse eu a mim mesma. *Entra e surpreende Delta, deixa que ela te abrace. Ela é do género de dar abraços, de certeza. E depois dá-te biscoitos e convida-te para passares a noite em casa dela.*

Não. Isso seria optar pela saída mais fácil. Não podia pedir ajuda a Delta, nem a Thomas, não podia voltar para Asheville e pernoitar num bom hotel, tinha de chegar a casa da minha avó. Se entrasse pelo café dentro, estaria a admitir que não era capaz de me desenvencilhar sozinha. Até Delta se sentiria embaraçada. *A menina da cidade aparece num* Hummer *com os guarda-costas*, murmurariam as pessoas. *No meio de um nevão, agarrada a um extintor de incêndios*.

Acometeu-me o terror mais uma vez quando o café e o seu mundo se desvaneceram na tempestade de neve.

– Ali está o cruzamento – anunciou o motorista. – Vamos… hum… virar naquele… trilho?

– Sim! – Estiquei o pescoço para olhar por entre os bancos da frente. – É isso! Ruby Creek Trail! – Thomas reavivara as minhas recordações de infância com descrições minuciosas e afetivas da estrada erma para a casa da minha avó e eu tinha a certeza de que encontraria o sítio. – Agora só temos de seguir Ruby Creek durante uns vinte minutos. Quando chegarmos a uma bifurcação no trilho, enfiamos pelo trilho da esquerda, pela crista acima. O caminho dá a volta e acaba por sair da floresta ao lado do prado da frente da minha avó. Nesse ponto, já devemos conseguir ver a casa.

– Ms. Deen – interrogou-me o motorista –, tem a certeza que ninguém foi devorado por lobos aqui nos últimos tempos?

– Creio que não.

Contudo, o meu estômago revolveu-se de medo ao ver os *Hummers* e o atrelado abandonarem a civilizada Trace e entrarem no agreste trilho. O andamento suave tornou-se turbulento. A floresta escura e coberta de neve fechou-se à nossa volta. À direita, enquanto descíamos para uma longa depressão cheia de abetos altos, que lembravam árvores de Natal, e rododendros, o Ruby Creek surgiu ao nosso lado, as suas correntes pouco fundas borbulhando entre pedregulhos cobertos de neve.

Encostei-me à janela. A avó Nettie tinha-me levado ali para apanhar pedras preciosas. Eu tinha encontrado umas pedrinhas cinzentas que deixavam transparecer reflexos coloridos. Ela polira-as na mó. Embora acabassem por se revelar simples seixos arroxeados, eu levei-os para casa, em Atlanta, e guardei-os no meu guarda-joias. Quando ela morreu, pedi ao meu pai que mandasse fazer uma pulseira com os rubis da minha avó. Ele concordou, mas depois perdeu-os. Ou disse que os tinha perdido.

Vinte anos depois de ter visto pela última vez a estranha e encantadora casinha da minha avó

desaparecer pela janela de trás do *Mercedes* do meu pai, saí para o quintal da frente, enterrando os pés na neve que me dava pelos tornozelos, e encarei mais uma vez a casa. Estava envolta num remoinho de flocos de neve, o seu telhado pouco inclinado e as robustas vigas expostas escondidas nas sombras, as bonitas janelas de vitral escuras e embaciadas. Não era completamente real, era mais uma visão num espelho do que uma construção material de pedra e madeira.

Quatro largos degraus de pedra levavam ao alpendre fundo. Esvoaçavam flocos de neve por baixo do largo arco de pedra baixo que emoldurava o beiral rústico do alpendre. Este arco dotava a casa de uma espécie de sabor arábico. Recordei-me da minha primeira visita à minha avó em que me senti apavorada com a entrada. Pensei que tinha esbarrado com a casa de uma bruxa numa floresta selvagem. E possivelmente tinha.

Abracadabra, avó, estou aqui. Cheguei.

– Ms. Deen, quer que arrombemos a porta? – perguntou um dos meus guarda-costas, gritando como se a neve fosse ruidosa.

Abanei a cabeça.

– Deixe-me procurar a chave primeiro.

Com as pernas a tremer, apoiei-me a um ressalto coberto de neve dos grossos muros de pedra que ladeavam os degraus. Os seguranças cirandavam à minha volta, apontando as lanternas para o meu caminho e adiantando-se para verificar se haveria gelo no piso de pedra do alpendre. Com o coração na garganta, detive-me diante da grande porta de entrada. Recordava-me de ser de madeira escura, com um belo retângulo horizontal de vitral na parte de cima.

– Esta porta parece ser de cerejeira maciça – disse um dos homens a outro.

– E é – disse-lhes eu.

Apontando uma pequena lanterna ao painel de vidro, quase gritei de felicidade quando vi a elaborada cena que me tinha encantado em criança: o caleidoscópio de uma ribeira sinuosa, uma colagem de vidro de árvores e um pano de fundo de cintilantes montanhas verdejantes. Este soberbo desenho fora criado pela minha avó.

Continha o fantasioso segredo da chave da porta. A minha avó ensinara-me o poema tão bem que eu nunca me esquecera dele.

Terceira montanha à esquerda

Olha para oeste da cumeada

É onde a chave da porta

Está permanentemente guardada.

As paredes da casa estavam revestidas com fasquias de cedro cortadas à mão, tingidas de castanho-escuro. Com o dedo indicador da mão enluvada, tracei uma linha imaginária a partir do pico da terceira montanha, no vitral à esquerda da fasquia mais próxima, ao lado do caixilho da porta. Sustendo a respiração, enfiei o dedo com cuidado ao lado do canto inferior da fasquia, dando-lhe um leve empurrão para o lado. Tal como quando eu era criança, em cima de um banco de ordenha para lhe chegar, a fasquia deslocou-se para a esquerda.

E ali, atrás dela, pendurada num pequeno prego, estava a chave da porta.

A voz da minha avó podia facilmente ter-se confundido com um sopro de vento por baixo do beiral do alpendre, mas juro que a ouvi sussurrar: *Estás a ver? Nunca te esqueceste desta casa e esta casa nunca se esqueceu de ti.*

Os guarda-costas descarregaram o atrelado, fizeram um rápido reconhecimento do quintal e do celeiro e, em seguida, passaram revista à casa desde o pequeno sótão inacabado às entranhas da cave de pedra, os passos pesados ecoando nos soalhos de madeira vazios. Eu fiquei na sala de estar com todas as minhas provisões, abrindo caixotes e estendendo um saco-cama numa cama de campanha, no canto junto da lareira. Coloquei lanternas a pilhas ao longo da fornalha e na larga prateleira do fogão de sala. Estava demasiado nervosa para registar muitos pormenores, apenas uma forte impressão de madeira escura, pedra e janelas sem cortinas. Charcos ovais de luz das modernas lanternas criavam estranhos desenhos nas paredes apaineladas e no teto. O vento gemia na chaminé. Uma folha velha de contraplacado tinha sido aparafusada à lareira.

Não conseguia tirar os olhos daquele tapume restritivo. Um lume teria sido aconchegante e animador.

E aterrador.

Nada de lumes. Não haveria chamas nesta casa. Apalpei a minha máscara de esqui. Preferia tiritar de frio.

Tirei um martelo e pregos das caixas e vários cobertores de lã. Preguei-os nas janelas. Lembrei-me de que a casa se enchia de luz do sol durante o dia, iluminando a acolhedora mobília, as pinturas, a cerâmica extravagante, e se iluminava à noite com a tremeluzente luz

amarela de bonitas candeias a petróleo antigas. Sem as peças de decoração da minha avó, a casa parecia um mausoléu de madeira. Deixaria uma exploração mais completa para o dia seguinte.

– Onde estão os interruptores da luz, Ms. Deen? – perguntou o chefe.

– Não há. A minha avó nunca instalou eletricidade.

– E na casa de banho?

– Penicos e um lavatório de pé. Para necessidades mais sérias, ela usava uma latrina exterior.

– Ms. Deen, fizemos uma inspeção rápida ao quintal. Não há nenhuma latrina. Nem sequer os vestígios de uma antiga latrina.

Abanei a cabeça.

– Tem de estar aí fora em algum lado. O meu pai alugou esta casa a rendeiros depois da minha avó morrer. Viveram aqui até há poucos anos. Tem de haver uma latrina relativamente nova e intacta.

– Não há, minha senhora.

Outra surpresa desagradável, tal como a lareira tapada com contraplacado. Pois bem. Teria de improvisar.

– Ms. Deen, faz alguma ideia de onde podemos encontrar água corrente limpa? Só há um pequeno buraco na parede por cima do lava-loiça na cozinha. Alguém o tapou com um pedaço de madeira.

Franzi a testa.

– Devia haver uma torneira acionada a bomba. – Fiz gestos de bombear. – Estão a ver? À moda antiga. Manobra-se a alavanca e a água acaba por sair. Há um tanque para a água da chuva lá fora com um cano que vai ter diretamente à parede da cozinha. Vê-se da janela da cozinha.

– Pode ter havido um tanque mas já não há. E pelo aspeto da mancha na parede da cozinha não há torneira de espécie alguma por cima do lava-loiça há muito mais do que apenas uns anos.

Fui tomada pelo desânimo. Thomas tinha razão. O meu pai mentiu-me quando disse que olhava pela quinta. Queria ter a certeza de que ninguém, incluindo eu, preservava a casa da família rústica e embaraçosamente retrógrada da minha mãe.

– Bem, não me falta água engarrafada para beber – repliquei alegre. – E há neve que chegue

para derreter para as lavagens. Também há um poço no quintal com uma bonita casa de máquinas…

Quando abanaram as cabeças, percebi que também estes já não existiam. Respirei fundo.

– Eu mando abrir um novo poço. Entretanto, digam-me ao menos que ainda há um pequeno lago na outra ponta do celeiro. Era alimentado por uma nascente e a minha avó tinha lá peixes-gatos. – Acenaram com a cabeça. – Estão a ver? Tenho um lago. Não há falta de água.

Os homens mostraram-se indecisos, mas ajudaram-me a desembalar alguns caixotes com mantimentos e água. Aparafusaram um ferrolho pesado na porta das traseiras para substituir o frágil fecho de gancho e, por fim, certificaram-se de que todas as janelas estavam firmemente trancadas.

– Podemos pregá-las – disse um deles.

A ideia fez-me ver estrelas nebulosas por um momento. Como é que escaparia em caso de incêndio?

– Não, nada de janelas pregadas – respondi. Os homens pareceram desapontados.

– Por favor, Ms. Deen, mude de ideias e volte para Asheville – insistiu o chefe. – Quando trabalhava para a Halliburton no Iraque, vi casamatas no deserto que eram mais modernas do que esta casa.

– A minha avó viveu aqui toda a vida e nunca se queixou. O meu avô morreu novo e, depois de a minha mãe sair de casa para se casar com o meu pai, a minha avó ficou aqui sozinha. Quando eu a visitava, ela deixava as janelas abertas e nunca trancava as portas. Sentia-se perfeitamente segura. – *E eu também*.

– Ela morreu de causas naturais?

– Morreu de uma embolia quando estava a chefiar uma manifestação. Ouçam, agradeço a vossa preocupação, mas não há razão para tal. Vá, ponham-se a andar. Ainda têm uma viagem de trinta minutos num trilho coberto de neve para chegar à estrada pavimentada no Vale. E mais uma hora na estrada da montanha. Saiam daqui antes que anoiteça. Ponham-se a salvo! Estou a brincar. Lembrem-se que eu tenho amigos no Vale, se precisar de ajuda.

Não é que tencione pedi-la, acrescentei secretamente.

A equipa suspirou, desistiu, vasculhou nos caixotes e ofereceu-me uma prenda surpresa: uma espingarda e duas caixas de munições.

– Que simpáticos – agradeci. – Obrigada, pessoal. Vou mandar empalhar o primeiro animal que matar para lhes mandar.

Pelo menos não era preciso ensinarem-me a usar a arma. Uma das minhas tias tinha sido campeã de tiro aos pratos e ensinara-me os rudimentos da arte de atirar. Claro que eu não tinha os aprestos dela, mas decerto seria capaz de me desenrascar.

Despachei o pessoal para o alpendre e despedi-me deles com um aceno. Porém, assim que os faróis traseiros do segundo *Hummer* desapareceram na neve e na escuridão, a minha alegre confiança esbateu-se, dando lugar à dura realidade. Agora sim, estava completamente isolada. A fria noite da montanha insinuava-se à minha volta, espreitava-me por cima do ombro, cheirava-me como se eu fosse comestível e sussurrava: *O fogo não acabou contigo, mas o gelo é muito capaz de acabar*. O vento lançava flocos gelados através dos buracos da minha máscara, depositando beijos frios e molhados nos meus olhos e na minha boca.

Olhei à minha volta, amedrontada. Esta aventura seria um apelo à autossuficiência ou o guia de um idiota para a autodestruição?

Tremiam-me as mãos ao desligar a lanterna para testar o pleno efeito da solidão no Cume da Mulher Selvagem. Sim, era a escuridão que eu recordava das minhas visitas em criança. Não era apenas escuro, mas escuro-escuro. Sem lampiões, sem sons de rua, sem sirenes, sem o brilho distante de luzes citadinas, sem nada. Só eu, as minhas cicatrizes, as minhas fobias e a minha orgulhosa ideia de que mostraria a Thomas Mitternich o que era a força de carácter.

Abriu-se uma portazinha no meu cérebro. As dobradiças rangiam. Diáfanas teias de aranha esticavam-se no puxador da porta. Um letreiro sobre a porta dizia: *Superstições Primitivas, por outras palavras, Coisas Arrepiantes em Que é Melhor não Pensares.*

Estes Apalaches antigos regurgitavam de histórias de fantasmas, histórias de bruxas, assombrações e ressurreições, espíritos de panteras a gritar na floresta, luzes de espíritos a dançar nos recôncavos, encontros com Belzebu. O género de histórias que as crianças suburbanas contam umas às outras à luz da lanterna, em festas de pijama, com a diferença de que estas eram piores porque aqui, nas montanhas, baseavam-se em factos reais.

E as suas origens estavam enterradas nas proximidades.

Oh, meu Deus. Tinha-me esquecido do cemitério dos Nettie na mata atrás da casa. Dezenas de Nettie, remontando ao século XIX, estavam enterrados numa bonita clareira onde a minha avó tinha plantado tantos junquilhos que, todas as primaveras, as campas se transformavam num mar de fragrantes flores amarelas. As duas únicas Nettie que não estavam ali enterradas eram as duas de cuja vigilância espiritual mais precisava: a minha mãe e a minha avó. A minha mãe estava enterrada no jazigo dos Deen em Atlanta e a minha avó no cemitério da igreja de Turtleville. Eu e o meu pai estávamos de férias na Europa quando ela morreu e o meu pai disse que nunca conseguiríamos regressar a tempo do funeral e nunca poderia organizar um enterro tradicional no cemitério isolado dos Nettie. Ou talvez não quisesse honrar um costume que considerava arcaico e até primitivo, como o legado dos Nettie em geral.

– Avó? Mãe? – segredei na escuridão. – Eu sei que os espíritos não têm preocupações geográficas, mas neste momento queria muito que estivessem por perto porque estou a recordar certos pormenores tétricos da nossa herança de Nettie mortos.

O fantasma do irmão da avó Nettie não havia vagueado pelo recôncavo de Ruby Creek com um terrível ferimento na cabeça, à procura do rival que o tinha matado por causa de uma mulher? Não tinha a minha avó visto o avô Nettie em pé no prado, horas depois de ele ter sido morto a tiro?

A minha avó contara-me estas histórias com sinceridade objetiva, sem vestígios de morbidez. «Há uma diferença entre fantasmas e espíritos», explicou-me. «Os fantasmas não passam de almas perdidas, mas os espíritos dão-nos a saber que há uma razão para a sua presença. É para nos transmitir ensinamentos e para nos confortar.»

Neste momento, não me sentia reconfortada com a possibilidade de visões ectoplásmicas, fosse qual fosse a maneira como a minha avó as classificava. Olhei para o portão negro do quintal da frente, ouvindo os dedos esqueléticos dos grandes carvalhos estalar e restolhar com o vento, sentindo gerações dos meus familiares da montanha nas sombras à espera que eu largasse a correr.

Não quero ver Nettie mortos.

Soou um rosnido sobre a minha cabeça.

Dei um salto à entrada da porta, acendi a lanterna rapidamente, agarrei na espingarda descarregada e apontei a lanterna para as vigas do alpendre. Dois penetrantes olhinhos pretos fitavam-me lá de cima. Um pequeno mapache estava abrigado da tempestade num recesso das vigas. Voltou a rosnar. Pronto, não era um rosnido; era mais uma espécie de risada assustada. Descomprimi um pouco.

– Pelo menos não estás morto e não és da família.

Recuei lentamente para dentro da minha nova casa, fechei a porta, tranquei-a, carreguei a espingarda, pousei-a na fornalha ao lado da cama, enfiei várias almofadas atrás do saco-cama para me poder reclinar e depois enfiei-me nele ainda vestida, incluindo a parca forrada a pelo. Puxei o saco até ao nariz. Espreitando por debaixo dele, esperei acordada que o dia nascesse.

A Pioneira Cathy tinha chegado.

Thomas

Depois de ter caído o nevão no Dia de Ação de Graças, deitei-me à luz do lume na minha cabana, pensando onde estaria Cathy e ainda a censurar-me por tê-la levado a abandonar Los Angeles. Nessa noite, a minha cabana ou, como eu lhe chamava, o Castelo de *Vodka*, enchia-me de claustrofobia. Quando o telemóvel tocou na mesa da cozinha, acabei de atiçar uma acha na lareira, emborquei uma dose dupla de *vodka* numa caneca de café, estiquei-me na cama e peguei no telefone. A voz arrastada de Pike retiniu-me no ouvido.

– Thomas, viste alguém a virar para a Ruby Creek Trail quando ias para casa?

– Não. Nada nem ninguém. Porquê?

– É que o Falter Perkins andava a «apanhar ar fresco»… o que quer dizer que andava a caçar perus fora de época, para o guarda não topar as suas pegadas… e jura que ouviu carrinhas pesadas… ou qualquer coisa que soava como carrinhas pesadas… a passar na estrada da ribeira. Deve ter sido pouco antes do crepúsculo.

– Eu saí do café antes disso. Não vi ninguém a ir nessa direção.

– Pois é. De vez em quando, um labrego ignorante tenta usar a estrada da ribeira para cortar caminho para Turtleville. Chega à bifurcação e apercebe-se de que está no meio das montanhas, perdido, sem mais estrada e muito menos qualquer local habitado. Só um palerma é que se metia por aí na neve e ao frio, pouco antes de anoitecer.

Levantei-me. Veículos no trilho da ribeira eram motivo de preocupação.

– Vou lá dar uma vista de olhos – afirmei ao Pike.

– És doido? A porcaria da tua carrinha não tem tração às quatro rodas. Vais ficar atolado e depois sou *eu* que tenho de arrostar a neve para te safar. A Delta e eu estamos a preparar-nos para nos irmos deitar.

– Não te preocupes comigo. Eu levo as correntes para a neve. – Despedi-me e atirei o telefone para cima da mesa. Pus-me a dar voltas. Três passadas num sentido, três passadas no sentido contrário. Um *hamster* numa roda tinha mais opções. Lá fora, a neve enchia a obscuridade com cristais frios de isolamento. Imaginei Cathy algures numa praia privada, escondida de olhares curiosos numa barraca, desconfiada e sozinha, contemplando um oceano distante num areal branco.

A casa da avó dela era a melhor hipótese que eu tinha de a manter viva e em contacto. Que mal havia em ser excessivamente protetor? Ninguém, além de mim, saberia que tinha cometido a loucura de me aventurar na nevasca para inspecionar a casa.

Ninguém além de mim.

Raios! Marcas de pneus na estrada em direção à casa da Nettie. A neve ainda não as tinha coberto por completo. Formavam largas linhas paralelas no feixe dos faróis da minha carrinha. Que diabo conduzia este intruso… um tanque?

Reduzi a velocidade para ganhar tração, seguindo as marcas por um caminho lamacento para o cabeço largo da quinta. Os ramos carregados de neve dos abetos e dos cedros dobravam-se sobre o trilho.

A qualidade de fabrico foi feita para durar. Tirei uma pistola clássica da Segunda Guerra Mundial de um saco de pano no assento. A qualidade de fabrico também faria os intrusos sentir necessidade de roupa interior lavada.

Apaguei os faróis quando a carrinha transpôs o cabeço. Abri a janela, pus um braço de fora e usei uma lanterna para percorrer a passo de caracol os últimos metros até o trilho emergir da floresta. À minha esquerda surgiram as estacas inclinadas do prado da frente. Conduzi a carrinha ao longo dessa vedação até chegar a uma esquina. Estava agora no limite do pátio do celeiro. Mais cinquenta metros e chegaria aos arbustos e ao caminho da casa. Parei a carrinha, meti a arma num bolso fundo do meu casaco de carneira, desci a aba de um velho chapéu de feltro sobre os olhos e avancei por entre flocos de neve apenas com um pontinho de luz à frente das minhas botas. Segui as misteriosas marcas de pneus até a um robusto *Hummer* preto debaixo dos carvalhos da frente.

Quem quer que fosse o dono deste monstro suburbano que bebia gasolina não brincava em serviço. Matrícula da Carolina do Norte. Condado de Buncombe. Queria dizer Asheville. Um carro alugado, talvez? Seriam de novo os fotógrafos que eu pusera a andar há meses? Às tantas pensaram que podiam iludir-nos no meio de uma tempestade de neve e rondar a propriedade de Cathryn à vontade. Talvez fossem fotógrafos que se tinham apercebido da partida dela de Los Angeles e se tivessem plantado num sítio onde pudessem armar-lhe uma emboscada, por mais remotas que as hipóteses fossem.

Pois bem, também ia armar-lhes uma emboscada.

Contornei a casa, registando a luz fraca atrás dos taipais que alguém tinha colocado nas janelas da sala de estar na frente. As janelas da sala de jantar, da cozinha e dos dois quartos estavam às escuras e sem cortinas, como sempre. Detive-me em todas, espreitando ligeiro para o interior. Não vi mais do que espaços escuros e desertos. Muito bem.

Durante os últimos quatro anos, tratara a casa de Nettie como se fosse o meu território privado. Não era um ladrão, não era um vândalo, era um vigilante voluntário. Tinha forçado todas as janelas com um pé de cabra, estroncado a porta de estrada, vagueado pela casa à vontade. Sabia o que estava guardado no sótão e na cave. Sabia que janelas rangiam quando as abria e que tábuas do soalho chiavam debaixo dos meus pés. Sabia como me esgueirar lá dentro em silêncio.

A porta de resguardo de um pequeno alpendre coberto, entre o quarto das traseiras e a cozinha, não tinha ferrolho. Os planos desta casa da Sears chamavam-lhe um alpendre de dormir; Delta dizia que Mary Eve só lá dormia nas noites mais quentes de verão. Tanto o quarto, como a cozinha tinham pequenas janelas viradas para o alpendre. Recentemente consertara o contrapeso da janela de guilhotina do lado do quarto e por isso sabia que abriria sem ruído. Abri o fecho com a lâmina do meu canivete e levantei a vidraça. Enfiando a cabeça na divisão às escuras, sustive a respiração e pus-me à escuta.

Não chegava nenhum som da parte da frente da casa. Ótimo. Talvez apanhasse os intrusos a dormir. Agarrando-me ao caixilho da janela, impulsionei-me para o interior, caindo ao de leve no soalho do quarto. A casa era robusta; as vigas resistentes. As tábuas largas do soalho de bordo tinham sido impecavelmente assentes como peças de um *puzzle*.

A qualidade de fabrico não se compadece com rangidos debaixo dos pés.

Avançando devagarinho, entrei no vestíbulo principal da casa. Tinha aqui uma vista desimpedida da sala de estar da frente. Pela porta, vi uma quantidade de caixotes empilhados junto da porta de entrada, com uma pequena lanterna que emitia uma luz branca. O resto da sala de estar estava mergulhado na escuridão.

Avancei no vestíbulo, perscrutando. Não ouvi ressonadelas, nem conversas, nem o ruído de páginas a serem viradas, nem qualquer melodia de um leitor de CD ou de um rádio. Toquei por um instante na arma no bolso do casaco, mas deixei-a estar. O meu velhote tinha-nos ensinado, a mim e ao John, as regras sagradas dos revólveres e das espingardas, em que a primeira era: *Só um imbecil aponta uma fusca a alguém quando não faz tenções de disparar*, e a segunda: *Não sejas um imbecil*.

Passei pelas portas da cozinha e da sala de jantar à esquerda e pela porta do quarto da frente à direita. Põe-te aí e confronta quem teve a audácia de se instalar nesta casa muito privada e muito especial.

Um passo. Levantei o pé para dar o seguinte.

Ouvi um *clique* suave e bem oleado atrás de mim. Um objeto duro estabeleceu contacto com o centro das minhas costas. Paralisei. Uma voz rouca de mulher disse calmamente:

– Deves fazer a ti mesmo a seguinte pergunta: «Estou num dia de sorte?» Como é, patego, estás?

Uma mulher. Uma mulher… citando Clint Eastwood num dos filmes de *A Fúria da Razão*. Eu conhecia aquela voz gutural. Senti arrepios na espinha. Não podia ser. Ou podia?

– Olá – disse em voz baixa. Se estávamos a citar frases rascas de filmes, também tinha as minhas. – «Povo da Terra, eu venho em paz.»

– Anda lá – retorquiu. – «Faz-me ganhar o dia.»

– O que está a acontecer aqui é uma falha de comunicação.

– Eu matei um homem em Reno só para o ver morrer. O que tens encostado à espinha é uma arma.

– Pensei que ficavas feliz por me ver.

– Vira-te. Devagar.

Rodei centímetro a centímetro, com os braços ligeiramente abertos. O coração batia-me acelerado no peito e a cabeça zunia-me com uma estranha combinação de preocupação e júbilo. Por fim, no vestíbulo obscuro, baixei os olhos sobre a mais estranha visão: uma criatura esbelta com uma parca de pelo, o rosto e a cabeça escondidas por uma máscara de esqui colorida, fixando-me com grandes olhos verdes e intrépidos e apontando uma espingarda ao centro do meu peito.

Cathy.

Percebi que imagem devia estar a transmitir-lhe, alto, barbudo e desgrenhado, a cara encoberta pelo chapéu de feltro, uma figura corpulenta com um pesado casaco de carneira. Seria perfeitamente compreensível se ela premisse o gatilho da espingarda. *Mantém o tom ligeiro, casual*.

– Com tantos antros de má fama nesta cidade – disse eu num tom à Bogart –, porque é que tinhas de vir para casa da tua avó sem me informar?

Aqueles espantosos olhos verdes percorriam-me, estudavam-me, estreitavam, alargavam-se. Ela recuou um passo. A espingarda vacilou e foi baixada. Os seus lábios macios e carnudos abriram-se num «Oh» de espanto.

– Thomas?

Foi a minha vez de a fixar surpreendido. Ela não tinha visto fotografias minhas recentes e apenas ouvira a minha voz, talvez umas três vezes, ao telefone.

– Como é que adivinhaste? – perguntei.

Ela inclinou a cabeça. O seu olhar tornou-se solene, reservado, mas cintilante com lágrimas.

– A tua voz é especial – respondeu. Uma pausa. – Enganaste-me – disse com brusquidão –, quando disseste olá.

A simplicidade emocional dessa noite, quando eu e Cathy nos encontrámos pela primeira vez cara a cara, ou antes, cara a máscara de esqui, não é fácil de descrever.

– Não há necessidade de explicar nada esta noite – insisti, depois de ela baixar a arma. – Posso deitar-me no chão no quarto das traseiras antes que desmaie? Não estou habituado a ser ameaçado com uma espingarda. – *Nem a apaixonar-me ainda mais à primeira vista*.

– Vais ficar aqui? – perguntou-me, inclinando a cabeça.

Assenti.

– Mesmo que mudes de ideias e me mates, não te deixo aqui sozinha esta noite.

Estudou-me por mais alguns momentos, aqueles olhos espantosos analisando abertamente os meus motivos, e acenou com a cabeça.

– Não é boa ideia ires lá para fora com esta neve. Nem sei como conseguiste cá chegar. Tens tração às quatro rodas e pneus de neve?

– Não, tenho uma carrinha *Chevy* de mil novecentos e quarenta e cinco com uma atitude determinada e nada a perder.

Ela pôs a arma de lado, trouxe-me cobertores e uma mochila volumosa:

– Está cheia de sacos de cereais. É tudo o que eu tenho. Receio bem que seja uma travesseira crocante.

– Não faz mal. Eu tenho uma cabeça crocante. Obrigado. Até amanhã.

Fui para um quarto das traseiras e deitei-me no escuro sobre os cobertores, com os cereais debaixo da cabeça, e fixei o teto, maravilhado. *Ela está realmente aqui*. Ouvi-a a andar pela sala de estar, ouvi os passos dela nos velhos soalhos de madeira ao meter-se na cama improvisada. Um confortável silêncio fundiu-se com as sombras, uma sensação de segurança irradiando do companheirismo.

Pela primeira vez em vinte anos, pela primeira vez desde a morte de Mary Eve Nettie, a casa dela acalentava vida. A minha e a de Cathy. Juntos.

Nessa noite, era tudo tão simples quanto isso.

Cathy

Thomas conquistou-me quando olhei para ele sobre o cano de uma espingarda e ele me devolveu o olhar sem raiva, medo ou qualquer outra emoção discernível, salvo uma intensa necessidade de se certificar de que eu estava bem. Estava ciente do aspeto ridículo que tinha com a máscara de esqui, mas ele não se riu.

Conquistou-me com a sua determinação em me salvar de mim mesma, conquistou-me com os seus olhos acossados, cor de avelã, e com o seu pendor para dizer a coisa certa e sensata no momento certo. Exalava um cheiro fragrante a fumo de lenha, que me deu vontade de me refugiar debaixo da sua barba e ouvir o bater do seu coração, e tinha a dose perfeita de insanidade. Depois de eu quase disparar contra ele, disse em perfeito acordo com o horror de uma morte iminente: «Posso deitar-me no chão no quarto das traseiras antes que desmaie?» E quando lhe dei alguns cobertores de lã e uma mochila nova cheia de pacotes de cereais para servir de travesseira, disse-me até amanhã e deixou-me sozinha como se ter sido quase morto a tiro não fosse nada do outro mundo.

Amava-o. Não o conhecia o suficiente para acreditar noutra coisa. Amava a sua voz profunda e doce. Amava a sua compaixão. Amava o seu malicioso sentido de humor. Amava-o pelo que sofrera pela mulher e pelo filho. Amava-o por me ter salvado de engolir um frasco inteiro de comprimidos, amava-o por ter arrostado um nevão para verificar a minha casa, amava-o por admitir que era a casa que queria e não eu. A honestidade é um afrodisíaco potente.

Capítulo 14

Cathy

A Manhã do Dia Seguinte

Ainda completamente vestida e com a máscara de esqui, saí do saco-cama, dirigi-me em bicos de pés à porta do vestíbulo, inclinei a cabeça, fiquei à escuta do ressonar do Thomas (adoro ouvir os homens a ressonar) e, pensando que talvez fosse melhor fazer chichi no quintal, saí lá para fora.

Assim que desci os degraus de pedra do alpendre, estaquei maravilhada. O céu estava tão azul, a neve tão branca, que o meu bafo formava nuvens prateadas e perfeitas no ar. Virei-me aos poucos, absorvendo os enormes carvalhos no quintal, o celeiro batido pelo tempo com o seu telhado de chapa coberto de neve e, finalmente, a casa. Sob uma camada de neve perfeita, parecia ter sido construída com pão de especiarias escuro e uma cobertura de *glacé* branca.

Não, não havia fantasmas, nessa manhã havia espíritos, espíritos reconfortantes por todo o lado, acolhendo-me na paisagem fria e pura da minha nova vida.

Sê realista. O único espírito reconfortante aqui está vivo e a dormir no quarto das traseiras. Uma vez entranhado, este espinhoso pensamento recusava-se a desaparecer. Caminhei até a um grupo de rododendros bravos, puxei as cuecas para baixo, acocorei-me sombriamente, derreti alguma neve, voltei a subir as cuecas e cobri o sítio com neve fresca tal como um cão que atira terra com as patas traseiras. Marquei o meu território.

Thomas apareceu no alpendre quando cheguei aos degraus do fundo. Sem casaco, sem chapéu, apenas uma figura com uma camisa descolorida de flanela, *jeans* gastos e botas pesadas, pernas compridas, ombros largos, barba preta lustrosa, um rabo de cavalo castanho de trinta centímetros e aqueles olhos quentes e acossados. Acenou-me solene com a cabeça.

– Bom dia.

– Bom dia. – Apontei por cima do ombro. – Aqueles rododendros são meus.

– Eu reclamo a posse dos hibiscos-da-síria.

Acenei com a cabeça em resposta. Passámos um pelo outro educadamente, como passageiros em sentido contrário nas escadas do metro. Entrei em casa e ele foi tratar dos seus assuntos nuns arbustos.

Senti-me de imediato à vontade com ele e, apesar disso, terrivelmente consciente de que ele ainda não tinha tido um vislumbre das minhas cicatrizes. Nem das partes sem cicatrizes. Nem das minhas mãos que estavam enluvadas.

E era assim que tencionava manter as coisas.

– Preparei o pequeno-almoço – disse eu quando ele voltou a entrar na sala de estar. Estendi-lhe uma barra de proteínas. – Baixo teor de hidratos.

Ele meteu-a no bolso da camisa.

– Hum. Faz-me lembrar as barras de refeição processadas que a minha mãe costumava fazer. Vamos até ao café partilhar a receita com a Delta.

– Temos de falar sobre isso. Quero que me prometas que não dizes à Delta nem a ninguém que estou aqui. Quando me sentir preparada, apareço.

– Seja. Dou-te a minha palavra. Mas dá-me uma hora estimada de chegada.

– Quando as barras de proteínas e os cereais crocantes acabarem.

– Isso pode levar anos.

– Thomas, agradeço tudo o que fizeste por mim. Mas preciso de estar sozinha aqui. Este sítio é provavelmente o único no mundo onde ninguém me encontra e onde posso descobrir se sou mais do que apenas uma cara bonita. Entendes? Não é nada de pessoal, mas não quero mais a tua ajuda. Nem a da Delta.

Estava à espera de protestos, de uma defesa, de um apelo para chorar no seu ombro. Mas não, ele limitou-se a exalar profundamente.

– Ótimo. Se sair agora, posso tomar o pequeno-almoço no café. Isto é, depois de comer a tua barra de proteínas. Deixa-me só pegar no casaco e no chapéu. – Atravessou o vestíbulo enquanto o acompanhava com o olhar, boquiaberta. Ia a assobiar.

Tem cuidado com o que pedes.

Franzi a testa e comecei a abrir caixotes. Barras de proteínas, montes delas. Água engarrafada. Café instantâneo. Que bem que *este* havia de ficar com água fria. Ele voltou a entrar na sala de

estar, com o casaco vestido e o chapéu nas mãos.

– Há caixotes cheios com coisas da tua avó no sótão – afirmou. – O teu pai contratou alguém para limpar a casa quando ela morreu, mas a Delta e uns amigos salvaram a maior parte das coisas pequenas e guardaram-nas. A cave está em boas condições. Não deixa entrar água, não há animais a viver lá e não faltam prateleiras para arrumação. Hás de encontrar caixas com os frascos de conserva da tua avó e uma carvoeira vazia, mas pouco mais. O celeiro está vazio. Podes lá guardar o *Hummer* se quiseres. Há alguns sacos de milho na manjedoura e um balde velho. Sempre que cá venho, atiro milho aos animais selvagens. Se fizeres o mesmo, terás veados e perus no quintal da frente todos os dias de manhã e à tardinha.

– O mapache está sempre nas vigas do alpendre?

– Quase todas as noites. Chama-se *Fred*, mas dá pelo nome de *Louise*, *BarFace*, *Fuzz* e *Bichano*. Gosta de sobras. Podes deixá-las à beira dos degraus que ele agradece.

– Hei de servir-lhas na minha melhor louça.

– Agora, quanto ao aquecimento.

– Aquecimento?

– A lareira é segura. Durante o verão, arranquei o contraplacado, limpei a chaminé e até acendi alguns lumes para a testar. Está bem concebida. A ventilação é boa. Há uma velha pilha de lenha no celeiro. Ah, e o fogão *Franklin* que a tua avó tinha na cozinha para aquecimento? A Delta resgatou-o quando o teu pai vendeu os bens da casa e está no canto da sala do alpendre fechado no café. No inverno, ela acende-o todas as noites. Usa galhos de nogueira. Os clientes adoram. Posso arranjar uma réplica para a Delta para que possas reaver o original.

Durante a conversa sobre o aquecimento, eu imobilizara-me. Picadas frias arranhavam-me a testa. Quando não disse nada, o Thomas respirou fundo.

– Desculpa, devia ter pensado antes de sugerir…

– Eu não… acendo… lareiras. Nunca.

– Desculpa. Mas tens de tentar, Cathy. Aqui morres de frio.

– Desde que tenha *GorTex* e lã, não.

– Que tal um aquecedor a propano?

– Nada que tenha chama. Assunto encerrado. Entendido?

Talvez fosse a tensão na minha voz ou a tremura junto do meu olho esquerdo. Ele não insistiu

mais.

– Se tiveres alguma emergência – disse ele tranquilo –, liga à Delta. Se não apareceres no café dentro de duas semanas, eu venho aqui ver se descubro o teu corpo.

Oh, ele tinha jeito para isto. Displicente, profissional, com a dose certa de humor sardónico. Era revigorante.

– Não tenhas esperanças.

– Sendo uma criatura solitária como tu, compreendo as consequências. Tens de fazer o que tens de fazer, mesmo que seja autodestrutivo.

– Se encontrares o meu cadáver roído no covil de um lobo, por favor não assumas que me lancei nas mandíbulas dele num assomo de desespero suicida. Não pegues fogo a esta casa por despeito. Mudei o meu testamento para ta deixar.

Ele ficou completamente imóvel. O seu olhar desmontava-me, examinando as minhas lealdades e avaliando a enormidade do que eu tinha acabado de dizer.

– Não estás a brincar. – Falou num tom espantado.

– Não, não estou.

– Cathy, não foi isso que eu…

– Poupa-me à tua gratidão servil. O que quero dizer é que não pegas fogo a esta casa se ela te pertencer, pois não?

Ela inspirou profundamente. Retomou a expressão jovial.

– Sinto muito, mas temos um acordo. Se morreres, a casa arde.

– A tua ameaça inicial não era assim.

– Acabo de a retificar.

– Estás a falar a sério. Estás mesmo.

– Podes crer. Se te matares deliberadamente ou mesmo se fores simplesmente descuidada… por exemplo, se prenderes o dedo grande do pé e caíres dos degraus abaixo com consequências fatais ou se um esquilo raivoso te morder ou se fores atingida por um meteoro… não interessa. Esta casa arde.

– Vim para aqui para a proteger de ti.

– Ótimo. Força, faz isso. Continua viva.

– Achas que eu não consigo viver aqui, não achas? Achas que eu não tenho ovários para me desenvencilhar e sobreviver.

– O quê?

– Os homens têm tomates, as mulheres têm ovários.

– Pelo contrário, sei que és uma mulher rija. É por isso que respeito as tuas decisões e não te insulto com conselhos paternalistas.

– Ai é? Mesmo que secretamente penses que eu não sou capaz de sobreviver nas tuas amadas montanhas? Mas eu *sou* a neta da minha avó.

– Ótimo. Faz justiça à sua lenda. Ela passou alguns invernos duros sozinha nesta crista. Rachava lenha e apanhava carvão, caçava veados e perus para comer, cultivava hortaliças, criava galinhas e cabras. Pelo que dizem, era uma mulher forte que aguentou muitos abalos e nunca renunciou à sua fé no que era belo.

– Era uma agricultora/artista – contrapus. – Apanhava rubis e fazia joias.

– Tudo isso e não só. Apreciava o simples ato de sobreviver.

– Seja honesto, Mr. Mitternich, vive mesmo em condições primitivas, em pureza zen, lá na sua cabana?

– Eu? Não tenho eletricidade nem canalização e uso uma lareira para me aquecer. Debaixo de um telheiro nas traseiras, tenho três filas de lenha que eu próprio rachei. A minha lareira emite um raio aproximado de um metro e meio de calor numa noite fria. Com este tempo, durmo debaixo de cinco cobertores e uso ceroulas térmicas. Achas que podias viver assim?

Mexi-me, com uma ponta de culpa, dentro do *GorTex*, da lã e das peúgas.

– Eras capaz de ficar surpreendido.

– Podes sempre ir para o Vale e ficar em casa da Delta. Ela tem uma casa grande, um quarto de hóspedes simpático, não te faltava privacidade nem as comodidades domésticas. Além dos biscoitos.

– Essa conversa de respeitar as minhas decisões e de não ser paternalista era treta.

– Estou a dar-te informação. O que fizeres com ela é contigo.

– Recusas-te a imaginar-me a viver em casa da minha avó e a ser feliz aqui.

– É um lugar sossegado. Um dia, quando estiveres pronta, hás de querer voltar a fazer parte do mundo. Sais daqui.

– E tu, Thomas? Quanto tempo tencionas passar escondido nestas montanhas?

– Há quatro anos, comprei uma mota e parti de Nova Iorque sem outro objetivo senão acabar morto em algum lado. Mas acabei aqui. O júri ainda está reunido a decidir o meu futuro.

– Se fosses dono desta casa, que é que fazias com ela?

– Restaurava-a. Limpava-a, recuperava grande parte das madeiras, de resto deixava-a como está. Enchia a casa de mobília da era *Craftsman*.

– E vivias aqui?

– Não penso nela nesses termos. Só quero assegurar que seja protegida.

– Que fazias então com ela?

– Inscrevia-a no registo de casas históricas. Entregava-a a um grupo de ambientalistas que preservasse a terra e usasse a casa de um modo digno.

– A casa não merece ser novamente habitada? Não apenas restaurada, mas modernizada para se tornar confortável? Na minha opinião, seria juntar o útil ao agradável.

– Dá-se demasiado valor à vida moderna. E eu não ando à procura de casa.

– Estou a ver. Não instalavas eletricidade nem canalização?

– Não.

– Nem sequer uma sanita com autoclismo?

– Sou um purista.

– Suponho que isso põe de parte qualquer ideia de te contratar para projetar as minhas obras de renovação.

Era difícil distinguir a expressão dele através da barba, do bigode e da aba descida do chapéu de feltro, mas tive quase a certeza de que perdeu parte da cor.

– Renovação?

– Feita com sensibilidade e discrição. Garanto-te.

– Eu supervisiono as obras. E não te cobro nada.

– Vou pensar nisso e depois digo alguma coisa.

Senti um desânimo terrível ao ver a preocupação nos seus olhos. Nunca tinha rivalizado com uma casa pela atenção de um homem. Cedi um pouco.

– Thomas, não vou fazer nada sem o teu contributo. Se não fosses tu, esta casa era bem capaz de estar em ruínas. Obrigada por olhares por ela. Quando me instalar, podemos falar mais sobre a maneira de restaurá-la.

Os seus olhos, carregados de uma expressão sombria, suavizaram-se.

– Fazes jogo limpo. *Eu* é que agradeço.

– Na tua experiência, a maioria das mulheres *não* faz jogo limpo?

– Só cá faltava essa, logo agora que estávamos a reatar a nossa amizade.

– Pronto, pronto. Podemos discutir as políticas de género noutro dia. – Quando ele olhou para mim com uma expressão pensativa, franzi os olhos para ele, indignada. – Não sou nenhuma ignorante. Nunca andei na universidade, mas sou capaz de soletrar o meu nome e contar até dez sem ser pelos dedos.

– Por falar em dedos, vais andar sempre de luvas? Já para não falar dessa máscara de esqui.

Ele sabia onde me magoar. Não podia gracejar a respeito das minhas cicatrizes com ele.

– São horas de ires embora – disse eu de mansinho.

– Nunca mais saíste à rua com a cara descoberta depois do acidente? Nem uma única vez?

O coração começou a bater-me mais depressa.

– Tive… problemas publicitários.

– Mas já não tens. Aqui não. Aqui tens privacidade. Estás entre amigos. Se não te libertares de…

Comecei a recuar.

– Não sou um edifício que podes restaurar. Desculpa.

Ele avançou um passo na minha direção. Estendeu uma mão.

– O Pártenon. O Coliseu Romano. O Sino da Liberdade. São todos mais interessantes porque já não são perfeitos. Dá-me a máscara de esqui, Cathy.

O medo invadiu-me as veias e inundou-me os ossos. O meu coração começou a bater descompassadamente. Dei mais dois passos trôpegos atrás, com as mãos no ar para o repelir. Ele não me agarrou, não me tomou de assalto, avançou apenas, estendendo a mão firme.

– Tira a máscara, Cathy.

– Deixa-me!

– Eu sei que tens coragem para tirar essa coisa.

Recuei até à parede da sala de estar, colidindo contra ela com tal força que os meus dentes abanaram.

– Não sou nenhuma atração de feira para as pessoas olharem!

– Se aceitares o teu aspeto, os outros também aceitam.

– Não vou deixar que ninguém me explore! Vivemos numa cultura de sensacionalismo, numa sociedade traiçoeira e decadente em que se considera que vender fotografias da desgraça é sinal de livre iniciativa e em que já nada é sagrado! Incluindo as minhas cicatrizes! Quis ser uma celebridade, mas não desisti do direito de ser tratada com respeito! – Dei-lhe um safanão na mão estendida.

– Não há muitos anos as pessoas levavam os filhos a enforcamentos públicos por diversão. A sociedade não mudou, Cathy. Foi simplesmente a sua capacidade para transmitir os seus piores impulsos que se tornou mais refinada.

– Foi por isso que vim para aqui! Não quero voltar a ser vítima dos piores impulsos de ninguém!

– Não podes viver a tua vida preocupada com isso. Deixa as hienas deitarem a pata ao seu naco de carne. Acabarão por se cansar e deixar-te em paz. Que se lixem! Eu sei o que é ser acossado por repórteres. Todos quantos perderam entes queridos no 11 de Setembro tornaram-se numa entrevista obrigatória para a comunicação social. Alguns de nós ainda o são, quer nos agrade ou não. Que é que penso da guerra do Iraque? Acho que vamos conseguir a paz no Médio Oriente? Odeio o presidente? Gosto do presidente? Que penso dos planos para o Ground Zero? Que opinião tenho da política? *Com mil raios!* Depois de ter vindo para aqui, não me conseguiam encontrar facilmente e por isso desistiram. Isto aqui é seguro. Acredita em mim. – Não vacilou. – Dá-me a máscara.

Agimos por impulso ou o impulso é a desculpa para o nosso subconsciente se libertar? Por esta altura, já eu estava tomada de um ataque de pânico gigante, com falta de ar, o meu raciocínio em curto-circuito, as minhas reações desenfreadas. Só queria que Thomas me deixasse em paz, que me deixasse respirar. Tirei a luva da mão direita, agarrei na ponta da máscara de esqui, enterrei fundo os dedos na lã quente e envolvente e, levantando a máscara, arranquei-a. Meti-a

na mão de Thomas.

Senti uma aragem fria na cara. O meu cabelo húmido aflorava-me a testa e a maçã do rosto desfiguradas, agarrando-se às estrias rosadas do meu queixo e revelando a macabra orelha direita. A humilhação, a raiva e a dor vibravam através dos meus músculos. Se pudesse acalmar os meus dentes que batiam para gritar obscenidades a Thomas, tê-lo-ia feito.

Mas não, presa no mundo perdido de mim mesma, fixei-o com feroz infelicidade, perscrutando os seus olhos em busca de um indício de repugnância. Não o encontrei. Não encontrei nada a não ser um calmo escrutínio. A minha fealdade transformou-o num enigma indecifrável. Sim, ele era exímio em reprimir as suas próprias reações.

Lentamente, sem nunca desviar os olhos da minha cara, meteu a mão no bolso, tirou o canivete e abriu a lâmina. Com alguns movimentos rápidos e cirúrgicos com as mãos, desfez a máscara em pedaços que atirou para a lareira. Fechou o canivete, voltou a metê-lo no bolso e acenou-me com a cabeça.

– Vou buscar papel e uma caneta à carrinha para te deixar o meu número de telefone. Se precisares de alguma coisa, liga-me.

Deu meia-volta e saiu de casa. Apetecia-me gritar, chorar, bater-lhe ou dar murros nas paredes ou enroscar-me no chão com os braços à volta da cabeça. Não me sentia livre, sentia-me exposta. Ele tinha visto a minha cara e agora ia-se embora.

Peguei na espingarda e segui-o lá para fora onde me posicionei no caminho coberto de neve. A luminosa manhã azul banhava-me o rosto, a luz do sol aquecia-me a pele destruída que não sentia o sol desde o dia do acidente.

Pousei os olhos num pilar do portão, no limite do quintal da frente. Recordei uma vedação de estacas em redor de um canteiro de flores quando era criança. Agora só restava uma sentinela de madeira a guardar as íris e os lírios da minha avó da ganância dos animais selvagens.

Thomas tinha pousado o telemóvel em cima do pilar.

Apontei para ele.

Ao voltar da carrinha com a folha de papel numa mão, parou quando me viu com a espingarda.

– Não… – começou.

Premi o gatilho. O coice quase me deitou ao chão; o som foi como um trovão que me separou o couro cabeludo do crânio.

Mas o telemóvel dele, a vítima inocente e simbólica do meu azedume para com a vida em geral e o mundo exterior em particular, estava na neve em pedacinhos. Thomas estudou a carnificina

de sobrolho carregado.

– O meu irmão não vai acreditar nisto.

– Sai da minha propriedade.

Ele suspirou.

– Muito bem. Plano B. – Apontou para a direita, na direção do celeiro, da floresta, da estrada para o trilho da ribeira. – O meu terreno fica para este lado. Mantém-te com o sol sobre o ombro direito e desce a crista até à ribeira. Atravessa a ribeira e sobe a colina seguinte. A minha cabana é a primeira à esquerda. Aliás, é a única cabana. Procura a vinha na clareira. Tem um desenho invulgar…

– Eu sei – entoei com ar severo. – Fiz a minha pesquisa. Vi-a nas imagens de satélite. Está a apontar diretamente para mim.

– Pois, mas não apareças a dar tiros.

– Já viste o que querias ver. Agora desaparece. Desaparece.

Thomas fitou-me durante muito tempo e eu sujeitei-me heroicamente ao seu escrutínio.

– Eu sei que neste momento me odeias – insistiu. – E sei que não acreditas em mim. *Mas o que vejo agrada-me.*

– Mentiroso.

Depois de ele se afastar, as pernas fraquejaram-me e sentei-me com toda a força na neve, baixando a cabeça. Tinha no bolso do casaco uma *écharpe* de lã fina. Tirei-a e coloquei-a sobre o cabelo, com a intenção de cobrir a cabeça e esconder o lado queimado da cara. Os velhos hábitos nunca morrem. Quando acabei de ajeitar o lenço, comecei a registar os primeiros sons e sensações. Uma ave de inverno a gorjear. O murmúrio doce do vento da floresta. A aragem na cara. O calor do sol. Cativante.

Olhei furtivamente à minha volta, como um gato que espreita numa porta. Floresta, prado, céu, casa. Eu. Sozinha. Em segurança. Tinha sonhado com privacidade e liberdade neste lugar. Thomas tinha-me arrancado ao ninho e empurrado nessa direção. Só me restava ganhar o hábito de me sentir à vontade às claras. Com as mãos a tremer, tirei a *écharpe* e pousei-a no regaço. Alisei o cabelo para trás, virei a cara para o sol e fechei os olhos.

Meu Deus, como sabia bem a liberdade!

Capítulo 15

Thomas

Uma Semana mais Tarde

Tinha dito a Cathy que ia à procura do seu corpo se ela não aparecesse no Vale dentro de duas semanas mas, a meio desse período de graça, sentia-me pronto a correr o risco de levar outro tiro. A neve derreteu, porém, o frio era cortante. À noite, punha-me às voltas na cabana, a pensar nela ao frio sem acender a lareira. Não dormi muito nessa semana e não bebi uma gota de álcool. Nem uma. O meu recorde de sobriedade de sete dias era única e completamente inspirado pela ideia de que teria de estar preparado caso Cathy precisasse de mim.

Aparentemente, não precisava.

E sentia-me culpado por não contar a verdade à Delta.

– Tens a certeza que a Cathy estava bem quando te ligou? – perguntava Delta todos os dias.

Desta vez, foi ao princípio de uma tarde de sábado, assim que a clientela do almoço abandonou o café.

– A Cathy está ótima – respondi. – Já disse várias vezes que ela te dará notícias mal se sinta preparada. Acredita.

– Não me podes dar mais alguma informação? – Delta atirou a ponta de uma grinalda de pinheiro à Becka, que acenou com um agrafador industrial com maníaca determinação. – Por exemplo, onde é que ela está?

– Obrigou-me a jurar segredo. Lá terá as suas razões. Vais ver.

– Só não entendo porque é que ela ligou para ti e não para mim.

– Acredita, hás de acabar por entender. Ela precisa de espaço.

– Precisa mas é de biscoitos!

O *Santa* saiu do café envergando um casaco comprido de brocado, debruado a *vison* falso, e um chapéu condizente de Pai Natal em brocado e *vison* falso. Ganhava um balúrdio de dinheiro todos os anos na quadra natalícia no papel do seu homónimo em festas particulares e eventos empresariais em Asheville.

– Vou interpretar um Pai Natal vitoriano para a assembleia de Asheville – explicou. – A subcapa ainda não está feita, mas o que é que acham para já?

– Fica bem com as calças de camuflagem e a *sweatshirt* dos Rolling Stones – comentei.

– És muito espertinho, *Rodolfo* – disse ele em tom seco, voltando para dentro.

Todos os anos no Natal, eu ajudava Delta e a família a decorar o café. Não era pera doce. Todos os anos, quando ficavam concluídos, o restaurante e todos os edifícios associados ardiam numa explosão de luz. Renas sincronizadas cabriolavam ao longo do telhado e figuras recortadas em contraplacado de anjos, homens de neve, cantores de Natal e Pais Natais em trenós, delineados com luzinhas intermitentes multicolores, desfilavam pela beira da estrada como se uma estranha caravana se dirigisse para a Trace.

Delta continuou a olhar para mim como se a tivesse traído.

– Thomas, não penses que estou a insultar-te, mas há uma semana que não te embebedas. E também não dormiste debaixo da árvore na carrinha.

– Com o frio que tem feito à noite, o meu… podia morrer congelado.

– Isso nunca te incomodou noutros invernos. Esse teu estranho comportamento está relacionado com a Cathy, não está? E, de repente, reparei que tens um telemóvel novo.

– E não chegou por correio! – apressou-se a dizer Becka, a nossa chefe dos correios, toda satisfeita. – Senão eu tinha dado conta.

– Pois é. Desta vez não foi o teu irmão que to mandou, foste comprá-lo a Turtleville. – Delta sacudiu uma coroa na minha direção. – Que é que se passa?

Pendurei um cordão de luzes intermitentes em pregos ferrugentos ao longo do beiral do alpendre enquanto refletia sobre uma resposta diplomática. Por sorte, Pike entrou no parque de estacionamento nesse momento e parou o carro-patrulha ao nosso lado, numa chuva de cascalho fino. Delta resmungou e ameaçou-o com a coroa.

Ele baixou o vidro da janela e olhou para nós com ar sombrio.

– Acabo de receber uma chamada. A Laney Cranshaw está na prisão em Chattanooga.

Embriaguez e comportamento desordeiro num bar. Meteu-se numa cena de pancadaria com o namorado ontem à noite. Fica em Tennessee até amanhã. Ora bem, quem se oferece para ir buscar a Ivy e a Cora? Obrigado, querida. – Acenou com a cabeça em direção a Delta. A seguir olhou para mim, um sorriso maldoso alargando-lhe a cara por baixo dos pelos do seu corte à escovinha. – Obrigado, Tommy, meu rapaz. A pequena Cora tem mesmo um fraquinho por ti. É pena a Ivy querer rasgar-te as tripas com um garfo enferrujado. Vá, divirtam-se!

Acenou e arrancou.

Delta franziu-me a testa a caminho da minha carrinha.

– Diz-me só uma coisa. Quando falaste com a Cathy na semana passada, ela falou em vir até cá?

– Falou.

– *Quando?*

– Não te posso dizer. – Atirei um laço de Natal ao *Banger*, obrigando-o a sair da cabina da carrinha. Se deixasse uma janela aberta e estacionasse ao lado de uma mesa de merendas por baixo dos carvalhos, ele saltava sempre para cima da mesa e entrava para a carrinha.

– Quase não há espaço para mim, para a Delta e para duas raparigas no assento desta velha carrinha – disse-lhe.

– *Bée* – foi a sua resposta, saltando para fora. Fiz sinal à Delta para que entrasse para o banco gasto do passageiro com o aprumo de um cocheiro real. Ele deu-me uma pontada no braço.

– Quando é que ela vem? Quando?

– Em breve.

Espero bem.

– Nós não vamos para lado *nenhum* – insistiu Ivy, na sala de estar da casa de Fox Run. Fulminou Delta com os olhos e a mim ainda mais. – Eu posso tomar conta da Cora. Não precisamos de ajuda. E muito menos de um homem.

Tenho este efeito em raparigas de todas as idades, pensei tristemente. Ivy e Cathy faziam um rico par.

– Oh, meu anjo – começou Delta –, não precisas de olhar sozinha pela tua irmã mais nova…

– Não vamos sair desta casa – repetiu. – Não se preocupem com a Cora. Eu cuido dela. Sempre

cuidei.

– A tua tia passa muito tempo fora? – perguntei tranquilo.

– Não! Não foi isso que quis dizer! Ela está sempre em casa!

Senti um aperto no coração. Ivy era mesmo muito esperta. Nunca admitiria que a tia as abandonava com regularidade. Seria razão suficiente para mais uma passagem por um lar de acolhimento.

– Ninguém está a dizer que não és capaz de olhar pela tua irmã, meu anjo – disse Delta, num tom apaziguador, enquanto eu dava uns passos atrás. – Mas porque é que não vêm passar a noite comigo? Podiam dar-me uma ajuda no café. Pago um dólar à hora por limparem mesas e empilharem pratos na cozinha. E depois comemos gelado e bolo de banana, com chocolate quente, e vemos televisão e a seguir podem dormir num dos meus quartos de hóspedes. Vai ser divertido!

Cora, que se tinha esquivado a Ivy e a Delta para correr na minha direção, levantou os olhos para mim, preocupada.

– Que havemos de fazer? Não posso deixar a *Princesa Arianna* e o *Herman*.

O *Herman*, o galo, tinha uma bonita capoeira e uma cerca vedada no quintal de trás. Tinha sido eu que lhas construíra. Até havia instalado uma pequena lâmpada de criadeira.

– Fui agora mesmo ver como ele estava – respondi-lhe com ternura. – Está a dormir que nem uma pedra. O olho bom está fechado. – Indiquei com a cabeça a *Princesa Arianna*, a gata, que estava enroscada a ronronar no sofá. – Ela também está ótima. Deixamo-la aqui em casa com comida e água suficientes e a caixa da areia.

– Está bem, nesse caso vou para o café. Também limpas mesas por um dólar à hora?

– Fui promovido a empregado de mesa. Podes ser minha ajudante.

– Boa!

Ivy contraiu a boca.

– Nós não precisamos de ajuda – repetiu.

– Mas eu preciso – disse Delta. – Preciso mesmo de muita ajuda. E não tenho vergonha de admitir. – Fez um gesto com a cabeça na minha direção. – O Thomas também precisa de muita ajuda. É o homem mais impotente que conheço, sobretudo quando tenta evitar dizer-me o que sabe que eu quero saber. Não é assim, Thomas?

Estava lançado o desafio.

– Por acaso, preciso de ajuda para uma coisa – desafiei as raparigas. – A Cathryn Deen vem visitar-nos em breve. Tenho a certeza de que ia apreciar decorações de Natal artesanais e diferentes. Ivy, tu tens jeito para desenhar. E tu, Cora, sabes dar um toque de magia às coisas mais simples. Acham que podem ajudar-me a criar algumas decorações esta tarde?

– Sim! – gritou Cora. – A verdadeira *Princesa Arianna* vem cá? Que fixe!

– Ivy? Acreditas em mim e na Delta? Dou-te a minha palavra de honra que tu e a Cora podem regressar aqui mal a vossa tia chegue a casa.

– É fácil fazer promessas – retorquiu Ivy. – A minha tia passa a vida a fazer promessas.

– Achas-me parecido com a tua tia?

Cora, não percebendo o comentário, rompeu em risadinhas.

– Não, tu tens barba!

– Nunca quebrarei uma promessa que te tenha feito, Ivy. – Olhei para Delta. – Sou de confiança?

Delta fez má cara.

– Ivy, este homem é como a cofre de um banco. Depositas a tua fé nele e ele paga-te o dinheiro com juros. Anda lá até ao café fazer umas decorações de Natal para a minha prima Cathy e não penses mais nisso.

– Ótimo! Vão lá preparar um saco com roupa e vamos embora.

– Fixe! – festejou Cora. Saiu disparada da sala de estar e Ivy seguiu-a lentamente, lançando-me olhares penetrantes pelo caminho.

Quando ficámos sozinhos, Delta encarou-me. Puxando-me pela barba encarou-me:

– Thomas Karol Mitternich, tu por acaso acabaste de mentir? Ou é verdade que a Cathy vem cá passar o Natal?

– É uma possibilidade. Não posso dizer mais nada.

Deu-me um soco no braço.

Eu limitei-me a sorrir.

Cathy

CORPO DE CATHRYN DEEN ENCONTRADO GELADO NUMA RAVINA
BIDÃO DE GASOLINA VAZIO E TELEMÓVEL SEM CARGA CONSIDERADOS PISTAS NUMA MORTE EMBARAÇOSA

Não queria que o meu obituário começasse com este cabeçalho.

– Consigo chegar ao Vale antes de a hipotermia se manifestar – repetia para mim mesma, cambaleando através do recôncavo, nesse sábado, ao longo de Ruby Creek. A minha respiração pontuava o ar frio com rápidas baforadas brancas. As minhas pernas pareciam de borracha. Embrulhada em carneira, lã, couro e com as orelhas protegidas por *vison* – por outras palavras, um alvo ambulante da PETA1 – tinha saído da quinta duas horas antes. É o que acontece a quem passou meses a preguiçar na cama em L.A., repreendi-me enquanto os meus pulmões se esforçavam por me sustentar as pernas. *Não estás pronta para um curso de aeróbica na montanha.*

A lata de gasolina de emergência do *Hummer* amarelo vivo batia-me contra o ombro esquerdo. Tinha-lhe arranjado uma alça para transporte feita com cordel que encontrara no sótão da minha avó. O inútil telemóvel saltitava na minha mochila. Tirei do bolso do casaco as fotografias de satélite amarrotadas que tinha imprimido ainda na Califórnia. Muito bem. Cá estava o ribeiro e o Vale. E aqui estava a interceção da Trace e do trilho da ribeira. E se me dirigisse agora para sudeste, teria de virar à esquerda no trilho neste ponto, podia fazer a curva e chegar ao café antes de os meus dedos dos pés ficarem negros e ulcerados do frio.

Voltei a meter os mapas no bolso, respirei fundo e desci uma encosta íngreme em direção à ribeira. *Eureka!*, eis um pequeno facto conhecido: as ribeiras têm água. Descobri um remoinho pouco fundo de leito arenoso, avancei na água pelo tornozelo onde boiavam placas de gelo e esperei que as minhas botas de marcha impermeáveis fossem realmente impermeáveis.

Não eram.

Com a água a infiltrar-se-me nas meias grossas e a acumular-se-me por entre os dedos dos pés, subi a colina do outro lado da ribeira e encaminhei-me obstinada para sudeste.

Ia ensaiando o meu discurso à Delta para me distrair.

Olá, prima, prazer em ver-te. Sim, eu sei que pareço uma idiota que ficou sem gasolina sem nunca ter conduzido para lado nenhum e que deixou o telemóvel descarregar sem nunca ter feito uma chamada a pedir ajuda. Mas estava a correr-me tudo tão bem.

Antes da minha caminhada de emergência até ao Vale, tinha passado alegremente a semana a brincar às casinhas no Cume da Mulher Selvagem e a explorar a propriedade. A glória de estar sozinha, invisível e longe dos olhares de toda a gente, deu-me aquilo que estava à espera de encontrar na isolada casa da minha avó: liberdade e segurança. Comecei por deambular pela floresta de jovens pinheiros atrás do quintal das traseiras e descobri o pomar da minha avó: macieiras nodosas, figueiras, meia dúzia de nogueiras-pecã e uma bordadura de arbustos de mirtilo altos que procuravam desesperadamente furar pelo meio das árvores até à luz do sol. Ia tomando notas mentais. *Cortar os pinheiros do pomar. Comprar livros sobre árvores de fruto. Aprender a fazer tartes de noz-pecã.*

Descobri uma base de cimento onde antes ficava a casa da bomba. *Mandar abrir novo poço. Mandar abrir dois ou três poços novos. Preciso de muita água. Irrigação, proteção contra incêndios. Aspersores!* Já tinha decidido instalar um sistema sofisticado de aspersores em toda a propriedade. *Lamento, Thomas, podes dizer-me como hei de esconder os bocais para não destruírem a pureza arquitetónica, mas vou instalar aspersores*. Também não tencionava viver numa casa de madeira sem proteção. Uma das primeiras coisas que fiz foi abrir um caixote cheio de extintores de incêndio. Agora havia um em cada divisão, incluindo os armários.

Escrutinei espaços esquecidos na pequena e soalheira cozinha onde a minha avó se orgulhava do frigorífico, um modelo antigo que funcionava a querosene, e de um fogão ligeiramente mais moderno que funcionava a propano. O meu pai tinha vendido o fogão e o espantoso frigorífico juntamente com tudo o que havia de valor. *Instalar frigorífico elétrico*, escrevi nas minhas notas, *e um micro-ondas*. Não estava segura de os meus nervos aguentarem um fogão e forno convencionais; um micro-ondas era aceitável.

Adorava a cozinha onde uma janela por cima do lava-loiça dava para o prado e o celeiro laterais. Armários brancos altos chegavam ao teto e os balcões estavam revestidos com azulejos impecavelmente montados, pintados de cores vivas. *Foi a minha avó que os fez*. Tinha-os mandado cozer num forno em Asheville.

O chão da cozinha estava coberto de grandes ladrilhos de tijoleira vermelha, incrustados de bonitas pedras brancas. Em criança, as pedras pareciam-me manchas arbitrárias, mas agora, sem mesa nem cadeiras para quebrar o efeito, percebi com espanto que cada ladrilho ostentava uma constelação. Estavam presentes os doze signos do zodíaco e as Ursas, Maior e Menor, e Órion e Andrómeda, entre outras.

Tirei os sapatos e caminhei de meias sobre o céu.

Transportei várias dezenas de caixotes do sótão e desembalei as preciosas coisas da minha avó. As minhas preferidas eram os panos de cozinha e as toalhas de mesa dela, bordados à mão com todo o género de tributos fantasiosos a pintores famosos e um que detinha uma frase especial: «Pinto autorretratos porque passo muito tempo sozinha, porque sou a pessoa que melhor

conheço.»

Pus esse pano da cozinha num caixote e fiquei a olhar para ele durante muito tempo.

– Avó, sentias-te só aqui? – perguntei no absoluto silêncio da casa fria. Não queria pensar na minha avó nesses termos, queria comprazer-me com a sua independência, queria aderir à ideia de passar o resto da minha vida sozinha.

Ela devia aprovar.

Desembalei as suas imponentes panelas de esmalte azuis e vermelhas e os frascos de louça para farinha e açúcar. Enchi os armários da cozinha com os recipientes dela; dispus a louça sobre o balcão, o porta-pão de alumínio martelado, uma velha lata de bolachas. Pousei uma linda candeia de querosene no balcão perto do lava-loiça, embora não a tivesse acendido, e pendurei um par de toalhas de mesa na janela a servir de cortinas provisórias.

Na sala de estar, a parede virada para a lareira tinha armários embutidos do chão ao teto. A madeira de cerejeira era escura e estava um pouco baça de anos de abandono e décadas de fumo da lareira, mas ainda assim os armários eram impressionantes. Descobri uma caixa cheia de fotografias antigas emolduradas e distribuí-as por algumas prateleiras. A minha mãe. A minha avó. O meu avô há muito falecido, jovem e atraente e, provavelmente, um estouvado. Familiares que não reconheci. Cães e gatos de estimação, uma cabra. Seria *a* cabra? No verso estava escrito «*Bah Ba Loo*». A do cemitério? Ainda não me tinha aventurado até lá. Tomei mentalmente nota para procurar uma lápide que dissesse «*Bah Ba Loo*».

Mas as prateleiras continuavam a parecer vazias.

De lanterna em punho, desci ao andar de baixo. A cave estava fria e sepulcral, como todas as caves escuras, porém, consegui imaginá-la à luz quente de algumas boas lâmpadas fluorescentes nas pesadas paredes de pedra. As paredes estavam cobertas de prateleiras feitas com tábuas grossas que continham um autêntico museu de recipientes antigos. Não só havia caixas com frascos de conserva, mas grandes vasilhas de picles de oito litros.

– As vasilhas de leite da minha avó – exclamei. Ela tinha uma vaca leiteira. Duas vezes por dia trazia para casa um balde de leite acabado de ordenhar. Deitava aquele líquido fresco e cremoso nas vasilhas de picles recicladas e tapava-as com estamenha. Quando as pesadas natas amarelas vinham à superfície, escoava o leite.

Aquele leite cru e o resultante creme cru eram a delícia mais apetitosa do mundo. Lembrava-me de ir ao Vale com ela na carrinha. Ela vendia o leite excedente e os ovos ao café.

Levei os recipientes todos para o andar de cima. Vasilhas de leite, garrafas azul-cobalto, frascos de conserva. O Mundo do Vasilhame.

Quando terminei, os meus armários reluziam com fascinantes temáticas de vasilhame. Fui

buscar meia dúzia de galhos, uns raminhos de azevinho bravo para adornar um recipiente aqui e ali, e pronto. Uma obra-prima de vidro. Coloquei no meio uma lanterna a pilhas, em vez de velas mortíferas, e espalharam-se pela sala de estar lâminas de luz refletida.

O vulgar pode tornar-se extraordinário com um pequeno esforço para ver para além da superfície. De vez em quando tocava a minha cara com a mão. Sim, devia constituir uma lição. Mas não era uma lição em que estivesse preparada para acreditar.

Havia também um pequeno armário embutido para louça que enchia uma parede da pequena sala de jantar. Limpei os vidros e cercadura de vitral até brilharem como água parada. Quando encontrei a louça chinesa da minha avó, também a limpei, aplicando-me com a ajuda de um balde de água que trouxe do lago das vacas. Quando a louça ficou imaculada, guardei-a com o maior dos cuidados no armário.

Em seguida, peguei numa pequena chávena de café, com o respetivo pires, e num pequeno prato e fiz uma espécie de mesa com alguns caixotes vazios, pondo uma cadeira articulada ao lado. Cobri os caixotes com uma toalha de mesa, enchi a chávena com água mineral, pus frango frio, embalado a vácuo, no prato e, usando um garfo de plástico dos meus artigos de campismo, *jantei*.

Os edredões da minha avó eram o melhor de tudo, cuidadosamente arrumados com papel entre as dobras. Eram só quatro, todos de cama de casal. Lembrava-me de ela ter muitos mais. Estes eram os que tinham escapado ao cruel destino que o meu pai tinha dado aos haveres dela. Abanei a cabeça, apertando-os contra o peito.

Pus um dos edredões sobre o meu saco-cama e usei os outros três para cortinas nas janelas da sala de estar. Os suportes dos varões antigos ainda estavam instalados.

A minha casa. A minha casa. Continuava, em muitos aspetos, a ser um enclave escuro e vazio; ainda não tinha mobília, mas agora continha recordações nas prateleiras e nas janelas. Tinha-lhe aplicado um toque de maquilhagem, o suficiente para lhe realçar a cor dos olhos.

Estas cogitações e decorações mantiveram-me ocupada durante uma semana inteira. Finalmente, à noite, sentei-me na minha cama, no canto ao pé da lareira entaipada, cansada, enregelada e embrulhada em roupas cada vez mais sujas, a pensar no que havia de fazer a seguir. Um dia de manhã, saí e contornei o *Hummer* com as chaves na mão, como se o tivesse atolado num ermo e não quisesse assustá-lo. Tinha de arranjar, não sei como, coragem para voltar a conduzir. Desde o acidente que não conduzia um carro. Só a ideia de conduzir causava-me náuseas. Olhei para o *Hummer* e vi o *Trans Am*. Larguei as chaves, peguei nelas e corri para dentro de casa. Estava cheia de vergonha. Se ser uma desadaptada deformada já de si era mau, ser refém destes medos era a suprema humilhação. Pus-me às voltas na sala de estar, com as mãos nas ancas.

O meu plano era ligar à Delta, mais cedo ou mais tarde, dizer-lhe que estava aqui, obrigá-la a

jurar segredo, convidá-la para me visitar e pedir-lhe que agisse como a minha ligação ao mundo real. Dar-lhe-ia dinheiro e listas e ela enviar-me-ia provisões. Dir-lhe-ia também que tipo de mobília queria e ela podia comprar-ma. Mas quem a ia entregar? Quem merecia a minha confiança para se encarregar do transporte e da descarga em segredo absoluto?

Thomas faria isso. Mas só se eu prometer não mudar nada em toda a casa, nem sequer um prego antigo.

Bolas!

Enquanto me esforçava por descobrir uma maneira de ser uma eremita totalmente autossuficiente, mas ao mesmo tempo ir às compras, caí no lago das vacas. Era o fim da tarde do sexto dia. Eu tinha problemas com o lago porque a superfície lisa e prateada da sua água refletia a minha cara e, por esse motivo, ao encher o balde, recusei-me a olhar diretamente para ela. O solo em volta do lago estava gelado e uma película fina de gelo cobria quase toda a água, tornando difícil distinguir o limite entre o lago e a margem. Eu estava inclinada, a encher o balde num buraco que tinha aberto no gelo, olhando ao mesmo tempo para um falcão empoleirado na ponta ossuda do ramo de um álamo alto, quando pus os pés no gelo em lugar da terra.

O gelo cedeu e eu mergulhei de cabeça na água gélida. Cuspindo e estrebuchando, sob o peso do casaco grosso e das botas de marcha, rastejei para fora como um urso de peluche encharcado. Quando cheguei a casa, tremia de tal maneira que mal conseguia desembaraçar-me da roupa. Sequei-me com um cobertor de lã e vesti roupa seca, mas não conseguia aquecer-me. Estava a anoitecer e um pequeno termómetro que eu tinha colocado na balaustrada do alpendre indicava que a temperatura se encaminhava apenas para sul.

Se conseguir aquecer, fico bem. Olhei para o *Hummer* pela janela. Pelo menos, era capaz de me sentar lá dentro com o aquecimento ligado.

À medida que um frio e dourado sol poente desaparecia sobre Hog Back, entrei no *Hummer*, munida de cobertores, água mineral e várias barras de proteínas. Pus o carro a trabalhar e liguei o aquecimento no mínimo. *Só por alguns minutos*, pensei, enquanto o sedutor calor me envolvia num conforto ditoso que não conhecia há dias. Experimentei o rádio e sintonizei-o na WTUR-AM, a Voz de Turtleville desde 1928. Algures no espaço exterior, as primeiras notícias agrárias e cânticos *gospel* da WTUR iam a caminho dos universos vizinhos.

O calor, a música, o halo suave do painel de instrumentos do *Hummer* embalavam-me com o adensar da noite. Irresistível. Aconcheguei-me no assento, cheguei um cobertor ao peito e fechei os olhos. Passaria pelas brasas. Um sono breve e reconfortante.

Quando dei por mim, estava a pestanejar ensonada sob a brilhante luz do sol da manhã. O *Hummer* estava estranhamente frio e silencioso. Endireitei-me veloz e tentei ligar o motor. Respondeu-me apenas o som que um gato faz ao tentar cuspir uma bola de pelo.

Olhei para o relógio.

– Oh, meu Deus. – Tinha dormido no *Hummer*, com o motor ligado, durante mais de doze horas. Não havia mais de um quarto de depósito de gasolina quando eu e os meus guarda-costas tínhamos chegado; agora estava vazio e, para cúmulo da desgraça, a bateria parecia descarregada. Saí do carro, tentando não entrar em pânico. – Tudo bem, também não estava a planear ir a lado nenhum tão cedo. Não há azar. Mais tarde decido o que fazer. Posso sempre pedir ajuda por telefone.

Entrei em casa, comi um saboroso pequeno-almoço de barras de proteínas, lavei os dentes, passei a manhã a lavar as janelas dos quartos e depois sentei-me na fornalha para ligar à Bonita. Todos os dias, por volta do meio-dia, hora da Costa Leste, contactava-a. Era o nosso acordo. Se ela não tivesse notícias minhas e não conseguisse contactar-me na volta, devia alertar a Delta para um eventual problema.

Tirei o telemóvel do bolso e preparei-me para premir o código da Bonita. Mas olhei para o visor do telefone e reparei que estava vazio. Foi então que me lembrei que me tinha esquecido de carregar o telefone no *Hummer* o qual, por sua vez, estava agora sem bateria.

– Oh, meu Deus – repeti, desta vez em alto e bom som.

Bonita ia ligar à Delta a dizer que eu tinha desaparecido. Delta informaria o marido xerife, Pike, e ele poria em campo uma equipa de busca que incluiria a maior parte dos cidadãos da grande Turtleville e possivelmente até de todo o Condado de Jefferson, e os meus fervorosos sonhos de viver aqui em completo anonimato iriam por água abaixo.

A minha única esperança era ir a pé até ao Vale antes que tal acontecesse.

Thomas

A arquitetura é uma linguagem, uma arte, um método para desenhar castelos no ar. Eu acreditava ardentemente nela e compreendia todos os seus conceitos. Mas até esse sábado à tarde no café nunca me tinha apercebido de como a estrutura e suportes da minha disciplina de eleição podiam também construir uma ponte entre os pequenos e delicados espaços que separam as pessoas.

– Estas são as tuas paredes estruturais – expliquei à Ivy, manobrando pequenos quadrados de cartão sobre uma mesa aos quadrados na sala de jantar principal do café. – Se dobrares este pedaço de cartão assim, em cima das paredes, chama-se um telhado «de duas águas», estás a ver?

– Como os telhados da maioria das casas – respondeu, com o queixo apoiado nas mãos cruzadas, escrutinando avidamente a pequena casa de cartão que estávamos a construir com a ajuda de fita isoladora prateada e cola feita com farinha e clara de ovo.

– Sim, os telhados normais das habitações.

– Um telhado para a casa da *Sininho* – interveio Cora. – É uma casa de fadas.

– Podes crer. Pois bem, como se chamam estas áreas dos lados?

Ivy franziu a testa antes de se fazer luz.

– As empenas!

– É onde as fadas se sentam para se proteger do sol – acrescentou Cora.

– Nem mais! Agora vamos acrescentar mais qualquer coisa ao desenho do telhado para a tornar mais interessante. – Apliquei um pouco de cola caseira no telhado e fixei aí dois cubos de açúcar. Usando um garfo para azeitonas, moldei a massa crua de um biscoito em cima de cada cubo, formando pequenos telhados de cumeeira. – Como é que se chamam estas estruturas?

– Casas para as aves de estimação da fada – respondeu Cora.

– Lucarnas! – disse Ivy.

Acenei com a cabeça.

– Correto nos dois casos.

Eu e as raparigas estudámos a estranha casa. Ia precisar de muitos brilhantes e azevinho de plástico em miniatura para se assemelhar a um ornamento natalício, assumindo que não se ia desintegrar antes. Mas até a carrancuda Ivy se mostrou satisfeita quando anunciei:

– Aqui declaro que o primeiro projeto de habitação da Ivy e da Cora cumpriu todas as normas de construção relativas a cartão, pasta de ovo e cubos de açúcar. – Pousei-a com um ademane. – A seguir – continuei solene, pegando em mais cartão –, vou ensiná-las a construir um *bungalow* em miniatura estilo *Craftsman* exatamente igual ao do Cume da Mulher…

– Por falar na casa da Nettie, Thomas, preciso de falar contigo já, por favor.

Levantei logo os olhos. Delta estava à entrada da cozinha, de rosto pálido e com um telefone na mão. Apontou para ele e depois fez-me sinal para estar calado e ir rapidamente ter com ela.

– Pratiquem lá os telhados de duas águas, meninas – ordenei.

Quando entrei na cozinha, Delta agarrou-me por um braço.

– A governanta da Cathy ligou da Califórnia. Está em pânico e confessou tudo. Como é que foste capaz de não me dizer que a Cathy passou a semana toda em casa da avó? Devia esfolar-te vivo e fritar-te na sertã! Thomas, a Cathy não ligou à governanta hoje de manhã! Elas têm uma rotina rigorosa em que falam à mesma hora todos os dias! Aconteceu alguma coisa!

Um calafrio percorreu-me a espinha.

– Entretém as pequenas. Eu vou a casa da Nettie.

– Vou ligar ao Pike. Ele organiza uma operação de salvamento…

– Não faças isso para já – retorqui ao sair pela porta das traseiras da cozinha. – Não digas nada a ninguém enquanto eu não tiver procurado na quinta. Se forçarmos e assustarmos a Cathy, ela nunca mais confia em nós.

– Mas ela pode estar ferida ou…

– Não digas nada – ordenei e corri para a carrinha.

Chamei pelo nome de Cathy até ficar rouco. Passei revista à casa, à mata, ao celeiro: nada. No *Hummer* encontrei papéis de barras de proteínas, garrafas de água vazias, uma confusão de cobertores e a chave ainda na ignição. Uma tentativa rápida confirmou que o *Hummer* não trabalhava.

Bolas. Dei um murro na capota.

– Que é que andavas a fazer aqui, Cathy? Fugiste de casa com medo de alguma coisa?

Dei mais uma volta à quinta, a chamar por ela com a voz rouca. Desta vez, passei pelo celeiro e a minha atenção caiu no lago gelado. Algo de estranho captou-me o olhar. Baixei-me sobre os calcanhares junto de uma área onde o gelo novo ainda não tinha formado uma camada opaca. Qualquer coisa – ou alguém – tinha aberto um grande buraco no gelo nas últimas vinte e quatro horas. Um dedo castanho e mole projetava-se da superfície branca. Agarrei nele e puxei.

Saiu uma das luvas de couro de Cathy.

Ela está no lago.

Lancei-me para o meio do lago, quebrando o gelo de dois centímetros e aterrando no fundo lodoso com água pela cinta. O lago tinha uma largura de meia dúzia de passadas e era pouco

fundo na borda. Parti o gelo com os punhos, acocorei-me e revistei metro a metro com movimentos metódicos com os braços e os pés.

Não encontrei nenhum cadáver. Felizmente.

A ofegar, já entorpecido do frio, rastejei para fora e pus-me à procura à volta do lago e do celeiro. Ao entrar tropegamente, a bater os dentes, no antigo e atraente caminho da quinta, onde um monte de ervas castanhas de inverno formava uma linha central de marga mole e arenosa, vi uma pegada que se afastava da quinta. Era a marca de um sapato pequeno com um reticulado pronunciado. Como uma bota de marcha. Uma bota de marcha de tamanho de mulher.

A descer o caminho.

A pingar água gelada, entrei para a minha carrinha sem aquecimento. Os meus dedos estavam demasiado rígidos para pegar no volante. Quando cheguei ao recôncavo onde o caminho da quinta intercetava a Ruby Creek Trail, apeei-me e voltei a procurar no solo. Lá estava. Outra pegada. E outra.

Ela tinha abandonado a quinta a pé. Encontrei pegadas ao longo do trilho durante quase dois quilómetros e a partir daí nada mais. Ela desviou-se do trilho, mas para que lado foi? Para o Vale? Queria meter por um atalho? Ou tinha sido perseguida por alguém para a floresta? Provavelmente, na melhor das hipóteses, andava perdida e, na pior…

Conduzindo com as palmas das mãos, tiritando tanto que me custava manter o pé no acelerador, dirigi-me para o Vale tão depressa quanto a carrinha me permitia sem me precipitar por uma ribanceira abaixo dentro da ribeira. Precisava de roupa seca e de aquecer as mãos e depois pediria reforços e voltaria para a floresta.

Aguenta aí, Cathy.

Cathy

Quando saí da floresta e vi o café à distância, emoldurado pelas gigantescas montanhas sob o sol frio invernal, o seu telhado dando-me as boas-vindas com recortes cómicos, em tamanho natural, de renas às cabriolas, formaram-se-me lágrimas nos olhos e dei palmadinhas no coração. Tinha encontrado o norte. Finalmente.

– Aquece uns biscoitos, Delta – gritei para o vento. – A atriz pródiga chegou a casa dos montes! – Tinha os pés molhados e enregelados, as pernas trôpegas, o atrito das alças da lata de gasolina e da mochila tinham-me deixado marcas nos ombros, mas havia sobrevivido a uma

caminhada de mil quilómetros numa selva desconhecida – ou, pelo menos, mais de dez quilómetros para cima e para baixo na orla íngreme de Hog Back – sem cair de um penhasco, sem me perder e sem ter de recorrer a um ou dois dedos para não morrer à fome.

Agora, se conseguisse esgueirar-me até ao café sem que ninguém desse conta, entrar sorrateira e falar com Delta em privado, reteria uma réstia de dignidade. Delta não diria a ninguém o quanto eu fora uma idiota.

Avancei furtivamente, encharcada e trémula, ao longo de uma sebe de alfeneiro que bordejava um extenso jardim decorado com os espantalhos da última estação. Acobertei-me apressada atrás de uns barracos e de um velho celeiro onde um letreiro dizia TROCAS E ARTIGOS DE OCASIÃO e depois, debaixo de magníficos carvalhos antigos tão grandes como os da minha casa, distingui alguns carros no parque de estacionamento do café e várias carrinhas nas traseiras. Não vi sinais da velha caranguejola do Thomas. Ótimo. Embora orgulhosa por exibir os meus instintos de andarilha, não queria que ele soubesse nada sobre o *Hummer* e o telemóvel.

Esgueirando-me atrás de um barracão, espreitei para a porta das traseiras e para o alpendre de serviço do café. O sítio, simpático e funcional, estava agradavelmente atafulhado. O pátio continha uma velha mesa de merendas e cadeiras *Adirondack* usadas, o alpendre encontrava-se cheio de velhos caixotes de legumes e um letreiro desbotado «Beba *Coca-Cola*» estava pendurado por cima da porta principal da cozinha. Apareceram vários gatos gordos de trás dos arbustos, ronronando-me docemente, e um par de cães gordos espreitou por uma entrada para cães numa das portas traseiras dos edifícios que ladeavam o café e nesse momento…

O bode apareceu.

Veio a trotar da zona dos carvalhos frondosos à minha esquerda, uma ameaça branca e peluda com uma coleira de couro como se fosse um cão. O *Banger!* Thomas tinha-me enviado fotografias dele. Mas nunca disse que o *Banger* era um *bode de guarda*. O *Banger* mirou-me com sinistros olhos de bode que pareciam berlindes de vidro. A barbicha abanava quando largou num galope. Os seus cornos atarracados partiam-lhe da testa e reviravam-se para trás como os apoios de uma cadeira de baloiço invertida. Ao aproximar-se de mim, baixou a cabeça, sacudindo aquela poupa cornuda para mim.

– Bolas! – gritei.

Larguei a lata de gasolina e corri para a porta traseira do café. Ele barrou-me o caminho. Esquivei-me por entre duas carrinhas. Seguiu-me a galope. Corri ao longo de um dos lados do café, na esperança de encontrar uma porta lateral ou talvez uma treliça para trepar. Contornei uma esquina e vi uma saliência do lado do edifício: um pequeno espaço de arrumos anexo ou coisa parecida. Para meu deleite, quando lá cheguei, fui saudada por um grande letreiro colorido.

A SENTINA DAS BELAS-ARTES
Sente-se, Lave-se, Abra o Espírito

A Sentina. Thomas também tinha mandado fotografias dela. Uma casa de banho e um santuário. Obrigada, meu Deus.

Enfiei-me lá dentro e bati com a porta atrás de mim no preciso momento em que *Banger* se aproximou. *Prás!* Aos apalpões no escuro, encontrei um interruptor. Acendi-o. Reparei num velho fecho de gancho. Coloquei-o. A porta era frágil e o fecho não inspirava confiança, mas senti-me segura o suficiente para proferir ameaças.

– Desanda, bode de Satanás – disse através da porta. – Senão faço de ti um *kebab*.

O *Banger* marrou mais uma ou duas vezes na porta e depois parou. Pus-me à escuta até ouvir os seus cascozinhos malévolos a afastarem-se na gravilha. Relaxei de alívio e virei-me.

Trutas e perus profusamente coloridos miravam-me.

– Isto é a Arca de Noé sob o efeito de droga – exclamei, assombrada. Em seguida, a minha atenção foi atraída pelo aquecedor elétrico que dispensava calor do alto da parede, para o lavatório com uma abundância de toalhas de papel, sabonete, torneiras de água quente e fria e, num estreito recesso decorado com perus roxos de um lado, a bonita, maravilhosa sanita com autoclismo. E montes de papel higiénico.

Calor, água quente, sabonete, um sítio confortável para fazer chichi. Divinal.

Já estaria recuperada e apresentável quando confrontasse de novo o *Banger* a caminho da Delta. Permiti-me um relance para o espelho por cima do lavatório, estremeci e depois pendurei o casaco por cima do espelho. Pousei um par de óculos de sol e um comprido cachecol de lã na superfície ao lado do lavatório. Poria os óculos e envolveria a cabeça e o pescoço em grande estilo.

Desembaracei-me de toda a roupa, enchi o lavatório com água e sabão, água quente e deliciosa, e lavei-me tão regaladamente como uma carriça numa banheira para pássaros. Tirando o facto de ter de evitar as cicatrizes do lado direito do meu corpo – um hábito que já tinha afinado – quase me sentia relaxada.

Mais tarde, instalei-me na sanita decorada com trutas, ainda só de *soutien* e ceroulas sem fundilhos, com um pé gelado pousado no outro joelho. Massajei os dedos dos pés para lhes dar alguma cor enquanto esperava que as meias secassem um pouco mais. De súbito, ouvi vários sons lá fora em sucessão rápida: um motor ruidoso, silêncio, a porta de um carro a bater e passos pesados na gravilha na minha direção.

Nem tive tempo para gritar. O meu invasor lançou-se contra a porta da casa de banho. O fecho saltou do caixilho. A porta abriu e bateu contra a parede contrária.

Thomas quase caiu lá dentro.

Encharcado, a tiritar, a barba e o cabelo e a roupa toda a pingar água. Trouxe com ele uma lufada de ar gelado. Fechou a porta com um pontapé e debruçou-se sobre o lavatório, tentando segurar-se à borda com as mãos abertas.

Por esta altura, já eu estava louca à procura do meu *top* elástico cinzento e da camisa de flanela, para não falar dos fundilhos das ceroulas. Um dilema – que havia de tapar primeiro: a virilha à mostra ou as cicatrizes que enfeitavam o lado direito do meu corpo da cabeça aos pés? Felizmente, como estava enfiada no artístico recesso da sanita, fui a última coisa em que ele reparou.

Quando finalmente se virou e me viu, emitiu um som rouco que era de pura frustração ou de alívio ou ambos. Estava a bater tanto os dentes que não conseguia falar. Pousou uma mão nua no meu ombro nu. Não percebi se estava a dar-me uma palmada de apreço ou a manifestar repugnância. Fosse o que fosse, a rigidez gélida da mão dele assustou-me. Apertando a roupa, olhei para ele com um medo incipiente.

– Que é que fizeste? – perguntei. – Deste um mergulho na ribeira? Tens a pele roxa.

Ele estudou-me como se eu fosse uma miragem ao mesmo tempo que se debatia para tirar qualquer coisa do bolso do casaco. Por fim, retirou uma luva castanha encharcada. Caiu-me o coração aos pés ao reconhecê-la.

– Oh, não, foste à quinta à minha procura. Pensaste que me tinha afogado no lago?

Ele assentiu.

Ao diabo com a modéstia. Amarrei a camisa de flanela à volta da cinta como se fosse uma saia, para esconder os pelos púbicos. Tentando ignorar o facto de o *soutien* mal me esconder os seios e de todas as horríveis marcas de tecido cicatricial serem visíveis do lado direito da minha cara, pescoço, braço e tronco, usei a camisa interior para secar o cabelo molhado de Thomas. Ele cooperou, inclinando-se para a frente, a cara a centímetros dos meus seios, e riu-se quando lhe perguntei se estava a gostar da vista. O ritmo de castanholas dos seus dentes constituía um acompanhamento interessante.

Tirei-lhe o casaco dos ombros, revelando uma velha camisola de futebol dos *New York Giants* por baixo. O casaco caiu com um baque pesado e molhado. Arranquei o meu casaco do espelho da casa de banho e pus-lho pelos ombros. Em seguida, pegando-lhe nas mãos trémulas, conduzi-o para o lavatório cheio de água quente.

– Quando estiveres suficientemente quente para falares, podes gritar comigo por te dar ainda

mais problemas – disse-lhe. – Mas não te pedi para te preocupares comigo. Nunca. – Ele retirou as mãos da água, segurando nas minhas que encostou ao seu peito, e abanou a cabeça.

Linguagem gestual. *Não adianta. É mais forte do que eu*.

Levantei os olhos para ele, absolutamente espantada. Onde é que ele tinha estado toda a minha vida e porque é que eu não o tinha encontrado antes de me transformar num monte desfigurado de neuroses? Pingava água gelada da barba para os meus dedos. Agarrei naquela massa de pelos encharcados e puxei com força.

– Custa a crer que não te tenhas afogado com o peso desta… coisa. Tens de livrar-te deste albatroz peludo.

Franziu a testa, tremeu, abanou a cabeça, mas eu voltei a puxar pela barba e ele acabou por encolher os ombros. Acocorei-me ao lado da mochila, remexi no meio das barras de proteínas e levantei-me com um grande canivete na mão. Abri uma lâmina de aço de quinze centímetros.

– Um escuteiro era capaz de matar uma velhinha para deitar a mão a esta beldade – brinquei. Torci-lhe a barba imediatamente abaixo do queixo e serrei-a como se fosse uma corda grossa. Quando as últimas farripas se desprenderam, brandi em sinal de vitória quarenta e cinco centímetros de barba castanha molhada como se fosse um escalpe. Ele mirou-a com tristeza.

Emiti um ruído sarcástico.

– Se te serve de consolação, ainda ficaste com muita barba. Apara-a, pinta-a de um tom bonito de hena e podes passar por um professor de arte liberal ou por um técnico dos *Lynyrd Skynyrd*. Especialmente com o rabo de cavalo.

– *F…Freebird R…Rocks*.

– Ah, um adepto dos *Lynyrd Skynyrd*, estou a ver. Sim, senhor, estou impressionada, ianque.

Depois de atirar um monte de barba molhada para o cesto do lixo, pus a correr mais água quente no lavatório.

– Deixa estar aí as mãos. Vou pedir ajuda no café. Não demoro nada.

Ele passou os olhos pelo meu *soutien* e pousou-os na minha cara. Era bom a fingir que não olhava para as cicatrizes do meu braço e para a carne arrepanhada e descolorida que me descia da axila para desaparecer onde as ceroulas me cobriam a anca direita.

– Pois é, convém vestir a camisa antes de ir ao café – afirmei com ar ligeiro. – Entretanto, olha para aqui, meu caro, para aqui. – Ele arqueou uma sobrancelha mas obedeceu. Tirei a camisa de flanela da cinta, vesti-a, abotoei-a, peguei nas calças, pu-las, enfiei os pés nus nas botas de marcha húmidas e levantei os fundilhos do chão. Prendi-os como um babeiro no colarinho da

camisola de futebol dele. – Uma recordação para ti. Pode ser que absorva parte da água que está a pingar do que te resta da barba.

A sombra de um sorriso irónico começou a formar-se-lhe num canto da boca. Os seus lábios começavam a perder o tom roxo. Tinha uma bela boca, larga e carnuda.

– Tinha mais graça – disse ele lentamente, com os dentes a tremer –, se isto fosse um desses filmes… em que nos pomos nus para trocar… calor corporal.

Peguei no cachecol, o cachecol que tinha planeado usar para esconder o lado cicatrizado da minha cara quando me encontrasse com Delta. Mas sequei a cara do Thomas com as pontas de lã macia e depois enrolei-lho à volta do pescoço. Era uma atitude galante da parte dele dirigir-me piropos, mas ele era um homem galante. Recolhi-me mais uma vez dentro da minha pele desfigurada.

– Tenho muita pena mas este é um desses filmes em que eu tenho de fintar um bode doido para te trazer toalhas e roupa seca.

– M…merda – reclamou.

O *Banger* bem se esforçou por me perseguir, no entanto, consegui chegar aos degraus da parte de trás do café uma boa passada à frente dos chifres perversos do bicho. Saltando para o alpendre atafulhado com ele no encalço, abri o mosquiteiro da porta da cozinha de supetão e a porta de madeira branca atrás. Sem avisar nem tão-pouco pedir licença, precipitei-me lá para dentro. A porta bateu atrás de mim e a cabeça do *Banger* colidiu contra o painel inferior.

Três pessoas assomaram a cabeça por cima de um balcão, mirando-me. Não vejo nenhuma razão para uma estranha sem casaco e desgrenhada provocar alarme quando entra numa cozinha de imprevisto. Olhei para elas enquanto recuperava o fôlego. Thomas tinha-me mandado tantas fotografias da família de Delta que reconheci imediatamente as três: a pequena Cleo, de cabelo castanho, na casa dos quarenta, sardenta, com a cruz pendente e as pulseiras «Que Faria Jesus?»; o grande e solene Jeb, com uma tatuagem militar num antebraço e uma trunfa de cabelo escuro que usava curto em cima e comprido atrás; e a mulher, Becka, uma ruiva alta com quatro argolinhas de ouro numa orelha e três tachas de diamante na outra.

Mas, a julgar pelas expressões de espanto, não só não *me* reconheceram, como estavam à espera que eu sacasse de uma arma e assaltasse a casa.

– Olá – consegui finalmente dizer a ofegar. – Eu sei que devem estar surpreendidos. Eu sou…

A frase morreu-me nos lábios quando Delta entrou a correr na cozinha. A princípio, não me viu. Tinha a cabeça inclinada de lado e estava absorvida a falar ao telemóvel.

– Já disse ao Thomas que lhe dava tempo para ir à procura dela em casa da Mary Eve – estava ela a dizer –, mas ele já foi há muito tempo e não tenciono esperar nem mais um segundo. Pike, ela pode ter caído por um precipício abaixo. Pode andar perdida na mata, a morrer de frio! Convoca toda a gente que puderes. Mobiliza o helicóptero do serviço florestal! Põe os cães-polícia em ação! A Cathy é uma rapariga da cidade, tão indefesa como uma gatinha, uma gatinha recém-nascida…

– *Delta* – disse numa voz rouca. Vê-la em carne e osso pela primeira vez foi mais emocional do que eu esperava. – *Miau*.

Ela levantou de súbito a cabeça. Fixou-me.

– Esquece – gritou para o telefone –, ela está aqui. – Correu para mim de braços abertos. O telefone caiu num tacho com feijão. – Prima Cathy!

– Prima Delta. Peço desculpa se te assustei…

– O que importa é que estás viva e estás bem e estás aqui! – *Zás!* Apertou-me num abraço. O cheiro a farinha e a manteiga encheu-me as narinas. Ela era um pouco mais baixa do que eu. O seu cabelo escuro, salpicado de brancas, envolveu-me o queixo, macio como uma escova de zibelina. O seu corpo era fofo, mas forte. Era como ser abraçada por um biscoito humano. Lancei os braços à volta dela e encostei o lado bom da minha cara ao seu cabelo. Ela reduziu-me a uma mistura babosa de sorrisos e lágrimas. Ela era o biscoito. Eu era o creme.

Delta recuou um passo, a chorar e a sorrir, e segurou-me pelos ombros.

– Deixa-me olhar bem para ti!

– O Thomas está na Sentina. Depois explico. Agora preciso de toalhas e…

– Só um momento. – Agarrou-me na cara. As suas mãos rápidas apanharam-me desprevenida. Comecei a desviar-me. Delta não tirava os olhos dos meus, estudando-os atentamente, e o seu sorriso alargou-se e, na sua cara, formou-se uma expressão de pura satisfação.

– Somos parecidas uma com a outra nos olhos – exclamou. – Estou sempre a dizer isso às pessoas! Somos mesmo!

Cativada pelo seu charme, só pude suspirar de alívio e acenar com a cabeça. Devia ter adivinhado que Delta me veria exatamente como queria. Éramos familiares.

Saíamos uma à outra.

Thomas

Cathy podia já não se considerar uma estrela de cinema, mas a presença dela no café criou um burburinho de excitação quase palpável. Nesse sábado à tarde, a maioria do clã Whittlespoon mais chegado – uma boa vintena de pessoas, incluindo as crianças – apareceu de repente na cozinha. Tanto esforço para manter Cathy escondida para nada. Iam executando distraídos os preparativos para o menu do jantar, esticando ao mesmo tempo a cabeça na direção da porta de vaivém que dava para as zonas públicas, na esperança de ouvir algum som que indicasse que Delta e Cathy estavam prestes a emergir da sala de jantar da frente do café.

Toda a gente queria vê-la. Com ou sem cicatrizes.

Ivy e Cora não conseguiam concentrar-se na construção de mais casas de Natal em cartão e eu também não. Estávamos sentados na sala de jantar lateral a colar lantejoulas em pinhas. Eu estava desconcentrado por causa das minhas jardineiras novas e retesadas e da *sweatshirt* com o logótipo dos tratores *John Deere*, a única indumentária de emergência disponível no meu tamanho no minimercado de Crossroads. A estranha visão do meu peito sem barba apanhava-me desprevenido sempre que baixava os olhos sobre mim mesmo.

Tinha a sensação de ter sido barbeado por pingentes de gelo e aquecido a seguir com um maçarico. Era uma sensação provocada pela recordação de Cathy a tratar com ternura de mim na Sentina. E ainda pela recordação dos seios dela no *soutien* decotado e pela espreitadela que eu tinha dado quando ela se virou ligeiramente para vestir as calças. Como ela nunca se tinha despido nos filmes, interrogava-me naturalmente se teria tatuagens ou sinais a esconder. É a minha desculpa e mantenho-a. Mas uma coisa vos digo: não tem tatuagens nem sinais e aquelas ceroulas sem fundilhos ofereceram-me um vislumbre frontal e traseiro de atributos femininos de primeira categoria.

– Pode ser que a *Princesa Arianna* e a Delta tenham acabado de conversar – murmurou Cora do outro lado da mesa. – Podemos ir agora conhecê-la?

– Ainda não. Ela e a Delta têm muito que falar. Já vos disse, elas não estão juntas desde que a Cath… a *Princesa Arianna*… era da idade da Ivy. E isso foi há vinte anos.

Ivy fez má cara para a porta de dois batentes fechada da sala de jantar da frente do café.

– Ora, se calhar ela também não quer conhecer duas miúdas labregas e estúpidas.

– Ei! – Debrucei-me e olhei triste para ela. Com Ivy, não me armava em superior. Ela era uma rapariga esperta e ninguém devia subestimá-la. – Hoje projetaste uma casa. Não conheço mais ninguém da tua idade capaz de tal feito. E fiquei impressionado com a tua compreensão dos termos arquitetónicos. Se estiveres interessada, ensino-te a construir uma maqueta com pauzinhos de chupa-chupa. Foi assim que o meu velhote… o meu pai… me ensinou os rudimentos do *design* estrutural.

Ivy encolheu os ombros, mas as suas sardas cor de chocolate tingiram-se de rosa e ela sacudiu uma lantejoula para o ar com os ágeis dedos escuros.

– A Laney diz que é uma perda de tempo ler livros.

– Nunca é uma perda de tempo ler livros.

– Achas que a Cathryn gosta de ler? Não. É bonita, não precisa.

– Queres dizer que as raparigas bonitas podem ser estúpidas?

– Podem. Basta fazerem olhinhos para toda a gente lhes dar atenção. As pessoas acham-nas inteligentes só porque são bonitas. Sobretudo se forem bonitas e brancas. – Semicerrou os olhos. – Têm a papinha toda feita.

– Aposto que a Cathy discorda. Ela lê livros; não é estúpida.

– Como é que ela é em pessoa? Ainda é bonita?

– Sim, é. Só que de uma maneira diferente de antes. Mas ela não pensa assim.

Os olhos de Ivy acenderam-se com interesse instantâneo.

– Não pensa?

– Não. Neste momento, sente-se feia. As pessoas têm sido cruéis com ela por causa da aparência com que ficou depois do acidente. Não te esqueças disso quando a conheceres. Tem cuidado com o que dizes.

Cora, de olhos arregalados e preocupada, arguiu sem-cerimónia:

– Nós nunca seríamos cruéis com a *Princesa Arianna* de propósito! Vou-lhe já dizer isso mesmo!

Para uma menina tão pequena, era muito ágil. Antes de eu ou a Ivy a podermos deter, já tinha saltado da cadeira e estava ao pé da porta. Abriu-a e precipitou-se lá para dentro. Porém, quando eu e a Ivy chegámos junto dela, tinha estacado um passo para lá da entrada. Estava a fixar Cathy boquiaberta, com uma expressão de horror nos olhos muito castanhos.

– Mas que diabo…? – disse Delta.

Ela e Cathy, sentadas a uma mesa, tinham estado a abrir o coração uma à outra, na sala de jantar da frente, enquanto tomavam chá e comiam biscoitos de queijo. Cathy pôs-se imediatamente de pé, puxando pelo cachecol de que se tinha novamente apoderado, mal eu atingi a temperatura ambiente. Não lhe escondia o lado direito da cara por completo e ela

sabia. O efeito devia ser perturbante para uma criança, em especial alguém como Cora, que punha um filtro protetor entre si e as mais pequenas contrariedades. Delta lançou-me um olhar carrancudo, como quem diz: como deixaste que isto acontecesse?

– Deves ser a Cora – afirmou Cathy, nervosa. Cora não se mexeu nem emitiu qualquer som. Cathy afundou-se na cadeira. – Não te preocupes, Cora. Não precisas de dizer olá nem nada disso. Eu sei que tenho um ar esquisito.

Cora correu para ela como um colibri de plumagem escura. Agarrou numa cadeira, aproximou-a de Cathy, sentou-se nela e estendeu o braço. Com uma pequena mão, afastou o cachecol. Cathy paralisou. Cora pousou-lhe suavemente a mão na face queimada, dando-lhe palmadinhas ternas e leves.

– Eu sei o que aconteceu – sussurrou Cora. – Foi aqui que o *Pereforn* respirou em cima de ti, *não* foi?

Nos filmes da *Princesa Arianna*, *Pereforn* é um dragão perigoso que cospe fogo. Cathy estudou Cora com alívio, seguido de ternura.

– Pois foi, respirou em cima de mim.

– Mas continuas a ser uma linda princesa.

– Achas que sim?

– Acho! E estou muito feliz por estares aqui! – Inclinou-se sobre as biqueiras das sapatilhas e abriu os braços. Cathy envolveu-a num abraço.

– Tenho o teu rubi na minha carteira – contou Cathy, com a voz embargada. Por esta altura, já Delta estava a limpar os olhos e eu sentia um aperto na garganta.

Cora soltou um grito de euforia.

– Tens?

Cathy sentou-a devagar.

– Claro! Tem-me dado sorte.

– A tia Laney disse que não passava de uma pedra.

– Não. É mágico.

– Que bom!

Cathy olhou para Ivy que estava parada no meio da sala, com um ar constrangido e defensivo.

– Ivy?

– Iverem.

Cathy premiu um botão interno. Aquele sorriso de que já falei? Aquele carisma incrível? Projetou o feixe sobre Ivy em toda a sua potência.

– Tenho o desenho que me mandaste. Da eclusa. Arranjei uma moldura para ele em casa da minha avó e agora está nos armários da minha sala de estar. Entre a minha coleção de vasilhas. Fica o máximo no meio delas. Prazer em conhecer-te, Iverem.

Ivy não tinha hipótese. Hipnotizada, deu um passo aturdido na direção de Cathy, seguido de outro, detendo-se na ponta da mão que Cathy estendeu. A esquerda, intacta. Apercebi-me de Cathy estava a esconder a mão direita atrás das costas.

– Podes tratar-me por Ivy. – Apertou a mão de Cathy. Um aperto tímido e receoso. Quase consegui ler-lhe o pensamento na cara. *A Cathryn Deen apertou-me a mão. A minha mão. Agora sou famosa*.

– Tens uma coleção de vasilhas? – perguntou Ivy. – Elas têm alguma coisa dentro?

– Não, gosto… hum… delas vazias. Estranho, não é?

– Não e, além disso, eu gosto de coisas estranhas.

– Eu também. Fixe.

– Fixe.

Eu e Delta entreolhámo-nos. Ela pousou uma mão sobre o coração, sorrindo. *Fixe,* articulou sem som.

Atrás de mim, estalou uma explosão de passos vindos da cozinha. O sorriso de Delta extinguiu-se. E o de Cathy também. Ela voltou a cobrir a cara com o cachecol e dirigiu-se discreta para a porta do alpendre frontal.

– Temos invasão? – gracejou debilmente.

– Oh, querida, mais cedo ou mais tarde tens de conhecer o resto dos teus parentes afastados e mais vale que seja agora – retorquiu Delta num tom calmo e insistente, agarrando-a por um braço.

Eu levantei os dois braços para bloquear a porta, mas eles passaram na mesma por mim.

– Não adianta – rosnou Pike, assentando-me uma mão no ombro. – Isto é como um batismo de fogo. A Cathy tem de ser batizada pelos Whittlespoon e arrumar com a questão.

A manada inteira rodeou Cathy, escrutinando-a com simpatia, mas obsessivamente. Ela espetou um sorriso na cara pálida, enquanto Delta ia apresentando cada membro da família em colorido pormenor. Cathy pousou os olhos ansiosos em mim. Linguagem gestual. *Estão de olhos fixos na minha cara.*

Eu não podia senão acenar com a cabeça. *Deixa-os*.

– Thomas, as pessoas vão recordar este dia daqui a cem anos – murmurou-me Delta. – Começou a lenda da Cathy Deen.

– Senhor, agradeço-te por teres trazido a Cathy para o nosso seio – anunciou Cleo, olhando para o céu. – Agora, se me dão licença, tenho de aquecer esta sala para o pessoal que vem jantar. – Apressou-se na direção de uma lareira numa parede, tirou do bolso dos *jeans* um isqueiro, pôs-se às voltas com um comando da luz piloto da lareira e acendeu o isqueiro. Os toros pegaram fogo com uma deflagração ruidosa de chamas laranja e azuis.

Cathy desatou a correr porta fora e parou a cambalear junto da balaustrada do alpendre. Vomitou por cima desta com uma violência rouca e humilhante, salpicando uma grinalda perfeita que estava no chão à espera de ser montada ao longo da balaustrada.

– Alguém vá buscar um pano de cozinha – ordenou Delta, dirigindo-se em seguida para Cathy, amparando-lhe a cabeça enquanto ela vomitava outra vez.

Agarrei num monte de guardanapos de papel que estavam em cima de uma mesa de serviço e preparava-me para sair pela porta do alpendre quando Becka e Cleo me impediram.

– O que é pior que vomitar em cima de uma grinalda de Natal diante de um grupo de estranhos? – perguntou Becka.

– É ter o novo namorado a limpar o vómito da cara – respondeu Cleo. – Ámen.

– Eu não sou… – comecei.

– Não és, o tanas – reiterou Becka, divertida.

Tiraram-me os guardanapos da mão e eu deixei.

1 PETA: People for the Ethical Treatment of Animals (Associação para o Tratamento Ético dos Animais) (*N. da T.*)

Capítulo 16

Cathy

Em Casa de Delta Nessa Noite

Acordei às escuras, humilhada mas faminta, inebriada pelos aromas de pão de milho e guisado de carne algures em casa de Delta. Na cómoda de pinho do quarto de hóspedes, um relógio antigo bateu dez badaladas.

Dez horas? Seria possível ter dormido desde o fim da tarde? Depois da minha cena de vómito, Delta apressara-se a trazer-me para casa dela, insistindo para que eu tomasse várias colheres de chá de um remédio caseiro para o estômago feito à base de manteiga com ervas e dando-me roupa lavada antes de me meter na cama. Só me lembrava de ouvir um dos meus próprios roncos delicados antes de adormecer.

Agora, afastei com relutância o macio lençol de flanela e o velho edredão feito com retalhos de vestidos das avós de Delta. Se não estivesse esfomeada, era capaz de ter ficado naquele aconchego familiar durante vários anos.

Dirigi-me para um corredor suavemente iluminado, tentando ignorar o facto de estar vestida com meias tubo, calças de pijama em flanela que não me chegavam aos tornozelos e uma das *sweatshirts* com o logótipo do café. *Os Desígnios da Banha São Insondáveis*, dizia o *slogan* em grandes letras cor-de-rosa. Ajeitei o cabelo sobre o lado desfigurado da cara, aclarei a garganta a ver se alguém respondia e, quando ninguém respondeu, encaminhei-me para as traseiras da casa onde me recordava vagamente de ter visto uma grande e acolhedora cozinha. Ao passar pela porta aberta de um quarto, espreitei para a obscuridade. Cora e Ivy estavam aninhadas numa cama de casal, debaixo de edredões. Havia dois gatos aninhados ao lado delas.

– Durmam um soninho inocente – sussurrei. Sentia-me maternal e extraordinariamente profunda.

Encontrei a cozinha e detive-me à entrada, um arco decorado com fotografias de família, a observar Delta diante do fogão. Ela estava a trautear. Como podia alguém sentir-se tão feliz

com o simples ato de preparar uma refeição?

Há pessoas em quem ninguém repara, mas o mundo gira em torno delas. São as caladas, as fortes, as serenas, que formam o eixo da roda inquebrantável que segura uma série de frágeis raios. As verdadeiras famílias não são criadas, são entretecidas. E no seu centro, no centro da infinita roda de todas as famílias de todos os tipos, de sangue ou não, existe um ponto fulcral, essa pessoa, essas pessoas, que mantêm a roda unida e a girar.

Dantes, julgava-me o eixo de uma roda apenas porque pagava a uma série de pessoas para girarem à minha volta. Agora a verdade arrancou-me um suspiro de tristeza: não era sequer uma lua distante de um sol esquecido. Delta virou-se bruscamente.

– Vejam só, a residente mais recente de Crossroads está acordada e recuperou a cor – disse ela com voz amável.

– Fiz uma triste figura ontem, não fiz?

– Pois. Já és uma lenda, acredita. Foi o que eu disse ao Thomas. As lendas não têm de ser perfeitas. Aliás, quantas mais verrugas tiverem, melhor. Dá aos linguareiros e aos historiadores muito que explicar. Tu tens mais verrugas que o rabo de uma rã. Falo no bom sentido.

– Obrigada. – Ontem uma princesa, hoje o rabo de uma rã. Talvez aparecesse um príncipe e me transformasse com um beijo. Não seria o Thomas. Nunca até agora tinha vomitado à frente de um homem.

– Senta-te – insistiu Delta. – O fogão não morde.

– Põe-lhe a trela, pelo sim, pelo não.

– Ora, então. É mansinho.

Entrei a medo na cozinha, franzindo os olhos com a luz de um candelabro em forma de roda de carroça sobre a longa mesa de pinho, sem tirar os olhos do fogão profissional de seis bicos. Delta pousou uma tigela de sopa cheia de guisado num individual.

– Prova uma colherada disto enquanto eu vou buscar-te pão de milho quente.

Olhei para a chama azul do gás por baixo do tacho do guisado no fogão e depois virei discretamente o individual para o lado oposto da mesa. Sentei-me, lançando mais alguns olhares à chama. Nunca se sabe quando um fogão é capaz de saltar do lugar e tentar fritar-nos. Está sempre a acontecer nos desenhos animados. Seduzida pelo aroma do guisado, olhei por fim para ele.

– Passaste a noite a cozinhar no café e agora estás a cozinhar para mim. Contentava-me com um biscoito.

– Ora, não é maçada nenhuma. Cozinhar, para mim, é como respirar para outras pessoas. Nem sequer penso nisso. Então gostaste do meu remédio caseiro, hein?

– Eu sei que é uma observação estranha a respeito de manteiga, mas até o *sabor* era calmante.

– A manteiga faz bem à alma. – Tirou uma pequena frigideira preta de ferro do forno. Uma capa dourada de pão de milho tinha crescido sobre a borda. O cheiro era delicioso.

Peguei numa colher e meti rapidamente à boca uma colherada de guisado de carne para abrir o apetite. – Nunca tive tanta fome na vida – disse eu, durante um breve intervalo sem carne na boca.

– Não tinha um apetite destes desde… desde a primavera passada. Podes ensinar-me a fazer esse remédio de manteiga? É como um estimulante do apetite e um tranquilizante ao mesmo tempo.

Delta contraiu os lábios, enquanto cortava o pão de milho, e colocou um triângulo a fumegar num prato ao lado da minha tigela.

– É uma receita secreta. É o *Santa* que o faz. – O seu tom era demasiado casual. – É ele que me abastece, mas só para situações de emergência graves.

Santa. Imobilizei a mão com o pão de milho a meio caminho da boca.

– Estás a dizer que me deste manteiga com *erva?*

Ela inclinou a cabeça e arregalou os olhos, como que chocada.

– Estás em casa do xerife do condado. Um homem que jurou defender a lei. Não te dei mais que um velho remédio da montanha feito com ervas medicinais.

Após um momento de lenta – muito lenta – ponderação, meti o pão de milho na boca e encolhi os ombros. Paciência, estava pedrada. Não era de admirar que estivesse cheia de fome apesar da vigilância do sinistro fogão.

Delta sentou-se à minha frente com uma grande garrafa de *Chardonnay Biltmore* e um par de copos de vinho pintados com pontinhos azuis irregulares.

– A minha neta fez-me um serviço inteiro – explicou, servindo o vinho.

– São lindos. – Ergui um copo e estudei-o com atenção.

Delta soltou uma gargalhada.

– Não olhes para os pontinhos tão fixamente.

– O céu sobre Hog Back é quase deste tom de azul. E os olhos da Ivy eram deste azul quando estava a tentar decidir se havia de gostar de mim hoje. E, na Sentina, a pele do Thomas estava azul. Azul é a cor universal das ligações pessoais profundas, não achas? Se Jesus fosse uma cor, seria azul.

– Quer-me parecer que te dei manteiga a mais. Cinco horas depois e ainda consegues ver Jesus em pontinhos.

Delta foi bebendo vinho enquanto eu dava conta de duas tigelas de guisado e do pão de milho inteiro. A refeição absorveu remédio de ervas ilícito suficiente para me arrancar ao meu aturdimento filosófico. Sobreveio a depressão.

– Antigamente, sentia-me bem por ser o centro das atenções. Agora faço figuras tristes quando alguém acende uma lareira.

– Ora, não penses nisso – tranquilizou-me Delta. – Traz o vinho e vamos sentar-nos na marquise. O Pike construiu-a no verão depois de os meus pais morrerem. Morreram de um ataque de coração com uma diferença de dois meses um do outro. Durante todo esse verão, eu e o Pike trabalhámos na marquise. Aposto que chorei com cada prego que preguei. Toda essa mágoa investida em qualquer coisa de produtivo. Agora é o meu sítio favorito da casa. À noite é um espaço sossegado para refletir sobre a vida.

Segui-a relaxada para um espaçoso alpendre envidraçado, cheio de plantas e mobiliário de vime. Um radiador elétrico zunia num canto. Instalámo-nos em espreguiçadeiras almofadadas com o vinho numa mesa baixa entre nós. A sala oferecia uma vista sobre os vastos prados do Vale. Uma meia-lua estava suspensa no céu claro de inverno sobre as montanhas. A geada reluzia na relva. Perscrutei a escuridão prateada.

– Onde é que está o Thomas esta noite? Depois de me ver vomitar, refugiou-se na cabana dele, não?

– Não, está a jogar póquer com o Pike, o Jeb, o Juiz, a Dolores… a malta do costume. O Pike tem uma pequena caravana nas traseiras do café. Há uma mesa, umas quantas cadeiras confortáveis, um frigorífico, algumas cabeças de veado e perus empalhados. É para onde vão os viciados do jogo aos sábados à noite.

Isso significava que Thomas tinha ficado por aqui. Podia ir falar com ele, se quisesse. Discutir pontinhos azuis com ele. A ideia animou-me.

– Nós, as mulheres, ficámo-nos pela sala lateral do café – continuou Delta. – Bebemos vinho, trocamos dois dedos de conversa, fazemos os nossos acolchoados semanais. Terminamos uma manta de retalhos de dois em dois meses, oferecemo-la e começamos outra. A manta que estamos a fazer agora está numa armação de acolchoamento que instalamos no teto durante a semana. Vais ver. Costuras? Temos sempre lugar para mais uma. Não é preciso ter

experiência.

Olhei para ela sem pinga de expressão no rosto.

– Não me parece que venha a fazer parte do clube local. Depois do que aconteceu hoje…

– Vomitaste. Que importância é que isso tem?

– Não foi só vomitar, entrei em pânico. Fiz má figura, dei cabo das tuas decorações, incomodei-te, incomodei a tua família, já para não dizer que foi por minha causa que o Thomas saltou para o lago em casa da minha avó. Tenho… constrangimentos, Delta. Fobias. Manias. Fico toda arrepiada quando as pessoas olham para mim. Entro em parafuso quando vejo fogo. Tenho medo de conduzir um carro. A única coisa que quero é arranjar maneira de viver em casa da minha avó e ter o menos contacto possível com as pessoas, para não estar sempre a fazer figura de idiota.

– Começaste com o pé esquerdo, mais nada. Ouve, precisas é de um plano. Uma receita para te readaptares gradualmente ao mundo. Comecemos por falar da casa da tua avó. Deves mandar instalar eletricidade e canalização. Ela havia de querer que a renovasses de acordo com as tuas necessidades.

– Achas que sim? Ela podia ter feito beneficiações na casa, mas não fez. Porquê?

– Convinha-lhe assim. Cresceu nela sem esses confortos. O que não quer dizer que ela quisesse que a mantivesses nesse estado.

– É um *design* clássico. Já não há muitas dessas casas da Sears. Especialmente das que não foram renovadas. Se eu me pusesse a fazer alterações, seria como abrir buracos num jarrão chinês para o transformar num candeeiro.

– A Mary Eve era partidária dos ideais zen e essas coisas. Diria com certeza que a mudança é uma coisa boa.

– O Thomas adora a casa como está. Tem-na cuidado com imensa dedicação. Não me sinto bem a trair a visão que ele tem dela.

– A casa é tua, querida, e tens de te apropriar dela.

– Talvez o Thomas tenha razão. Ele diz que um dia vou querer partir, voltar para o chamado mundo real. Nessa altura, devia dar-lhe a casa, em condições perfeitas, antiga como está. Ele só está à espera que eu me vá embora.

– Se pensas que o Thomas quer que te vás embora, estás mais pedrada do que imaginei. Basta que o deixes que ele pespega-se à tua porta e não arreda pé. – Piscou-me o olho. – À tua porta e noutros sítios.

– Preciso de andar pelo meu pé sem a ajuda de um homem. Além disso, que homem quer tocar numa mulher com este aspeto? – Apontei para a minha cara.

Delta franziu-me a testa.

– Se as mulheres cruzassem os braços à espera de se sentirem perfeitas antes de darem uma queca, não havia parvalhão feio neste mundo que não se sentisse terrivelmente só. Ficavam todos a seco.

Bebi um grande gole de vinho.

– Se fosse só um pouco de celulite e de pele flácida, não era mau. Mas as minhas cicatrizes são…

– Cathryn Mary Deen! Ouve-me bem! Quando morreu, a tua avó tinha um cu do tamanho de um camião, montes de sardas, manchas senis, uma cicatriz no apêndice e as articulações inchadas da artrite, mas *ainda* virava mais cabeças do que qualquer outra mulher em dez condados. Os homens adoravam-na. É uma questão de atitude. Se te achares *sexy*, os homens também acham. Tens de deixar de te guiar pelos teus antigos valores e aprender a reconhecer o que tens de bom e não o que tens de mau.

– Não sei fazer isso.

– Achas que és a única pessoa que já teve de repensar tudo o que sabe de si mesma? Deixa-me falar-te do meu filho. O Jeb esteve na Guarda Nacional. Foi convocado quando a Guerra do Iraque começou. Não andava por lá há mais de seis meses quando uma mina quase o matou. Ao voltar, era um estranho. Tinha visto coisas terríveis, mas não podia falar sobre elas. Dormia com uma pistola debaixo da travesseira. Chorava quando tentava tocar na Becka. Mais tarde descobrimos que tinha matado umas mulheres e crianças iraquianas por acidente. A pobre da Becka e os pequenos tinham medo dele e por ele, e eu e o Pike também. Uma noite, desapareceu durante uma tempestade e nós quase enlouquecemos. O Thomas e o Pike foram dar com ele em Devil’s Knob. O Jeb preparava-se para saltar. O Thomas teve de se aproximar de rastos num rebordo e convencê-lo a sair dali. Não sei o que o Thomas lhe disse naquele penhasco… nenhum deles fala disso… mas fez toda a diferença. O Jeb começou a melhorar. Agora está bem, mas é a mesma pessoa? Não. O rapaz alegre e amigo da paródia que eu criei desapareceu para sempre. Parte-se-me o coração.

– O Thomas salvou-lhe a vida?

Ela acenou com a cabeça.

– O Thomas sabe o que dizer a uma pessoa desesperada, não sabe?

– Sabe.

– Então encara a questão de outra maneira: estás a retribuir-lhe o favor.

– Não, estou apenas a obrigá-lo a assumir outra atitude por medo. Ele receia virar as costas para o caso de eu fazer alguma coisa de horrível à casa. Polir uma tábua de madeira da maneira errada. Arrancar um prego.

– Ele é que precisava que lhe arrancassem o prego. – Serviu mais vinho no meu copo e depois no dela, sorveu um longo gole e sacudiu o copo na minha direção. – Vou-te contar um segredo. Conheces as *Log Splitter Girls?* Chamam-se Alberta e Macy, por sinal. A Alberta e a Macy andam de olho no esperma dele.

– Porquê?

– Já tiveram dois filhos com a ajuda de um homem daqui que tem de continuar anónimo. – Inclinou-se para mim e sussurrou. – O *Santa*. – Quase cuspi o vinho. Delta recostou-se novamente e continuou: – E querem ter um terceiro, mas pretendem uma certa diversidade genética para as pessoas não repararem que os dois que já têm se parecem bastante com um certo *hippie* velho que cultiva droga. Gostam imenso do Thomas e andam de olho nele. Chamam-lhe um «metrossexual», por ele ser respeitoso, calculo, e não chatear as mulheres infelizes como elas. Adiante, adoravam recolher o esperma dele numa proveta.

Nesse ponto, bebi o meu copo de vinho quase todo de um trago e estendi-o para ela voltar a enchê-lo.

– Ele está interessado?

– De maneira alguma. Mete-lhe um medo de morte a ideia de ser responsável por outra criança apesar de ninguém pedir a ajuda dele para a criar. – Deitou-me vinho no copo. – Mas basta vê-lo com a Cora e a Ivy para perceber que está talhado para ser pai. Está-lhe no sangue. – Fez uma pausa, franzindo-me a testa ao pousar a garrafa. – Por favor, diz-me que não fazias intenções de ter filhos com esse cretino de todo o tamanho.

– Quem?

– O Gerald.

Hesitei. A minha relação com Gerald parecia agora fria.

– Tínhamos um acordo. Pronto, está bem. Um acordo pré-nupcial. Incluía filhos. Dois. A altura tinha de ser consensual. Pedi aos meus advogados que o alterassem para dizer que, se engravidasse inesperadamente, tinha a liberdade de decidir se queria ou não fazer um aborto. Sou a favor da interrupção da gravidez, no entanto duvido que alguma vez tomasse essa opção. Seja como for, queria pô-la preto no branco. O Gerald não ficou muito satisfeito, mas acabou por concordar. Sabes, desconfio que ele fez secretamente uma vasectomia. – Bebi mais vinho. – Cretino.

– É possível pôr essas coisas íntimas num contrato?

– Pode-se pôr o que se quiser num contrato quando se é estúpida ao ponto de amar um homem e confiar nele.

– Vá, não te ponhas agora a generalizar. Apanhaste uma maçã podre de uma árvore cheia de maçãs boas.

– Eu sei, eu sei. Não quero odiar os homens. Só não quero voltar a depender de um.

– Pois, pois, esse duplo dilema vai mesmo resultar. – Ficou a olhar para o copo de vinho durante muito tempo. – Antes de o Jeb nascer, eu e o Pike estivemos à beira do divórcio. Tínhamos vinte e poucos anos, mas estávamos casados desde os dezasseis. Parecia que já estávamos casados há uma eternidade e depois… – A voz morreu-lhe nos lábios. Mudou de posição na espreguiçadeira, bebeu mais vinho e virou os olhos para os prados invernosos, iluminados pelo luar. – Vou-te contar uma coisa que muito poucas pessoas sabem. Nem o Thomas sabe. – Olhou para mim com os olhos já marejados de lágrimas. – Tivemos dois filhos que morreram afogados.

– Oh, Delta.

– O Pike Junior, o primeiro, e a Cynthia, a nossa menina. Ele tinha seis anos e ela quatro. Foram numa excursão da catequese ao French Broad. O rio, sabes, o grande, a leste daqui. Por mim não os tinha deixado ir sozinhos, eram tão pequeninos, mas a mulher do *Santa*… ele era casado nesse tempo… era uma das acompanhantes. Uma mulher nova e desatinada. Eu devia ter adivinhado. Mal ela virou as costas, eles afastaram-se. Foram necessários… dois dias… para encontrar os corpos deles mais abaixo no rio. Imaginamos que a Cynthia caiu e o Pike Junior tentou salvá-la.

– Sinto muito.

– Pensei que ia morrer. Eu e o Pike quase enlouquecemos, ficámos devastados. O que aconteceu acabou com o casamento do *Santa*. A mulher não era má pessoa mas, a partir desse momento, passei a odiá-la e nunca consegui perdoar-lhe. Ela foi-se embora e nunca mais voltou. Morreu aqui há uns anos. Deixou-nos uma carta a dizer que nunca se tinha perdoado a si própria. Também ficou com a vida arruinada.

As lágrimas corriam pelas faces de Delta. Não afastou os olhos do luar.

– Eu e o Pike não sabíamos para onde nos virar. A quem se deita as culpas quando não há ninguém a quem culpar? Eu acusava-o de me culpar por ter deixado os miúdos ir nessa excursão, ele acusava-me de o culpar por não prover à família como devia… quero dizer, ele trabalhava muitas horas numa serração a meio caminho de Asheville e era adjunto do xerife a meio tempo e eu trabalhava na cantina do liceu do condado e ajudava os meus pais a tomar

conta dos meus avós paternos e maternos que estavam a ficar velhos e necessitados. Por isso, na maneira de ver do Pike, deixei os miúdos ir na excursão porque andava estafada e precisava de descanso e isso porque ele não ganhava o suficiente para eu poder não trabalhar. Eram só desculpas estúpidas e tristes que então não faziam sentido e continuam a não fazer.

Por um momento, encostou o copo de vinho à face, como se estivesse a afagar a cara de uma criança.

– Passámos quase dois anos sem nos tocar. O Pike começou a beber e a fumar erva com o *Santa*. Desapareciam fins de semana inteiros, sabe-se lá a fazer o quê. E eu? Eu ia para a cama com homens que apareciam aqui para pescar. Queres melhor confissão?

Limpei as lágrimas da face.

– Na altura deve ter feito sentido.

Ela assentiu.

– Os meus meninos tiveram uma morte em que eu não suportava pensar. Era-me indiferente viver ou morrer. O meu marido já não me desejava. Que diferença fazia? – Suspirou. – O Pike sabe desses homens. Já ultrapassámos isso há muito tempo.

– Como é que se reconciliaram?

– Devemo-lo à tua avó. Ela sempre nos apoiou, estava sempre a dizer que tudo se comporia se nos lembrássemos por que razão nos amávamos. Nesse tempo, a tua mãe já tinha partido, digo eu, estava em Atlanta a seguir a carreira dela e a trabalhar como assistente jurídica na firma de advogados do teu pai. A Mary Eve sentia-se só e, como tinha muito tempo livre, aparecia em nossa casa quase todos os dias… enfim, não era uma casa, nós vivíamos numa velha caravana aqui na floresta… ela vinha todos os dias com biscoitos e conversava comigo. Quando os meus avós McKendall morreram, deixaram-me o café. Ninguém imaginava que eu fosse capaz de fazer alguma coisa com ele. A minha própria mãe… oh, a minha mãe era do piorio… dizia que eu não o merecia, que não tinha queda para os negócios, que lhe devia vender o sítio, a ela e ao meu pai, e não deixou que o meu pai me emprestasse o dinheiro de que eu precisava para me lançar. Nesse tempo, o café não passava de uma loja de sanduíches. A cozinha não tinha sequer fogão.

»Foi a Mary Eve quem me emprestou o dinheiro para começar. Disse-me que eu devia seguir o meu coração. Que, se desse ouvidos às pessoas que diziam que as minhas ideias eram estranhas ou estúpidas, mais valia sentar-me num canto até ao fim da vida. Costumava dizer: «Os desígnios da banha são insondáveis e cabe-te a ti aproveitar as possibilidades que ela te dá.»

»Foi então que comecei a cozinhar. Passei meses a cozinhar durante dezoito horas por dia, a

dar de comer a quem aparecesse. As pessoas precisavam da minha comida, apreciavam-na. E eu sentia-me reviver, pouco a pouco. Depois, um dia, quando dei por mim, lá estava o Pike. Como pouco falávamos, ele mantinha-se distante. Mas, de repente, estava ali. Entrou na cozinha e disse: «Precisas de ajuda com a louça?» E eu respondi: «Toda a ajuda é bem-vinda, claro.» E ele dirigiu-se ao lava-loiça, arregaçou as mangas e começou a lavar. Não foi nenhum momento grandioso, o da reconciliação. Foram antes muitos momentos pequenos. Depois, uma noite, quando fechámos o café, fomos para o minúsculo quarto dele na caravana e fizemos amor. E, aos poucos, as coisas compuseram-se. O Jeb nasceu pouco mais de um ano depois.

Por esta altura, as lágrimas corriam-me copiosamente pelas faces e Delta inclinou-se e afagou-me o cabelo, confortando-me pelas mágoas dela e pelas minhas. Desprendeu a minha mão desfigurada do copo de vinho e apertou-a com força.

– Eu alimento as pessoas – murmurou com paixão. – Alimento-as com o meu coração e as minhas esperanças e sacio a fome que exista dentro delas. É o que eu faço. Alimento-lhes a alma. É a única maneira de aguentar na adversidade. Para elas e para mim. Saber que estou aqui por uma razão. Que posso fazer a diferença na vida dos outros. Como a tua avó fazia. E como tu hás de fazer e o Thomas, quando finalmente descobrirem o caminho.

Tirei os pés da espreguiçadeira, sentando-me a olhar para ela, e baixei a cabeça.

– Vou fazer tudo para não te desiludir – disse, entre soluços. – Adoro-te, prima.

Eram, aparentemente, palavras a que nem a estoica Delta conseguia resistir. Começou também a chorar e, entre arquejos entrecortados, apenas foi capaz de dizer:

– Eu também te adoro, prima.

Claro, enquanto chorávamos baba e ranho, ouvimos uma porta das traseiras a abrir e a fechar, a que se seguiram dois pares de passadas pesadas na casa. Endireitámo-nos rapidamente, passando as mangas pelos olhos, limpando o nariz, aclarando a garganta e tentando respirar o mais normal possível. Emitimos fungadelas em uníssono.

– Seríamos mais refinadas se não tivéssemos bebido – disse Delta com uma gargalhada estalada.

– Tu pelo menos só estás bêbada. Eu estou bêbada e pedrada.

– Chiu. Vem aí o Pike. E o Thomas.

As estaturas altas dos homens encheram a porta de vidro de correr entre a marquise e a cozinha. Estavam recortados contra a luz de um candeeiro no balcão. Esperei que não nos conseguissem ver a cara na obscuridade, como nós não conseguíamos ver as deles em silhueta contra a luz.

– Tudo em ordem por aqui? – perguntou Pike numa voz arrastada. Pelo seu tom de voz, era claro que tinha percebido que não.

– Estamos a conversar sobre comida – respondeu Delta, numa voz tremida. Ergueu a garrafa de vinho quase vazia. – E vinho.

– E vinho – repeti, acenando com a cabeça. Para ser franca, o que eu disse foi: «E ‘inho.»

Thomas encostou-se à porta. Enfiou as mãos nos bolsos das jardineiras emprestadas. A ganga macia colava-se-lhe às pernas altas. A luz realçava a forma larga dos seus ombros sobre as alças finas do peitilho. Tinha arregaçado as mangas da *sweatshirt* até aos cotovelos. Os seus antebraços eram fortes e graciosos. Nunca imaginei que umas jardineiras fossem tão eróticas.

– Estás melhor do estômago? – perguntou com simpatia.

– Estou ótima, obrigada. – *T’ótima, bigada*. Olhei para Delta. – Vou-me deitar. Boa noite, prima.

Ela lançou-me um braço à volta do pescoço e abraçou-me.

– Boa noite, prima. Precisas de ajuda?

– Não. Nada.

Delta riu-se.

– Certo, vai lá para a cama se lá conseguires chegar. Thomas, acompanha a rapariga na pista e não faças perguntas.

– Levo-a até ao fim da pista, mas não garanto que ela não sacuda as asas e não tropece no trem de aterragem.

Levantei-me. Nunca tinha sido desleixada a beber; aguentava bem o álcool. Porém, tinha a cara inchada de chorar e estava vestida como uma pessoa indigente numa festa de pijamas e, nesse momento, o meu objetivo era conseguir ir até ao meu quarto com a máxima rapidez e aprumo possíveis.

– Sai-me da frente. Estou pronta para a descolagem. – Dei uma palmadinha no cabelo grisalho de Delta. – Vou-te fazer madeixas douradas.

Ela riu-se.

– Isso dói?

– Dos fracos não reza a história. A beleza está na alma. A vida é uma caixinha de surpresas.

Ou qualquer coisa assim. Boa noite.

– Boa noite.

Passei em frente de Pike. Não fui capaz de resistir àquela grande figura paternal de meia-idade.

– Boa noite, primo xerife.

– Boa noite – devolveu-me numa voz arrastada.

Evitei olhar para Thomas, continuando na direção da cozinha.

– Não é preciso acompanhares-me.

Ele agarrou-me por um cotovelo quando as minhas meias escorregaram no chão de ladrilhos liso da cozinha.

– Lamento discordar. – Percorremos o corredor em direção aos quartos de hóspedes, a mão dele a amparar-me como uma escora de aço quente.

– Estás bem? – murmurou. – Estavas a chorar com a Delta ou era a Delta que estava a chorar contigo?

– As duas coisas. Mas estamos bem.

– Ótimo.

Tapei a boca com uma mão furtiva, contudo, dramática.

– O Pike e a Delta estão a ouvir. As raparigas estão aqui neste quarto. Chiu. Os ouvidos têm paredes. Digo eu, as paredes têm ouvidos.

Ele sorriu.

– Tu é que estás a falar, não sou eu. É para veres o que é ironia. Estás bêbada e eu estou sóbrio.

– Como és quando estás bêbado?

– Calado, demasiado calado.

– Eu não. – Parei a cambalear à porta do meu quarto. – Eu sou a *Cathy Tagarela*. Lembras-te dessas bonecas? As que tinham um cordel nas costas? O meu pai comprou-mas todas.

– Onde está o tal cordel? – perguntou Thomas enquanto espreitava para as minhas costas. – Gostava de lhe dar um nó.

– Já ninguém me puxa os cordéis. Não me prendem cordéis a ninguém. Não sou nenhuma marioneta.

– Acho que esgotaste as tuas metáforas com cordéis por hoje.

– Não estou a dizer coisa com coisa. Eu sei. – Fechei os olhos, respirei fundo e recuei até à porta aberta do quarto, com os braços à volta do corpo. – Deixei descarregar a bateria do meu *Hummer*, fiquei sem gasolina, fiz-te saltar para o lago, vomitei no café e agora estou eufórica e não consigo calar-me. Estou uma pilha de nervos. Pões-me incrivelmente nervosa. Não és como os outros homens.

– Vou interpretar isso como um elogio.

– Pior ainda, tenho pesadelos e medo de adormecer. Fazes-me companhia por algum tempo? Não te estou a convidar para uma queca.

– Adoro ouvir-te falar mal.

– Ainda bem. Anda sentar-te ao meu lado.

Entrei no quarto e ele seguiu-me. Acendeu uma luz e deixou a porta aberta. O gesto encantou-me e deprimiu-me ao mesmo tempo. Ou ele era um cavalheiro ou não tinha interesse em mim ou as duas coisas.

Tu não queres um homem, queres uma recordação. Um namorado disse-me isto quando rompi a relação com ele sem qualquer motivo aparente. Tinha razão. Eu podia ter os homens todos que quisesse, o que não representava um grande desafio. Aborrecia-me depressa. Agora, infelizmente, desejava ter muitas recordações com este homem em particular, Thomas Karol Mitternich, mas sentia-me prisioneira de medos e cicatrizes: tanto os dele, como os meus.

– Tens aí uma cadeira – disse-lhe, como se ele não a visse. – Trá-la para o pé da cama, por favor. – Meti-me então debaixo dos cobertores. Enquanto ele aproximava a cadeira, ajeitei o edredão e o lençol. *Põe a cara com o lado direito para baixo, afofa um pouco a travesseira, o braço direito casualmente dobrado, a mão direita debaixo da travesseira. Isso! As tuas cicatrizes estão escondidas.* Deitei-me sobre o lado direito, com o lado desfigurado da cara enterrado o suficiente na travesseira. Agora parecia a velha Cathy. Desde que não me mexesse.

Thomas sentou-se lentamente na cadeira, observando-me com uma expressão intrigada.

– Que é que estás a fazer? A preparar-te para pôr um ovo?

– A posar. Tem sido uma constante na minha vida. Inclinar-me para aqui, olhar de relance para ali, encolher a barriga, captar a luz na perfeição. Agora tenho de aprender novas poses. Se me esforçar, sou quase sempre capaz de pôr o lado mau da cara fora da vista das pessoas.

– Tu não tens lado mau nenhum. É a tua cara. Não faças isso. Ainda ganhas um torcicolo.

– É melhor um torcicolo do que mostrar as mazelas. – Mexi-me um pouco mais. Por fim, atolada na cama como uma estátua grega danificada, semienterrada nas cinzas de Pompeia, consegui relaxar. Estava criada a ilusão. – Fui educada para ser uma gueixa – expliquei. – Para ser ornamental. Como um magnífico exemplar de gado. Não me digas que não é melhor ver-me assim. «Uma obra de arte.»

Thomas franziu a testa. Afastou a cadeira para o lado e sentou-se no chão ao nível da minha cabeça. A cabeceira da cama antiga era tão baixa que ele podia fixar-me nos olhos. Apoiou o braço na cama e pousou a cabeça no punho. Envolvidos pela luz íntima de um único candeeiro, estávamos tão próximos que eu sentia a respiração dele na face.

– Continuas a ser bela – disse ele numa voz baixa e gutural. – É evidente que sim. É espantoso olhar para ti. Mas não quer dizer que te qualifiques para ser a nova Mona Lisa.

– Não estava à espera de elogios. Só… eu sei em que é que sou boa. Quero mostrar-te.

– Não precisas de enterrar metade da cara numa travesseira para me impressionar.

Vieram-me as lágrimas aos olhos. Pestanejei para as limpar.

– Há um ramo da família do meu pai que ainda tem uma plantação na costa da Carolina do Sul. Têm lá uma antiga cabana de escravos; transformaram-na numa casa de hóspedes. Chamam-lhe «alojamento dos criados». Criados, não escravos. Tem uma conotação mais caridosa, não tem? Na minha opinião, a felicidade está na maneira como vemos o nosso lugar na sociedade. Eu sou uma gueixa. Ou era, pelo menos. E sentia-me feliz. Só quero que saibas.

– Se te sentes feliz a olhar para mim de uma cova estrategicamente feita numa travesseira fofa, seja. – Fez uma pausa. – Mas dá a impressão que a tua cabeça está a ser engolida por uma alteia gigante.

Ri-me. Espantoso. Ele era capaz de me fazer rir.

– Estou mas é tão bêbada que choro e rio ao mesmo tempo. Para não falar… conheces a manteiga de erva do *Santa?*

– Se conheço. Isso explica muita coisa.

– Vai. *Desaparece*. Salva-te. Eu fico a falar para o teto durante umas horas e depois adormeço.

– Preferes falar para o teto a falar comigo?

– Não, adoro falar contigo. É como o sexo seguro. Sexo sem contacto.

– Hum.

– Nada de pessoal. Não quero que me toques. Não quero que ninguém me toque. As cicatrizes. Não suporto a ideia de ser tocada.

Ele abriu o punho, apontou um dedo atrevido ao meu ombro coberto pelo edredão e lançou-me um olhar matreiro.

– Não sei se me contenho. Sou capaz de te dar uma pontada no ombro a qualquer momento.

– A sério, não estou a brincar.

Ele baixou a mão e olhou para mim com doçura.

– Não te vou tocar, prometo.

– É aterrador já não saber onde reside o meu poder. Costumava ser um dado adquirido. Os homens desejavam-me. Qualquer homem, em qualquer lugar. Nem sempre era divertido, sabes? Saber que tudo em nós é avaliado através de uma lente de sexo. Os homens eram tímidos ou nervosos ou defensivos ou… estavam no extremo contrário, como o Gerald, confiantes, mas também possessivos e arrogantes. Agora, tu estás aqui e não és nenhuma dessas coisas. Não consigo encaixar-te em nenhum lado.

– Eu sou único.

Sorri-lhe. Ele retribuiu o sorriso. O meu morreu-me nos lábios.

– Como era a tua mulher? – murmurei.

Ele ficou muito quieto. A luz abandonou-o. Afastou os olhos de mim, vendo-a.

– Inteligente, bonita, muito rica. Conhecemo-nos na universidade. Não, *na* universidade não, num bar desportivo. Eu trabalhava lá. Era empregado de bar. Ela estava a viver em condições precárias a que não estava habituada. A sua casa agora era em Harvard. A família tinha comprado o prédio. Em certo sentido, era a minha senhoria.

– A tua mulher andou em Harvard? Isso não é só inteligente… é *Harvard*.

– Formou-se em direito. Foi a melhor da turma.

– E praticou advocacia?

– Só durante um ou dois anos. Depois o Ethan nasceu e ela passou a ficar em casa.

– E não se importava?

– A princípio não. Era a rebelde da família. Acho que casar comigo foi uma maneira de os mandar dar uma curva. Mas ela e a irmã eram muito chegadas e a irmã nunca desistiu de tentar uma reconciliação com a família. Casar-se abaixo da classe socioeconómica dela era mais romântico em teoria do que na realidade.

– Mas tu tornaste-te um arquiteto de sucesso muito jovem! Como é possível que houvesse pessoas que não admirassem isso?

Ele esboçou um sorriso triste.

– Estás a atirar-te a mim?

– Não, para variar não estou, estou a ter uma conversa honesta com um homem. De certeza que de manhã me vou sentir arrependida.

– Há de ser o nosso segredo.

Estudei-o por um momento.

– O teu casamento era instável, no entanto, sentias-te feliz por ter um filho.

– Absolutamente.

– Não vou mentir a dizer que imagino o que deve ser perder…

– Não gosto de falar disso. – Thomas retraiu-se um pouco. – Não é nada de pessoal. Também tenho pesadelos.

Devia contar-lhe dos filhos da Delta? Não, ela própria lhe teria contado se achasse que ajudava. Tinha confiado em mim. Mas era um assunto privado. Só que talvez…

– A Delta compreende aquilo por que passaste, mais do que imaginas. Não vou dizer mais nada.

Thomas inclinou a cabeça e sondou-me. Vi-o assimilar a referência.

– Os dois primeiros filhos dela. Já ouvi falar deles.

Gemi.

– Não foi da minha boca.

– O Pike contou-me.

– Ah!

– Os segredos aqui viajam em círculos mais pequenos, mas acabam por se saber. Não há problema. Estamos entre amigos.

– Pronto, sejamos amigos.

– Como lidaste com os fotógrafos que vieram aqui à procura da quinta da minha avó?

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Conheces os meus segredos todos.

– A Delta contou-me. E contou-me que foste preso.

– Não foi só ir preso. Fui condenado a trabalhos forçados. Anda lá, mostra alguma compaixão.

– Andaste a lavar gárgulas à pressão.

– Não, andei a lavar à pressão *macacos de pedra batistas*.

– O quê?

– É uma história para outra noite.

– Thomas, porque é que te dispuseste a ir para a cadeia por mim? Não estou a perguntar por perguntar. Quero mesmo saber.

Ele levantou-se devagar, inclinando-se sobre mim com um cuidado imaculadamente medido, para não me assustar. Apesar disso, sustive a respiração, mexi-me constrangida, desloquei o halo perfeito formado pela travesseira e virei o lado mau da cara para a luz e para os olhos dele. Beijou-me muito leve na boca. O género de beijo que me fez fechar os olhos por instinto, para absorver a sensação. A noite insinuou-se entre nós, as sombras enchendo a doce amálgama de incógnitas vazias.

Thomas recuou o suficiente para olhar para mim.

– Respondi à tua pergunta? – Apagou a luz e saiu do quarto.

Eu tinha um ponto sensível no meio da barriga, entre o umbigo e os pelos púbicos. O meu ponto fraco. A ponta do dedo lenta e deliberada de um homem nesse ponto fraco reduzia-me gradualmente a uma massa informe de langor recetivo. Thomas afagou o meu ponto fraco sem pousar uma mão em mim. Incrível.

Capítulo 17

Thomas

Na Manhã Seguinte

Acordei no sofá da sala de estar de Delta e de Pike, numa névoa de emoções turbulentas da noite anterior. Uma mão deslizou instintivamente dentro da volumosa tenda que eram as minhas jardineiras. Estava a sonhar que tocava Cathy e a tocar-me a mim mesmo quando me apercebi de onde estava, no momento em que ouvi Cora murmurar:

– Deve estar com comichão.

A minha mão refugiou-se na mesa de apoio, deitando abaixo um copo de água vazio que lá tinha deixado. Sentei-me. Cora e Ivy estavam na ponta do sofá, perscrutando-me por baixo de barretes de malha laranja, como se fossem caçadoras em miniatura. Estavam vestidas e com os casacos. Ao que parecia, tinham vindo desejar bom-dia e dizer adeus e tinham-se deparado com mais do que estavam à espera. Ivy franziu-me a testa com ar de entendida; Cora sorriu sem fazer a mais pequena ideia.

– Bom dia – saudei. Quando se é apanhado em flagrante, é sempre melhor fingir que não se está a fazer nada de íntimo.

– A nossa tia está cá – anunciou Cora melancolicamente. – Temos de ir.

– A Cathy já voltou para casa da avó – informou-me Ivy. – O xerife levou-a. Ela disse à Delta que ninguém devia lá ir. Disse que ou se afundava ou se mantinha à tona. Que ninguém lhe pode dar um colete de salvação porque tem de ser ela a fazê-lo *sozinha*. – O rosto impassível de Ivy carregou-se. – Mas não me parece que ela saiba coser. Pediu à nossa tia para lhe fazer umas cortinas. A tia Laney disse que sim.

O sorriso de Cora esmoreceu.

– A tia Laney prometeu ligar à Delta e à Cathy da próxima vez que for presa. Elas obrigaram-

na a prometer.

– É boa ideia. – Tirei os pés do sofá e sentei-me. – Vou-lhes dar o meu telemóvel para também me ligarem.

Cora animou-se. Ivy não.

– E se o *Banger* voltar a comer-te o telemóvel? – perguntou Ivy com frieza.

– Nesse caso, ligas ao *Banger* e eu ouço-lhe a barriga.

Cora riu-se. Até Ivy não resistiu a um sorriso.

– A Cathy também nos deu o número dela.

– Ótimo.

– Foi ela que te cobriu com o edredão.

– Que edredão? – Baixei os olhos. Estava com o edredão do quarto de hóspedes. Tinham-lhe crescido tufos de pelos. Castanhos, como os meus. Ivy apontou para eles.

– A Cathy aparou-te a barba. Nós vimos.

Apalpei o queixo. A ponta cortada da minha barba tinha agora uma forma redonda perfeita.

– Que tal está?

– Estás bonito – respondeu Cora.

– Tens uma maçã de adão – disse Ivy, encolhendo os ombros.

– Vá, não te ponhas a elogiar-me. – Dobrei o edredão com cuidado, apanhando os restos da barba. Cora avistou um dos gatos e precipitou-se para fora da sala para se despedir dele. Quando levantei os olhos, deparei-me de novo com o olhar penetrante de Ivy. Ela fungou.

– Estiveste no quarto da Cathy ontem à noite. Sentado no chão ao lado da cama dela. Fui ao quarto e vi-te. Porque é que estavas sentado no chão?

– Estávamos a falar em voz baixa. Assim era mais fácil ouvir.

– Os homens não vão ao quarto das mulheres para conversar. Fazias intenções de te atirar a ela?

Ivy queria desesperadamente conhecer as regras num mundo em que os homens pareciam transgredi-las. Aclarei a garganta.

– Por vezes, os homens e as mulheres conversam apenas.

– Tretas. Eu vi-te beijá-la.

– Não passou disso. Um beijo. Neste momento a Cathy precisa de um amigo e não de um namorado.

– Não estavas então a tentar meter-te na cama com ela? A tentar convencê-la a deixar-te? E se ela se atirasse a *ti?*

– Eh, calma aí…

– Não queres?

– Sabes, não me importo de responder a perguntas, mas há coisas que são privadas.

– Queres, pois. Os homens querem sempre que as mulheres se atirem a eles.

Não era fácil discutir a biologia sexual básica contra as regras do galanteio civilizado, em particular com uma menina de doze anos que não tinha tido grande contacto com o último. Coloquei o edredão de lado e olhei com ar sério para Ivy.

– Sabes que mais? É tão simples quanto isto: a maioria dos homens trata bem as mulheres e a maioria das mulheres trata bem os homens. Tratam-se mutuamente com correção e respeito. Transmitem boas sensações uns aos outros e não más. Se alguém te transmitir más sensações, foge com quantas pernas tens.

– Então se um homem não me tratar bem e eu não fugir, quer dizer que *merecia?*

Credo! Não era de admirar que uma miúda como Ivy ainda não tivesse superado o trauma de ter sido molestada. Afinal, Cathy ainda alimentava dúvidas a respeito da sua própria experiência. Que podia eu dizer que não soasse desajeitado?

– Ivy, nada foi culpa tua e nada do que tenhas dito ou feito foi porque merecias. Ouve bem. Não te posso dizer que esqueças o que te aconteceu. E não te posso prometer que nunca mais ninguém vai tentar aproveitar-se de ti. Mas vamos esclarecer uma coisa. *Comigo* estás em segurança. Tu e a Cora. *Sempre*. Em qualquer circunstância, aconteça o que acontecer. E se tu e a Cora alguma vez precisarem de mim, se alguma vez estiverem em perigo… seja em que momento ou em que lugar for ou por que razão for… *juro-te* que basta telefonarem-me. *Não vou deixar que nada nem ninguém vos faça mal.*

Os seus olhos azuis foram-se abrindo aos pouquinhos durante o meu breve discurso. Agora as pupilas escuras eram grandes aberturas de uma câmara concentradas em apanhar-me a mentir. *Os homens veem tudo através de uma lente de sexo,* tinha dito Cathy. Mas as mulheres também, mesmo as que não são completamente adultas. Queria que Ivy se concentrasse na

verdade essencial, que retivesse a imagem da única e simples garantia que um homem pode dar a uma mulher de qualquer idade: *Não te faço mal e hei de proteger-te de outros homens*.

– Compreendes? – repeti. – Acreditas em mim?

Por instantes, não tive a certeza se ela ia sequer responder. Depois, estreitou os olhos e arvorou mais uma vez a máscara protetora.

– Sim – assentiu. – Claro. – Encolheu os ombros e encaminhou-se para a porta, onde estacou. Olhou para mim com respeito cauteloso. – Ela beijou-te. A Cathy beijou-te no alto da cabeça quando estavas a dormir. Um dia destes, vai-se atirar a ti. Não te preocupes.

– Obrigado. É bom saber.

– Adeus.

– Adeus.

Depois de ela sair, alapei-me outra vez no sofá e respirei fundo. A minha vida simples complicava-se cada vez mais de dia para dia.

Na cozinha, Jeb, Becka, Bubba e vários filhos deles fixavam-me com ardente curiosidade, enquanto tomavam o pequeno-almoço à volta da mesa grande. Delta apontou para o fogão cheio de biscoitos, *bacon* de qualidade superior, molho de carne cremoso, pastéis de salmão e ovos mexidos cobertos de queijo. O seu habitual pequeno-almoço de domingo, baixo em calorias, para preparar a família para uma manhã de trabalho e devoção religiosa.

– Serve-te. – Vestindo um casaco, sorriu. – Bebi tanto ontem que não acordei. São quase sete. A Cleo pôs-me a cozinha a funcionar. São horas de fazer os *donuts*.

– O Pike levou a Cathy para casa?

– Levou. Foi munido de gasolina e de um carregador de baterias e eu preparei-lhe uma caixa com comida que alimenta um exército durante uma semana. Além disso, mandei um grande colchão insuflável para ela não ter de dormir numa cama de campanha. Não lhe há de acontecer nada. – Delta apontou para um bilhete no balcão. – Eu e a Cathy preparámos uma lista de coisas de que ela precisa de imediato para ter condições lá em casa. Thomas, ela está a tentar respeitar a tua ideia de como a casa deve ser arranjada, mas tu tens de te conter. Para começar, vou ligar ao Lewey da companhia de gás para lhe instalar um depósito e um gerador. Depois ela pode colocar extensões. Ter um pequeno radiador e algumas luzes. Um micro-ondas. É um começo. Ela concordou em ir comigo às compras na próxima semana. Comprar mobília.

Peguei no bilhete.

– Eu trato disto.

Delta arrancou-me a lista da mão.

– Nunca ouviste aquela canção que diz: *Como posso ter saudades tuas se nunca sais daqui?* – Meteu a lista no bolso.

Segui-a soturno para a meia-luz cinzenta da fria manhã de dezembro.

– Não estou a tentar controlar a maneira como ela renova a casa. Estou a tentar oferecer-lhe apoio e amizade incondicionais.

Delta arqueou uma sobrancelha.

– Ela precisa de passar algum tempo sozinha. E tu tens problemas que ainda não resolveste. Tens de deixar de beber de uma vez por todas e não só por uma ou duas semanas. Precisas de descobrir o que queres fazer com a tua vida. Tens de superar essa carga de culpa que carregas aos ombros. Tens de enterrar o que aconteceu à tua mulher e ao teu filho, Thomas, e pôr uma pedra em cima do passado. Caso contrário, vais arrastar a Cathy para a tua infelicidade e ela já é infeliz que chegue.

– Eu não quero magoá-la. Quero ajudá-la.

– Queres é ir com ela para a cama. – Delta avançou pelo caminho desafiando-me a acompanhar a sua atitude moralista.

Pus-me a seu lado, mordendo a língua.

– O que eu sinto por ela não é uma paixoneta de liceu.

– Antes fosse. Não te ponhas a juntar o sexo a esta receita complicada, menino. Põe-te manso, deixa as coisas sossegar.

– Ela precisa de mim. E isso dá-me prazer. Não há nada de mal nisso.

Delta abanou a cabeça.

– Fazer amor cedo de mais é como tentar cozer biscoitos num forno que ainda não está bem quente. Claro, consegue-se que a massa enfole e que a crosta doure, mas por dentro ainda estão crus.

– Duvido que consiga trazer a Cathy para tão perto do meu bico de gás, não te preocupes.

– Thomas, não sei se te apercebes ou não, mas quando estás ao pé dela, largas calor como um ferro de engomar. Calor a sério, carregadinho de sexo. E ela chega-se a ti o mais que pode sem

admitir que se regala com o calor. Porém, se a queimares… – Delta virou-se para me sacudir um dedo –, se lhe queimares um cabelo que seja, ela vai ver-se aos papéis para voltar a confiar em ti. Ora confessa lá, como é que tens evitado as mulheres desde que a tua morreu? Nada de tretas, diz-me a verdade.

Parei. E ela também parou, perscrutando-me.

– Não queria começar uma vida nova. Não queria conhecer uma nova mulher. Não estava pronto para esquecer o passado.

– És um homem atraente, tens dinheiro, não és nenhum velhadas. Se te borrifasses com um pouco de água de colónia e lavasses a carrinha, podias ir a Asheville aos fins de semana e andar com essa estudantada da universidade maluca e pedrada, cheia de tatuagens.

– Homens, mulheres ou estudantes de arte?

– É, brinca, brinca. Ninguém te criticava se fosses à procura de amor nos sítios errados, se é que me entendes.

– Pensei que as mulheres apreciavam um homem que prefere acompanhar o sexo de uma certa dose de amor.

– E apreciamos. Só estou a perguntar. Estás preparado para teres uma vida amorosa outra vez?

– A Cathy precisa de mim.

– Não respondeste à minha pergunta.

– A minha ideia de uma vida é conseguir passar um dia de cada vez. É um novo conceito para mim.

Delta abriu os braços.

– A Cathy está aí, perdida numa terra de ninguém, cheia de medo de fogões, a vomitar quando alguém olha para ela, e tu queres ensinar-lhe o caminho quando nem tu sabes por onde andas! É como um cego a guiar outro cego! Pois é, vão os dois para a cama. Tudo se resolve assim!

– Ontem à noite, não fiz mais do que sentar-me ao *lado* da cama dela a conversar.

– Deve ter sido uma conversa muito intensa, não vou dizer mais nada. Porque esta manhã ela quis pôr-se a milhas daqui num relâmpago.

– Mas não sem antes me tapar com um edredão, me aparar a barba e me dar um beijo na cabeça. Ouve, Delta, por espantoso que pareça, as mulheres não são as únicas a conseguir passar anos sem uma boa… companhia.

– Quem é que diz que as mulheres podem passar anos? Eu nem dias consigo. Pergunta ao Pike.

– Garanto-te, até um pervertido experiente e atraente, totalmente funcional, como eu, é capaz de uma profunda paciência romântica.

– És useiro e vezeiro a tomar os assuntos «em mãos», certo? Ora, não sejas tímido. Espero que te sirvas da mão o tempo todo.

Fiz-lhe má cara.

– Não te rales com isso.

– Ótimo. Mantém as tubagens oleadas e deixa a Cathy instalar-se e andar pelo pé dela. Eu fico de olho nela, não te aflijas. Entretanto, vai arranjar um passatempo. Vai fazer compras de Natal. Ei, vai até Chicago visitar o teu irmão.

– Ouve, eu não…

– Estás a fazer de conta que janeiro não está a chegar. – O bom humor e a paciência abandonaram-lhe a expressão. Fixou-me feroz. Percorreu-me um calafrio. Janeiro era sempre o pior momento para mim. Pior que o aniversário do Ethan, pior que o aniversário do 11 de Setembro. E Delta sabia-o.

– Talvez desta vez não perca o controlo. Tens de admitir que estou muito melhor.

– *Melhor* não chega, Thomas. Sabes bem que tenho razão. Se aguentares o mês de janeiro, ficas a saber que estás pronto para seguir em frente com a tua vida. Até lá tens de deixar a Cathy em paz.

Baixei a cabeça.

– Vou-te prometer uma coisa – disse por fim. – Vou-me manter distante, mas preciso de continuar envolvido. Por favor. Deixa-me olhar pela Cathy à minha maneira. Dá-me a lista.

Lentamente e com desconfiança, ela devolveu-me a lista de coisas para fazer de Cathy.

– E como tencionas conseguir isso sem apareceres em pessoa?

Lancei-lhe um sorriso triste.

– Vou arranjar um pequeno exército de servos para obedecer às minhas ordens pérfidas. Mulheres que não resistem aos meus mais pequenos encantos. O meu harém.

– Valha-me Deus – disse ela com ironia. – Vais recrutar as lésbicas.

Quarta Parte

É extraordinário como é absoluta a ilusão de que a beleza é bondade.

— Leão Tolstoi

Um homem tem todas as estações, ao passo que uma mulher apenas tem direito à primavera.

— Jane Fonda

Capítulo 18

Cathy

As *Log Splitter Girls*

Acordei com o som de carrinhas a subir para o Cume da Mulher Selvagem. Muitas. Por alguns segundos aterradores e ensonados, enquanto me arrastava para fora do saco-cama e dos edredões em cima do conforto gelatinoso do colchão insuflável que Delta me emprestara, pensei que o corpo de imprensa inteiro do *National Enquirer* me tinha descoberto. Passaram-me diante dos olhos imagens da minha cara desfigurada em vívidas cores, ao lado das últimas fotos de atrizes gordas/magras/altas a divorciar-se/desintoxicar-se/fazer cirurgia plástica. Mas quando afastei um dos edredões caseiros e olhei pela janela da sala de estar, vi várias carrinhas, uma furgoneta e uma grande camioneta de caixa aberta a rebocar um trator e um atrelado carregado com uma casa de banho portátil azul-clara.

A casa de banho fazia parte da lista que eu deixara com a Delta. Muito bem. O que estava esta multidão a fazer aqui? Não lhe tinha pedido que mandasse estranhos. Aliás, perdera bastante tempo a dizer-lhe que havia muito poucas pessoas com quem queria estar. Que é que ela tinha feito?

Tinha mandado uma equipa de trabalho, uma casa de banho portátil e um trator.

Enquanto enfiava as botas por cima das meias, saltitei até outra janela para espreitar. A luz era fraca; que horas impossíveis seriam? Consultei o relógio. Esta gente seria avessa às horas de expediente? Não tinham começado a rasar o quintal mais do que os primeiros raios do sol frio de inverno. Um pálido reflexo incidiu sobre a porta do condutor da carrinha da frente. Semicerrei os olhos e li: QUINTA DA DEUSA DO ARCO-ÍRIS, Macy e Alberta Spruill-Groover, Crossroads, Carolina do Norte. Macy e Alberta. As *Log Splitter Girls*.

– As *Log Splitter Girls?* – perguntei, pasmada. – Cultivam frutos vermelhos, cantam música *folk* lésbica *e* entregam casas de banhos portáteis?

Quando saí lá para fora, envolvendo a cabeça num lenço e soprando baforadas brancas à minha

frente, tomada de um nervosismo aterrador, já quase uma dúzia de mulheres, todas vestidas com volumosas roupas de trabalho, tinham ocupado o meu quintal. Olhei para elas e elas devolveram o olhar.

Duas delas avançaram. Embora vestidas com blusões acolchoados e gorros de croché iguais, havia uma clara diferença de personalidades. Uma sorriu-me entre longas tranças louras por cima de uma saia caqui pelos tornozelos, enquanto a outra me franziu a testa debaixo de caracóis de cabelo ruivo por cima de calças de caça de camuflado. Lembrando-me de uma foto do CD delas, deduzi quem era quem. A das tranças louras era Macy. A dos caracóis ruivos era Alberta. Ao vê-las em carne e osso, refinei a imagem. Macy: sorridente, simpática e cordial. Alberta: nada destas coisas.

– Chegámos tarde – rosnou Alberta. – O teu cagador portátil não estava pronto quando o fomos buscar.

Pitoresco. E pelo tom parecia que o atraso da casa de banho portátil era culpa minha. Como se eu tivesse sido uma mãe incompetente. Olhei para o objeto cúbico azul na caixa do camião e repreendi-o:

– Cagador portátil feio. Muito feio.

Macy riu-se e as outras mulheres riram-se ou pelo menos limitaram-se a olhar para mim com curiosidade, como se não estivessem à espera que uma ex-estrela de cinema dissesse «cagador portátil». Todavia, Alberta voltou a rosnar e estendeu uma mão e depois franziu ainda mais a testa quando eu a apertei com a mão esquerda em lugar da direita desfigurada.

– Precisas de um trabalho e nós estamos aqui para isso. Podemos dedicar-te duas semanas inteiras antes do Natal, de sol a sol. Macy trata das nossas contas. Ela negoceia os honorários contigo. Conto com um cheque teu pela mão de obra e pelos materiais todas as sextas-feiras. O Thomas disse que pagas bem por um serviço de boa qualidade. É o que a nossa equipa te vai dar. Se achas que há algum trabalho por aqui que uma equipa de mulheres não consiga fazer, admite já a tua ignorância e a gente discute o assunto.

Calou-se, provocadora, à espera, como se eu fosse tão estúpida que caísse naquela armadilha da política de género. Além disso, às palavras *O Thomas disse,* tinha deixado de ouvir.

– Foi o Thomas quem as mandou?

– Foi. A Delta disse-lhe que precisavas de uns serviços e ele contactou-nos. Tens algum problema com isso? Não queres gente do «nosso género» por aqui? Para que se saiba, eu e a Macy somos as únicas lésbicas de gema do grupo. – Um sorriso sardónico revirou-lhe o lábio superior. – Estas outras mulheres são «normais». Ninguém te vai incomodar, roubar as tuas joias ou tirar-te uma foto quando estiveres distraída. Estas mulheres vivem e trabalham na Quinta da Deusa do Arco-Íris porque é uma casa segura, entendido? Não querem que o mundo

as descubra, a elas *ou* a ti.

Thomas mandou as amigas para estarem de olho em mim, estava eu a pensar num universo diferente do de Alberta. *Às tantas quer certificar-se de que eu não faço nada à casa que vá contra as ideias dele.*

– Sejam bem-vindas a minha casa – anunciei, ignorando Alberta e dirigindo-me ao grupo. – Não é um museu; nem é um sítio histórico. É uma casa antiga e simpática que precisa de renovação. Eu sei o que quero que seja feito e como. Se estão de acordo, mãos à obra. Se não aprovam os meus planos, livrem-se de ir fazer queixinhas ao Thomas. Vou renovar esta casa como bem entender, ponto final.

– És paranoica? – perguntou Alberta. – O Thomas deu-nos a tua lista, mais nada. Achas que íamos lamber-lhe as botas e vender uma irmã? Credo!

Corei.

– Pois, não interessa.

Macy acrescentou com ternura:

– O Thomas nem sequer está cá. Foi visitar o irmão a Chicago. No caso dele, é um grande passo em frente. É a primeira vez que sai destas montanhas desde que cá chegou há quatro anos.

– Ah! – Choque. Thomas, o meu companheiro de reclusão, tinha deixado a nossa crista comum. Nunca me acontecera pôr um homem a fugir para outro estado com um beijo. A surpresa e uma estranha sensação de desânimo esfriaram-me a pele. Thomas não estava na cabana dele. Thomas não estava nas proximidades. O medo percorreu-me o corpo de calafrios e percebi que tinha de ir a casa tomar um comprimido. Oh, meu Deus. Juntamente com esta quinta, ele tinha-se mesmo transformado no meu refúgio, no meu santuário. Isto não era nada bom.

Deixa-te de palermices, a Alberta é bem capaz de cheirar uma fraqueza como um busardo cheira um bicho morto na estrada. Olha para aquele sorriso sarcástico. Está praticamente a voar por cima de mim com o bico afiado.

Aclarei a garganta.

– Sim, senhor, desde que não haja mal-entendidos… tudo bem. Quem quer uma chávena de café instantâneo e uma barra de proteínas?

Silêncio. Alberta escrutinou-me como se eu fosse um *puzzle* a que faltavam algumas peças e Macy reprimiu um sorriso de preocupação. Atrás delas, uma das mulheres levantou a mão.

– Se é o que servem ao pequeno-almoço em Hollywood – disse ela com bons modos –, não admira que as mulheres por lá pareçam estacas com olhos.

– Instalo uma cozinha de campanha debaixo das árvores – afirmou Macy. – Que dizes a um pequeno-almoço de chá de ervas, salsicha de tofu e peru e pão de trigo caseiro barrado com manteiga fresca e compota de morango da quinta?

– Que se lixem as barras de proteínas.

Toda a gente se riu e relaxou com exceção da Alberta que se virou para as outras como um sargento de instrução.

– Toca a andar, pessoal. A Greta Garbo não nos paga para andarmos a passarinhar por aqui. O tempo está a contar!

Passarinhar? Greta Garbo? Oh, isto vai ser giro. As obedientes lacaias da Alberta dirigiram-se para as ferramentas e para os tratores. Aparentemente, Thomas tinha-me deixado sozinha, para mal dos meus pecados. Tal como lhe pedira. Raios.

Thomas

Sentia saudades de Cathy, sentia saudades do nosso pequeno paraíso na Carolina do Norte e estava cheio de medo de me encontrar com os três filhos do meu irmão que tinha evitado nos últimos anos porque me faziam lembrar Ethan. Como ele, tinham olhos castanho-dourados, maxilares quadrados, cabelo castanho ondulado e uma sedutora covinha numa face. Nós, os homens Mitternich, tínhamos todos ar de anglo-euro-eslavos, num estilo rubicundo, esgalgado, trigueiro, como agricultores de tulipas holandeses. O nosso velhote era enxuto e compacto, talhado para um camarote de terceira num navio de imigrantes, mas a nossa mãe era elegantemente exuberante e uns bons quinze centímetros mais alta do que ele, segundo fotografias e memórias de família de distantes avoengos russos.

Porém, quando me apeei de um táxi à porta da minimansão de seis quartos do John, num condomínio privado, com cavalariças e trilhos de equitação próprios, a primeira coisa que vi entre as bem tratadas sebes do jardim da frente salpicado de neve foram os meus três sobrinhos montados nos seus caros póneis adestrados. A descendência cossaca da minha mãe devia ser autêntica. Cá estavam os cavaleiros da nossa família a palmilhar a tundra de relva alagada dos subúrbios endinheirados.

Jeremy, Bryan e David olharam para mim por ordem descendente de idade e grau de reconhecimento. Os meus sobrinhos estavam com capacetes e calças de equitação, botas de montar pretas pelo joelho e coletes laranja fluorescentes por cima dos blusões acolchoados. Se

caíssem dos póneis, saltavam como bolas. David, de seis anos, e Bryan, de nove, esticaram a cabeça e começaram a fazer recuar os póneis, mas Jeremy, o mais velho com doze anos, reconheceu-me.

– À vontade, meninos – pedi-lhes, avançando pelo caminho privado. Um dos lenços de Cathy caiu-me do bolso do casaco. Tinha-lho surripiado naquele dia na Sentina. Ela andava sempre com lenços a mais. Os póneis resfolegaram. David e Bryan não tiraram os olhos de mim enquanto me baixava para apanhar e meter no bolso o misterioso tecido. Até Jeremy recuou com o pónei dele.

– É para aquecer as mãos – menti.

A porta abriu de rompante. Um papá suburbano, alto e corpulento, de trinta e cinco anos, com entradas no cabelo castanho e um pendor para camisolas de esqui caras, saiu, seguido por uma mamã rechonchuda e sorridente, com cabelo louro pintado, dedos recobertos de diamantes e um avental por cima da camisola de Natal que dizia *Feliz Hanukah*.

– Não posso crer – gritou John, apertando-me num abraço. – Cortaste a barba e vieste visitar-nos! É um verdadeiro milagre!

– O nosso rebelde não confederado regressou à civilização – frisou Monica, abraçando-me.

John limpou as lágrimas dos olhos e voltou a abraçar-me, baloiçando-me para trás e para a frente e dando-me palmadas nas costas.

– Que bom ver-te, que bom ver-te – dizia ele, numa voz embargada. – Já sabia que, se continuasse a mandar-te telemóveis, acabarias por me ouvir.

Cathy

Atrás de cada mulher inofensiva e meiga, há um bruto com vontade de ferro – geralmente, um marido ou um namorado, mas pode ser uma irmã, uma mãe ou uma namorada – que faz a maior parte do trabalho sujo. Para ser nobre, uma boa rapariga precisa de um inimigo, de uma causa, de um grito de guerra.

Eu nunca tinha tido de desempenhar o papel de bruxa má porque contratava pessoas – quase sempre homens – para o serem por mim. A beleza e a fama conferem legitimidade para se esperar ser um ou o outro extremo: uma cabra ou uma santa. Agora que já não era bela, talvez pudesse optar por um meio-termo. Alberta humilhava, mas era eficaz. Macy era maternal e não possuía sombra de ameaça. Delta era ao mesmo tempo adorável e autoritária. Eu queria ser como *ela*.

De dia para dia, a minha relação com Alberta rebolava um pouco mais abaixo pela ravina da excentricidade. Era evidente que ela não me respeitava, não esperava de mim qualquer firmeza de carácter e, sem dúvida, via-me como uma concorrente poderosa ao valioso esperma de Thomas. O nosso ambiente de trabalho tenso não melhorou em nada quando a ouvi referir-se à minha pessoa como «O Capuchinho Vermelho», um dia em que eu estava com um lenço vermelho na cabeça. Uma das ajudantes gracejava abertamente com Macy com o facto de eu ter colocado extintores de incêndio junto do fogão de campanha portátil de Macy e depois de insistir que a equipa afastasse o meu novo gerador elétrico, com o seu motor de combustão a gás propano, mais nove metros da casa.

– Nunca vi um gerador que atravessasse um quintal e explodisse em chamas – disse Alberta à equipa alto e bom som. – Mas nós não somos pagas para usar senso comum, por isso andor. – Virando-se para mim, desferiu o golpe de misericórdia. – A propósito, eu sei que és tão rica que não te ralas com a despesa, mas ninguém no seu perfeito juízo alimenta uma casa com um gerador a propano. Custa uma fortuna e precisas de encher o depósito mais ou menos uma vez por semana. Ao menos devias ter pedido gasóleo. E quero que saibas que quando ligares esse gerador, vai soar como uma betoneira a trabalhar no teu quintal, dia e noite. Nunca mais vais ter um momento de sossego aqui. – Fungou. – Bem, calculo que, estando habituada ao ruído de fundo de uma cidade, uma chinfrineira destas não te incomode.

Olhei-a de alto e disse entre dentes cerrados:

– Arranja-me um gerador a *gasóleo* e constrói um barraco à volta dele para abafar o som do motor.

Ela arqueou uma sobrancelha ruiva.

– A minha equipa não tem tempo para te «construir» um barraco para o teu novo gerador esta semana. Mas amanhã peço para te entregarem um barraco pré-fabricado e instalo o gerador lá dentro e depois a minha equipa forra as paredes com material isolante. – Os seus caracóis curtos e vermelhos saltitaram com pérfido deleite e ela acenou com a cabeça ante o seu próprio brilhantismo. – Assim, o gerador fica preso dentro de uma jaula à prova de som e de fogo e já não pode atravessar o quintal e atacar-te.

Naquele momento, pensei em matá-la, mas não queria passar as férias na cadeia.



Durante os dias seguintes, tive de admitir que Alberta era uma líder nata ou, pelo menos, um sargento de instrução nato. Dirigia uma equipa unida e eficiente e supervisionava todos os aspetos com uma obsessão perfeccionista. A meio da semana, a estrada cheia de sulcos para a minha quinta tinha sido nivelada e coberta de cascalho, desde a crista ao trilho da ribeira. Um robusto portão de metal fora discretamente instalado entre duas elegantes faias onde a estrada serpenteava ao longo de um declive rochoso. Nenhum visitante indesejado podia contornar

aquela barricada natural de pedras e árvores se eu mantivesse o portão aferrolhado.

Um novo cano de água projetava-se sobre o lava-loiça da minha cozinha. Dentro da casa das máquinas, uma pequena bomba elétrica lançava a água por vácuo pelo cano fundo e estreito do meu novo poço.

– A senhora tem excelente água subterrânea aqui nesta crista – proclamou o perfurador do poço. – Fácil de captar, um caudal ótimo, não lhe falta água para regar.

– É suficiente para ter uma boa pressão para um sistema de aspersão? – perguntei.

– Sem dúvida, minha senhora, como disse, não falta água para rega.

– Não, não. Refiro-me a um sistema de aspersão interior. Tenciono instalar um na próxima primavera.

– Quer regar plantas de interior? Numa estufa, é isso?

– Aspersores de segurança. No teto. Em caso de incêndio.

– Como nos grandes armazéns e nos motéis?

– Isso.

– Vai pôr aspersores no teto da sua casa?

– Vou.

Ele apontou para a casa.

– Nessa bonita casa de um piso com tantas janelas por onde saltar?

– Sim.

O homem desceu a pala do boné de tratorista sobre a testa, mexeu os pés nas botas de trabalho e vergou os ombros dentro de um casaco de caça em camuflado.

– Não leve a mal, minha senhora, mas… porque é que não reforça o seu seguro contra incêndio e instala detetores de fumo?

– Sim, sim, vou instalar detetores de fumo e outros sistemas de proteção além dos aspersores.

Nesse momento, Alberta, que estivera a ouvir com as mãos nas ancas e os olhos permanentemente revirados, aproximou-se do homem e murmurou-lhe ao ouvido de maneira a eu ouvir:

– Ela também está a planear construir um *fosso* à volta da casa. Com uma ponte levadiça à prova de fogo feita de aço.

O meu crédulo perfurador arregalou os olhos.

Enquanto ele se dirigia para a carrinha, lancei um olhar fulminante a Alberta.

– Não teve graça nenhuma. Ele acreditou em ti. Vai-se pôr a dizer a toda a gente que eu vou construir um fosso.

Um sorrisinho perverso entortou-lhe a boca. Acenou com a cabeça para o meu permanente lenço da cabeça, para as minhas permanentes luvas e para o extintor de incêndio que eu me preparava para colocar na nova casa das máquinas.

– É, não convém que o pessoal pense que és esquisita. – E, dizendo isto, afastou-se a rir.

– *Cabra* convencida e descarada – tartamudeei.

Atrás da minha casa, o pomar emergia de entre os tocos de pinheiros cortados e as ervas daninhas tinham sido mondadas num antigo trilho que levava ao cemitério da família. Mas o melhor de tudo era um grande gerador a gasóleo que zumbia suavemente dentro de um bonito miniceleiro no limite do quintal.

Não era a maneira mais económica nem eficiente de eletrificar uma casa, porém, queria dizer que eu não tinha de instalar cabos e deixar a companhia de eletricidade dar cabo da paisagem com linhas. A eletricidade fazia chegar água ao lava-loiça da cozinha. Água tão fria que me fazia encolher de cada vez que lavava a cara, mas, fosse como fosse, tinha água e ainda não havia arruinado a preciosa casa de Thomas.

Espero que estejas feliz, disse-lhe. Tentei não pensar nele tão longe, em Chicago. Sempre que pensava, tinha de tomar um comprimido.

Uma tarde, Delta apareceu para a cerimónia oficial de iluminação da quinta. Eu e ela ainda não tínhamos ido comprar mobília, contudo, ela já tinha orquestrado a entrega de um pequeno frigorífico, um micro-ondas e um colchão de casal. Para celebrar as inovações, Delta e Pike trouxeram-me almofadas, lençóis de flanela, uma manta e um bonito edredão num desenho rústico, feito pelo Clube de Acolchoados do café de sábado à noite, do qual Alberta e Macy faziam parte. Tentei imaginar Alberta entregue a uma atividade delicada como a costura, no entanto, não consegui. Pusemos a cama no quarto da frente da casa.

– Lembro-me de dormir neste quarto quando cá vinha – disse para Delta. – Lembro-me que era o quarto da minha mãe. – Quando eu era pequena, parecia enorme; agora a cama de casal mal deixava espaço para a contornar e ajeitar os cobertores. – Como é que as pessoas dormiam confortáveis em camas individuais ou de casal em quartos tão pequenos? – Cometi o erro de fazer este comentário diante de Alberta.

Alberta fungou.

– Tinham outras prioridades. Como pôr comida na mesa e dar um teto aos filhos – respondeu antes de dar meia-volta e sair.

Olhei para Delta.

– Não se fazem perguntas retóricas de menina mimada na presença da rainha das Amazonas.

– Oh, a Alberta é boa pessoa. Teve uma vida dura, mais nada, e não confia em ninguém que não a tenha tido.

Indiquei com um gesto a minha cara encoberta.

– Tenho de estar ainda *mais* desfigurada para merecer o respeito dela?

– Oh, querida! – Delta abraçou-me. – Não são os teus problemas que te tornam respeitável, mas a maneira como os ultrapassas.

– Quer dizer que ainda tenho muito que provar. Pelo menos à Alberta.

Delta encolheu os ombros. Colocou um pequeno candeeiro de escritório prateado ao lado da minha nova cama. Era emprestado até irmos às compras. Liguei o fio à extensão e lentamente levei a mão ao interruptor. Olhei para ela.

– É a primeira vez que esta casa é iluminada por um candeeiro elétrico.

Ela olhou para o teto.

– Que é que disseste, Mary Eve? Ah, certo, eu transmito-lhe. – Delta sorriu-me. – A tua avó diz que a casa agora é tua e podes ter iluminação moderna.

Liguei o interruptor. A luz branca e pragmática do candeeiro encheu os espaços sombrios do quarto. O quarto podia ser pequeno e parcamente mobilado, porém, a cama tinha um ar confortável e colorido e o candeeiro enchia-me de alegria. A luz é uma coisa boa.

Liguei um leitor de CD à tomada e um rádio despertador. No chão coloquei um pequeno e tolerável aquecedor elétrico. Havia outros na sala de estar e na cozinha. Deixei uma tomada livre.

– Podes ligar aqui outro candeeiro – lembrou Delta.

Soltei uma gargalhada seca.

– Não, esta tomada é para o meu vibrador.

Ela riu-se tanto que levou a mão à parte da frente dos *jeans*.

– Acho que me molhei. A maldição da meia-idade.

– Para ires ao meu cagador portátil, tens de passar a porta do vestíbulo, atravessar o alpendre, sair pela porta de mosquiteiro, descer os degraus e passar o primeiro carvalho à esquerda.

Delta riu-se ainda mais e precipitou-se para fora do quarto.

Fiquei ali sozinha, a olhar para o candeeiro, para a cama, para a tomada e para o meu vibrador. *Não preciso do Thomas para me manter quente e satisfeita. Tenho eletricidade impessoal.*

Pronto, admiti. Sentia saudades dele.

Capítulo 19

Thomas

Chicago

A casa do meu irmão estava cheia de equipamentos eletrónicos. O seu escritório era como um posto de comando de uma nave espacial, mas com mais comandos. As prateleiras do escritório transbordavam de velas azuis do Hanukah, grinaldas de Natal e brinquedos robóticos. Os únicos elementos não eletrónicos e orgânicos presentes na sala eram eu, John e as chamas que ardiam na lareira a gás.

– Papá – chamou Jeremy pelo sistema intercomunicador da casa. – A mamã diz que amanhã podemos ir andar de *skate* para o rinque se tu e o tio prometerem que não nos deixam ir para o Super-Slalom da Morte.

– Claro.

– Ela está aqui. Diz que tens de dizer em voz alta para ser mesmo uma promessa.

– Desta vez não há escapatória – ouvimos Monica dizer em segundo plano.

John riu-se.

– Prometo solenemente que eu e o Thomas faremos tudo para impedir os três rapazes Mitternich de se aventurarem no Super-Slalom da Morte.

– Estou a ouvir hesitações – insistiu Monica. – Se alguém voltar com ossos partidos, obrigo-os a fazer qualquer coisa de muito desagradável todas as noites desta semana.

– Não vai haver ossos partidos. Juro.

– Então, tudo bem.

O intercomunicador foi desligado. Afundei-me mais no sofá fundo de couro da sala, com um

excelente charuto e uma chávena de café. *Ethan devia estar a ir para o rinque com os primos*. Refastelado ao pé de mim, John olhou-me de relance e disse em voz baixa:

– Sinto muito.

Abanei a cabeça.

– Não entendo a tua confiança ao deixá-los fora de vista por um minuto que seja.

– A mãe preocupa-se por mim. Imagina todos os desastres possíveis e compra os capacetes necessários.

– Estou a falar a sério.

John atirou uma fumaça do charuto, expeliu uma longa coluna de fumo e argumentou:

– Prefiro ter medo de os perder a não os ter de todo.

– Espero que nunca venhas a perder nenhum.

– Mano, quando é que vais parar com essa coisa do «tortura-me um pouco mais» e «é bom sofrer»? Não foste responsável. Quantas vezes é preciso dizer-te? Não os podias ter salvo. Sim, eras para ter ficado em casa com o Ethan nesse dia, mas discutiste com a Sherryl sobre que carreira era a mais importante e ela levou-o. É a vida.

– Podemos mudar de assunto?

– Não. A propósito, gostava de descobrir uma maneira de pôr fim a qualquer tipo de comunicação entre ti e a Ravel. A irmã da Sherryl é uma mulher retorcida que tem um complexo de culpa secreto qualquer. É a única explicação para a maneira como te trata. Não fizeste nada de mal e o facto de continuares a recusar acreditar nisso só mostra a que ponto te lançou os tentáculos à volta do cérebro e te deu cabo do senso comum. Está lá refugiada na toca dela na Torre Trump à espreita para te fazer a vida num inferno outra vez. Como é que ela se vai matar *neste* mês de janeiro?

– Lido com isso quando o momento chegar. Não quero falar do assunto.

O meu tom de voz calou-o. Fumámos em silêncio por uns momentos.

– Que cena é essa com as duas miúdas?

– Que é que estás a dizer?

– Meninas. Jovens mulheres. Uma com cerca de sete anos, a outra com cerca de doze. Pediste à Monica para lhes comprar prendas de Natal. As pessoas bem-casadas são assim, partilham

informações. A Monica disse-me que andas a fazer de pai substituto de duas miúdas.

– Não sou a figura paternal de ninguém. Estou só a tentar ajudar duas miúdas carentes. A Cora e a Ivy. São boas pequenas. Não quero falar sobre elas.

– Hum. Então fala-me da Cathy Deen. Pode-se falar *dela?*

– Não há muito para dizer.

– Peço perdão, mas… hum… tens uma relação com a mulher que figurou na edição *As Pessoas Mais Belas* da revista *People* todos os anos durante a última década. Anda lá, atira-me um ou dois ossos. Dá-me alguma informação. Qualquer coisa.

– Não é uma «relação». Somos amigos. Ela gosta de conversar comigo. Precisa de mim. Podia ter qualquer homem que quisesse. Mesmo agora. Considera-se feia, mas ainda tem que se lhe *diga*.

– Que se lhe diga?

– Era… – Procurei as palavras nos movimentos hipnóticos dos peixes artificiais do computador. – Era capaz de inspirar um exército só com o sorriso.

– Helena de Troia? Estás a apaixonar-te pela Helena de Troia?

– Não estou… merda, John, não me chateies.

– As cicatrizes são feias?

– Lembras-te do tipo que jogava póquer com o nosso velhote? O que ficou queimado no Vietname?

– Credo. O tipo a quem chamávamos *Freddy Krueger*? As queimaduras dela são como as dele?

– São. Como se alguém tivesse arrepanhado a pele e a seguir a tivesse pintado com vários tons de verniz para couro. Vermelho, rosa, branco, castanho.

– Credo. Ela deixou-te ver as cicatrizes? Digo eu, as que não são na cara?

– Não de propósito. Mas houve… enfim, um conjunto de circunstâncias.

– Ah!

– Não foi nada disso.

– Ora, não sejas envergonhado. Admite. Ela não consegue resistir-te.

– Ai não, não consegue.

John acenou sabiamente com a cabeça.

– A Cathryn Deen quer deitar a unha ao meu irmão.

– Não me obrigues a bater-te.

– Essa estrela de cinema *sexy* quer saltar para a espinha do meu irmão – continuou ele, sorrindo. – O meu irmão pescou a estrela de cinema mais bela do mundo. Boa! Posso contar à Monica?

– Eu não a pesquei. Limitei-me a insinuar-me na vida dela e aturdi-a tanto que se tornou minha amiga.

– Apaixonam-se as mulheres mais incríveis por ti e não percebes *porquê*.

– Sou um cavalheiro e tenho dentes bonitos. A delicadeza e a boa higiene dental são fundamentais para a sensualidade.

– Tu eras o esteio da Sherryl – disse John bruscamente. – Ela queria alguém que lhe fizesse frente à família rica, que a mandasse àquela parte, e tu fizeste isso. Deste-lhe a oportunidade de viver a vida dela e, quer ela tenha ou não apreciado esse facto mais tarde, amava-te por teres tido a coragem de te casares com ela sem esperar um tostão da sua herança. Já eras o *meu* esteio quando éramos miúdos e o velhote me tratava abaixo de cão por ser gordo e tímido. Fazias-lhe frente. Olhavas por mim. – Quando comecei a abanar a cabeça para desvalorizar os elogios, John pôs-me uma mão no ombro e continuou: – Tu és uma força que nunca vacila. Não tenho dúvida de que a Cathryn Deen detetou isso em ti logo no primeiro minuto.

Fiz rodar a chávena de café e emborquei de uma longa assentada. Uma vez, estava eu na oficina do Jeb a vê-lo cortar e polir um rubi bruto, arroxeado, para fazer uma cabochão redondo, quando o ouvi dizer ao motoqueiro que tinha comprado o rubi para um anel colossal: *Mesmo a pedra mais dura tem uma fissura*.

As mortes de Ethan e de Sherryl tinham criado a minha fissura. Eu sabia que ela ainda estava presente, que existia uma fratura perigosa na pedra que toda a gente presumia ser inquebrável. Se pensasse que podia voltar a ver o meu filho, há muito que me teria matado. A fratura nunca havia sarado.

O meu amor por Cathy tornava-me ainda mais consciente de que já não era sólido como antes e talvez nunca mais fosse.

Cathy

O pavimento escorregadio de argila dos compartimentos de ordenha e do curral dos novilhos do celeiro exibia uma impecável e profunda camada de gravilha e a manjedoura onde as aberturas nas velhas tábuas cinzentas deixavam entrar ar húmido e frio recebeu um novo chão e paredes de contraplacado. Pensando em Thomas, ajudei conscienciosamente a pregar as velhas tábuas sobre o novo contraplacado para o esconder.

Basta dizer que nunca na vida tinha pregado um prego e Alberta percebeu de imediato. Os meus pregos dobravam-se em ângulos esquisitos ou saltavam da madeira e levantavam voo. Um picou Alberta no braço e ela sacudiu-o como se eu lhe tivesse cuspido. Na tentativa seguinte, o meu martelo falhou o alvo e acertou-me no polegar esquerdo.

Vi estrelas e encostei-me a uma parede, a transpirar por baixo do lenço da cabeça. Não só estava suada com os nervos, como estava a assar debaixo do lenço de seda. Mesmo no alto dos Apalaches, um dezembro sulista pode tornar-se quente da noite para o dia. A temperatura durante o dia chegou aos 18 ºC nessa semana. Muito ameno. As outras duas mulheres a trabalhar na manjedoura connosco vestiam *T-shirts*. Alberta trazia uma camisola leve de flanela. Uma das mulheres deu-me uma palmada nas costas.

– Estás a safar-te bem para quem esteve a maior parte do ano passado no hospital ou acamada em casa – declarou.

– Lemos as notícias que diziam que estavas escondida na tua mansão – interveio outra com simpatia. – Vimos as histórias nas revistas colocadas nas caixas do supermercado em Turtleville. Desculpa. É difícil ignorar essas revistas cor-de-rosa quando a loja as põe ao lado das tabletes de chocolate.

– Eu compreendo. Obrigada. – Só conseguia falar entre assomos de tontura.

Alberta resfolegou.

– Se tirasses a merda dessa *burka* de seda, sentias-te mais confortável e vias o que estavas a pregar. – Levantou o martelo com a precisão de um ninja. – Afinal que é que vais fazer com este celeiro?

– Ainda não sei.

– Vais transformá-lo nalguma casa de hóspedes? Já sei, às tantas vais convertê-lo numa arrecadação de jardinagem onde o teu jardineiro pode guardar o cortador de relva e os produtos químicos que o vais mandar deitar nas flores silvestres a que chamas «ervas daninhas». – Alberta casquinou tristemente cravando pregos numa tábua a centímetros da minha cara suada. – Deixa-me adivinhar. Esta primavera, vais mandar o teu jardineiro plantar canteiros de azáleas em flor à volta deste celeiro e camélias para lhe dar esse toque *italiente* que a malta da

cidade acha muito elegante, e umas tulipas já em botão.

Limpei a testa com uma mão trémula.

– Diz lá onde queres chegar.

Soltou uma gargalhada e olhou para as outras.

– Aqui nas montanhas, que é que chamamos a essas plantas todas que acabei de enumerar?

Elas ficaram pouco à vontade. As pessoas mandonas têm sempre maneira de levar os outros a detestarem-se por alinharem com elas.

– Um bar de saladas para os veados – respondeu uma.

Alberta casquinou.

– Bar de saladas. Para os veados.

A outra mulher apressou-se a acrescentar.

– Mas, Ms. Deen, o seu quintal ficava bem bonito durante um ou dois dias antes de eles comerem tudo.

Alberta soltou uma gargalhada sonora.

Fui para casa, lavei a cara com a água gelada do meu poço, troquei o lenço de seda da cabeça pegajoso por um de algodão mais leve e dirigi-me para o acampamento de Macy debaixo dos carvalhos da frente. Macy estava a trabalhar num computador portátil em cima de uma pequena mesa articulável, sob o sol de inverno, bem agasalhada, à exceção de luvas de malha sem dedos, encantadoramente vitoriana, tirando o fogão de campanha moderno onde todos os dias preparava panelas de guisado para o almoço. Quando aproximei uma cadeira de jardim, ela estava a ouvir um CD de poesia de Robert Frost. *Duas estradas divergiam numa floresta e eu enveredei pela menos movimentada, E isso fez toda a diferença*.

– Olá – cumprimentou Macy, retirando o CD. – Foi a Alberta outra vez?

– Desculpa fazer esta pergunta sobre a tua consorte, não quero meter-me de maneira nenhuma na vida pessoal dela, mas… a Alberta é o Anticristo?

Macy riu-se com tanta vontade que as suas tranças abanaram. Quando finalmente se recompôs, cruzou as mãos no regaço da saia de trabalho e olhou-me solenemente.

– Tens de entender uma coisa. Quando tinha quinze anos, confessei-me aos meus pais e não foi por isso que deixaram de me amar. Mas a Alberta foi expulsa de casa quando os pais souberam

que ela era lésbica. Viveu nas ruas de Nova Orleães durante vários anos. Foi espancada, violada, quase morreu de *overdose*… tudo lhe aconteceu. Por fim, desintoxicou-se e arranjou emprego na construção civil. Chegou onde está pelos seus próprios meios e, se transmite a imagem de uma pessoa cruel e mesquinha, é porque acha que foi à custa de disciplina exercida por amor-próprio que entrou no bom caminho e é isso que dá às outras mulheres. Não é nada de pessoal.

Os pormenores horríveis da história de Alberta caíram sobre mim como um balde de água fria. Como podia eu desprezá-la agora?

– Não há dúvida que sabes estragar o meu plano para estrangulá-la.

Macy sorriu.

– Oh, não tenhas pena dela. Faz-lhe a vida num inferno.

– Ela odeia-me porque eu sou mimada, rica e chorona.

– Não te esqueças do *heterossexual*. Ela detesta-te também por seres heterossexual.

– Ótimo. Saiu-me o *jackpot* com esta.

– Ela acha que as mulheres heterossexuais têm a papa toda feita. Nada de…

– Pessoal. Está bem, se calhar nesse aspeto tem razão. Mas eu não acordei no berço um dia de manhã a dizer que ia crescer branca, bonita, rica, protestante e heterossexual.

– Não, mas dá-te por feliz por teres tido uma vida fácil.

Apontei para a minha cara.

– Achas isto fácil? – perguntei em voz baixa.

Macy lançou-me um sorriso melancólico e até compassivo.

– Não, mas não é pior que as cicatrizes que todas nós carregamos.

Duas estradas divergiam numa floresta e eu enveredei pela menos movimentada, E isso fez toda a diferença.

Sentada em cima de um mastodonte a gasóleo que zunia, olhei em ambos os sentidos da Ruby Creek Trail. Distinguia por entre a densa floresta invernosa o caminho secundário sulcado que levava ao terreno de Thomas. Delta tinha-me avisado que a aquela estrada era ainda mais acidentada do que a minha e que descia a pique para Ruby Creek. Teria de atravessar a água

veloz do ribeiro a uns trinta centímetros de profundidade.

Talvez seja melhor tentar esta viagem amanhã. Ganhar coragem. Dar um passo de cada vez.

Não, a Alberta deteta logo o meu fracasso. Percebe que me acagacei. Há de comer-me o fígado com compota caseira de morango.

– Em frente, besta – ordenei ao trator que tinha pedido à Macy para me ensinar a conduzir, mudando de velocidade e carregando no acelerador.

No quintal da frente da cabana de Thomas, detive-me a admirar uma pastagem de montanha com infinitas vistas em quase todas as direções. Caminhei por entre as armações perfeitamente alinhadas das videiras, parando aqui e ali para tatear as vinhas lenhosas e nodosas que já atingiam os arames superiores.

– Este ano vamos ter a primeira vindima – contara-me Delta. – Já falei com uma pessoa de Biltmore Estate e ela vai comprar as uvas. Ele podia lançar um negócio, só a vender uvas.

Descrevi lentamente um círculo, imaginando o cume da crista cheio de exuberantes armações repletas de frutos. Um homem que cultiva coisas, que cuida de outros seres vivos, mesmo plantas, tem algo de quente e sensual e reconfortante. Subi até à cabana dele sentindo arrepios de culpa na espinha.

– Nos últimos anos, usaste a *minha* casa como se fosse tua – avisei em voz alta. – É mais do que justo dar eu agora uma vista de olhos à *tua* casa.

A cabana era funcional e autêntica, construída com troncos ligados por argila. Nas esquinas, os troncos tinham sido entalhados para encaixar. Até uma rapariga inexperiente como eu percebia a mestria de execução ali envolvida. Dei uma volta completa pela pequena estrutura, tocando na pedra de rio, ligada por argila, da lareira, na forma redonda e tosca dos troncos. Dirigi-me ao anexo, estudei a meia-lua talhada na porta, pensei em dar uma vista de olhos dentro do lugar mais privado de Thomas e depois lembrei-me dos animais que podiam ter entrado durante a ausência dele e caminhei em passos rápidos para a cabana.

Sentei-me num degrau de madeira assente em canas num pequeno alpendre frontal coberto por chapa enferrujada e recuperada. A pá, o ancinho e outros apetrechos estavam pendurados de modo impecável em cabides de madeira. Os meus olhos eram incessantemente atraídos por duas pequenas janelas no alto da parede. Sem cortinas.

Não te atrevas a espreitar por essas janelas.

Mas não têm cortinas.

Não te atrevas.

Só uma espreitadela.

Pus-me em bicos de pés e olhei lá para dentro.

Uma cela de monge teria mais mobília.

A cama era mais uma cama de campanha gigante do que uma cama moderna, construída com troncos toscos e coberta de montes de edredões e cobertores. Ocupava cerca de metade do espaço disponível e estava posicionada quase em cima da lareira de pedra. Fui percorrida por arrepios. Uma brasa que estourasse e ele acordaria num casulo em chamas.

O que fiz a seguir não tem outra explicação senão «foi mais forte do que eu». Estou a falar a sério. A intensidade dos meus medos calou a razão. Não podia deixar aquela cama tão próxima da lareira. Fossem quais fossem as consequências, tinha de mudá-la de sítio. Tremiam-me as mãos ao tentar abrir a porta de tábuas da cabana. Estava perfeitamente preparada para pegar numa marreta, de entre as ferramentas de Thomas, e deitar a porta abaixo se fosse necessário.

Não foi. A porta não estava trancada.

Olhei para ela desconfiada, empurrei-a com os dedos e ela abriu. Entrei e olhei à minha volta, respirando com dificuldade. O espaço era claustrofóbico, com um balde num peitoril a fazer de lava-loiça, uma cadeira e uma velha mesa de alumínio para a televisão. Uma parede da sala estava coberta do chão ao teto de prateleiras fundas. Pilhas de latas de comida conviviam com filas de garrafas de *vodka* e dezenas de livros: na maioria, textos sobre arte e arquitetura, mas também uma Bíblia e uma eclética mistura de romances e obras não-ficcionais.

Depois vi a prateleira especial. Mais ou menos à altura da cabeça, ordenada e cheia como as outras, constituindo uma pequena clareira sagrada entre a confusão geral. Continha livros ilustrados infantis, uma vela branca grossa que tinha sido acesa tantas vezes que o pavio quase se perdia numa caverna enegrecida e, o que era mais triste, os restos retorcidos e queimados de um camião de brincar em metal. O brinquedo que o filho de Thomas tinha na mão quando morreu. Fiquei ali a chorar, com as mãos abertas sobre o peito como se fossem as asas de um pássaro. Ao lado do brinquedo arruinado, estava uma fotografia encaixilhada de um menino sorridente, de cabelo castanho. Ethan.

Nunca devia ter invadido o santuário criado por Thomas para o filho. Virei-me, descontrolada, olhando para o espetro obsessivo da maldita cama demasiado próxima da lareira. Se a movesse, ele saberia que eu tinha entrado sem autorização na casa. Mas, se não a movesse, teria pesadelos com ele a morrer queimado.

– Muda-a – ordenei a mim mesma em voz alta. – Muda-a e ele que fique furioso contigo. Talvez lhe salves a vida. É o mais importante.

Agarrei num pé da cama e comecei a puxar.

Uma hora mais tarde, exausta, dorida e absolutamente consciente de que nem a mais encantadora neurótica pode justificar a invasão da propriedade alheia, saí da casa trôpega e fechei a porta atrás de mim. No interior, a cama encontrava-se agora entre as prateleiras e a cadeira com a mesa de alumínio junto da lareira.

O sol estava a pôr-se numa nuvem azul-dourada. Um vento frio fustigava-me. Devia dirigir-me de imediato para casa, mas senti a necessidade de deixar um brando pedido de desculpas, alguma coisa que dissesse: «Sou uma amiga e não uma intrusa.»

Atravessei depressa o prado e entrei na floresta, encontrei um pequeno pinheiro, parti uma braçada de ramos e levei-os para a cabana. Usando um pedaço de arame das armações das vinhas, amarrei os ramos. Peguei no martelo de Thomas, remexi numa lata até descobrir um prego e preguei com cuidado o prego no centro superior da porta de entrada.

– Toma esta, Alberta – murmurei.

Em seguida, pendurei no prego a minha decoração de Natal. Ramos verdes de pinheiro com uma cinta de arame. Como declaração, não chegava. Tirei o lenço da cabeça. Era de um xadrez escuro de inverno, castanho-avermelhado e dourado: cores natalícias. Atei-o à volta do ramo de pinheiro, fiz um laço e recuei. Perfeito!

Quando cheguei a casa no trator, já tinha perdido o ânimo. Que é que me tinha passado pela cabeça? A noite estava a cair. Alberta e Macy estavam com a equipa de volta das carrinhas. Era evidente que esperavam que eu aparecesse com o valioso trator para se irem embora.

– Estávamos preocupadas – disse Macy quando desci. – Está tudo bem contigo? Que te aconteceu ao lenço?

Deixei-me de subtilezas e tapei o lado direito da cara com a mão enluvada.

– Desculpem, não contava demorar tanto. Boa noite, até amanhã.

Ao passar por Alberta, esta soltou o seu habitual grunhido e provocou-me:

– Deixa-me adivinhar. Perdeste o teu lenço idiota e passaste este tempo todo à procura dele.

Voltei-me e olhei-a nos olhos:

– Há muitas maneiras de lidar com os medos desagradáveis da vida normal. Toda a gente os supera de formas diferentes. Tu ages como se tivesses ganho o direito de massacrar e julgar os outros, mas *ninguém* tem esse direito. Esperava que uma pessoa que passou pelo que tu passaste fosse mais compassiva ou pelo menos mostrasse uma decência mais básica. És uma desilusão, Alberta, mas isso é problema teu, não é meu. – Respirei fundo. – Em suma, se te

metes comigo agora, mato-te à pancada com o teu próprio martelo. Posso ser uma amadora a pregar pregos, mas garanto-te que não falho uma só martelada nessa cabeça gorda.

Entrei como um furacão dentro de casa.

Por uma vez, Alberta ficou sem fala.

Retirei alguma consolação do facto.

Thomas

Alguns dias antes do Natal, tornei-me na grande atração de um beberete dado por John e Monica. A minimansão do casal cintilava com grinaldas sintéticas e poinsétias de seda. Tudo respirava beleza, higiene e segurança, dentro daquela bolha de dinheiro e bens materiais. Uma menorá elétrica reluzia na janela do átrio, ao lado de uma árvore de Natal de seis metros, criada por um decorador de interiores com um fetiche pela cor branca: luzes brancas, ornamentos brancos, flores brancas.

Em honra do meu estatuto de rústico, suponho, o estilo descontraído do dia entre os amigos do meu irmão era algo a que eu chamaria «desportistas de centro comercial». A nota dominante eram os *tweeds* e os *chinos*, roupa casual, mas cara, para só falar das mulheres. Quanto a mim, vesti-me à última moda descontraída de Crossroads: sapatilhas, calças de bombazina castanhas coçadas nos joelhos e uma velha camisola que o *Santa* tinha trocado por um quinto de uma garrafa de *Smirnoff*.

Todos me lançavam olhares como se eu tivesse acabado de regressar de um campo de detenção no estrangeiro ou de alguma obra missionária entre os nativos. Bebericando um refrigerante, fingi que não queria um *Absolut* triplo com gelo.

– É verdade que a gente das montanhas ainda é muito enigmática e tribal?

– Não mais do que as associações de estudantes comuns. – Emborquei mais uma soda cheia de classe: muitas calorias e cafeína, coisa forte. – Antes de me instalar no Sul, também acreditava facilmente em estereótipos.

Um corretor de investimentos, com um colete em brocado florido murmurou:

– Ora diz lá, já assististe a algum sermão em que manuseiam serpentes ou viste algum tocador de banjo albino?

– Não, dou-me com traficantes de marijuana e cantoras lésbicas de música popular.

De súbito, David correu para o meio das pessoas. Olhou para mim com a reverência de uma criança de seis anos.

– O *Santa* está ao telefone! Quer falar *contigo!*

O meu *Santa*, Joe Whittlespoon, não podia ser evidentemente o Pai Natal de David ou, por outra, São Nicolau, e fiquei apreensivo por Joe ter uma razão para me ligar para Chicago. David agarrou-me numa mão e apontou para um telefone portátil em cima de uma mesa com um candeeiro.

– Está aqui! A ligar do polo Norte! – Dirigi-me ao telefone. David foi a correr à minha frente, estendeu um telecomando e ativou a funcionalidade de alta-voz.

– *Santa*, o meu tio está aqui!

– És tu, Thomas? – ribombou através da sala a voz arrastada do Joe.

Senti as tripas revolverem-se.

– Que é que se passa?

– Passei pela tua cabana para deitar uma espreitadela como te prometi e… hum… alguém decorou a porta para o Natal e… hum… quando entrei… a tua mobília tinha mudado de sítio.

– Faltava alguma coisa?

– Não. O Pike apareceu e deu uma vista de olhos, mas não encontrou nada de anormal… é só esquisito, mais nada.

– Deixa ver se percebi: não me roubaram nada, no entanto, a mobília foi mudada de sítio e alguém decorou a porta.

– Exato. Alguém enfeitou a casa com ramos de pinheiro e um lenço atado com um laço. – Riu-se. – Foste vítima de assalto por um decorador fortuito.

– Há suspeitos?

– Oh, já apanhámos o teu intruso em flagrante. A Delta passou palavra entre o círculo social dela a ver se alguém tinha ideias e… enfim, a culpada confessou assim que foi confrontada.

– Quem?

– Cathryn Deen.

Cathy? *Cathy*.

– Cathy mudou-me a mobília e decorou-me a porta? Porquê?

– Disse que o assunto era entre ti e ela. Não foi por mal com certeza. Ficou atrapalhada. Às tantas estava a dar algum toque de *feng shui* na tua decoração. Só sei que ela queria a tua cama noutro sítio e, pronto, mudou-a. Se fosse a ti, sentia-me radiante. É bem provável que esteja a fazer o «ninho» ou coisa que o valha. Ela quer-te. Quer-te desesperadamente. Sabes o que eu acho: ela está à espera que tu chegues a casa, te depares com o novo arranjo e fiques doido por ela.

Cathy tinha mudado a minha cama de sítio. Posto as mãos nos meus lençóis. Lençóis que manchei em honra dela antes de partir para Chicago. Casualmente ajeitei a ponta da minha camisola que estava de fora das calças, para esconder uma ereção. Eram horas de pôr fim a esta conversa pública.

– A Cathy está bem?

– Está, só anda um pouco macambúzia e envergonhada. Coisas de mulher.

– Eu depois ligo-te.

– Feliz Natal, *Santa!* – gritou David. – Vais-me dar o novo *Robosapien* com olhos *laser?*

– Podes crer, rapaz. – Para mim: – Vou, Thomas?

– *Agora* vais.

– Ó diabo. *Ciao*.

– *Ciao*.

Endireitei-me. A festa tinha sossegado. Quando me virei, dezenas de olhos esgazeados e pasmados – e eram só os homens – pousaram em mim, fascinados. John e Monica estavam a sorrir boquiabertos.

– Cathryn Deen? – perguntou um homem. – *A* Cathryn Deen?

Monica não conseguiu resistir.

– Sim – declarou a todos em alto e bom som. – *Essa* Cathryn Deen. Ela e o Thomas têm um caldinho.

– Vocês são os primeiros a saber, amigos – anunciou John, sorrindo. – A Cathryn Deen está obcecada com a cama do meu irmão mais velho.

Todos se juntaram à minha volta, com perguntas na ponta da língua. Comecei a recuar em

direção a uma porta. As mulheres olhavam para mim como se eu fosse uma estrela porno num cartaz. Os homens olhavam-me como se eu conhecesse algum segredo para atrair mulheres belas e famosas que não *precisavam* de ser estrelas pornográficas em cartazes. Tal como eu me tinha tornado uma espécie de VIP mórbido depois do 11 de Setembro era agora promovido ao estatuto de celebridade por ser objeto das atenções de uma estrela de cinema. Esta gente podia agora referir o meu nome em conversas no ginásio ou no escritório. *Como o Thomas Mitternich me disse no outro dia à noite… é um dos heróis do 11 de Setembro e anda com a Cathryn Deen… como ele me confidenciou quando estávamos a tomar uma bebida…*

Eu tinha sido destacado por deuses astuciosos que sabem que o desejo mais secreto de qualquer pessoa é ser especial por qualquer razão, seja ela qual for, mesmo que seja por simples associação.

Esquivei-me para a gélida noite de Chicago. Aí, sozinho na obscuridade suburbana do pátio do meu irmão, respirei fundo. A escuridão encheu-me os pulmões, ligando-me através da curva da Terra à profunda escuridão da montanha no Cume da Mulher Selvagem, a Cathy. Pus de lado o que os estranhos viam e pensei simplesmente o seguinte: *Ela estava apreensiva por eu dormir tão perto da lareira. Estava preocupada comigo.*

Cathy

Macy, a doce e enganadoramente simpática Macy, traiu-me. Quando Delta perguntou aos membros do Clube de Acolchoados de sábado à noite do café se alguém fazia alguma ideia de quem poderia ter redecorado a cabana de Thomas, Macy denunciou a minha viagem de trator. Essa denúncia levou à minha captura.

Agora, toda a gente em Crossroads e no grande Condado de Jefferson andava a falar da minha misteriosa obsessão com a mobília do Thomas. Sentia-me tão humilhada que aferrolhei o portão e passei o resto da semana de Natal em casa. Delta veio com falinhas mansas e persuasivas e com ameaças.

– Por favor, vem passar a consoada connosco. Por favor. Não queres ver a Cora e a Ivy a abrir os teus presentes? As pequenas vão passar as férias comigo. A Laney desapareceu outra vez. Vai passar as festas na cadeia em Nashville. Foi apanhada com o namorado a passar cheques falsos em lojas de bebidas.

Protestei.

– Eu disse à Ivy que me pedisse ajuda da próxima vez que a tia desaparecesse. O Thomas também lhe deu o número dele.

– A Ivy *nunca* há de pedir ajuda a *ninguém*, nem pensar. Tem medo da assistente social encarregada do processo delas. Não falta muito para voltarem a pôr a Ivy e a Cora num lar de acolhimento outra vez.

– Não! Temos de mantê-las aqui, onde têm casa e a oportunidade de fazer amigos. Que posso fazer para ajudar? Se é uma questão de dinheiro…

– Querida, é uma questão de amigos e comunidade e disso não há falta por aqui. A Dolores e o Juiz souberam da situação das miúdas quando repararam em dois dias consecutivos que o carro da Laney não estava estacionado à porta de casa. Informaram o Pike. Ele teve praticamente de amarrar a Ivy. A pobre da Cora andava atrás de nós a falar com um amigo invisível qualquer. «O Pai Natal não se há de esquecer de nós como a nossa tia. O Thomas e a Cathy não o deixam.»

– Meu Deus!

– Não te preocupes com elas, acredita. Vão ter umas férias ótimas. O Thomas mandou muitos presentes. Juntamente com a pilha de prendas que tu compraste… disse o Anthony que a carrinha dele tresandava a perfume quando entregou tudo em Crossroads… essas meninas vão ter o melhor Natal da vida delas. Eh, a propósito, o que é que me compraste? Estive a abanar a caixa. Deixa ver se adivinho. É um cheque-prenda para um *Jaguar* personalizado com as minhas iniciais na matrícula. Ou uma espátula de ouro maciço.

Por sinal, a minha prenda para Delta era um pendente de diamante com a forma de um biscoito.

– Vou passar as férias em casa – repeti. – Tenho uma refeição de peru recheado no meu pequeno congelador. Tenho um forno micro-ondas. Tenho o CD «Goddess Holidays» das *Log Splitter Girls*. Não tenciono sair daqui. Diz ao pessoal que pode dizer mal de mim à vontade. É o meu presente de Natal à comunidade.

– Oh, minha querida, as pessoas acham que o que fizeste foi… enfim, não percebem porque é que mudaste a cama de sítio mas gostaram muito da decoração na porta. Aliás, lançaste uma nova moda entre os mais conscientes das tendências.

– Não me interessa ditar modas. E não quero que os jornalistas comecem a meter aqui o nariz.

– Ora, tirando alguém da HGTV à tua procura para fazer um programa sobre decoração com lenços, não me parece que tenhas motivos de preocupação. Anda jantar connosco.

– Vou ficar em casa. A sério. Estou muito bem assim. Tenho aquecimento, uma cama, um vibrador.

– Por falar em máquinas de amor, o Thomas não está aborrecido contigo. Disse-o ao *Santa*. Disse que o que tu fizeste com a mobília dele é entre ti e ele e que ninguém te deve chatear por

isso.

– Quando é que ele volta?

– Não sei, mas espero que fique em casa do irmão até ao Ano Novo. Para entrar no novo ano com o pé direito. Deixa lá, vem jantar connosco por favor.

– Delta, basta-me saber que me convidaste. Obrigada, mas não, obrigada.

– Eu vou buscar-te. Não precisas de conduzir. Sabes uma coisa? Às tantas devias comprar um trator. Agora *sabemos* que és capaz de conduzir tratores.

Gemi. Agora toda a gente sabia que eu tinha medo de conduzir um carro. A minha humilhação era total.

– Eu falo contigo no dia de Natal. Ligo-te. Prometo.

– És uma prima difícil de convencer – disse ela com tristeza.

Na véspera de Natal, comi o meu jantar aquecido no micro-ondas, na minha casa aquecida, mas ainda sem mobília, ouvi Alberta e Macy a cantar canções populares e depois meti-me na cama com o meu vibrador. Tinha uma cabeça vibratória que parecia um disco voador e três velocidades. Pus-lhes os nomes de «Primeiro Beijo», «Segundo Encontro» e «Fim de Semana em Las Vegas».

– Feliz Natal, Thomas – murmurei e liguei o interruptor na velocidade de Las Vegas.

Na manhã seguinte, a tiritar ao lado do meu radiador na lareira da sala de estar, levei uma chávena de café aquecido no micro-ondas para a janela e abri o edredão que fazia de cortina para contemplar o tempo da manhã de Natal. Fria e límpida e…

Uma árvore de Natal?

Alguém tinha coberto um cedro na orla da floresta com ornamentos coloridos, grinaldas e ouropel, com uma alegre estrela de plástico em cima. Agarrei na espingarda e saí cautelosa lá para fora. Eu tinha fechado o novo portão de acesso ao caminho a cadeado. Ninguém podia ter entrado de carro, só um intruso a pé. Olhando furtivamente em volta, não vi ninguém à espreita na floresta. Aproximei-me da árvore. Estava uma mensagem pendurada num ramo.

A Caracolinhos de Ouro foi vista nas redondezas. Papa de aveia comida, camas mudadas de sítio. Os três ursinhos chamam a polícia. E eu? Eu gosto do estilo dela. Thomas.

Thomas. Tinha voltado. Estava em casa.

Levei cuidadosamente a mensagem para dentro e pousei-a numa prateleira da sala de estar

entre as vasilhas, as fotos antigas que tinha encontrado no sótão da minha avó, o rubi falso de Cora e o desenho de Ivy da eclusa da mina de rubis.

As minhas recordações de Natal.

Quinta Parte

O prazer de viver é o melhor cosmético para uma mulher.

− *Rosalind Russell*

Eu não sou feliz, sou alegre. Há uma diferença. Uma mulher feliz não tem preocupações. Uma mulher alegre tem preocupações, mas aprendeu a lidar com elas.

− *Beverly Sills*

Capítulo 20

Thomas

O Lado Escuro do Inverno

Parecia-me ter agora melhor controlo sobre a depressão de janeiro. Disse a mim mesmo que Cathy era toda a inspiração e motivação de que eu precisava para não cair no abismo. Mas quando o calendário anunciou que o Dia de Ano Novo tinha passado, abateu-se sobre mim um manto negro, como acontecia todos os anos desde o 11 de Setembro. Não conseguia pensar com clareza. Retomei a bebida ainda com mais vigor para travar os pesadelos e as memórias.

Devia ter percebido que iria acontecer. Muitos sobreviventes do 11 de Setembro sofrem de sérias perturbações mentais, continuando a debater-se contra estados de espírito depressivos e medos arbitrários. Pelo menos, o meu estado de espírito de janeiro podia ser associado a uma causa específica. Chegava sempre uma encomenda da Ravel na terceira semana do mês. O conteúdo arrasava-me sempre. O terror apertava-me nas suas garras como um torno.

As garrafas de *vodka* nas minhas prateleiras iam-se esvaziando uma a uma, misturando-se com a minha corrente sanguínea. Sentindo-me pessimamente e exibindo um ar assustador, não queria que Cathy me visse em tal estado. A neve caía de forma intensa e tudo gelou durante quase uma semana. Eu, sentado à lareira, bebia e esperava pela encomenda, falando sozinho.

Espera pela encomenda e depois tudo se recompõe.

Cathy

– Cathy, quero avisar-te de uma coisa – disse Delta, conduzindo o meu *Hummer* por uma estrada de duas faixas, estreita e sinuosa, que corria sobranceira às margens rochosas do Upper Ruby Creek, no centro de Turtleville. Eu ia encolhida no banco do passageiro, a transpirar

dentro de um grosso casaco de capuz e atrás dos óculos de sol, com um pequeno extintor de incêndio no regaço.

– Que vamos morrer queimadas na garganta do rio se não abrandares? – retorqui numa voz tremida.

– Vou a menos de cinquenta.

Passámos a todo o gás por pequenas lojas e bonitas casinhas empoleiradas em rochedos que sobrepujavam o rio. A luz fria de inverno caía em cintilações, como pérolas, por entre as florestas de lenhosas desfolhadas e o rendilhado formado pelas ramadas das árvores perenes, tremeluzindo sobre a estrada antes de desaparecer no fundo da ravina nas correntes dos rápidos. Apertei o extintor de incêndio.

– Esta estrada é para trapezistas com redes de segurança. Não é para carros.

– Tenta pensar noutra coisa. Ouve-me. Quero avisar-te. O Thomas começou outra vez a beber. É por isso que ninguém o vê desde o Natal.

Alerta instantâneo. Virei-me para ela e esqueci-me da estrada.

– Qual é o problema? Que é que lhe aconteceu?

– O costume. Fica sempre pior em certas datas. 11 de Setembro, já se sabe. E no aniversário do filho. Mas janeiro é o pior. É o aniversário do casamento dele.

– Bem, é *natural* que chore pela mulher, mesmo que o casamento deles fosse instável.

– Não, isto não tem nada a ver com chorar. É por causa da insensível da cunhada dele, a que vive em Nova Iorque. Manda-lhe sempre qualquer coisa que o deita abaixo. Todos os anos, na véspera do aniversário, chega um pacote. Uma vez mandou-lhe o diário que a mulher escrevia em menina.

– Porquê?

– A cunhada sublinhou a vermelho todas as passagens em que a mulher do Thomas fantasiava com um casamento com um príncipe ou uma estrela de cinema e imaginava uma velhice rodeada de filhos e netos.

– Que horror!

– Numa outra ocasião, mandou-lhe uma carta que a mulher escreveu à família quando namorava com o Thomas. A carta dizia que o Thomas era o homem dos sonhos dela e que sabia que ele daria a vida para a proteger. Havia uma frase do género: «Ele era capaz de se atirar para um prédio em chamas se eu estivesse presa lá dentro.» O Thomas quase se atirou de

Devil's Knob quando a cunhada o feriu com aquela seta envenenada. O Jeb e o *Santa* passaram semanas a segui-lo como cães de guarda.

Soltei um gemido.

– Porque é que ele dá assim troco à perversidade da cunhada? Porque é que abre sequer as encomendas dela?

– Porque não resiste a deitar achas na fogueira. A cunhada sabe perfeitamente que ele não consegue resistir. A cabra malvada. Não quer que ele supere o que aconteceu. Naquela cabeça demente, ele não se esforçou o suficiente para salvar a mulher e o filho.

– Pode ser que não mande nada este ano.

– Ai, não, não manda! Depois de ele lhe ter pedido ajuda quando tu estavas no hospital? Ficou furiosa e inchada de autossatisfação. Este ano, a mulher armou-se até aos dentes.

– Ele pediu-lhe ajuda? Por minha causa? Que é que estás a dizer?

– Valha-me Deus, nunca te contei o que o Thomas fez para conseguir o teu contacto na unidade de queimados?

– Não!

Com um ar abatido, Delta explicou-me que ele tinha usado os contactos da cunhada na indústria hospitalar. Que a subornara com um relógio de bolso antigo que era uma herança de família da mulher e um objeto de valor sentimental para ele.

Reclinei-me no assento.

– Oh, Thomas.

– Pois é. É como se tivesse aberto o peito e convidado a cunhada a arrancar-lhe o coração. Ela deixou-o com vida, mas desde então tem estado à espera do momento dela.

Passámos uma crista. De súbito, Delta enfiou o *Hummer* por uma estrada íngreme que oferecia uma vista das montanhas. Senti uma reviravolta no estômago.

– Vamos intercetar a encomenda – anunciei, tirando um frasco de comprimidos do casaco. – Vem pelo correio? Põe-na num sítio onde eu a veja por acaso que eu pego nela e deito-a fora. É o Anthony, o tipo da UPS, que a entrega? Se é, diz-lhe que a deixe onde eu possa encontrá-la por acidente.

Delta suspirou.

– Achas que não pensei já em fazer isso? Se fosse entregue pelo Anthony, não havia problema. A mulher do irmão do marido da tia do Anthony é mulher-polícia em Nova Iorque e, por isso, ele compreende e seria capaz de atirar a encomenda para uma vala para poupar o Thomas a mais sofrimento. Mas a cunhada do Thomas não é tansa. Manda sempre o diabo da encomenda por correio especial, com aviso de receção para o Thomas assinar… O estafeta aparece no café, liga de lá para o Thomas e ele vem recolher a encomenda. É como um cordeiro sacrificial que sabe que está destinado ao altar.

– Mas o estafeta tem de se encontrar com ele em Crossroads. E tu sabes quando ele chega. Podes informar-me.

– O que é que tu *fazias?*

– Estou presente quando o Thomas chegar. Falo com ele sobre o assunto. Convenço-o a não a abrir. Tenho influência. Ele dá-me ouvidos.

Ela fez um trejeito.

– Cathy, nesta matéria, ninguém o consegue demover.

Delta enfiou o *Hummer* pelo portão de um condomínio fechado de montanha. *Vistas sobre a Crista Azul, Habitações de Luxo, Condomínio Privado com Campo de Golfe, Vistas das Montanhas*, dizia o elegante letreiro em madeira colocado numa base de pedras empilhadas. Quando parámos na portaria, ela virou-se para mim com ar triste:

– Querida, quando a encomenda chegar, o Thomas que conhecemos vai refugiar-se ainda mais dentro de si próprio por uns tempos. E a única coisa que podemos fazer é esperar e rezar para que ele volte salvo e mais ou menos são, como sempre.

Enquanto ela se dirigia para dentro do condomínio, com um livre-trânsito pendurado no espelho retrovisor do *Hummer*, franzi a testa e encolhi-me no banco. Antes do acidente, sempre fora capaz de controlar os homens e os seus estados de espírito. A depressão de Thomas teria sido uma brincadeira de crianças nessa altura. Agora tinha de fazer uso da razão, da personalidade e do tato.

Era um desafio, mas mesmo assim tentaria.

Estava ainda absorta nos meus pensamentos quando Delta enfiou pelo caminho de acesso de uma moradia em miniatura.

– Pronto, chegámos – disse ela contente. – Como te disse, a Toots Bailey e o marido tinham uma empresa de decoração de interiores em Atlanta e diz ela que a mobília de sala de estar que te quer vender é no estilo colonial genuíno dos anos vinte de que andas à procura. Cerejeira maciça e almofadas de couro tão fundas que o teu rabo desaparece nelas.

Mal a ouvi. Estava a olhar para um *Trans Am* clássico no caminho de acesso da casa vizinha. Preto e dourado, modelo do final da década de 1970. Com o emblema do pássaro de fogo. Igualzinho àquele em que me tinha despistado. Percorreram-me calafrios por todo o corpo e a bílis subiu-me à garganta. Delta abriu a porta do lado dela e começou a apear-se, sem se aperceber de que eu estava petrificada.

– Estás à espera de quê? – perguntou alegremente, olhando para mim. – Se ficas muito tempo parada por aqui, ainda apanhas com uma bola de golfe.

– Delta… acho… acho que não me sinto bem. Talvez seja melhor voltarmos mais tarde… Delta, ajuda-me!

A nossa vendedora de mobília, a Toots, precipitou-se pela porta de casa, a gritar e a acenar com um telefone, correndo para o *Hummer*. Quando chegou ao pé de Delta, vinha a gesticular descontroladamente.

– Lembras-te do Frank e da Olinda Hunsell? A Olinda deixou o Frank hoje de manhã! Agora o Frank está bêbado e no quintal deles de arma em punho, a ameaçar matar a cadelinha dela e os cachorros! Já liguei ao Pike, mas não sei se ele lá vai chegar a tempo!

– Raios – gritou Delta. – E logo hoje que deixei a pistola em casa. Vamos lá, Toots, a ver se consigo chamá-lo à razão. – Cathy, não saias daí e toma conta do carro, está bem? – Depois bateu com a porta e seguiu Toots pelos relvados vizinhos num trote tão rápido quanto as pernas rechonchudas lhe permitiam.

– Não posso crer – disse eu num fio de voz, passando uma mão enluvada pela testa. Olhei para o fundo da rua, na esperança aflitiva de ver o carro-patrulha de Pike a aparecer.

Um tiro sobressaltou-me ao ponto de morder a língua.

Atirei os óculos de sol para o *tablier*, desci o capuz do casaco ainda mais sobre a cara, abri a porta e apeei-me sobre pernas que pareciam de borracha. Sempre agarrada ao meu extintor de incêndio como se fosse um bebé, encaminhei-me para casa dos Hunsell, numa passada insegura.

O quintal dos Hunsell estava rodeado por uma alta vedação de madeira, mas o portão ficara aberto o suficiente para eu ver Delta, Toots e outra mulher da vizinhança ali reunidas. Avancei sorrateiramente e pus-me a observar. Toots e a amiga, com um ar aterrado, tinham-se refugiado atrás de Delta.

Delta tentava chamar Frank Hunsell à razão.

– Então, Frank, larga essa arma antes que o meu marido chegue – afirmou persuasivamente. – Não queiras ver o meu marido enfurecido.

Ouvi gemidos de cachorrinhos.

– Larga a arma, Frank – repetiu Delta. – Não te vingues nesses pobres cãezinhos. A culpa de a tua mulher se ir embora não é deles.

– É o que as cadelas nojentas merecem – gritou Frank. – Uma bala na cabeça. A minha mulher abandonou as cadelas. Já matei a cadela nojenta da mãe e agora vou matar as cadelas nojentas das filhas.

Irrompi pelo portão dentro e virei à esquerda na direção da voz enraivecida de Frank. Este era careca, gordo e tinha um ar genericamente desgrenhado. Uma delicada *Sheltie* tricolor estrebuchava no estertor da morte, numa poça de sangue, na relva castanha de festuca. As duas cachorrinhas de raça cruzada estavam encolhidas nas proximidades.

Frank acenou com a pistola.

– As cadelas nojentas têm o que merecem – repetiu e apontou a arma às cadelinahs.

Não sabendo muito bem o que fazer, como não tinha mais nada, acertei-lhe na cabeça com o extintor.

Ele dobrou os joelhos e estatelou-se de costas a gemer.

– Há cadelas nojentas que dão luta – declarei.



– Parecia uma coisa de um filme! – exclamou Delta, gesticulando e dando entusiasmadas voltas à porta do minimercado de Crossroads, na tarde gelada. Jeb, Bubba, Becka e Cleo e mais alguns membros sortidos da família estavam ali, extasiados, a sua respiração condensando-se no ar frio. Pike estava com um ar sério. Tinha acabado de chegar depois de deter Frank Hunsell e de o levar às Urgências do Hospital de Turtleville. Hunsell estava com uma ligeira concussão e tinha uma longa lista de acusações pela frente.

– E depois – continuou Delta –, eis que a Cathy irrompe pelo portão dentro com o extintor de incêndio. O Frank Hunsell incha o peito, revira o lábio e rosna: «As cadelas nojentas têm o que merecem» e vira-se para as cadelinhas trémulas e ao apontar a arma para elas… *zás!* – Imitou um extintor de incêndio a ser desferido contra uma cabeça. – A Cathy assentou-lhe com a garrafa no crânio. Foi logo ao *chão!* E ainda lhe disse: «Há cadelas nojentas que dão luta.»

Os presentes aplaudiram. Delta era uma contadora de histórias na grande tradição sulista. Graças a ela, a minha lenda seria narrada em redor de fogueiras durante gerações. Sentei-me abatida nos degraus de madeira da loja, a cabeça encapuzada apoiada sobre uma mão enluvada. Não conseguia deixar de me preocupar com Thomas. Também não me saía da cabeça a mãe morta das cadelinhas.

– A gente arranja-te comida para os teus novos bebés – disse Becka.

– Obrigada. – Levantei-me devagar, com os joelhos a tremer, e encaminhei-me para o *Hummer*. O *Banger* andava por ali, a observar, como se estivesse com ciúmes. – Não podes comer as minhas cachorrinhas – avisei-o. Ele lançou-me um olhar vidrado e pouco amistoso.

Abri a porta de trás uma nesga e espreitei. As cadelinhas olharam para mim, inseguras, com uma expressão triste nos olhos e as caudas peludas ligeiramente a abanar. O pequeno corpo inerte da mãe estava na mala do *Hummer*, embrulhado num saco do lixo limpo. Não fui capaz de a deixar onde o Frank Hunsell a tinha matado. As crias precisavam de a sentir por perto, mesmo que só em espírito.

Dois conjuntos de patas dianteiras subiram-me para os ombros. Duas línguas rosadas atacaram-me a cara. Lamberam o lado bom, lamberam as cicatrizes, lamberam o capuz do casaco. As cadelinhas não veem o «feio», veem amor. Fiz-lhes festas na cabeça e esforcei-me para não chorar.

– O Thomas está aqui – murmurou Delta atrás de mim.

Limpei apressadamente o rosto, fechando a porta do *Hummer*. Agora estava a cheirar a saliva de cão.

Tinha de arranjar maneira de lhe falar sobre a cunhada. Havia de convencê-lo a atirar o venenoso presente de aniversário dela para o balde do lixo mais próximo sem o abrir. Dei meia-volta e paralisei. Ele estava a uns passos de mim, franzindo a testa enquanto Delta lhe contava a versão abreviada do drama da tarde. Não esperava a cara macilenta dele, os olhos injetados. A barba começava a ficar outra vez desgrenhada. Os seus ombros largos haviam descaído, denotando cansaço.

Quando corri para ele, não registou nada mais afetuoso do que um aceno de cabeça fatigado. Com a maior casualidade de que fui capaz, disse:

– Tenho duas pequenas criaturas peludas no *Hummer*. Acho que o nome comum é cadelas. Falas canino ou algum dialeto relacionado com a língua canina? Dava-me jeito um intérprete. Não queres aparecer logo em minha casa para traduzir até eu aprender palavras suficientes de cão para comunicar com elas?

Nem uma sombra de divertimento.

– O que fizeste hoje é prova das tuas capacidades. Quando outras pessoas… ou animais… precisam de ti, estás presente. Basta-te reconhecer a tua própria força.

– A sério, preciso da tua ajuda e conselhos com as cadelinhas. Por favor, aparece logo à noite em minha casa. Eu ponho uma barra de proteínas no micro-ondas e preparo-te cereais estaladiços. Por favor.

– Eu sei onde queres chegar, mas preciso de resolver o meu problema sozinho.

Olhei para ele sem rodeios.

– O tanas é que sabe!

– Isto faz parte de quem eu sou. – Aproximou a cabeça da minha. A sua voz tornou-se um arranhar rouco. – Cathy, esta é a *minha* cicatriz. Entendido? Não podes repará-la.

Agarrei-lhe na frente do casaco.

– O facto de teres vindo hoje aqui ver como eu estava significa que *não* queres estar sozinho.

– Vim aqui para me encontrar com o estafeta. Ele ligou-me.

Olhei para ele, consternada. Delta, à escuta nas proximidades, acorreu de imediato.

– A tua encomenda chegou uma semana mais cedo do que nos outros anos!

– Ainda bem. Detesto esperar.

Uma carrinha com o logótipo de uma empresa de entregas entrou no parque de estacionamento do café. Thomas retirou as minhas mãos do casaco dele e foi ao encontro do condutor. Virei-me para Delta, aflita.

– Não posso deixá-lo voltar para a cabana naquele estado. Não vou ficar aqui parada a vê-lo ir-se abaixo desta maneira!

Delta agarrou-me pelo braço.

– Vou-te dizer o que lhe disse a ele sobre *ti* antes do Natal. *Não te metas*. Ele tem de resolver isto sozinho.

– Como podes dizer isso?

– Minha querida, se ele se prepara para mergulhar no charco, não és tu que o podes salvar. É ele que tem de encontrar uma saída. Não podes fazer isso por ele.

– Posso tentar.

Thomas ia agora a caminho da carrinha dele com um embrulho fino debaixo de um braço. Que teria a maquiavélica da cunhada metido este ano naquele aparente envelope inofensivo? Como podia uma coisa tão frágil ter o poder de o arrasar?

– Vai para casa, Cathy. Não te estou a dar a escolher. Estou a ordenar-te – afirmou ao aproximar-me dele.

– Como é que tens o direito de interferir na minha vida quando eu preciso de ajuda e eu não tenho o direito de interferir na tua?

– Não se trata de marcar pontos.

– Se eu tivesse um frasco de comprimidos na mão, impedias-me de os tomar. Tal como fizeste aqui há uns meses.

– Isso foi diferente. Deixa-me em paz, que diabo!

Este homem azedo e rude não era o Thomas que eu conhecia.

– Porque é que não abres essa carta agora e lês o que ela diz e depois conversamos sobre o assunto? Eu sei ouvir. – A minha voz embargou-se. Levei uma mão à orelha desfigurada, escondida debaixo do capuz. – Pode não parecer, mas *consigo* ouvir. Por favor, Thomas. Eu sei ouvir. Por favor.

– Vai para casa. Se precisares de alguma coisa, estou a falar de uma situação de emergência, liga-me. Eu dou lá um salto.

– Mesmo tão bêbado que não te tens de pé?

– Eu nunca estou tão bêbado que não me tenha de pé.

– Prometes ligar-me se te sentires… desesperado?

– Cathy, vai para casa. Deixa-me em paz.

– Eu vou à tua cabana, a qualquer hora do dia ou da noite. Basta ligares-me. Meto-me no jipe e vou lá. Juro. Ou vou a pé. Vou a pé à tua cabana, se precisares de mim.

Levantou uma mão, abriu-a e apontou para mim.

– *Eu não preciso de ti.*

Thomas deixou-me ali sozinha, especada, meteu-se na carrinha e arrancou.

Capítulo 21

Thomas

A Carta de Sherryl à Irmã

Bom dia, mana,

Em termos dos assuntos legais, está tudo em ordem. Vou pedir a custódia plena do Ethan quando disser ao Thomas que quero o divórcio e, se o Thomas contestar a questão da custódia (e tenho a certeza que contesta porque é um pai dedicado e adora o Ethan), recuo e proponho partilha do poder paternal como moeda de troca. O Thomas sente uma profunda necessidade de salvar e restaurar tesouros abandonados e a minha abordagem à questão da custódia há de dar-lhe satisfação. Na sua maneira de ver, terá salvado a partilha do poder paternal do nosso filho das ruínas do nosso casamento.

Eu sei que és de opinião que eu devia interromper a gravidez mas não me sinto à vontade com essa opção. Contudo, vou seguir o teu conselho e falar dela ao Thomas só depois de pedir o divórcio e a custódia do Ethan. Quero estar instalada em Londres antes de lhe transmitir que vai ser pai divorciado do Ethan e agora de um segundo filho.

Chama-me sentimental ou cobarde, mas não quero desferir-lhe esse golpe na cara. Noutro tempo, quando sonhávamos em dar ao Ethan um irmão ou uma irmã, a ideia encantava o Thomas. Ele vai ficar com certeza desanimado com a notícia de que o nosso segundo filho não será criado pelos dois dentro do casamento. Claro que não há nenhuma razão para ele não poder visitar o Ethan e o novo bebé em Londres, desde que tenhamos ambos um comportamento civilizado, em geral, e a respeito do Gibson, em particular.

Há muito que o Thomas desconfia que o Gibson é mais do que um amigo para mim e, por isso, a notícia não há de constituir um choque. Mas, como é natural, não quero que a minha relação com o Gibson complique o divórcio e, como tal, ele terá de se manter na sombra por uns tempos.

Mana, eu sei que pensas que me preocupo de mais com os sentimentos do Thomas e que sempre acreditaste que, no fundo, ele nunca quis mais nada senão o meu dinheiro e que, se a necessidade surgisse, seria possível comprá-lo. Mas não. Como já disse muitas vezes, as convicções dele são sinceras, tem bom coração e é uma pessoa corajosa, verdadeira e idealista, e eu gostava sinceramente de ser o tipo de mulher capaz de renunciar à vista de Central Park para ir viver em velhos edifícios delapidados ao lado dele.

Houve uma altura em que eu pensava que casar com um homem idealista e sem dinheiro era um sinal de maturidade espiritual. Infelizmente, veio a revelar-se que gosto, na verdade, da liberdade que só o vil metal pode proporcionar e, nesse sentido, são horas de seguir o meu caminho. Todas as pessoas merecem um «ensaio para o casamento», certo?

Quando chegar a casa esta tarde, mando-te outro e-mail. Vou encontrar-me com o Gibson para almoçar no Windows on the World. O Thomas pensa que eu tenho uma reunião da parte da manhã com um grupo de coordenadores de eventos para planear a tua festa de aniversário. Não me agrada nada mostrar-me a tudo e todos no World Trade Center, mas estou a seguir o teu conselho de que «a visibilidade é a melhor defesa». Além disso, o Gibson adora a vista da Torre Norte. Obrigada pela sugestão.

Beijinhos da Sherryl.

Foi tudo quanto Ravel enviou no envelope. Não se dignou incluir qualquer mensagem, apenas a brutalmente simples impressão do *e-mail* de Sherryl, enviado por volta das sete da manhã, no dia 11 de Setembro, enquanto eu tomava um duche e ela estava ao computador. Lembrava-me de ela ter passado para o protetor de ecrã quando entrei no nosso quarto de roupão, a enxugar o cabelo com uma toalha. Como, por essa altura, poucas confidências fazíamos um ao outro

sobre as nossas vidas pessoais, aquele gesto furtivo só me fez ir mais depressa para a cozinha para tomar o meu primeiro café.

Devia ter percebido. Devia ter *percebido* que ela estava apaixonada por outro homem. Há meses que não nos tocávamos. E, pelos vistos, a última vez em que tínhamos ido para a cama tinha sido imoderada e descuidada. Mas nunca imaginei que ela pudesse estar grávida.

Agora sabia. No 11 de Setembro, tinha perdido dois filhos e não um. E havia perdido a minha mulher para outro homem, alguém que me recordava vagamente de ter encontrado em festas, alguém do curso dela de direito em Harvard. Teriam andado juntos antes de nos conhecermos? Depois de nos conhecermos? Durante todo o nosso casamento? Para mim, a única coisa importante era isto: iam os dois levar o Ethan e o novo bebé para Londres. O meu filho e o meu segundo filho ou primeira filha teriam sido criados do outro lado de um oceano e Sherryl teria lutado contra mim pela custódia exclusiva, usando o dinheiro e influência da família, animada pelo encorajamento insensível da irmã.

Eu teria perdido a batalha legal. Teria perdido os meus filhos. Os meus filhos teriam sido criados por outro homem. Ethan ter-me-ia esquecido aos poucos, não o meu nome ou grau de parentesco, mas a minha importância. Eu teria sido o pai que o visitava e não o pai que o levava à escola ou se sentava nas bancadas em jogos ou o ensinava a andar de bicicleta. E o bebé, o bebé nem sequer teria conhecido. Não teria a mais vaga recordação de mim em casa. Eu não teria sido mais importante do que um amigo da família.

Ia fazendo incursões por esses negros pensamentos enquanto bebia e lia o *e-mail* de Sherryl, bebia e relia… um gole, uma leitura… bebia, lia e repetia a dose. Aturdido, dei por mim fora da cabana, sob a fria luz azul que antecede o pôr do sol. Um fragmento de nuvem vermelho-sangue agarrava-se a Hog Back como se a montanha estivesse a ser esventrada a partir da espinha. O pensamento profundamente alojado nos recessos escuros do meu espírito elevou-se como o fumo fétido de um cadáver em combustão.

Os meus filhos ter-me-iam esquecido. Ainda bem que os meus filhos morreram.

– Credo, que estou eu a pensar? – murmurei em surdina.

És um falhado. Devias ter sido tu a morrer e não eles, sussurrou a *vodka*. Voltei trôpego para dentro de casa para fazer as malas. Partiria de manhã quando estivesse sóbrio. Uma fuga limpinha, sem contratempos nem interferências. Quando Cathy, John, Delta, Pike, Jeb ou *Santa* – as pessoas que pensavam que me conheciam, que pensavam que eu merecia que se preocupassem comigo – aparecessem à minha procura, já eu estaria a meio caminho de um lugar qualquer. Do México, talvez. De um país estrangeiro. De um sítio com desertos e planaltos escarpados e espaços demasiado grandes para significarem alguma coisa. Um lugar vasto e vazio, onde fosse difícil procurar.

Não queria que ninguém que sentisse afeição por mim, encontrasse o meu corpo.

Cathy

Embora me afligisse com o estado de espírito de Thomas nessa noite, não podia ignorar as minhas novas responsabilidades. Tinha um cão para enterrar antes de anoitecer. Nunca até hoje usara uma pá e, como tal, nunca abrira uma cova, nem precisara de abri-la. Uma verdadeira mulher é capaz de enterrar os mortos com as próprias mãos, se necessário.

– Ela vai sentir-se feliz aqui – assegurei às minhas cadelinhas, como se tivesse legitimidade para fazer promessas pelos mortos, como se elas me compreendessem.

Ajoelhei-me ao lado da triste e pequenina forma do corpo da mãe delas, ainda embrulhado num saco do lixo preto. As cadelinhas colocaram-se ao meu lado. Pousei uma mão em cada um dos seus delicados corpos. Vieram-me as lágrimas aos olhos e doía-me a garganta. Sentia-me profundamente preocupada com Thomas. Corriam-me lágrimas pelas faces. Peguei nas cadelinhas ao colo. Esfreguei o nariz no focinho das cachorrinhas.

– Adeus, cadelinha bonita – sussurrei, espalhando a primeira mão-cheia de terra. Levantei-me, tiritando na temperatura que arrefecia de uma noite de janeiro. Cobri a cova com o resto da terra, calquei-a com os pés, arranjei algumas pedras para amontoar sobre ela e recuei. As cadelinhas apoiaram-se contra as minhas pernas.

– Vamos ter de pensar em nomes para vocês, meninas. – Pus a pá ao ombro e olhei para a campa mais uma vez. As cadelinhas deram a volta às pedras, farejando-as e tocando-as, curiosas, com as patas. – Vamos para casa. – Elas abanaram a cauda. Era bom sinal. Éramos uma família.

Vigiando as sombras e avançando cautelosamente pela floresta, regressámos a casa. A minha cabeça estava cheia de pensamentos sobre Thomas e a morte.

Thomas

O álcool, como a maioria das substâncias psicotrópicas, incluindo a comida e o sexo, é uma tentação a muitos níveis, um génio sedutor preso na garrafa do nosso senso comum. Se deixarmos o génio sair com prudência, se o convencermos a conceder-nos desejos mais benévolos, não teremos problemas. Mas, se lhe virarmos as costas, se o soltarmos da trela, o génio arrasta-nos para dentro da garrafa e amarra-nos ao fundo. E aí, meu amigo, encontrarás um inferno criado por ti.

Eu orgulhava-me de controlar o génio da *vodka*. Sabia como neutralizá-lo durante horas a fio, nunca deixando o seu efeito ultrapassar o estádio de «torpor» e mantendo-o imediatamente acima da «dor». Mesmo nessa noite, após a minha decisão de deixar Crossroads e morrer, mantive o génio preso. Preparei o meu grande saco de lona com o essencial, parando para beber e reler, mais ou menos de hora em hora, o *e-mail* de Sherryl para Ravel. Acendi a lareira, pois a noite estava a arrefecer, abri a cama e comi carne enlatada com bolachas de água e sal. Estava calmo, determinado, entorpecido. Não queria pensar na carta – nos intervalos entre as leituras – e não queria pensar no desejo de morte que tinha lançado sobre Ethan e o irmão ou irmã por nascer – e não queria pensar em Cathy.

Se saísse agora da sua vida, ela poderia dizer às pessoas que eu não passava de alguém de quem ela tinha precisado num período de transição, enquanto recompunha a sua vida, e não alguém que se arrependia de ter sequer conhecido. E Delta. Delta nunca me perdoaria, mas sabia relativizar as mágoas e ficaria bem.

O meu irmão. John. Ele também nunca me perdoaria, mas John já estava à espera disto há muito tempo. Não seria surpresa para ele. Deixaria o *e-mail*. John lê-lo-ia e compreenderia. Recompor-se-ia da minha morte. Tinha uma mulher que o amava e filhos para quem viver. Era um homem de família. Eu, claramente, não era.

Pus o saco no banco da carrinha. Pousei a pistola em cima dele. Um bacamarte de um revólver, calibre .*38*, inglês, a arma de mão estandardizada dos ingleses durante a Segunda Guerra Mundial. Tinha-a comprado a um velho homem de negócios japonês em Nova Iorque anos antes. A arma passara por muitos e honrosos episódios de guerra para ficar chocada com o meu desespero em tempo de paz. Esta arma considerava-me um mero acessório no seu legado. Ainda bem. Voltei para casa, sem casaco, mas a temperatura abaixo de zero não me fazia tiritar. Erguia-se uma lua branca e nítida sobre Hog Back, que banhava os prados altos de uma luz prateada.

Cathy
Meia-noite

Não conseguia dormir. Deambulava pela casa entre um aquecedor elétrico e outro, ainda vestida com *jeans* e uma camisola grossa e envolta num dos edredões da minha avó. Andava com o telemóvel para o caso de Thomas ligar. Não ligou. Apenas a lua branca e distinta alegrava a escuridão do lado de fora das janelas.

Parada na minha sala de estar vazia, entre os caixotes, a cama de campanha e as cortinas improvisadas, sentia o eco dos meus pensamentos ressaltar das tábuas de castanheiro lisas e despidas das paredes. *Esta casa precisa de mobília. Agora tenho cadelinhas. Elas precisam de*

um sofá para roer. Vou comprar a mobília da Toots. Vou pedir ao Thomas que vá vê-la comigo. A ver se ele acha que se enquadra com o ambiente desta casa.

Aconcheguei mais o edredão aos ombros. Mesmo com os radiadores a casa era fria. Chá. Faria uma chávena de *Earl Grey* bem quente no micro-ondas com o mel de azedas que Macy me tinha dado, feito por abelhas lésbicas. Havia de me acalmar. Na cozinha, franzindo os olhos no charco sombrio de luz de um pequeno candeeiro sobre o balcão, arrastei os pés só de meias sobre as constelações de tijoleira vermelha, tirei uma caneca simples de louça de um armário e abri a torneira primitiva do meu lava-loiça. Recolhi a água gelada na caneca. Deitei uma saqueta de chá na água e agitei-a distraída. Absorta em pensamentos, olhei pela janela sem cortinas por cima do lava-loiça.

Gostava de saber se a Ivy e a Cora ainda estarão a desfrutar os presentes de Natal? Devia ligar ao Thomas a perguntar se as viu recentemente. Só é meia-noite. Devia ligar-lhe.

De repente, vi-o na janela. O seu reflexo, sobre o meu. Não a sua cara. A mão. Compreendi simplesmente que era a mão *dele*. E a mão dele estava… morta. Estava aberta na vidraça, com a palma para cima, manchada de vermelho.

Manchada de sangue. O sangue dele.

Deixei cair a caneca que se despedaçou em pequenos cacos no duro céu de constelações. A água fria, colorida de chá, respingou-me para as meias.

Não me dei ao trabalho de as trocar. Enfiei os pés num par de mocassins e vasculhei na carteira à procura das chaves do jipe.

– Durmam bem. Eu não demoro nada – disse às cadelas. Eu, que não conduzia um veículo mais complicado do que um trator agrícola há dez longos meses, eu, que tinha ataques de pânico só de me sentar no banco do passageiro do meu próprio veículo, saí para a noite enluarada, entrei para o carro e liguei o motor.

E, a tiritar, dirigi-me para a cabana de Thomas.

A rezar para que não fosse tarde de mais.

Thomas

O ronco de um motor acordou-me de um sono aturdido ao pé da lareira. Levantei-me a cambalear da cadeira que Cathy tinha transferido para junto da fornalha, derrubei a garrafa meia vazia aos meus pés e pus a carta manchada a salvo de uma brasa na base de pedra da

lareira. Quando olhei pela janela, vi Cathy, de lanterna na mão, a encaminhar-se para a minha carrinha ao luar. Eu tinha deixado a porta do condutor aberta. Ela espreitou lá para dentro, inclinou-se, e logo percebi o que estava a ver: o revólver, a minha carteira, as minhas chaves e um maço de notas em cima do saco de lona.

O meu plano não podia ser mais óbvio.

Uma raiva surda avolumou-se no meu espírito desesperado. Tinha-lhe dito que não viesse aqui. Abri a porta da cabana com violência e saí para a noite fria. Ela sobressaltou-se, olhou alucinadamente para mim, deixou cair a lanterna e depois virou-se de novo para o interior da cabina da carrinha. Quando me encarou, tinha o revólver nas palmas das duas mãos estendidas como se tivesse medo que explodisse. Mas logo abriu o tambor com surpreendente perícia e começou a sacudir metodicamente as balas. Cheguei ao pé dela quando a última caiu ao chão. Com um movimento relâmpago, tirei-lhe o revólver descarregado das mãos.

– Dá cá isso – ordenou. – Raios, dá-me essa arma!

– Não posso. – Estávamos recortados contra a escuridão; ouvi o grito de fúria rouco que ela emitiu antes de ver o movimento da sua mão. Fechando a mão direita desfigurada num punho, puxou-a atrás.

E assentou-me um murro na boca.

Praticamente não doeu embora tivesse a vaga impressão de sangue nos lábios. Estava demasiado entorpecido e bêbado para me importar apesar de ela me ter batido com força suficiente para eu dar um passo atrás. Ela estendeu a mão para pegar na arma mas eu levantei-a, pondo-a fora do seu alcance e detendo-a com uma mão no ombro. Não a deixei aproximar-se. Cathy emitiu outro som, profundo, feminino e enfurecido. Libertando-se de mim, atirou-me o braço para o lado e escapou.

– Como foste capaz? – gritou-me. – Como podes ter pensado em partir às escondidas para dar um tiro nos miolos? Era esse o plano? Preocupas-te tão pouco contigo, comigo, com todas as pessoas que precisam de ti, que é esta a saída que encontras? – Estendeu as mãos para mim e soltou uma gargalhada feroz e estalada. – Pensaste que eu não aguentava se te encontrasse aqui com os miolos espalhados nas armações das videiras? E como tal tencionavas escapulir-te para outro sítio, um sítio seguro entre estranhos? Como te atreves? – Caiu de joelhos, vasculhou no solo e levantou-se de um salto com qualquer coisa na mão. – Toma, força, deixa-me ver, agora que sei com que devo contar! – Senti o contacto de um objeto leve e duro no braço. Balas. Ela atirou outra. A ponta acertou-me na maçã do rosto. – Como podes fazer uma coisa destas a ti próprio?

Eu não me tinha encolhido, não me tinha mexido.

– Vai para casa – ordenei em voz baixa.

Não conseguia pensar; estava dominado pelo álcool e pela depressão e não me restavam palavras eloquentes. Amava-a, não queria que ela soubesse que tinha desejado a morte dos meus próprios filhos.

Cathy soltou um gemido, um som soluçante e febril, e sacudiu os punhos na minha direção.

– Podes arrastar-me para a tua carrinha e levar-me a casa ou podes matar-me. Só saio daqui de uma ou da outra maneira. Dá-me a arma.

– Lembras-te do que me disseste na Sentina naquele dia? «Nunca te pedi para te preocupares comigo.»

– Fui estúpida. Nenhum de nós pode decidir quem se preocupa connosco e quem não se preocupa! A única razão por que estou viva hoje é porque tu e a Delta decidiram preocupar-se comigo. Agora preocupo-me eu *contigo* e não há nada que possas fazer contra isso. Não podes fazer de conta que as tuas opções não fazem mal aos outros quando fazes mal a ti próprio!

– Eu vivo com as minhas opções todos os dias. Sei muito bem a quem fiz mal.

– Sabes? Não. Não sabes nada de nada sobre as tuas opções! Estás a deixar que o álcool e a depressão e a cabra demente e manipuladora da tua cunhada tomem todas as decisões *por* ti! Deixas-te controlar por *eles*. E se me desses antes a *mim* o privilégio de controlar a tua vida?

Deixei a arma cair ao chão.

– Vou-te levar a casa. Para com as perguntas.

– Estás demasiado bêbado para me apanhares e, se apanhares, não consegues meter-me na carrinha sem me magoar e sem eu te magoar a ti. Eu conheço-te, Thomas. Não és capaz de me fazer mal. Não está na tua natureza. E não me consegues apanhar, podes crer. – Deu meia-volta e correu durante uma dezena de metros, estacando no cimo de um pequeno monte, recortada contra o luar branco e o céu estrelado.

Subi lentamente o monte na direção dela. Ela cerrou as mãos e firmou as pernas abertas no solo.

– Pensei que podia confiar em ti – gritou numa voz rouca. – Não eras um fotógrafo a tentar tramar-me, não eras o Gerald a tentar ganhar dinheiro à minha custa, não eras nenhum desses homens que só me desejavam pelo meu corpo, não eras o mundo. Pensei que estarias sempre presente para me apoiar. Não me digas que me enganei!

Parei, erguendo os olhos para ela.

– Não posso ser o que queres que eu seja. Não me conheces.

– Já és o que eu quero que sejas. E conheço-te melhor do que alguma vez conheci qualquer homem em toda a minha vida! – Desferiu socos para o ar. – Porque é que não admites que não me queres? Que a ideia de… de ir para a cama comigo te *repugna?* A bondade, os galanteios e a amizade não passaram de um jogo doentio para ti, não foi? No fundo, não me queres tocar. Não me queres ver nua. Admite! – Desferiu-me um soco seco. – Preferes matar-te a tocar-me.

– Isto é de loucos.

– É? – Levantou a voz. – É? – Desembaraçou-se do casaco, atirou-o para o lado e agarrou na bainha da camisola, tirando-a pela cabeça. A respiração saía-lhe em baforadas furiosas que se condensavam sob o luar. Arremessou a camisola na minha direção. – Toca-me então! Se te vais matar daqui a pouco, não tens de aguentar a recordação da minha fealdade nua por muito tempo… anda lá, não hesites!

– Aviso-te pela última vez, Cathy. Vai para casa.

– Mentiroso. Nunca me *desejaste*. Só foste movido pela bondade. Pela compaixão. Na esperança de me convencer a vender-te a quinta. Eu, a grotesca, a patética, a solitária Cathy Deen. Foi isso?

– Sabes muito bem que não.

– Só sei que preferes morrer a estar comigo. – Desapertou os *jeans*, puxou-os para baixo, sacudiu os sapatos e depois os *jeans* e ficou ali de *soutien* e cuecas. Não lhe conseguia ver as cicatrizes do lado direito do corpo, só via a sua incrível silhueta contra o céu e o luar. Nada podia levar-me a desejá-la menos. Nada podia impedir-me de a desejar, sempre. – Tenho razão – afirmou através dos dentes cerrados. – Tenho razão. Nem sequer tentas tocar-me. – Desembaraçou-se das cuecas, pontapeou-as para o lado, desapertou o *soutien* e atirou-o para o chão. – Não posso humilhar-me mais, Thomas. Só te estou a pedir que tenhas a coragem de admitir que sou feia. Admite que não és capaz de me tocar.

Eu sabia o que ela me estava a fazer, sabia que estava a *manipular-me*, mas não havia retorno. Estava petrificado, a minha vida girando em torno deste único momento no tempo, tudo dependendo de quem ela exigisse que eu fosse para ela, agora e para o resto da minha vida. Soluçando, virou-se outra vez para mim. Enterrou a cara nas mãos. Os seus ombros tremiam. Não estava a representar, sentia-se sinceramente infeliz. Era a essência da solidão e do desespero. O meu espelho. A minha vida.

Corri para ela. Corri. Envolvi-a nos braços por trás e puxei-a para mim, apertando-a e passando as mãos sobre ela, do queixo às coxas e de novo ao queixo, em movimentos brutos e urgentes. Cathy, ofegante, agarrou-me nos braços.

– Aí, não, desse lado, não – pediu-me, tentando virar a face.

Enterrei uma mão no cabelo espesso e escuro que lhe caía sobre a têmpora, imobilizando-a, e beijei a pele desfigurada do seu pescoço e do seu rosto. Ela podia manipular-me, mas eu também era capaz de manipulá-la.

Quando a arrastei para a cabana, gritou. Lá dentro, caímos no soalho de madeira dura, eu de costas, ela encavalitada em mim, amortecida pelo meu corpo e com os joelhos cravados no algodão grosso e entrançado de um tapete que Delta me tinha oferecido. Os seus gestos eram tão brutais como os meus enquanto nos debatíamos para desapertar os meus *jeans* e puxá-los para baixo. Gemi quando ela enfiou o meu pénis dentro dela. O facto de ainda não estar excitada o suficiente era-lhe indiferente e, nesse momento, a única coisa que era importante para mim era estar vivo, era ela estar viva e estarmos juntos. Com um impulso, fui ao seu encontro, com as mãos nos seios dela, e ela montada em mim com a cabeça inclinada, escondendo o lado desfigurado do rosto contra o meu cabelo. Enterrei-lhe os dedos nas ancas e vim-me instantânea e convulsivamente, como se nunca até então tivesse atingido um orgasmo. *Quero viver*.

Ela prendeu-me a cabeça de ambos os lados com as mãos enfiadas no meu cabelo e, baixando a testa sobre a minha, chorou de alívio.

Cingindo-a num apertado abraço contra o corpo e protegendo-a do frio, chorei com ela.

Capítulo 22

Cathy

A Caminho da Alvorada

Nessa noite, eu e o Thomas estávamos alucinados. Demasiadas emoções, demasiado para dizer um ao outro e, por isso, não complicámos. Tudo se desenrolou ao sabor do sexo: sexo para esquecer e perdoar, sexo para curar, sexo para unir. Eu queria saber o que a carta dizia, mas isso teria de esperar.

Um relógio antigo na prateleira do fogão de sala bateu três badaladas. A cabana estava completamente às escuras. O lume que ele tinha acendido antes de eu chegar já se havia apagado há muito e eu, claro, preferia tremer de frio do que acender outro. Estávamos estendidos no chão ao pé da fornalha numa rodilha de edredões e almofadas, nus, transpirados, exaustos nos braços um do outro, tiritando sempre que o ar frio nos incidia na pele nua. O cabelo dele caía-lhe sobre os ombros em madeixas desgrenhadas.

Thomas adorava todos os recantos do corpo de uma mulher, físicos e espirituais. Nenhum de nós sabia muito bem por onde avançar, o que dizer e como dizê-lo, e por isso fomo-nos movendo, agarrando, lambendo e batendo um contra o outro até eu me sentir toda pisada e ele ficar com o lábio inferior ensanguentado, inchado e sensível. O nosso estado de espírito era de urgência e não de ternura. E, apesar disso, havia meiguice.

Procurei a garrafa de *vodka* caída na lareira que tinha álcool suficiente para encher a boca e, retendo aquele fluido morno na língua, empurrei-o para baixo, baixei a cabeça sobre o seu pénis e lavei-o com uma chupadela rápida e eficaz. Ele endureceu instantaneamente. Gemeu e prendeu-me a cabeça nas mãos, entrelaçando os dedos no meu cabelo. Mas em seguida afastou-me, puxou-me a cabeça para cima e beijou-me. Senti-o na língua e nos lábios, o seu sémen, o sangue do seu lábio. Limpou-me os lábios com a língua.

– Já que estamos num momento de verdade – instigou-me –, vais acender a lareira.

Fiquei imóvel. Ele saiu dos edredões e o seu corpo nu e quente transformou-se numa sombra

na escuridão. O meu coração batia acelerado com as pancadas e o restolhar melódicos da madeira a ser disposta na fornalha de ferro do outro lado de uma tira estreita de pedras planas a poucos passos de mim. A bílis subiu-me à garganta e um terror viscoso e claustrofóbico zunia-me no cérebro. Envolvendo-me num edredão, comecei a recuar, parando apenas quando embati contra os postes de madeira da cama estreita.

Ele fechou uma mão sobre o meu ombro.

– Vais ver que és capaz.

– Não – respondi, numa voz estridente, horrorizada. – Ainda não.

– Cathy. – A sua voz desencarnada era profunda e calma, mas inflexível. – Atiraste-me balas e deste-me um soco na boca. Quando te trouxe para aqui, estavas mais preocupada em salvar-me do que com as brasas mortiças na lareira. És capaz de acender o lume.

Avancei trémula até sentir a pedra tosca da fornalha debaixo dos joelhos. Ele baixou a mão, abriu o meu edredão e passou o dedo indicador à volta de um dos meus mamilos. Depois, baixando a cabeça para o meu seio, chupou o mamilo docemente. O efeito não era muito sedutor mas, por certo, eficaz. Thomas contra as chamas. Thomas ganhou. Recostou-se e pôs-se a arranjar a lenha empilhada na lareira, colocando acendalhas por baixo, enquanto eu o observava ansiosa.

Quando acabou, pegou-me na mão direita, as pontas dos seus dedos movendo-se com cuidado sobre o sensível tecido cicatrizado. Dobrei o braço contra o corpo, sentindo ao mesmo tempo as coxas húmidas de desejo. Ele libertou-me o braço e esticou-o. Tremia-me a mão. Thomas enfiou um obelisco de metal liso nos meus dedos enrolados.

– Pertencia ao meu velhote. Ele acendia três maços por dia com ele. Foi por isso que morreu de enfisema no ano em que me casei com a Sherryl. Guardo-o porque lhe perdoo o facto de lhe ter destruído a vida, embora não queira ser como ele. Acende-o e prova-me que me desejas mais do que desejas ter medo do fogo.

Passei o polegar pela minúscula roldana rugosa. Deflagrou uma chama azul-alaranjada. Sobressaltei-me, sacudindo a mão, a chama apagou-se e Thomas apanhou o isqueiro quando o deixei cair.

– Tenta outra vez – insistiu.

– Não consigo.

– Consegues, sim.

Voltou a meter-me o isqueiro na mão. Acendi-o. Mais uma vez a terrível chamazinha deflagrou. Fiquei a olhar para ela. Atrás dela, na sua luz débil e tremeluzente, vi o rosto tenso

de Thomas, o lábio ferido, os belos olhos cansados, ansiosos por pôr as minhas aflições à frente das suas.

– Ajuda-me – supliquei, estendendo rigidamente o isqueiro.

Ele guiou a minha mão para uma frágil pilha de acendalhas e jornais amarrotados por baixo dos toros. Cheguei a mortal chamazinha ao papel e retraí as extremidades de todos os meus nervos quando a borda do papel pegou fogo e escureceu. As acendalhas começaram a arder. O lume estava ateado.

– Pronto – disse eu, numa voz rouca, apagando o isqueiro. – Agora faz com que tenha valido a pena.

Thomas puxou-me para ele e beijou-me no alto da cabeça. Enterrei o lado bom da cara na curva do seu pescoço. A tremer, agarrei-me a ele e observei o lume a elevar-se numa alegre e crepitante pirâmide de chamas aromáticas laranja e vermelhas, à distância de um braço. Odiei-o.

Thomas estendeu-me no chão e pôs-se em cima de mim. Enrolei as pernas à sua volta e ele penetrou-me. Sob o ímpeto profundo, a sensação de plenitude irradiava de dentro para fora, reconfortando os músculos, a pele e a memória. A tragédia e o medo insinuam-se nas nossas células como um veneno, não são apenas pensamentos intangíveis, alteram o nosso ADN. A confiança e o desejo têm de ser reaprendidos a partir da essência. Passei os braços à volta do pescoço dele. Na luz suave e aterradora do lume, olhei para o seu rosto, esse rosto poderoso, triste e irresistível, descomposto pela barba desalinhada, o cabelo desgrenhado e as feridas que eu lhe tinha infligido.

E só pensava nele.

Thomas

Cathy teve um orgasmo da última vez. Não tive a certeza das outras vezes, nessa noite, quando ela estava determinada em salvar a minha alma ou a fixar, aflita, o lume ou as duas coisas, mas da última vez não tive dúvidas. A profunda inspiração, o arquear eletrizado das costas, a incrível contração numa carícia à volta do meu pénis. E, em seguida, relaxou debaixo de mim, expondo languidamente o lado queimado da cara. Foi o que me deu a certeza de que ela tinha atingido o orgasmo: esqueceu-se da pose.

Foi um momento que nos encheu de orgulho.

Na hora final e mais profunda da noite, reacendi a lareira e sentámo-nos, aturdidos, no

remoinho dos edredões. Ela estava sentada atrás de mim, envolvida apenas num cobertor que formava uma tenda à nossa volta, num velho banco de ordenha que eu tinha comprado numa feira de velharias. Prendendo-me os braços com os joelhos, baixava-se de vez em quando sobre a minha cabeça e eu sentia o contacto duro de um mamilo a acariciar-me um ombro. A minha tesoura de poda não era feita para cortar cabelo. Ela precisava de se concentrar.

Clique. Era o som que as lâminas grossas produziam a cada tesourada no meu cabelo comprido na nuca. Metodicamente, pegava em cada tufo tosquiado, passava-mo por cima do ombro e eu pousava-o na fornalha. Atirei o primeiro que ela me passou para as chamas; o cheiro a cabelo queimado encheu o ar e as mãos dela começaram a tremer de tal maneira que largou a tesoura no chão. Não disse uma palavra, mas compreendi por que razão o cheiro lhe trazia recordações. Passei a pousar o cabelo nas pedras.

– Pronto – disse ela, entregando-me o último tufo. Passou os dedos pelos cabelos abandonados. Saboreei as leves carícias no couro cabeludo, no cimo das orelhas, nas têmporas. O contacto dos seus dedos insinuava-se-me no cérebro, como uma doce terapia. Levantou-se, segurando o cobertor à sua volta, como que subitamente envergonhada, colocou-se à minha frente e sentou-se de pernas cruzadas com os joelhos encostados aos meus. Estudou com solenidade o meu novo visual. – És o homem mais atraente que já vi – observou –, com um lábio rebentado, uma face pisada, uma barba desgrenhada e um corte de cabelo infernal.

Assenti.

– É um começo.

– É? Não achas que é altura de me contares o que diz essa carta de Nova Iorque?

Estendi-lha sem uma palavra. Cathy pegou na carta com ambas as mãos e inclinou a cabeça sobre as palavras na luz fraca. Fixei o crepitar das chamas na lareira.

– Oh, meu Deus – sussurrou de início, acrescentando: – Sinto muito que tenhas sido o último a saber. – Mas, por fim, depois de ler um pouco mais, recuou e ficou a olhar para o papel sem a mais leve compaixão. – A Ravel é uma mulher triste e doentia. Agora compreendo porquê.

– Porquê? – perguntei.

– A tua cunhada culpa-se pelo que aconteceu. Não admira que tenha passado os últimos quatro anos a descarregar a culpa em ti. A vida dela deve ser um inferno.

Franzi a testa.

– Que é que estás a dizer?

– Foi ela que sugeriu o restaurante no World Trade Center nesse dia. A tua mulher foi encontrar-se lá com o amante, por recomendação da irmã, por ser um sítio onde ninguém podia

desconfiar que era um encontro romântico e secreto. – Cathy deu uma pontada vigorosa com o dedo no papel.– Não leste essa parte?

– Que parte?

– *Thomas* – disse ela num tom áspero de crítica. – Aceitas a tua culpa há tanto tempo que já não consegues distinguir a verdade, não é assim?

– Compreendi que a minha mulher tencionava separar-me dos meus filhos. Quando me apercebi do que ela estava a dizer… que os meus filhos haveriam de crescer sem mim, que outro homem estaria no meu lugar… quando assimilei esse facto, só fui capaz de pensar numa coisa: *Se eu não podia tê-los, mais ninguém podia.* Estás a entender, Cathy? Percebes o que estou a dizer? *Senti satisfação por os meus filhos terem morrido*.

Pronto. Tinha exposto a minha verdadeira personalidade em toda a sua nudez. Com uma expressão imperturbável, Cathy olhou-me nos olhos. Escrutinou o meu rosto, penetrando no meu pensamento mais íntimo, no âmago de mim. O que quer que estivesse a procurar, encontrou. Exalou e relaxou. Um novo sopro transmitiu-se dos pulmões dela aos meus. Senti o coração abrandar. *Ela parece aliviada*.

– Não quero soar petulante – disse suavemente –, mas… *Thomas*. Um pensamento é apenas um pensamento. Não é um desejo. Não é um plano. Não é uma esperança. Não é a realidade. Tu não querias a morte dos teus filhos.

– Queria, sim. Queria vingança, mesmo que as vítimas fossem eles. Não fui melhor que os homens que destruíram as torres. Os homens que mataram três mil pessoas, incluindo a Sherryl, o Ethan e o nosso bebé por nascer.

– Oh, Thomas, *não*. Se pudesses trazer o Ethan de volta, se pudesses abraçá-lo, se pudesses abraçar o teu outro filho, não era o que fazias?

– Claro que sim.

– Estás a ver? Anulaste o outro pensamento. Nenhum pensamento pode ser levado a sério no calor do momento. Sobretudo quando é provocado pelo álcool ou por drogas ou pela depressão. Thomas, se os pensamentos fossem o destino, se todos os pensamentos fossem sérios, a esta hora eu estava na prisão.

– Não é momento para brincar, nem para me fazer sentir melhor.

– Eu não estou a brincar. Planeei matar o Gerald.

– Ora.

– Juro. Planeei aliciá-lo a visitar-me, com uma faca da cozinha escondida no roupão e, quando

ele se aproximasse, esfaqueava-o. Preparei as coisas. Convidei-o a ir a minha casa. Ele pensou que eu queria discutir o meu contrato publicitário para a *Flawless*. Pensou que eu estava desejosa de perdoar e esquecer, de ajudá-lo a vender os seus produtos. Pensou que eu ia trabalhar para ele fora de cena, claro, onde não causasse repugnância a ninguém.

Estudei os seus olhos como ela tinha estudado os meus. Sim, ela era capaz de ter o matado naquele dia.

– Que é que te impediu?

– Uma das tuas cartas. Não interessa qual, nem qual era o assunto, era simplesmente uma das tuas cartas normais, uma das que eu adorava ler sobre a casa da minha avó. Chegou com uma caixa dos biscoitos da Delta. – As lágrimas brilhavam-lhe nos olhos. – Comi biscoitos e li a tua carta uma hora antes da chegada do Gerald. Nesse dia, fazia mesmo tenções de matá-lo. Estava sob o efeito de tranquilizantes e tinha bebido uma garrafa de vinho quase toda, mas ali deitada na cama a ler a tua carta, assaltou-me um pensamento claro: «Se for presa por homicídio, talvez o Thomas nunca mais me escreva.» – Soltou uma casquinada trémula e limpou os olhos. – Podes não saber, mas nesse dia salvaste a vida do Gerald. E poupaste-me a uma vida atrás das grades.

Fiquei a olhá-la, a absorvê-la, a registar o estranho conforto que ela oferecia num labirinto de ideias contraditórias. De todas as vezes que lhe havia escrito, tinha pensado que queria ajudá-la a recuperar o gosto pela vida. Queria que todas as pessoas que amava vivessem. Não queria a morte dos meus filhos. Não era um pensamento sério. Não queria a morte de Sherryl, nem a de Gibson, o namorado dela.

Durante todo este tempo, a única morte que desejara era a minha. Por vezes, a vida resume-se a perceções muito simples. Inclinei a cabeça ao lado da cabeça de Cathy.

– Queria que os meus filhos estivessem vivos – murmurei, absolvido. – Queria que a Sherryl estivesse viva.

Cathy produziu um som reconfortante e pôs os braços à minha volta.

– Eu sei.

Recostei-me e peguei na carta. Caiu-me da mão, flutuando até se juntar aos tufos do meu cabelo na fornalha.

– Há aí um simbolismo qualquer, mas não sei muito bem qual é – afirmei.

Cathy anuiu.

– Queima a carta. – Olhou para as prateleiras onde estava o camião de brincar distorcido do Ethan. – E enterra o brinquedo do Ethan. Põe uma parte do teu coração na terra com a memória

dele. E depois vive a tua vida, como ele teria desejado que vivesses. Quando te sentires preparado.

– Ainda não estou preparado para o deixar partir assim.

– Compreendo. Quando estiveres, hás de perceber.

Peguei na carta. O meu coração estava desfeito, mas a fratura, desta vez, era suportável.

– Tive um segundo filho, entretanto – insisti. – Perdi outro filho ou uma filha.

– Eu sei – repetiu Cathy, num tom calmante, chegando-se a mim e dando-me uma palmadinha suave no joelho por cima do cobertor. – Eu sei. Mas a culpa não foi tua. A culpa não foi tua, Thomas. – A voz tremia-lhe. – Se quiseres, queimo eu essa carta. Há de ser a primeira vez em dez meses que posso dizer com honestidade que gosto do que o fogo pode fazer.

Era um ato de coragem, o que ela estava preparada para fazer por mim. Toquei a sua face cicatrizada com as costas dos dedos em sinal de gratidão. Depois inclinei-me para a lareira, coloquei a verdade final sobre o meu casamento, a minha mulher e os meus filhos nas chamas e vi-a transformar-se em cinza pura.

Tomei-a nos braços. Ela pousou a cabeça no meu ombro, o lado desfigurado para cima. Deitámo-nos, aninhando-nos debaixo dos edredões, apertando-nos com força e relaxando depois, respirando melhor. Os primeiros raios da alvorada despontavam nas janelas da cabana.

– Acho que agora podemos descansar – murmurou.

Aproximei o nariz ao seu cabelo para que o cheiro me enchesse e encostei a testa à sua têmpora. Fechei os olhos o mais perto que pude do seu rosto.

Agora, tínhamos as nossas vidas. Imperfeitas, embrionárias, a pele ainda fresca e vulnerável e suscetível de se queimar, mas desejávamos viver. Ela tinha posto as suas e as minhas cicatrizes à prova através do fogo.

– Cathy?

– Hum?

– Eu ter-te-ia escrito para a prisão.

Ela enfiou a mão direita entre nós e desdobrou os dedos sobre o meu coração.

– Ainda bem que eu não sabia isso na altura – respondeu.

Adormecemos.

Capítulo 23

Cathy

Começos

Na manhã seguinte, enterrei o revólver de Thomas na marga profunda da floresta por baixo da cabana dele. Peguei também em todas as suas garrafas de *vodka* em silêncio, enquanto ele dormia, e despejei o conteúdo no solo gelado. Estava a subir o declive para a cabana quando ele, de repente, apareceu à porta, apenas vestido com *jeans*. Passou uma mão pelo cabelo toscamente cortado quando me viu. Gostei de ver uma expressão de alívio estampar-se-lhe na cara. Encaminhou-se em passos largos para mim.

– Há sangue nos edredões. Magoei-te?

– Oh, homem de ego desmedido – disse eu, imprimindo casualidade à voz. – Veio-me o período.

– De certeza? Foi uma noite difícil. Nunca até hoje abusei de uma mulher.

– E não abusaste desta. Se alguém tem ar de ter sido molestado, és tu.

– Não, eu estou bem. E tu? Não sou partidário da ideia de que a falta de preservativos isenta de responsabilidade.

– Também não é a minha maneira de atuar. No entanto, acho que desta vez nos safámos. – Olhei-o com ternura. – Há meses que não me vinha o período. Tensão, medicamentos, tudo isso. Agora… apareceu. O que é bom.

– Se te sentes feliz. – Estudou-me atentamente para se certificar.

Olhei para ele do mesmo modo.

– Tu sentes? Vais sentir? Enterrei a tua arma num sítio onde nunca mais a encontras. E despejei o álcool todo das garrafas. Fazem um arranjo bonito, não?

Ele contemplou a criativa exposição de garrafas de *vodkas* vazias num canto do alpendre.

– Muito bem… mas podes confiar em mim em relação à arma. Juro-te. Quero reavê-la. É uma peça antiga.

– Ótimo. Quando os arqueólogos a desenterrarem daqui a mil anos, hão de ficar impressionados.

Impasse. Olhámos um para o outro durante muito tempo.

– Se te faz feliz – cedeu.

Sacudi afirmativamente a cabeça.

– Pois seja.

Chegados a este entendimento, ficámos a olhar um para o outro um minuto mais, como adolescentes constrangidos num baile de finalistas, trocando um milhar de recordações mudas da escuridão, das sensações, dos pontos fracos expostos, dos momentos vulneráveis, das imagens febris que enlanguescem o corpo e trazem um rubor às faces mesmo no ar gelado de uma manhã de inverno.

– Está frio aqui fora – comentou de repente. – Anda para dentro que eu aqueço uma lata de carne para o pequeno-almoço.

– Aposto que tenho uma barra de proteínas velha no jipe. Podemos dividi-la para acompanhar a carne.

– Um autêntico festim. – Estendeu uma mão. Peguei nela.

Voltámos para a cabana.

O telemóvel tocou por três vezes em rápida sucessão. Thomas levantou a cabeça dos meus seios, esfregou os olhos, enrolou um edredão à volta da cinta e levantou-se. Quando descobriu o aparelho numa das prateleiras, já eu estava sentada com uma mão na cabeça, assaltada por pensamentos responsáveis.

Agora tenho cadelinhas em casa. Elas têm de tomar o pequeno-almoço. Tinha-lhes deixado tanta comida e água que era impossível passarem fome, mas era o princípio que estava em causa. Agora eu era mãe.

– Mitternich – disse Thomas ao telemóvel, franzindo a testa.

O sol da manhã entrava a jorros pela janela, banhando os seus braços e o largo peito nus em tons quentes brancos e dourados. Perdi o fio das minhas reflexões, os olhos pousados nele. Ele olhou-me de relance.

– Não, Delta, não te preocupes. Eu sei onde ela está. Está tudo bem com ela. – A sua expressão contraiu-se numa máscara sombria e eu apanhei as minhas roupas espalhadas. – Eu levo-a – afirmou. – Estamos aí dentro de alguns minutos. Diz à Ivy que se acalme. Diz-lhe que eu cumpro sempre as minhas promessas. Ela sabe o que isso quer dizer.

Eu já estava de pé a vestir-me quando ele desligou o telemóvel.

– Que é que se passa com a Ivy e a Cora?

Ele olhou para mim com uma expressão ensombrada.

– A Laney morreu.



Laney Cranshaw tinha sido morta à pancada, às mãos de um namorado, à porta de uma discoteca de Atlanta. O seu corpo maltratado estava na morgue municipal de Atlanta a duzentos e cinquenta quilómetros de Crossroads. Cora e Ivy, com as tenras idades de sete e doze anos, estavam agora oficialmente sozinhas no mundo. Quando eu e o Thomas entrámos no pátio de casa de Laney, Cora estava escondida num armário com a *Princesa Arianna*, a gata, e o *Herman*, o galo, e Ivy postara-se de guarda à porta do armário. Delta, Pike, Dolores e Benton tomavam café na cozinha com caras lúgubres.

– A assistente social do inferno vem a caminho – informou Dolores. – Nem o Benton tem autoridade legal para a impedir.

– Estou a ver se me ocorre um pretexto para uma ordem de restrição – disse Benton.

– Ela é de Asheville – explicou Delta. – Foi destacada para a nossa área desde que a que tínhamos foi transferida há seis meses. Ainda estamos à espera que um *ser humano* a substitua.

– Segue o regulamento à letra – acrescentou Pike sombriamente.

Num registo completamente à parte, todos olharam para mim e para Thomas. Afinal, tínhamos sido encontrados juntos, quando tinham telefonado ao Thomas, e aparecido juntos. Estávamos mal-arranjados, de olhos cavos, cheirávamos vagamente a *vodka*, a fumo de lenha e a sexo, e pelo ar de Thomas seria de pensar que eu lhe tinha dado uma coça.

– A noite foi boa? – sussurrou Delta.

Acenei com a cabeça. Os olhos dela brilharam.

Segui Thomas pelo estreito corredor da casa até ao quarto cor-de-rosa que as raparigas partilhavam. Ivy estava especada à frente da porta fechada de um armário. Senti um aperto no coração ao ver a pura infelicidade no seu rosto castanho-claro, salpicado de sardas.

– Não me venham com tretas – disse ferozmente, fulminando-nos com os olhos. – Vão-nos pôr na porcaria de um lar de acolhimento qualquer, não vão? Ninguém nos quer.

Thomas ajoelhou-se diante dela.

– Não vais para nenhum sítio para onde não queiras ir. Dou-te a minha palavra.

– Tu és um homem. Eles não ligam a homens. Não podes ser nosso pai. Somos raparigas. Conheço as regras.

– Mas *eu* posso – intervim. – Posso ser a… a vossa mãe.

Ela dirigiu-me o olhar. Thomas fez o mesmo, voltando-se e mirando-me com uma discreta expressão de advertência. *Cuidado com o que prometes.*

Tínhamos alternativa? Ia deixar que uma funcionária pública oficiosa levasse as *minhas* meninas da *minha* casa alugada? Aprumei as costas. Levantei o queixo.

– Sim, posso ser a vossa mãe de acolhimento. Gostavas de viver comigo em minha casa?

Ivy empertigou-se, um misto de desconfiança e esperança estampando-se-lhe no rosto.

– Porquê?

– Porquê, como?

– Porque é que queres que vamos para lá viver?

– Porque gosto de vocês.

– Só nos viste uma vez, antes do Natal, e depois vomitaste.

– Não vomitei por *vossa* causa.

– Como é que está a Cora? – perguntou Thomas.

– Está escondida na gruta dela até os monstros se irem embora. Farto-me de lhe dizer que os monstros *nunca* mais hão de ir embora.

– Deixa-nos falar com ela, por favor – pedi.

Ivy franziu a testa e mordeu o lábio, mas acabou por se afastar para o lado e por abrir a porta

do armário.

– Não há problema – disse ela à Cora. – O Thomas e a Cathy estão aqui.

Cora estava acocorada no chão, agarrada à gata. O galo estava empoleirado em cima, no varão de madeira da roupa. A cara de Cora estava pálida e manchada de lágrimas. O seu lábio inferior tremia.

– A assistente social não nos vai deixar levar o *Herman* e a *Princesa Arianna* para um lar de acolhimento – afirmou numa voz entrecortada. – O *Herman* e a *Princesa Arianna* vão ficar sem casa. Que é que *lhes* vais acontecer?

Pus-me de joelhos e estendi as duas mãos.

– Tu e a Ivy vêm viver comigo e a *Princesa Arianna* e o *Herman* também podem vir.

Cora animou-se.

– Para sempre?

Ivy atalhou imediatamente, num tom severo:

– «Para sempre» não existe.

Olhei para ela de relance.

– Vamos tratar de uma coisa de cada vez, sim?

Ivy olhou-me com hostilidade.

– O que tu queres é fazer experiências connosco, como se estivesses a experimentar um par de cortinas. A ver se gostas de nós para decorar a tua casa. Depois, se não gostares, devolves-nos. Foi o que aconteceu da última vez em que fomos para um lar de acolhimento.

Thomas deu-me uma cotovelada. *Deixa-me falar*.

– A Cathy está a dar-vos a escolher. Podem não gostar *dela*.

– O quê? – insurgi-me. – Toda a gente gosta de mim.

– Nós gostamos de ti – murmurou Cora, as lágrimas correndo-lhe pelas faces. Apertou a gata com mais força. – Eu e a *Princesa Arianna* e… – olhou para cima –, o *Herman*. – O seu rosto crispou-se. – Para onde foi a tia Laney?

– Não interessa – disse Ivy lugubremente. – Não vai voltar.

– Mas para onde é que *foi?* Para o mesmo sítio que a mamã?

Ivy assentou um murro na parede.

– Não sei. Esquece-a, ouviste?

Cora começou a soluçar.

– Porque é que *ninguém* fica connosco muito tempo?

– Eu fico – assegurei impulsivamente, as lágrimas embargando-me a voz. – Eu fico. Para sempre. Prometo. Venham viver comigo. Se não gostarem da minha casa, podem ir-se embora. Mas eu nunca *as* vou deixar.

A expressão do Thomas passou de reprovação muda a ternura resignada. Eu estava a fazer promessas sob o impulso do momento, levada em asas de anjos, na esperança da noite anterior. Ele sabia. Mas também não foi capaz de resistir.

– Nós olhamos por vocês – assegurou à Cora e à Ivy. – Prometo.

Cora baixou a cabeça para a gata.

– Vamos viver com o Thomas e a Cathy até se cansarem de nós. Depois arranjamos outra pessoa que nos ame. Prometo.

Saiu corajosa do armário e caiu nos meus braços com a gata. Ivy refugiou-se atrás de um encolher de ombros sarcástico.

– Não interessa. Por agora, pelo menos, vamos.

Isto não ia ser nada fácil.

Mrs. Ganza, a assistente dos Serviços de Proteção Infantil de Asheville, era uma mulher corpulenta, vistosa, de olhar empedernido, acérrima defensora da lei. Desconfiou de mim e de Thomas logo à primeira vista. Era compreensível, considerando o nosso aspeto quando nos conheceu nesse primeiro dia. Seguimo-la imediatamente para o tribunal em Turtleville, para que um juiz do tribunal de família tomasse uma rápida decisão sobre a nossa petição para acolher as crianças. Delta acompanhou-nos, brindando Mrs. Ganza com uma cara de poucos amigos em nossa intenção. Mrs. Ganza não se lembrava de alguma vez ter visto um dos meus filmes e disse sem rodeios que só via programas sobre a Natureza no *Discovery Channel*.

– Gosta dos programas sobre crocodilos – sussurrou Delta. – Faz-lhe lembrar momentos partilhados em família.

Mrs. Ganza olhava para Thomas como se tivesse passado por cima dele num passeio.

– Qual é afinal a sua relação com Ms. Deen? – perguntou, arqueando uma sobrancelha grisalha por baixo de uma tigela invertida de cabelo igualmente grisalho.

– Sou o arquiteto dela. Fui contratado para lhe renovar sem demora a casa para a tornar mais conveniente para a Cora e para a Ivy. Ela tenciona alargar e modernizar a casa.

Olhei para ele, surpreendida. Ele acenou com a cabeça. Mrs. Ganza não se mostrou impressionada.

– Qual é a sua relação *pessoal* com Ms. Deen?

– Ela salvou-me de uma vida de pecado em Tijuana. Eu estava a trabalhar como *stripper* num bar de tapas.

– Se acha esta entrevista divertida, Mr. Mitternich, talvez seja melhor eu informar o juiz que o senhor não encara com seriedade as suas responsabilidades paternais para com a Cora e a Ivy.

– A minha seriedade não pode ser maior. Mas a minha relação pessoal com Ms. Deen é *pessoal*.

Ela deu uma pancadinha numa prancheta.

– Não coloco crianças em lares de acolhimento com pessoas que não são casadas.

– Eu não vivo com Ms. Deen.

– Então trate de continuar assim.

Nesse momento, intervim.

– Agradecia que certificasse legalmente o que Mr. Mitternich acaba de dizer a respeito de alargar e modernizar a minha casa.

– Está a brincar, Ms. Deen?

– Não, estou a certificar-me de que Mr. Mitternich instala uma casa de banho interior.

– Não é instalar, é acrescentar – corrigiu Thomas. – Podemos fazer alterações exteriores mas não interiores. Temos de manter a integridade interna da casa.

– Eu quero uma casa de banho *dentro* de casa – disse eu, firmemente.

– Será acessível a partir da planta original.

– Isso dá ideia que queres construir um passadiço até ao cag… até à casa de banho exterior. – Por pouco que não dizia «cagador portátil» diante de Mrs. Ganza. Seria um desastre.

Thomas arqueou uma sobrancelha.

– Um caramanchão estilo *Craftsman* por cima de um passadiço até à casa de banho exterior era capaz de ser interessante.

– *Deves* estar a brincar…

– Talvez seja preciso realizar uma avaliação *pessoal* das condições da sua habitação que me parecem extremamente básicas, Ms. Deen – atalhou Mrs. Ganza, elevando a voz. – A senhora e Mr. Mitternich podem continuar a discutir à vontade. Entretanto, a Cora e a Ivy podem ficar com um casal de confiança. Em Asheville.

– Não! Por favor. Só estamos a discutir pormenores e não as questões importantes.

Thomas acrescentou em voz baixa:

– Peço desculpa, Mrs. Ganza. Acredite quando lhe digo que eu e Ms. Deen faremos todos os possíveis para cooperar.

Ela emitiu um ruído de desdém.

– Um com o outro? Não me diga.

– Dou-lhe a minha palavra. Cathy?

– Também dou – afirmei em consonância. Lancei um olhar a Thomas. *Casa de banho interior*.

Ele devolveu o olhar sem hesitação. *Passadiço*.

Mrs. Ganza não reparou na batalha silenciosa porque estava demasiado ocupada a avaliar-me com os olhos franzidos.

– Ms. Deen, conheço muito bem a situação da Cora e da Ivy. Já tratei do caso delas no passado. Estou convicta de que estariam melhor com pessoas do mesmo estrato racial e étnico que elas. Hispânicos de raça mista.

– Ora, não diga isso – atalhou Delta. – Essas meninas não querem saber da cor da pele nem do país de origem. Querem é ser amadas. Precisam de ficar *aqui*. Com pessoas que já conhecem e em quem se habituaram a confiar.

– A diversidade étnica e racial é uma coisa muito séria.

Delta deu uma palmada nas coxas e soltou uma gargalhada.

– Diversidade? Pois ouça, a avó da Cathy era de ascendência índia Cherokee, o que faz a Cathy em parte índia Cherokee. E aqui o Thomas é em parte ianque. Costumava ser completamente ianque, mas eu tenho-lhe dado tanta comida do Sul que o lado ianque está mais diluído.

– Que gracinha. – Mrs. Ganza voltou a olhar para *mim* com hostilidade. – Ms. Deen, faz *alguma* ideia do que é ser mãe? Faz alguma ideia do que estas duas meninas precisam? Aqui há uns anos, depois de ter sido sexualmente molestada, a Ivy passou por uma fase de automutilação. Já viu as cicatrizes que ela tem na barriga? Está sequer a par do problema?

– Hum… não. Não estou. – Encolhi-me um pouco.

Quando levantei os olhos para Thomas, a expressão dele tinha-se carregado. Tranquila, insisti:

– Nós não estamos a par de tudo a respeito das raparigas, mas sabemos o que é importante. Se levar a Ivy e a Cora daqui, está a negar-lhes a oportunidade de fazerem parte de uma família e de uma comunidade. A Ivy pode nunca mais vir a confiar em ninguém.

Mrs. Ganza suspirou.

– É bem possível que ela já seja um caso perdido. A Cora, por outro lado, está muito recetiva a estabelecer laços com um casal afetivo. Talvez fosse melhor separar as pequenas. Num ambiente estruturado, sem a influência negativa da Ivy, a Cora faria bons progressos e…

– Se separar as irmãs, vai arder no inferno – disse Delta severamente. – E eu terei muito gosto em chegar-lhe o fósforo.

Mrs. Ganza olhou para Delta, boquiaberta.

– Está a ameaçar-me?

– Se a carapuça lhe serve, enfie-a. A propósito, que tamanho de chapéu *usa* nessa cabeça obtusa?

– Silêncio – ordenei. – Mrs. Ganza, garanto-lhe que vou dar à Cora e à Ivy os melhores cuidados. Se elas precisarem de ajuda de fora, tenho meios para a providenciar. Sou uma pessoa extremamente dedicada.

– E extremamente *excêntrica*, se é que as minhas fontes estão certas. Pelo que ouvi dizer sobre os seus ataques de ansiedade e comportamento de reclusa, enfim, para não dizer mais, a senhora não tem condições para assumir a responsabilidade por um animal de estimação, quanto mais por crianças.

– Sou muito bem capaz de…

– De assaltar um homem com um extintor de incêndio. De se recusar a conduzir um carro. De tentar contratar alguém para lhe abrir um fosso à volta da casa.

– Isso foi uma brincadeira!

– E o *senhor*. – Apontou para Thomas. – Um alcoólico com tendências suicidas.

Thomas retorquiu com calma:

– Nunca fiz mal a mim mesmo nem a ninguém. Estou sóbrio e tenciono continuar assim.

– Admite então que teve um problema.

– Admito que ultrapassei o meu problema. Sou uma pessoa saudável e responsável.

– Tem a certeza? A Cora e a Ivy precisam de um ambiente familiar normal com pais de acolhimento que não andem obcecados com problemas pessoais. – Apontou para mim. – É-me indiferente que seja rica ou pobre. *Sabe* criar um ambiente propício à educação de uma criança? Sabe cozinhar, sabe ouvir as tristezas delas, sabe ajudá-las a fazer os trabalhos de casa, é capaz de ser meiga e impor ao mesmo tempo disciplina?

– Sou! Vou dar à Cora e à Ivy brinquedos e roupas maravilhosos e juro-lhe, juro-lhe que não descarrego os meus problemas nelas. Posso contratar muita gente para me ajudar, nem que tenha de trazer pessoas de Asheville, se for caso disso. Amas qualificadas. De helicóptero. Todos os dias.

– Estas raparigas precisam de estabilidade e não de uma mulher rica e doida que tenciona impingi-las a amas contratadas trazidas de Asheville de helicóptero como se fosse uma patrulha das forças especiais.

– Não foi nesse sentido que falei. Só estou a tentar fazê-la perceber que faço *tudo* o que a senhora quiser.

– Infelizmente, não posso aceitar as suas garantias. Quando falar com o juiz, vou ter de recomendar…

– Não só ponho as mãos no fogo pelo Thomas e pela Cathy – interveio Delta –, como assino quaisquer papéis que a senhora queira para assumir a responsabilidade conjunta pelas raparigas.

– As coisas não funcionam assim e, considerando o seu carácter beligerante e ameaçador, não me parece que seja uma substituta aceitável.

– Ouça, fui eu que fiz o *catering* para o piquenique de família do seu patrão em Raleigh no ano passado. Não me *obrigue* a ligar ao seu patrão. Ele *gosta* muito de mim e da minha comida. Come no meu café sempre que passa por esta parte do estado. O pessoal dele encomenda os meus biscoitos às dúzias. Pelo menos uma vez por mês, envio biscoitos ao seu patrão e à família dele.

– *Ele*? O meu «patrão», se é que se refere à pessoa que dirige o meu departamento, é uma mulher. E não tem família aqui. É de Michigan.

Delta esticou a cabeça como um gato furioso.

– Estou a falar do *governador*.

Silêncio. Vimos Mrs. Ganza a esvaziar-se aos poucos. Quando atingiu o tamanho de um balão encarquilhado, lançou-se na minha direção:

– As condições são estas, Ms. Deen. Tem de dominar as suas extravagâncias. Não quero ouvir mais histórias de comportamentos bizarros.

– De acordo!

Apontou um dedo a Thomas.

– O álcool acabou. E coabitar sem ser casado está absolutamente fora de questão. E veja se corta o cabelo. Parece que o atacaram com uma motosserra.

– De acordo.

– Nesse caso, vou recomendar um período de três meses à experiência. – Dito isto, levantou-se e saiu.

Delta levou as mãos ao coração e olhou para nós, deliciada.

– Sinto-me tão orgulhosa. Vocês agora são um casal. No momento exato em que Deus precisou que interviessem e provessem ao sustento de duas crianças carentes, não hesitaram em responder à chamada! Os desígnios da banha são insondáveis.

Eu e Thomas entreolhámo-nos discretamente. *Somos capazes. Sim, temos de tentar*.

– Desde que os desígnios incluam comida fria – disse eu. – E eu possa ter uma casa de banho interior.

Enterrámos as cinzas da Laney Cranshaw no cemitério da Igreja Metodista de Crossroads. O pastor e a direção da igreja apresentaram-me o jazigo dela em honra do avultado donativo que

Delta lhes tinha feito chegar da minha parte alguns meses antes. A secção quadrada de relva que me pertencia, no limite do cemitério, situava-se a uma curta distância do jazigo que continha o corpo da minha avó.

– Vou transferir a minha avó para a quinta – murmurei à Delta durante o serviço fúnebre. – Onde devia ter estado sempre.

Delta chegou-se a mim enquanto o pastor elogiava as boas intenções de Laney e Cora, lavada em lágrimas, estava de mão dada com Thomas. Ivy estava ao lado deles com a atitude de um soldado severo. Delta baixou a cara vermelha para o meu capuz de lã preta e respondeu num sussurro.

– Não precisas de transferir a tua avó. Ela já está debaixo do caminho de pedras à frente da casa.

Mais tarde, quando me recompus do espanto, Delta confessou que, juntamente com outros familiares da minha avó, sem dizer nada a ninguém, tinha ignorado as instruções do meu pai e enterrado a minha avó à entrada da sua adorada casa no cume.

– Segundo a Delta, a avó Nettie está mais ou menos aqui – disse a Thomas nessa noite, estávamos nós a olhar para várias pedras grandes e cinzentas entre o que restava dos pilares do portão do quintal da frente. Apontei para um pilar. – Mesmo ao lado do sítio onde dei um tiro ao teu telemóvel. Fiz um telemóvel em pedaços mesmo por cima do túmulo dela. Perdoa-me, avó.

– Duvido que ela tenha ficado incomodada – declarou Thomas docemente. – A não ser que as tarifas de *roaming* lá onde ela está sejam incomportáveis.

Sentei-me na terra fria, pousei as palmas das mãos nas pedras, fechei os olhos e baixei a cabeça. *Por favor, ajuda-nos a transformar esta casa num lar*.

Sexta Parte

As pessoas são como vitrais: cintilam e brilham quando faz sol mas, quando a noite cai, a sua verdadeira beleza só é revelada se possuírem uma luz interior.

− *Elizabeth Kubler-Ross*

A pessoa verdadeiramente feliz é aquela que é capaz de apreciar a paisagem quando faz um desvio.

− *Anónimo*

Se tivermos sorte, uma fantasia solitária pode transformar completamente um milhão de realidades.

− *Maya Angelou*

Capítulo 24

Cathy

Fevereiro

Três meses, decretou o juiz do tribunal de família.

Eu e o Thomas tínhamos três meses para provar que éramos capazes de ser pais. Três meses para decidir se conseguíamos lidar com as realidades da vida quotidiana. Três meses para descobrir se podíamos merecer a confiança de duas meninas que queriam desesperadamente acreditar que estaríamos sempre presentes para apoiá-las num mundo onde nunca ninguém era permanente.

A renovação da casa da minha avó passou a ser o desafio que nos definia.

Thomas acampou no celeiro. À noite fazíamos amor ali; durante o dia tínhamos acesas discussões. Concordámos que a casa precisava de uma nova instalação elétrica, de aquecimento e ventilação central, de canalização interior, de mais armários e de divisões maiores. Mas isso era o mesmo que concordar que o universo precisava de estrelas e planetas. A questão era que quantidade e onde. O desafio era chegar a compromissos.

À mais leve discordância – mesmo as nossas discussões mais calmas – Cora e Ivy ficavam perdidas de ansiedade. Tinham medo que as abandonássemos e nos abandonássemos um ao outro, a qualquer momento. Nada do que disséssemos as tranquilizava. Nós sabíamos que éramos almas gémeas. Mas elas não.

Cora falava em voz alta com os seus amigos imaginários a quem perguntava: «O Thomas e a Cathy nunca se vão zangar um com o outro e partir, pois não?» E Ivy refugiava-se no quarto que dividia com Cora, escondendo-se atrás de livros e de um pequeno computador portátil pelo qual tinha acesso às suas salas de conversação favoritas na Internet assim que o nosso telefone foi instalado.

Por vezes, até os nossos animais de estimação pareciam receosos e inseguros. As cadelinhas

davam caça à gata, a gata aterrorizava-as e o galo isolava-se no alpendre coberto, onde dormia, perscrutando-nos com um olho, alarmado, do seu luxuoso ninho provido de uma lâmpada, que Thomas pregou no alto da parede. Todos os dias de madrugada cantava sonoramente, como que a pedir ajuda.



– Pusemos nomes a estes *cães* só porque vocês nos mandaram – declarou Ivy.

Eu e o Thomas, que estávamos a pendurar cortinas na sala de estar, virámo-nos e demos com ela e com Cora à entrada do corredor, cada uma com uma cadelinha nos braços. Desde que tínhamos descoberto que as duas acarinhavam entusiasticamente as cadelinhas, quando não estávamos a olhar, concluímos com naturalidade que elas tinham um amor secreto aos novos animais de estimação. Mas Ivy recusava-se sequer a admitir que *queria* uma cadelinha e Cora parecia ter medo de amar outra criatura pequena e carente.

Thomas desceu de um escadote, evitando um emaranhado de extensões elétricas e de caixotes de cartão no chão. A sala era uma confusão de lâmpadas, acessórios e mobília novos.

– Bem, vamos lá conhecer a decisão. Como é que se chamam?

– Eu pus o nome de *Marion* à minha – respondeu Ivy.

– *Marion?* – perguntei, empoleirada num banco com metros de tecido de cortinados nas mãos.

– Em honra da Marion Mahony Griffin. Ela trabalhava para o Frank Lloyd Wright. Um arquiteto. O Thomas falou-me dela. – Ivy encolheu os ombros. – Decidi que quero ser arquiteta. Como o Thomas e a Marion. Por isso pus o nome de *Marion* à minha cadelinha.

– É um bom nome – elogiou Thomas.

Cora estava a apertar a sua cachorrinha contra o peito. Ela lambia-lhe alegremente o queixo.

– Eu pus o nome de *Laura* à minha. Do livro que a Cathy nos começou a ler ontem à noite, *Uma Casa na Pradaria*. Se um dia eu e a Ivy tivermos de nos mudar para uma casa nova, pode ser numa pradaria?

– Ninguém vai mudar de casa – disse eu, sentindo as lágrimas na garganta.

Abraçadas às cadelinhas, voltaram para o quarto delas.

No mês anterior, eu tinha pedido aos espíritos da minha mãe e da minha avó que me ajudassem a batizar duas cadelinhas órfãs. A ajuda tinha chegado. Virei-me e olhei para Thomas, cujo rosto era um miasma de emoções.

– Acreditas que Deus nos mandou estas cadelinhas porque a Cora e a Ivy precisavam delas tanto quanto elas precisavam da Cora e da Ivy?

– Não vi nenhuma prova de que Deus se interesse por crianças ou cadelas. Mas, se nos der uma hipótese, *nós* podemos salvá-las. Só temos é de descobrir como.



Thomas fez o desenho de um novo portão de entrada por cima da campa da minha avó. Seria construído com as sobras de madeira de castanheiro que ficassem depois de termos alargado os quartos minúsculos e a cozinha da casa. *Se* é que alguma vez íamos chegar a acordo sobre isso. O portão era praticamente o único ponto de concórdia. Tínhamos os dois pontos de vista muito diferentes sobre o termo *alargar*.

Fomos até lá fora com o desenho do portão, feito num pormenor espantoso, olhando para ele e para o caminho de pedras sobre a última morada da minha avó.

– Pelo menos é um começo – disse eu sarcástica. – Hoje um portão de entrada, amanhã canalização interior. Hein?

Thomas soltou uma gargalhada enigmática.

– Cinge-te aos pormenores – respondeu apontando com o dedo para o desenho. – Pois bem, estamos de acordo sobre o desenho e os materiais do portão. Como vai também fazer as vezes de lápide da Mary Eve, sugiro que coloquemos uma placa de latão na travessa de cima.

– Isso! Excelente ideia.



No meio da loucura, decidi dedicar-me à confeção de bolos. Se fosse capaz de fazer biscoitos, era mais que certo que conseguia construir uma família.

– Amontoa a farinha como um pequeno vulcão – transmitiu Ivy da parte de Delta, numa fria manhã de fevereiro, sentada no balcão da cozinha, de telemóvel encostado à orelha, a ouvir Delta no café.

– Já está – respondi, formando uma cratera num monte de farinha branca numa tigela.

– Agora acrescenta o fermento e o sal.

Deitei os ingredientes na cratera.

– Já está.

– Ela diz que a seguir tens de colocar a banha.

Tirei uma colher de banha branca e cremosa de uma barra gordurosa e raspei-a dos dedos para dentro do vulcão de farinha.

– Já está.

– Agora amassa tudo até ficar… esfarelada.

Amassei.

– Agora acrescenta um pouco de leite para ficar pastosa.

Acrescentei o leite.

– Houston, a massa dos biscoitos está pronta a descolar.

– Agora estende a massa na tábua enfarinhada. Mais ou menos dois centímetros de espessura.

– Eu sei estender – ofereceu-se Cora ansiosa, empoleirada num banco ao meu lado.

Coloquei a massa na tábua e passei o rolo à Cora. A morder o lábio inferior e a arfar ligeiramente do esforço, ela estendeu uma placa de massa.

– Diz à Delta que temos uma coisa massuda e chata na tábua – transmiti.

Ivy disse-lhe, ouviu e comunicou:

– Agora corta os biscoitos com as latas de tomate lavadas.

Passei uma lata à Cora e peguei noutra. Cortámos círculos perfeitos na massa. Thomas, a observar atrás de nós, disse em voz alta para Delta ouvir:

– Os protótipos dos biscoitos estão relativamente simétricos e consistentes. Têm bom aspeto.

Ivy fez um gesto com o telefone.

– A Delta diz para os pores no tabuleiro de forno untado e depois colocares no forno durante vinte minutos, mais ou menos, ou até os biscoitos estarem dourados.

Era o momento mais aterrador. As minhas mãos tremiam ao olhar para o forno enorme, de aço inoxidável, a gás propano, que tínhamos instalado. Quase deixei cair o tabuleiro. Thomas veio em meu socorro.

– Eu faço isso – disse ele.

Meteu o tabuleiro no forno e fechou a porta.

– Biscoitos! – proclamei debilmente, aplaudindo. – Pela primeira vez em vinte anos, esta casa tem a receita de biscoitos da avó Nettie a cozer no forno!

Ivy desligou o telefone.

– A Delta pediu para não ficares aflita se não sair bem à primeira. Diz ela que há uma magia na confeção de biscoitos e que só saem bem quando se tem essa magia nas mãos.

– Só podia ter esse grau de dificuldade.

Vinte minutos mais tarde, Thomas retirou do forno os biscoitos que tinham um aspeto perfeito. Na qualidade de cozinheira e herdeira do trono dos biscoitos da Nettie, fui a primeira a prová-los.

A minha boca encheu-se de uma crosta folhada, seguida de uma massa quente, glutinosa e crua. Cuspi o biscoito.

– Porcaria. Não tenho jeito para isto. Tenho medo do forno, não sei cozinhar e nunca mais vou conseguir!

Esta observação irrefletida lançou Cora num mar de lágrimas. Ivy saltou do balcão.

– A culpa é nossa, não é? – respingou para mim.

– Não sabes ser mãe e quem acaba por apanhar com as culpas somos *nós*.

Estendi os braços.

– Não, não. Juro que só estou irritada *comigo*, não é convosco. Não tive intenção…

– É. Pois. Claro. – Ivy agarrou na mão de Cora e refugiaram-se as duas no quarto.

– Deixa-me falar com elas – pediu Thomas.

Foi atrás das raparigas desgostosas. Peguei no telefone e liguei à Delta.

– Não faço nada direito. Acabei de dizer uma coisa sem pensar e as miúdas estão tristíssimas por causa disso. Nem biscoitos consigo fazer. *Os meus biscoitos são um desastre*. É tudo simbólico.

Ela riu.

– Estavas à espera de quê? De um milagre da noite para o dia? Demora tempo a construir uma família. E a fazer biscoitos. Se não estiveres em paz interiormente, nunca hão de sair bem. Quando começares a acreditar em ti mesma, os biscoitos pressentem. E as pequenas também.

Era óbvio que ainda tinha um longo caminho a percorrer.

Thomas

Eu era agora o chefe de uma pequena e incongruente família. Uma família que consistia em duas meninas taciturnas e inseguras que nunca tinham aprendido a confiar numa figura paternal, um caótico jardim zoológico de animais resgatados e a ex-estrela de cinema obsessivamente determinada que eu amava mais do que a própria vida, apesar de ela se angustiar com tudo, desde o mais pequeno aspeto da renovação da nossa casa até à nossa relação, à felicidade das raparigas e à sua incapacidade para realizar a simples, mas profunda, tarefa de confecionar biscoitos comestíveis.

Eu e a Cathy encontrávamo-nos no celeiro todas as noites apesar do frio intenso de um inverno na montanha. Depois de as crianças e a bicharada adormecerem, fazíamos amor numa cama improvisada de sacos-cama e edredões. Ela insistia comigo para ir viver lá para casa; afinal a casa tinha três quartos: um para ela, um para as miúdas e um para um hóspede. Mas eu não queria abusar da paciência de Mrs. Ganza.

– Uma destas noites vais morrer de frio neste celeiro – protestou Cathy.

– Não, acendo uma fogueira com essa lenha toda que comprei para a casa. Se não tencionas usar a lareira, mais vale eu gastá-la.

Ela empalideceu.

– Ainda não estou preparada para haver lume na minha sala de estar.

Apertei-a mais nos braços.

– Experimenta. Só uma vez. Eu não saio de ao pé de ti. Não vai acontecer nada, juro-te. – Uma promessa balofa. Ninguém pode proteger as pessoas amadas contra os golpes do destino. Ainda não me tinha resignado a esse facto. Se não tinha conseguido salvar a Sherryl e o Ethan, que é que me levava a pensar que podia fazer promessas temerárias à Cathy e às raparigas? As palavras saíram-me da boca e eu queria acreditar nelas. Tinha de tentar.

Ela enterrou o rosto na curva do meu pescoço e estremeceu.

– Seja. Lume. Combinado.

Debaixo da neve, que cobria a crista de branco, transportei uma braçada de lenha para a sala de estar da casa. Esta era agora um enclave confortável, ainda que frio, de sofás de couro,

espessos tapetes turcos, volumosos aparadores de carvalho, cortinados castanho-avermelhados e grandes candeeiros à espera das tomadas elétricas. Comecei a empilhar achas na cavidade da lareira recentemente desentaipada. Não tardei a sentir vários olhos fixos nas minhas costas e, quando olhei por cima do ombro, dei com Cathy ali de pé, a observar com uma expressão de terror nervoso, flanqueada por uma Cora ansiosa e uma Ivy solene. Cathy, vestida com umas jardineiras largas e descoloridas, uma camisola de riscas e um dos aventais da Delta a dizer *Os Desígnios da Banha São Insondáveis*, estava com um extintor de incêndio na mão. Ivy e Cora também estavam de jardineiras e camisolas às riscas. A minha tribo de raparigas preocupadas. Se Cathy tinha medo de alguma coisa, as pequenas detetavam os sinais. Por causa delas, Cathy esforçava-se por disfarçar as fobias, mas os instintos de Cora e de Ivy eram apurados.

– Tens a certeza que a chaminé está a funcionar em condições? – perguntou Cathy.

– Absolutamente. Limpa, resistente e com muito boa extração de fumos. Perfeita.

Cora olhou para ela, suplicante.

– Era giro termos a lareira acesa.

Ivy resmungou.

– Qualquer coisa, desde que seja para aquecer esta casa. A *Marion* está com frieiras nas patas. – Olhou com má cara para os radiadores giratórios na sala de estar.

Os meus olhos fitaram os olhos preocupados de Cathy.

– Não há muito que pensar. Temos de acender a lareira e *já*. A *Marion* está com frieiras.

Ela esboçou um sorriso falsamente alegre.

– Pois sim. De que é que estamos à espera?

Coloquei acendalhas debaixo dos toros, tirei o isqueiro do meu velhote do bolso dos *jeans* e cheguei lume à lenha. Elevaram-se chamas laranja da madeira. O agradável cheiro a carvalho espalhou-se pela sala. Cora e Ivy levantaram os olhos para Cathy, cujo rosto ficou sem pinga de sangue, realçando a teia vermelha de cicatrizes de um lado.

– Então? – disse-lhe Ivy em voz baixa. – Podes ter medo à vontade.

Lentamente puxaram-na para junto da lareira. Estendi uma mão. Ela passou-me o extintor de incêndio e eu pu-lo ao lado de um par de tenazes de ferro que tinha encontrado no celeiro. Cora e Ivy instalaram-se na fornalha junto de mim. As cadelinhas estavam aninhadas aos pés delas. Cathy deixou-se cair num grande sofá de couro voltado para as chamas. Na luz suave e tremeluzente, o seu belo e ansioso rosto cicatrizado fazia-me lembrar aquela noite emotiva na minha cabana, pelo que mudei de posição para esconder a minha ereção.

No exterior, a noite começava a esbater a neve, uma pequena manada de veados comia milho que tínhamos deixado lá fora e o mapache remexia no seu prato no alpendre, comendo sobras de comida de gato e cão. A gata espreguiçou-se no sofá ao lado de Cathy, a ronronar. Os gatos não se assustam com os perigos existenciais. Procuram apenas o calor.

– Fiz um guisado de carne e legumes – disse Cathy, acenando rigidamente com a cabeça na direção do vestíbulo sombrio para a pequena cozinha com o seu pérfido fogão a gás. – Sabe a uma papa salgada de tomate mas, misturando os meus biscoitos queimados, o efeito é mais ou menos… enfim, nutritivamente semicomestível. – Ela insistia em fazer biscoitos e os biscoitos insistiam em rir-se dela.

– O guisado não está muito mau – mentiu Ivy com sinceridade.

– A *Laura* e a *Marion* gostam dos teus biscoitos – disse Cora. – É melhor que roer ossos.

– Vou comer algumas colheradas de guisado sem fazer má cara – prometi.

A boca dela tremeu. Ainda a olhar de modo fixo para o fogo, o nosso primeiro lume em família na lareira, teve de admitir que a casa não ia arder. Reclinando-se, desconfiada, no sofá, acenou com a cabeça.

– Um lume na lareira da casa da minha avó. Tudo bem. É uma boa lareira. Não há motivo para preocupações.

As raparigas sorriram. Eu também.

Por vezes, basta *fingir* que nos sentimos seguros para aguentar o embate.

Juntar braços à Vénus de Milo. Endireitar a Torre Inclinada de Pisa. Pintar as duas orelhas em Van Gogh. Acrescentar divisões à casa de Nettie.

Parecia-me profundamente errado alterar os clássicos, por mais que, em princípio, concordasse. Mas a velha casa precisava de mais espaço. Tínhamos de tomar rapidamente uma decisão sobre um plano e pôr as obras em andamento até à primavera. Já ouvia a voz do meu velhote a dizer: *Se não tens fígados para fazer o trabalho bem feito, não mereces sequer fazê-lo.*

Isolava-me todos os dias no terceiro quarto desocupado da casa durante horas. Com um só radiador para combater o frio, iluminado por um candeeiro de mola, debruçava-me sobre um tosco estirador, feito por mim, em contraplacado. Desenhava em grandes folhas de papel e descartava montes de desenhos. Os papéis amarfanhados enchiam um canto do quarto. No fim de cada sessão de trabalho, juntava as bolas e queimava-as na lareira para que Cathy e as pequenas não vissem as minhas criações.

Elas observavam-me num silêncio ansioso. Cathy não sabia muito bem o que dizer a Ivy, que não se interessava por coisas próprias de meninas, e apaparicava Cora excessivamente, como se ela fosse uma boneca estragada. Uma manhã, estava eu a vestir um casaco para levar as raparigas à paragem do autocarro da escola, quando Cathy estendeu uma mão trémula para as chaves.

– Que espécie de mãe não é sequer capaz de levar as filhas ao autocarro da escola?

Pousei-lhe as chaves na palma da mão e fechei as mãos em redor das suas.

– Tens a certeza que estás preparada para enfrentar o *Hummer?*

– Não, mas vou tentar. Nunca fui para a escola de autocarro. Andei em escolas privadas e os criados levavam-me. Mas sempre *desejei* ir de autocarro e ter uma mãe que me levasse à paragem. Portanto… vou levar as miúdas ao autocarro.

Olhou para o *Hummer* como se fosse um touro que tinha de enfrentar mas, a partir daí, passou a levar Cora e Ivy até à paragem do autocarro escolar. Se ultrapassasse esse ponto um metro que fosse, rompia num suor ou tinha de tomar um comprimido. Como sempre, Cora e Ivy observavam-na preocupadas.

– Como é que a Cathy vai saber quando pode acreditar em coisas boas? – perguntou-me Cora. – Há alguma palavra mágica que a gente possa dizer?

Fiquei sem resposta.

Todas as tardes, ela ia buscar as pequenas. Quando se apercebeu que o motorista e as outras crianças esticavam o pescoço para olhar para ela, começou a esconder a cara com capuzes, lenços e óculos de sol. Num sábado à noite, durante um jogo de póquer, Pike chamou-me à parte:

– Achas que a Cathy alguma vez se vai desembaraçar daquele capuz em público?

– Não faço ideia – admiti.

– Os putos no autocarro já andam a falar. A coisa anda na boca de toda a gente. Não convém nada que chegue aos ouvidos de Mrs. Ganza. Os miúdos veem a Cathy ali sentada no jipe todos os dias, com um lenço na cabeça, com ar de terrorista ou coisa que o valha. Enfim, não há nada de estranho em usar um lenço no inverno, mas da maneira como ela o põe, descido sobre os olhos e com os óculos de sol, é muito esquisito.

Tentei falar com Cathy sobre estes disfarces, mas ela cortava cerce sempre que eu tentava. Eu fazia o mesmo quando ela tentava suavizar o meu dilema a respeito do projeto da casa. Ela escondia-se do mundo e eu desenhava casas imaginárias.

Uma tarde, enquanto Cathy foi buscar as raparigas, atirei-me a mais uma ideia insatisfatória. Quando voltou, ouvi dois conjuntos de passos frenéticos no vestíbulo. Ivy abriu a minha porta de rompante.

– A Cathy precisa da tua ajuda.

Cora, ao lado da irmã, torcia as mãozinhas.

– Depressa antes que ele coma os bancos! Já me levou o lápis!

Ele? Corri lá para fora. Cathy estava de pé ao lado de uma das portas abertas do *Hummer*, com uma expressão crispada. As cadelinhas andavam, febrilmente, de roda do enorme carro, a ladrar e a abanar as caudas. Quando me viu, Cathy apontou o dedo para alguma coisa ou alguém no banco de trás do *Hummer*.

– Tira-o daí. Usa o telemóvel como isco, se for preciso.

Avancei para a porta aberta e espreitei.

O *Banger*, sentado no banco com uma arrogância de bode, devolveu-me o olhar.

– *Bée* – resmungou.

Reprimi uma gargalhada.

– Não há nenhuma lei que diga que és obrigada a dar boleia a um bode da escola.

– Esse monstrozinho estava na berma da estrada, ao pé da paragem do autocarro, e quando a Cora e a Ivy abriram a porta de trás, saltou para dentro. E *nada* que fizéssemos ou disséssemos teve o condão de o tirar daí.

– Eu fiz-lhe festas – anunciou Cora. – E ele tentou comer-me o cabelo.

– Cheira a tapete velho e bolorento – queixou-se Ivy.

Peguei no *Banger* pela coleira.

– Já para baixo, intruso de quatro patas.

Ele saltou para o chão, abanando a cauda branca. Passando os olhos pelo quintal com o que parecia contentamento, esfregou a cabeça cornuda na minha coxa. Cathy escarneceu.

– Deve ter tido saudades tuas.

Afaguei a cabeça do *Banger* e olhei para os seus olhos azul-claros.

– Sentiste a falta das noites na carrinha comigo, foi? Admite lá. – Ele mordiscou a manga da minha camisola. Acenei com a cabeça. – Pode viver no celeiro. Tenho a certeza que a Delta e o Pike não se importam se ficarmos com ele. Vou lá pôr algum feno. Fazemos companhia um ao outro.

– Se me perseguir como no café daquela vez, é a tua única companhia – disse Cathy, cheia de intenção, levantando uma sobrancelha escura.

– Eu prendo-o na baia dos vitelos à noite. Fica quente, calmo e bem fechado.

O *Banger* começou a cirandar pelo quintal, provando galhos, pedras e terra. Era como se soubesse que, no passado histórico da quinta, tinha havido um rebanho de cabras, chefiado pela sua antepassada espiritual no cemitério dos Nettie, a *Bah Ba Loo*. As cadelinhas seguiam-no, curiosas, mas ele ignorava-as. No alpendre coberto das traseiras, o galo cantava. Olhámos por cima dos ombros para a gata que estava a observar o *Banger* do alpendre. Não faltava ninguém.

Ivy lançou-nos um leve sorriso.

– Se calhar devíamos construir *telheiros* dos dois lados da casa. O *Banger* podia viver de um lado e o *Herman* do outro. O *Banger* podia ser um bode doméstico de interior e o *Herman* a mesma coisa.

– Não é má ideia – afirmou Cathy num tom neutro. – Com o *Banger* em casa, não precisávamos de deitar fora o lixo.

– Eu podia dar de comer ao *Herman* à mesa da cozinha! – disse Cora, excitada. – Ele tem boas maneiras! Avisa sempre antes de fazer cocó. Eriça as penas. De certeza que usava o caixote de areia da gata se lhe pedíssemos.

Olhei para a casa. Telheiros. Dos lados. Caí de joelhos ao lado de Ivy.

– Leva essa ideia até ao nível seguinte. Os telheiros. Sê criativa.

Ela abriu muito os olhos escuros.

– Eu?

– Diz-me como é que acrescentavas divisões a esta casa.

Ivy olhou para mim, espantada, e depois, lentamente, virou-se para a casa.

– Bem, se a ideia é que as pessoas nunca deixem de reparar na parte antiga, na parte original, sem registarem muito as partes novas… – Abriu os braços. – Podíamos construir… alas. A casa era o centro destas novas alas, estás a ver? Tinham de ser alas iguais, como num jogo de

computador quando se olha para o fundo de uma alameda e a alameda obriga a olhar mesmo para o meio. As alas da casa obrigavam as pessoas a olhar imediatamente para o meio, para a parte antiga. Estás a ver? Como… como uma ilusão. – Deixou cair os braços, mexeu-se embaraçada e encolheu os ombros. – Esquece, é uma ideia estúpida, já sei.

– Não. Não, é perfeita!

Arregalou ainda mais os olhos, atónita. Acenei por cima da cabeça dela para Cathy que nos estava a observar com um sorriso mudo.

– É muito simples. Eu é que estava a complicar tudo. O que temos de fazer é acrescentar duas extensões iguais de cada lado da casa. Alargamos as divisões existentes, ampliando-as para fora. Assim, deixamos o interior central praticamente intacto. Tudo o que é novo fica nas extensões.

– Incluindo as casas de banho? – perguntou Cathy.

– Incluindo as casas de banho. – Ela e as raparigas aplaudiram. – Como a casa original está revestida com ripas, revestimos as novas alas a pedra. O contraste atrai o olhar para o centro, para a casa original. – Excitado, enquadrei a casa com as mãos, gesticulando. – Acrescentamos algumas plantas perenes, criamos uma curva perfeita na paisagem à frente, aqui e ali e além, e a casa mantém a integridade original. A ilusão faz justiça ao conceito, dentro e fora.

Cathy soltou um grito de prazer.

– Quem vê caras não vê corações.

– Gosto de a ver assim.

Olhei para Ivy.

– Queres ajudar-me a desenhar o projeto?

– Estás a falar a sério?

– Estou. A ideia foi tua, por isso tens de supervisionar. Pomos o estirador na sala de estar. A luz lá é melhor e há espaço para uma segunda cadeira.

– Vamos a isso!

Cora estava com um ar um pouco triste por ter sido esquecida.

– Ei – disse-lhe Cathy com ternura –, a Ivy pode ajudar o Thomas com o projeto mas, quando as extensões estiverem construídas, preciso da tua ajuda com a decoração. Temos de começar a procurar inspiração em revistas de decoração, de acordo?

Cora abriu-se num sorriso.

– Eu gosto de escolher cores!

– Ótimo. Está então combinado. – Cathy fez-me a continência. – A *Equipa Residência Nettie* está pronta para o trabalho, senhor arquiteto.

Fiz-lhe também a continência e depois mandei as tropas para dentro de casa.

– Primeiro, o trabalho de casa e o jantar. Depois fazemos alguns esboços.

As raparigas correram para dentro de casa.

Cathy pegou-me na mão e levantou os olhos para mim de uma maneira que lhe garantia sexo no celeiro nessa noite, mesmo com um bode a observar.

– As miúdas precisavam de sentir que esta casa também é delas. Tornaste isso possível. Obrigada. Se calhar vamos mesmo atinar com esta coisa de sermos pais.

Beijei-a.

– Às tantas precisamos de mais inspiração caprina. Imagina o que podia acontecer se comprássemos um *rebanho* inteiro para fazer companhia ao *Banger*. Que dizes?

Ela pensou um minuto.

– Não te vou dizer só «não» – respondeu com voz doce –, vou dizer-te «*jamais*».

Capítulo 25

Cathy

Preparando o Terreno

Não tardámos a ter um projeto de que eu e o Thomas gostávamos e para o qual as pequenas tinham contribuído com imensas ideias. Estávamos prontos para começar a construir.

Numa fria manhã de março, acordei com o peso de duas raparigas, duas cadelinhas e uma gata na minha cama de casal, todas tão excitadas que não tinham pregado olho nessa noite, acabando por adormecer ao meu lado. Precisavam de mim e eu tinha-as deixado aninharem-se junto a mim durante toda a noite para as confortar. Eu não tinha praticamente dormido e fora assaltada por pesadelos. As mãos tremiam-me; estava numa lástima emocional, precisava de esquecer quem era e que aparência tinha. Mas as raparigas dormiram o sono dos justos. Tinha conseguido, o que era raro, esconder delas as minhas emoções. Não faziam ideia do que a data significava para mim.

Inalei o aroma do café, saí da cama, vesti-me e encaminhei-me para a cozinha. Thomas acordava-me muitas vezes, entrando sorrateiro em casa e fazendo café. Nessa manhã, o cheiro dele e do café moído comoveu-me ainda mais do que o habitual.

Era o primeiro aniversário do meu acidente.

Thomas estava de costas para mim diante do lava-loiça. Parei à porta, enchendo-me de desejo ao vê-lo. Vestido de flanela e bombazina, um bom corte de cabelo do barbeiro, ombros largos, belo rabo, sem tocar em *vodka* desde janeiro, repleto de esperança. *Não penses neste dia há um ano*. Queria a minha dose matinal de Thomas, a sensação dos braços dele à minha volta, o beijo vagaroso.

– Bom dia – disse ele. Fez um pequeno gesto floreado com as mãos ao acabar de encher duas chávenas de *Starbucks* da enorme máquina de filtro antiga que tinha comprado na feira de velharias, em Turtleville. Lentamente, virou-se para mim.

E revelou-me o rosto sem barba.

– Em nome de novos começos – explicou simplesmente, observando com atenção a minha reação. – É um dia para celebrar novas aparências.

A sua barba castanha tinha desaparecido por completo, bem como o bigode. Pela primeira vez, desde que o conhecia, vi o contorno anguloso do seu maxilar, o queixo poderoso, a covinha irresistível ao lado do canto direito da sua boca. Ele apontou para a covinha.

– Queria só que visses a marca de nascença dos Mitternich.

– É espetacular – declamei, entre sorrisos e lágrimas. Ele queria agradar-me. Dizer que a mudança era uma coisa boa, mesmo as *minhas* mudanças, as minhas cicatrizes, embora fosse uma afirmação que eu jamais aceitaria. Quem me dera poder acreditar que ele me achava verdadeiramente bela como eu era agora.

Mas não, nunca acreditaria.

Nesse dia, ao fim da tarde, quando o pôr do sol cobriu Hog Back de frias tonalidades douradas, eu, o Thomas e as raparigas pusemo-nos ao lado da grande extensão acinzentada das fundações recentemente betonadas da casa.

– Estão a ver, meninas? – perguntou Thomas, apontando para os tubos brancos que se projetavam do betão. – É a canalização. Ali é uma casa de banho, ali é outra, e aqueles são para a nova cozinha. Já me resignei à modernização desta casa. Ou, pelo menos, à modernização das novas alas. No entanto, recordemos sempre como era antes do dia de hoje.

– Ontem à noite, a *Laura* bebeu do penico no nosso quarto – disse Cora muita séria. – Acho que vai gostar mais de beber de uma retrete autêntica.

Não havia como Cora para relativizar as coisas. Arqueei uma sobrancelha para Thomas. Ele suspirou e virou os olhos para o betão em silêncio.

Não tardaria muito que a casa ocupasse este espaço cinzento. As novas divisões mais do que triplicariam a maravilhosa casa da avó Nettie em tamanho, os velhos quartos tornar-se-iam salas de estar para os novos quartos, a cozinha original passaria a ser uma entrada com despensa para a nova, a pequena sala de jantar transformar-se-ia num recesso de apoio para a nova sala de jantar, seriam acrescentadas duas lareiras, três casas de banho completas, vários armários espaçosos, dois vestíbulos laterais e muitas janelas enormes e cheias de sol. Mas o coração da casa, a grande sala de estar com a lareira e os armários embutidos, continuariam inalterados.

Bem-vinda à casa que construí para ti, sussurrava a minha avó do caminho da frente, do

alpendre de arco, da porta de entrada com a sua paisagem de montanha em vitral, da sala de estar, do espaço onde surgiriam as novas divisões da sua casa. *Estás a ver? Sobreviveste. Já não importa quem eras. Agora, trata-se apenas de quem és. Vai correr tudo bem.*

Avó, só queria ter a tua fé.

Thomas passou um braço à minha volta.

– Temos de comemorar este estaleiro de obras. Vão buscar paus, meninas. Vamos assinar os nossos nomes no betão antes que seque.

Armadas de paus, ajoelhámo-nos ao pé da placa cinzenta. *Cathryn, Thomas, Iverem e Cora*, gravámos. Eu escrevi o mês e o dia e Thomas o ano. Sentámo-nos e contemplámos a prova da nossa presença aqui, de que estávamos vivos e juntos nesta data histórica. Eu desejava desesperadamente sentir felicidade e satisfação por ter sobrevivido, conformar-me com o que me tinha acontecido, mas ainda não estava preparada, como Thomas não estava preparado para enterrar o camião de brincar do Ethan. Tinha-o agora numa prateleira no celeiro.

– *Bée* – baliu o *Banger* de repente, surgindo da sombra a galope. As cachorrinhas adoravam dar-lhe caça e ele gostava de fingir que fugia. Saltou para cima do betão com os quatro cascos fendidos, com as cadelas atrás. Vimo-las deixar um rasto irregular sobre o betão fresco. Thomas quase explodiu.

– Raios, esta secção vai ter de ser betonada outra vez.

De súbito, a gata largou também a correr atrás dos outros. Agora, pequenas pegadas de gata descreviam uma linha atrás das marcas dos cascos e das patas das cadelinhas. A absurdidade indiferente dos animais coloriu o momento com uma pátina de esperança. A vida não era para ser levada a sério durante muito tempo. A alegria deixa marcas mesmo na mágoa mais empedernida.

Cora desatou a rir. Depois Ivy, incapaz de resistir à sua natureza inflexível, soltou uma gargalhada. Thomas agarrou-se ao estômago e dobrou-se pela cinta, perdido de riso.

E eu não pude deixar de sorrir.

Nesse dia, todos nós deixámos a nossa marca.

Thomas

– Ela – disse Cathy, apontando furiosamente. – Não pode ser. Ela outra vez.

O tom da Cathy era, no mínimo, de desagrado. Estávamos no quintal, nessa fria manhã de primavera, a receber Jeb e a equipa dele no primeiro dia da construção da casa. O pátio estava cheio de madeira e de material de isolamento. Uma série de furgonetas subia o caminho. Bert e Roland, os meus companheiros de trabalhos forçados, que eram ótimos carpinteiros e construtores de muros secos, acenaram-me.

Mas a carrinha para a qual Cathy sacudia o dedo era a da Alberta. Da Quinta da Deusa do Arco-Íris. Trazia a Alberta e a sua equipa de carpinteiras. Cathy cobriu melhor o rosto com o colorido lenço primaveril e ajeitou os alegres óculos de sol pastel.

– Ela – murmurou mais uma vez.

– Desculpa, mas as raparigas da Alberta são as melhores do condado a construir estruturas para casas. Dá-te por feliz por estarem disponíveis. São muito requisitadas. Mais um mês e estão demasiado ocupadas na quinta para se dedicarem à construção civil.

– Seja, mas não me deixes pegar num martelo ao pé da Alberta. Não me responsabilizo se martelar alguma parte dela por *acidente*.

Alberta, pequena e musculosa, encaminhou-se para nós. Ignorou Cathy e estendeu-me a mão.

– Gosto do teu plano. Bestial. Obrigada por nos contratares. – Apertámos a mão.

Cathy estendeu a mão esquerda, de palma para baixo, para um aperto. Nunca apertava a mão desfigurada e Alberta sabia, mas limitou-se a lançar-lhe uma olhadela desdenhosa. O olhar estendeu-se até ao lenço e óculos de sol pastel de Cathy.

– Por quem é que te estás a fazer passar desta vez? Pela ajudante secreta do Coelhinho da Páscoa?

– Vai-te lixar – respondeu Cathy sem mais, entrando em casa.

Franzi a testa à Alberta.

– Um pouco mais de compaixão não te ficava nada mal.

– Thomas, não a apapariques, ela não é tua filha, é tua *mulher*. Deixa-a travar as lutas dela. Se não lhe deres para baixo, há de ser uma doida carente a vida toda.

– Eu não a apaparico. Além disso, *gosto* de gente doida. É o que eu sou.

– Dás-lhe mais mimos do que pensas. As mulheres transformam-se em crianças ressentidas quando os homens lhes dispensam cuidados a mais. E os homens transformam-se em paizinhos ou tiranos. Não corras esse risco.

Antes que eu pudesse falar em defesa de Cathy, ela desarvorou da casa, com a carteira pendurada ao ombro e as chaves do *Hummer* na mão.

– Telefonaram da escola. A Ivy meteu-se numa briga. Vão suspendê-la. Tenho de ir.

Deitei de imediato a mão às chaves. Cathy tirou-mas. Respirando com dificuldade, com as mãos a tremer, fulminou Alberta com os olhos.

– Eu sou capaz de tratar disto sozinha.

Conduzir no asfalto? Até Turtleville? Seria interessante. Queria desesperadamente demovê-la da ideia. Mas, às tantas, Alberta tinha razão. Por vezes, esforçava-me em demasia por protegê-la.

– Pronto – garanti –, liga-me para o telemóvel se precisares de alguma coisa.

Cathy sacudiu a cabeça e entrou para o *Hummer* com grande dignidade. Porém, ao afastar-se do pátio, desceu a janela, pôs de fora a mão esquerda e fez um gesto feio à Alberta. Quando o *Hummer* desapareceu no caminho, Alberta deu-me uma palmada nas costas.

– Estás a ver? A Cathy prefere comer sapos vivos a dar parte de fraca à *minha* frente. Ótimo. Não te cobro nada pela sessão de terapia.

A assobiar, foi descarregar as ferramentas.

Tinha algumas bem grandes.

Cathy

Eu estava um pilha de nervos e toda a gente na Escola Preparatória do Condado de Jefferson percebeu. Pelo menos, na minha imaginação. E não foi imaginação minha as cabeças que surgiram à porta das salas de aula enquanto me apressava por um corredor em direção ao gabinete da diretora. Não foi imaginação minha as professoras que sustiveram a respiração ao verem as cicatrizes visíveis debaixo do meu lenço. Nem foi imaginação minha terem-se posto a sussurrar vivamente entre si quando passei.

A diretora confirmou as minhas suspeitas.

– Lamento a reação das pessoas – afirmou, instigando-me a entrar no gabinete e fechando a porta. Reparei que a cara dela estava completamente branca e ela evitou olhar de frente para mim. – O corpo docente inteiro participou num seminário sobre sensibilidade a deficiências em

Asheville ainda não há seis meses. – Sorriu constrangida. – Ai, valha-me Deus, não queria implicar que a senhora fosse *deficiente*. Peço *desculpa*. Perdoe-me. Não sabia o que esperar da sua figura. Se era grave… oh, meu Deus, peço mais uma vez desculpa.

– Não há problema, descontraia – menti com ar alegre, roída por dentro.

Ela deitou-me vários olhares enquanto me conduzia a uma cadeira diante da secretária.

– Não interessa. – Sentei-me. – Falemos então da Ivy.

A diretora respirou fundo e sentou-se à minha frente.

– Ms. Deen, relativamente à sua filha adotiva…

– Trate-me por Cathy, por favor. Já referi que tenciono inscrever-me na Associação de Pais e Professores?

– Agora chama-se Associação de Alunos, Pais e Professores.

– Ah, ótimo. Creio que já sabia. Tinha-me… esquecido.

A diretora sorriu paciente, continuando a evitar encarar-me. Pigarreou.

– Pois, bem, a Ivy. É a terceira vez desde o outono que a Ivy agride fisicamente um colega. Das duas primeiras vezes, claro, chamei a tia dela, que não quis saber e se recusou a falar comigo. Agora, infelizmente, o problema é seu.

– Repare, ela tem atravessado um período difícil.

– Compreendo, acredite. A Ivy tem imensas potencialidades.

– Sim. Tem sido uma aluna excecional apesar de a tia nunca ter olhado pelas raparigas. Desconfio que ela se sente entediada. Precisa de frequentar aulas mais avançadas. No próximo ano, quando for para a escola secundária, faço tenções de falar sobre o problema com os professores dela. – *Assim que superar a minha fobia de ser observada por estranhos em público.*

– Sim, ótimo, mas… temos de resolver o problema *presente*. Ela é defensiva, agressiva, mal-educada e violenta.

– Eu também, de vez em quando.

– Como disse?

– Ora, não vê que ela é um alvo fácil para os outros miúdos? Tem mais alguma criança de raça

mista nesta escola? Mestiça como a Ivy, digo.

– Ao contrário do que se possa pensar, as pessoas aqui não são membros do Ku Klux Klan, entendido? Temos alunos americanos nativos, das Índias Orientais, asiáticos e hispânicos. Os problemas da Ivy não são raciais, são pessoais.

– Não concorda que a suscetibilidade dela é compreensível?

– Esmurrar outros alunos na boca não é uma questão de «suscetibilidade». É um comportamento antissocial.

– Não é obrigada a mencionar este incidente à assistente social dela, Mrs. Ganza, pois não?

– Infelizmente, sou.

Passei os olhos pelo gabinete. Fixei-os num cartaz de angariação de fundos.

– E se eu fizer um donativo substancial à escola?

– Não tente subornar-me, Cathy.

– Não, não é nada disso, palavra. Faço o donativo de qualquer maneira.

– Obrigada.

Isto não estava a correr bem. Antigamente nunca tinha de regatear com ninguém. Senti-me desanimar um pouco.

– Que é que a outra criança lhe disse de concreto?

– Eu chamo-a e ela diz-lhe de viva voz.

Alguns segundos mais tarde, Ivy entrou no gabinete de ombros caídos. Trazia a mochila preta, em estilo gótico, pendurada num ombro. Estava de mãos nos bolsos das calças de camuflado demasiado largas e a camisa havaiana cor-de-rosa deslavada por cima de uma camisola azul acentuava-lhe a postura de desalento. Meia dúzia de pulseiras entrançadas adornava os dois braços castanho-claros e o cabelo castanho-avermelhado espetava-se, como uma sebe desgrenhada, refletindo as minhas tentativas para lhe fazer trancinhas à frente. Embora eu quisesse com frequência dar-lhe conselhos de moda e maquilhagem, a esperteza saloia dela e a atitude de maria-rapaz tornavam muito claro que não queria nada com as minhas parvoíces femininas.

Quando me viu, estacou e ficou a olhar.

– Como é que cá chegaste sozinha?

– Vim de carro.

Os olhos dela abriram-se muito de medo.

– Aconteceu alguma coisa ao Thomas?

– Não. Está a supervisionar as obras em casa.

– Então… conduziste sozinha? Deves estar *mesmo* lixada comigo.

– Não, estava *preocupada* contigo. Explica-me o que aconteceu.

Ela franziu a testa.

– Não vou pedir desculpa.

– Não te pedi isso. Conta-me a verdade sobre o que se passou.

– Um parvalhão chamou-me nomes. Dei-lhe um murro no aparelho.

– Que é que te chamou?

Ela mexeu-se, embaraçada.

– Que interessa? Que me suspendam. Estou-me a…

– Já usaste a tua quota de linguagem feia à minha frente e da tua diretora.

Ivy fez um esgar, mordeu o lábio inferior e encolheu os ombros.

– Que me suspendam. Não tenho nada a dizer.

A diretora suspirou.

– A vítima do ataque da Ivy chamou-lhe «totó gorda, feia e com carapinha». Vai ser castigado por isso.

Ivy olhou para mim, carregada de tristeza.

– Dizer que eu tenho carapinha é o mesmo que chamar-me «preta».

A diretora franziu a testa.

– Ora essa, não é nada disso.

– Eu sei muito bem quando alguém me chama esse nome. Já o ouvi milhares de vezes.

– Mas não desta vez. Estás a deixar-te levar pela imaginação.

Os meus instintos maternais entraram em estado de alerta.

– Esse rapaz em quem a Ivy bateu. Foi suspenso por tê-la insultado?

– Foi.

– Durante dois dias inteiros como a Ivy?

– Não.

– Porque não?

– Porque a agressora sofre sempre um castigo mais severo que o agredido. É uma regra.

– Em termos gerais, isso parece justo. Mas não quando o agredido provocou a agressora com palavras de ódio.

– Palavras de ódio? Não. Ouça, se ela pedir desculpa por tê-lo agredido e prometer não agredir mais ninguém, reduzo a suspensão dela para um dia, como a dele.

– Gostaria que o pedido de desculpa fosse mútuo. Ela por tê-lo agredido e ele por lhe chamar nomes pejorativos.

– Lamento, mas esta negociação está terminada. Já fiz a minha melhor proposta.

Levantei-me.

– Muito bem. A Ivy cometeu o crime e vai cumprir a pena. Ainda que não seja justa. Anda, Ivy, vamos para casa. Se o miúdo voltar a chamar-te um nome racista, tens a minha autorização para lhe assentar outro murro. Eu pago-lhe um novo aparelho.

– Boa – disse Ivy, olhando para mim, espantada.

A diretora levantou-se rapidamente.

– Espero que este incidente não a ponha contra a escola. Um donativo ser-nos-ia muito útil. Precisamos desesperadamente de um departamento informático. Temos muitos alunos desfavorecidos que precisam de todas as oportunidades possíveis para sobreviverem num mundo orientado para a tecnologia.

– Eu pago o departamento.

Ela olhou para mim, boquiaberta.

– Apesar de a minha decisão a respeito da Ivy lhe ter desagradado?

– Não vou fazer a escola pagar só porque discordo da sua decisão. Fui demasiado bem-educada para isso.

– Obrigada.

– Pago o departamento sob duas condições: ele deve ter o nome da minha avó… Mary Eve Nettie… numa placa ao lado da porta e deve ser pendurado um letreiro com uma citação sobre justiça e tolerância numa parede. Qualquer coisa do Dr. Martin Luther King Jr. E quem escolhe a citação é a Ivy.

– Combinado.

Apertámos a mão.

– A Ivy retoma as aulas dentro de dois dias. Boa tarde.

Peguei na mão de Ivy. Ela estava sem fala. Ao avançarmos pelo corredor, os professores espreitaram novamente às portas. Vislumbrei várias mãos levantadas a fotografar com os telemóveis. Ivy olhou para todos com hostilidade.

– Ei, metam-se na vossa vida! Ainda dou esses telefones ao meu bode! Parem de comer a Cathy com os olhos!

– Chiu.

Apertei mais o lenço à volta da cara, puxei pela mão de Ivy e largámos a correr. Não foi exatamente um dia escolar de mãe e filha muito digno, mas demonstrámos que podíamos ser boas juntas numa corrida de sacos.

De regresso ao Vale, a uns estonteantes cinquenta quilómetros à hora, com as mãos a tremer, senti os olhos escuros de Ivy fixos em mim do banco do passageiro.

– Defendeste-me. Porquê?

– Hei de defender sempre o teu direito a um tratamento justo.

– Não quis causar problemas. Não quero que Mrs. Ganza descubra. E se ela…

– Não te preocupes com Mrs. Ganza. Vamos pensar em maneiras de lidares com incidentes futuros sem destruíres a prótese dentária de um labregozinho qualquer.

Ela afundou-se no assento.

– Não é tão fácil como julgas. Nunca ninguém *te* chamou nomes.

– Achas que não? – Contei-lhe o incidente com as manifestantes no Four Seasons. – E um crítico de cinema chamou-me «betinha com dentes grandes». Outro disse que eu era «um regalo para os olhos com mais charme do que talento».

Ivy disse baixinho:

– Mas tu não és gorda e feia e eu *sou*.

– Tu não és gorda e feia.

– E tenho carapinha. E sou totó.

– Não há nada de mal com nenhuma dessas coisas. Além disso, não é moderno hoje em dia ter carapinha?

– Quero parecer-me com a Halle Berry. Como tu. Tu tens ar de uma Halle Berry branca. Digo eu, és bonita como ela, estás a perceber?

– Não precisas de te parecer com a Halle nem comigo nem com ninguém para seres bonita. Sê tu própria.

– Estás a falar por falar.

– O quê? Estou a falar a sério. Uma rapariga não pode deixar-se intimidar pelas pessoas por causa da imagem que tem de si mesma. Tem de ser única. Confiante.

– Se achas mesmo que a figura não importa, porque é que continuas a não mostrar a cara a estranhos?

Agarrei no volante com mais força.

– Ser famosa significa que estou à mercê de fotógrafos que querem explorar…

– Ora, não queres é que as pessoas digam que és «feia». Tens sempre medo que te chamem feia. Nada que o Thomas diga te faz sentir melhor. Ele ama-te mas, no fundo, tu não compreendes de que maneira ele te vê. Por mais que eu e a Cora tentemos mostrar-te que não damos importância à tua figura, tu não nos ouves. – Levantou a voz. Brilhavam-lhe lágrimas nos olhos. – Que acontece se flipares e decidires que nunca mais sais à rua? Mrs. Ganza é capaz de decidir que és mesmo doida e levar-nos para outra família!

Encostei à berma, virei-me para ela e peguei-lhe nas mãos.

– Ivy, meu anjo, prometo que não vou deixar os meus problemas prejudicar…

– Sou feia e nunca hei de ser amada por ninguém. Eu sei. Exatamente como tu. Nunca serei bonita o suficiente para alguém me amar e tu também não, e um dia vais flipar de vez e depois eu e a Cora vamos ficar sem casa!

Virou-se para o outro lado, a soluçar.



– Deste o teu melhor – assegurou-me Thomas nessa noite. Estávamos sentados na cozinha. – A Ivy dá-se muito à emoção. Não te culpes.

Debrucei-me sobre uma chávena de chá tépido.

– Mas ela tem razão. Se não tenho confiança em mim própria, como posso fazer-lhe sermões sobre o assunto?

– Tenho uma sugestão. Se calhar, precisas de passar um tempo só com as raparigas. Para verem como se dão sozinhas. Dois dias, sem mim aqui.

Levantei imediatamente os olhos para ele.

– E tu para onde vais?

– Vou a Nova Iorque. Tenho assuntos para finalizar com a Ravel.

– Queres mesmo voltar a abrir essa caixa de Pandora?

– Não há problema. É uma coisa que ando para fazer há uns tempos. És capaz de ficar aqui com as pequenas? O Jeb e a Alberta estão cá a trabalhar, por isso…

– Talvez seja melhor esperares uma ou duas semanas até a Ivy voltar a falar comigo.

Ele afastou o meu chá morno para o lado e pegou-me na mão. Fixou-me o olhar.

– Quero proteger-te contra tudo o que te mete medo. Uma parte de mim faria isso por ti para sempre, sem nunca questionar nada. Mas estou a esforçar-me por ultrapassar esta necessidade que sinto de proteger as pessoas que amo com uma obsessão corrosiva. Tens de me ajudar. Provar que passas bem sem mim.

Ao fim de alguns momentos, assenti. Sabia pintar as coisas como se fosse *ele* quem tinha problemas a resolver e não eu.

– Eu sei o que é ser severo com alguém por amor. Nós ficamos bem enquanto estás em Nova Iorque. De verdade. Quero que vás.

Ele levou a minha mão desfigurada aos lábios e beijou-a. Consegui esboçar um sorriso, mas o

sangue tinha-me gelado nas veias. *Não vou ficar nada bem. Cada dia que passa dependo mais dele.*

Thomas

Era penoso deixar Cathy e as raparigas mesmo que fosse só por dois dias. Severo por amor? Era severo para *mim*, isso era. Apanhei um avião para Nova Iorque, fui de táxi para Manhattan e deixei uma mensagem à minha cunhada com um porteiro na Torre Trump, entregando-a na grandiosidade vácua do famoso átrio com o seu mármore de veios rosa.

Ravel,

O que eu e tu desejávamos ter feito de maneira diferente no 11 de Setembro já não tem importância. Nenhum de nós queria que as pessoas que amávamos morressem; nenhum de nós causou deliberadamente a morte da Sherryl, do Ethan e do bebé que a Sherryl trazia no ventre. Se pudesse ter trocado a minha vida pela deles nesse dia, tê-lo-ia feito. Estou certo de que sentes o mesmo. Estou a seguir em frente com a minha vida. Espero que possas seguir com a tua. Adeus.

Thomas

Mesmo que a reação dela fosse mais uma vez mandar-me dar uma curva, o assunto estaria encerrado. Quando não recebi qualquer resposta, não me preocupei. Por vezes, tomar uma posição é mais importante do que receber uma resposta.

Cathy

Tal como eu receava, a Ivy não me dirigiu uma palavra depois de o Thomas partir para Nova Iorque. Mas quando, na manhã seguinte, eu e a Cora saímos para ir ao lago, a Ivy não resistiu a acompanhar-nos. Eu e a Cora contemplámos a água de mãos dadas.

– Esta primavera, vamos acrescentar uns pedregulhos bonitos, uma fonte, nenúfares, alguns juncos e peixes – anunciei. – Vamos criar um lago com peixes. Há de atrair rãs, tartarugas, libélulas, borboletas, veados e perus sequiosos e aves canoras.

– E fadas! – acrescentou Cora.

– Podes crer. Ah, tenho uma ideia. Vamos pôr nomes aos peixes. Conheces nomes giros para peixes?

Os olhos da Cora brilharam.

– *Nemo* e *Dorie* e *Simba* e…

– *Simba* é um leão dos desenhos animados – objetou Ivy. – Limita-te aos *peixes*.

Lentamente, sustendo a respiração, virei-me para encará-la.

– Mas não existe um peixe chamado peixe-leão?

Ela encolheu os ombros.

– É capaz. Sim.

Cora mirou-a, cheia de paciência.

– Os leões são dourados e os peixes-dourados são dourados, por isso pode haver um peixinho-dourado com nome de leão.

– Como queiras.

Fingi estar absorta em reflexões.

– Que mais é dourado? Ou amarelo? Girassóis. Manteiga. Já sei, vou pôr o nome de *Girassol* e *Manteiga* aos meus peixes-dourados. Ah, e sumo de laranja. Um dos meus peixes vai chamar-se *Sumo de Laranja*.

Ivy aproximou-se da borda do lago.

– Eu vou pôr o nome de *Pus* ao meu peixe. O pus é amarelo.

– Não te esqueças de *ranhoca* – lembrei-me. – Também é mais ou menos amarelo.

Ela fez um trejeito com a boca. Não conseguiu ficar calada.

– *Pus* e *Ranhoca*. Fixe. *Pus* e *Ranhoca*, os peixes-dourados. Boa!

– Vocês são nojentas – guinchou Cora, rindo-se.

– E *Chichi* – atalhei. – Também precisamos de um peixe-dourado chamado *Chichi*.

Cora achou que era a coisa mais cómica que já tinha ouvido. A brejeirice fê-la entrar em histeria. Desfez-se completamente em risadinhas. Até Ivy sorriu. Quando lhe dei uma cotovelada – uma versão mais feminina da pancadinha nas costas – ela respondeu na mesma moeda. Éramos outra vez amigas, pelo menos para já.

– Um peixe chamado *Chichi* – repetiu Cora, rindo-se cada vez mais.

Eu e a Ivy trocámos um sorriso e revirámos os olhos. No meio daquele tranquilizador momento, a minha avó sussurrou-me, como tantas vezes fazia, escondida nos meus próprios pensamentos. *Nunca mais vais olhar para este velho lago da mesma maneira. Vais lembrar-te de te teres rido a propósito de peixes-dourados. Vais-te lembrar e estas raparigas também. Doravante, a recordação dos risos e da sensação de seres amada estará aqui, nesta água.*

De repente, senti um impulso irresistível para ligar a Thomas a dizer-lhe que também era amado.

Thomas

Eu e o Marcus Johnson estávamos no Ground Zero, a olhar sobre um gradeamento para a área de implantação das torres, agora vazia. Um vento frio enregeláva-nos a cara. Marcus, um bombeiro nova-iorquino que tinha estado de serviço no 11 de Setembro e nos meses seguintes, tornara-se um bom amigo no meio do sangue, do pó e das ruínas. Tinha perdido colegas de profissão e estava determinado em não me perder a *mim*. Fora o Marcus quem me dera uma máscara respiratória, no meu primeiro dia como voluntário, dizendo: «Anda sempre com ela, Mitternich, senão os teus pulmões transformam-se em pedra. Andam substâncias a pairar aqui no ar que podem dar cabo de nós todos.»

Graças a Marcus, não me contava entre os milhares de trabalhadores no Ground Zero com problemas pulmonares. E ele também não.

– Que raio aconteceu aqui? – perguntou Marcus, fatigado, apoiando-se no gradeamento. Abriu a grande e escura palma da mão e deixou algumas pétalas de rosa vermelho-sangue flutuar no vento frio. – Caramba, será que alguma vez vamos conhecer a verdade sobre quem sabia o quê e quando souberam e se isto podia ter sido evitado?

Tirei-lhe uma rosa, esmaguei-a na mão e deixei as pétalas flutuar.

– As pessoas que amávamos morreram. É a única coisa de que alguma vez teremos a certeza.

– Os burocratas não se entendem sobre o que fazer com este terreno.

– Eu sei. Pediram-me um comentário sobre o projeto para o memorial. Disse-lhes que me estou a marimbar para o que *construírem* aqui. Não preciso de nenhum memorial para recordar o que aconteceu e, qualquer que seja a maravilha arquitetónica que ponham no lugar das torres, hão de ser sempre as torres que vejo quando olhar para este sítio.

Marcus anuiu.

– Os burocratas hão de andar às turras para controlar este lugar durante muitos anos. Cabrões gananciosos.

– Agora não passa de mais um projeto de restauro. É um local histórico, onde os turistas podem tirar uma fotografia e comprar um postal, para toda a gente menos para as pessoas que estavam aqui nesse dia e para as que perderam entes queridos.

– Talvez isso seja bom, Thomas. Equacionar assim as coisas.

– Não sei. Quem me dera acreditar em respostas simples.

O telemóvel de Marcus tocou. Ele abriu-o e encostou-o à orelha.

– Sim? – Silêncio; ficou a ouvir. – Está a gozar comigo, minha senhora? É, pois, e eu *sou* o Denzel Washington. – Marcus apertou o aparelho contra o casaco e olhou para mim. – Conheces alguma mulher que fale como a Scarlett O'Hara? Esta diz que é a Cathryn Deen. A atriz. A que ficou grelhada num acidente de automóvel no ano passado.

– E é.

Marcus olhou para mim, pasmado.

– Estás a gozar comigo.

– Eu conto-te tudo sobre ela e sobre mim enquanto tomamos café. É uma longa história.

– Ela diz que só quer saber se voltas para casa esta noite ou só amanhã. «As miúdas estão a fazer um bolo para ele», diz ela. «Diz-lhe que lhe comprei um telemóvel novo», acrescentou. «O veterinário diz que o *Banger* já cagou o outro telemóvel.» Quem é o *Banger?*

– Diz-lhe que volto esta noite. Tarde. Ligo-lhe de Asheville. Diz-lhe que a amo. Diz-lhe que diga às miúdas que também as amo.

– Estás a gozar comigo. Cathryn Deen. A verdadeira Cathryn Deen.

– A verdadeira.

Ele levou o telefone à orelha.

– Linda, ele vai hoje para casa. Diz que te ama. E ama as miúdas. Depois liga-te de Asheville. É. Beijos. *Chochos.* A propósito, a minha mulher é uma grande admiradora tua. Está sempre a ver os teus filmes. Também comprou os DVD. Também te amo. *Ciao*.

Marcus meteu o telemóvel no bolso, olhando para mim de boca aberta. Alongámos novamente os olhos sobre o Ground Zero.

– *Caramba* – exprimiu –, a Cathryn Deen deve ser vidente. Que coincidência. É que agora, sempre que olhar para este sítio, vou pensar no telefonema dela. E tu também.

Anuí. Senti o ânimo levantar. Cathy tinha de facto lançado a sua aura sobre as recordações deste lugar. Um bom ingrediente para juntar à mistura. Nunca mais seria eternamente noite aqui.

Cathy

Pelos vistos escolhera o momento na perfeição. Thomas estava no Ground Zero. Enquanto as raparigas continuavam a atirar nomes obscenos de peixes uma à outra, encaminhei-me para casa, sentei-me nos degraus da frente e falei com a minha avó.

– Obrigada – murmurei. – Recebi a mensagem. E o Thomas também.

Capítulo 26

Thomas

Abril

Durante um período de acalmia nas obras da casa, fui levantar o meu correio na estação de Crossroads, num dia de abril à tarde. No meio de catálogos e outro lixo, encontrei uma carta de um estranho. Um médico da Florida.

Caro Mr. Mitternich,

Estou a contactá-lo a conselho do seu irmão, John, que trata de alguns dos meus investimentos. Soube que podia pôr-me em contacto com Cathryn Deen…

Que é que tinha dado ao John? Não tinha nada que falar de Cathy aos clientes dele. Mas a minha irritação e surpresa esbateram-se ao continuar a ler. Quando cheguei ao fim, compreendi por que razão John tinha encorajado o estranho a escrever-me. E percebi o que tinha de fazer a seguir.

Só esperava que Cathy também compreendesse.

Cathy

Estava sentada na cozinha do café, num estado de espírito taciturno. Delta dava-me uma palmadinha no braço sempre que passava com uma travessa na mão. Um sábado concorrido à hora de almoço não era um bom dia para dar vazão à tristeza. Tinha ido ver Delta a fazer

biscoitos. Os meus continuavam a não querer colaborar. Mas ela estava demasiado ocupada para me dar atenção.

– Ms. Deen?

Levantei os olhos, desconfiada, por baixo de um chapéu mole de feltro por cima de um lenço de seda atado à volta da testa como se fosse um desses lenços que os motoqueiros usam.

– Thomas Mitternich disse-me que a encontraria aqui. Falei com ele ao telefone várias vezes e ontem encontrámo-nos aqui pessoalmente. Ele já verificou as minhas credenciais e responde por mim se quiser ligar-lhe agora. Só preciso de um minuto do seu tempo.

Levantei-me de imediato. Thomas não mandaria estranhos ter comigo e muito menos sem me avisar. Recuei educadamente até à porta da cozinha.

– Dê-me só um momento para verificar uma coisa lá fora, volto já…

– Ms. Deen, por favor, não entre em pânico.

– Não, não, não estou em pânico. Tenho de ir verificar uma entrega de… tomates. É que sou a responsável pelos… tomates.

Ele levantou a mão esquerda. Estava grotescamente desfigurada e faltavam-lhe dois dedos.

– Sofri queimaduras graves, como a senhora.

Estudei-o com atenção, acabando por lhe fazer sinal para me seguir. Saímos para a luz do sol. Ele agradeceu acenando com a cabeça.

– Sou o doutor Richard Bartholomew. Sou de Jacksonville, na Florida. – Indicou a mão queimada com um aceno. – Foi um acidente com o churrasco no quintal. Há cerca de cinco anos. Antes era cirurgião.

– Já não pode operar?

Ele assentiu.

– Mas posso dar aulas e consultas e pertenço à direção da ASAQS.

– ASAQS?

– É a Associação dos Sobreviventes de Acidentes por Queimaduras do Sudeste. Temos cerca de dois mil membros de toda a região.

– Não fazia ideia que havia uma… uma associação para pessoas como nós.

– Há. Prestamos conselhos, dispensamos amizade, partilhamos experiências. Encaminhamos os sinistrados e as famílias para grupos de apoio locais. Publicamos um boletim informativo sobre novos tratamentos, novas terapias, etc. E… realizamos uma conferência anual. Este ano, vai ter lugar em Asheville. No outono. – Olhou para mim benévola mas intensamente. – Aceitaria integrar o grupo de oradores?

Respirei fundo. Mais do que nunca, Thomas parecia apostado em afastar-me da minha zona de conforto.

– Desculpe, não sou capaz, digo eu… não em público. Lamento se o Thomas lhe deu a impressão que eu era capaz de fazer isso.

– Não, não. Ele foi muito franco a respeito das suas apreensões e tornou muito claro que detesta que se aproveitem de si. – O doutor Bartholomew fez uma pausa. – Frisou com a maior clareza que os meus motivos tinham de ser genuínos.

– E isso não o demoveu?

– Não. Por favor, considere a possibilidade de falar na nossa conferência este outono. Não precisa de tomar nenhuma decisão já. – Entregou-me um cartão de visita. – Seria um privilégio se partilhasse as suas experiências connosco. Poderia chamar a atenção para as necessidades das vítimas, sensibilizar o público para questões de segurança e motivar os sobreviventes no sentido de recuperarem a autoconfiança.

Reprimi uma gargalhada amarga. Eu? Paradigma da autoconfiança?

– Ouça, eu não sirvo de exemplo para ninguém. Acredite. Mas tenho muito gosto em doar dinheiro à organização.

– Não estou a pedir dinheiro, Ms. Deen. Estou a pedir uma coisa muito mais importante. A sua história pessoal.

– Não me parece que tenha nenhuma mensagem positiva a transmitir, como presume.

– Por favor, reconsidere, não peço mais nada.

Despediu-se com um aceno de cabeça e partiu. Senti um aperto no peito e uma onda de pânico renovado percorreu-me a pele.

Falar? Em público?

Nem pensar. Nunca.

– És perfeitamente *capaz* de fazer esse discurso. És, sim – disse Thomas com voz tranquilizadora. – Diz ao Bartholomew que vais tentar. É muito simples. Tens meses para te preparares. Desculpa se te apanhei de surpresa, mas sabia que, de outro modo, nunca concordarias em falar com ele.

Estávamos sentados no alpendre, a contemplar o pôr do sol em Hog Back. Estava furiosa com o Thomas. Tínhamos mandado a Ivy e a Cora visitar os netos da Delta no café para podermos discutir à vontade sem elas nos ouvirem.

Sacudi a cabeça.

– Lançaste-me uma armadilha.

– Terias aceitado falar com ele de boa vontade?

– Não. Porque é que havia de aceitar? Não sei que dizer a uma plateia de vítimas de queimaduras.

– Estás a brincar. Em que é que são diferentes de ti?

– Imagino que nunca foram consideradas «A Superestrela mais Sexy da Sétima Arte» pela revista *Vanity Fair* antes de ficarem desfiguradas.

– E depois?

– Estão conformadas com o que lhes aconteceu. Eu não. Que posso dizer-lhes? «Superem isso?» Como eu? No fundo, é o que uma pessoa queimada tem de fazer, não? Superar. Usando o termo favorito da Ivy: treta.

– Ainda há pouco tempo a Alberta me aconselhou a pressionar-te mais, se fosse preciso. Na altura, não acreditei nela, mas agora acredito. *Tens* de te apresentar em público. Esta conferência seria a oportunidade perfeita. Acredita em mim, é uma coisa que tens de fazer.

Fixei-o, espantada.

– Agora segues os conselhos da *Alberta* a meu respeito? Estás a dizer-me o que devo fazer? Estás a dar-me ordens? Ninguém *me* dá ordens. Eu não sou nenhuma namoradinha de quem se faz gato-sapato. Sou…

A frase morreu-me nos lábios. Credo, de repente apercebi-me da arrogância do meu tom. Era com Thomas que eu estava a falar. Com o Thomas.

O rosto dele crispou-se.

– É, estou a perceber. És Cathryn Deen. És especial. O resto do mundo que se amanhe

enquanto tu fazes exatamente o que te apetece, certo? Enquanto continuas a viver como a reclusa do Cume da Mulher Selvagem? Mesmo à custa de magoares e desiludires todas as pessoas que te amam? Incluindo eu?

Levantou-se e foi para dentro de casa, batendo com a porta com tal força que os vitrais da minha avó abanaram. Enterrei a cabeça nas mãos.

Não podia discursar em público, mesmo que ele nunca mais me perdoasse.

Thomas

Estava a pressionar demasiado Cathy. Tinha consciência disso. Reconciliámo-nos e fizemos amor; jurámos que não tínhamos dito aquelas palavras a sério. No fim de abril, já podíamos fazer de conta que nunca tínhamos discutido a propósito do convite da ASAQS, mas eu encontrei o cartão do doutor Bartholomew no cesto dos papéis ao lado do meu estirador, onde Cathy o tinha deitado para que eu o visse. Queria certificar-se de que eu percebia que o assunto estava encerrado. Pois bem, alinharia no jogo. Engoli a língua e não abri a boca: um mau hábito que já vinha do meu casamento com Sherryl. A tensão persistia e supurava.

Hog Back e as montanhas de Ten Sisters cintilavam com dezenas de tonalidades de verde. Os arbustos primaveris estavam em flor. As primeiras abelhas da estação zuniam voluptuosamente em redor dos estames pejados de pólen. O café fervilhava com visitantes trazidos pelo bom tempo e, aos sábados à noite, Alberta, Macy e outros músicos locais realizavam sessões improvisadas na obscuridade fragrante do alpendre frontal. Campistas e gente da terra traziam cadeiras e geleiras para esses pequenos concertos. Um sábado, já tarde, depois de todos os visitantes partirem, eu, Cathy e as raparigas estávamos refastelados na sombra do pátio ao lado da Delta, do Pike, da Dolores e do Juiz. Cathy subiu para o alpendre, pegou no violino elétrico de Macy e tocou uma pungente versão da popular *Blue Moon of Kentucky*.

Ouvimos surpreendidos.

– Caramba, rapariga, és uma rabequista e tanto! – disse Pike quando ela acabou.

Alberta estava siderada. Macy sorriu e bateu palmas. Todos batemos. Cathy fez uma leve vénia sardónica e voltou para a sua cadeira de jardim.

– Tive algumas aulas de instrumentos de cordas em criança – informou, deitando-me um olhar enigmático. – Estás a ver? Não me importo nada de atuar em público desde que sejam pessoas que conheço e em quem confio.

Não respondi, limitando-me a acenar com a cabeça.

Reconhecia a ferida aberta dentro de mim que precisava de controlar as situações, de construir muros de proteção à volta das pessoas que amava. Embora eu e Cathy ainda tivéssemos problemas para resolver, não teria chegado o momento de tomar decisões a respeito do futuro de Cora e de Ivy? Não havia dúvida de que as pequenas queriam viver connosco, apesar de Ivy ser dada a assomos de tristeza e de Cora continuar a prometer aos amigos imaginários que nós não as íamos abandonar.

Naturalmente, elas ainda sentiam alguma desconfiança, mas eu e a Cathy éramos capazes de ultrapassar essa situação, tal como resolvemos a questão do discurso: ignorando o problema. Eu estava pronto a aceitar a responsabilidade formal e cega por Cathy e pelas raparigas; a provar que nunca deixaria que nenhum terrorista lhes fizesse mal, que nunca deixaria que um arranha-céus desabasse sobre elas, que garantiria a sua total e absoluta segurança. Que melhor maneira de o fazer, pensava eu, do que pedir a Cathy que se casasse comigo?

O dia parecia perfeito para um pedido de casamento.

Cathy
O Pedido de Casamento

Devia ter adivinhado que Thomas me ia pedir em casamento nesse dia. Delta pôs um ar exageradamente inocente quando convidou Cora e Ivy para jantar e ir a uma sessão dupla de cinema com ela e com os netos em Turteville. Mas só me ocorreu que ela nos queria dar uma oportunidade de batizar a primeira parte da extensão da casa oficialmente concluída. A pequena cozinha da avó Nettie, com o seu encantador pavimento salpicado de estrelas e balcões de azulejos feitos à mão, era agora a imponente entrada para a nova cozinha e para o seu recanto de jantar. O pavimento continuava num outro pavimento mais largo de ardósia polida, e candeeiros de cobre e vitrais geométricos enchiam a cozinha à noite de uma luz quente. O enorme lava-loiça fundo de metal da minha avó ocupava um lugar de honra por baixo de uma torneira moderna numa parede nova, com uma janela larga e um peitoril profundo para vasos de ervas aromáticas.

Eu adorava o velho lava-loiça da minha avó. Se a madeira, a pedra e o metal de uma casa são habitados por espíritos, o da minha avó vivia naquele velho lava-loiça. Venerava-o como se fosse um altar. Haviam sido instalados cabos elétricos e uma caldeira de água quente. Eu, o Thomas e as raparigas transformámos num ritual a abertura da torneira da cozinha pela primeira vez e colocámos solenemente as mãos debaixo da água quente.

Em contraste, eu tinha isolado o grande e assustador fogão num recesso de pedra, rodeado de armários de cerejeira e vidro, ao lado de um enorme frigorífico com congelador. *O frio vence o calor*, pensei. Ao lado estava uma longa mesa antiga de pranchas de carvalho de árvores tão

velhas que cada tábua media quase sessenta centímetros de largura. Tínhamos posto elegantes cadeiras de cerejeira com assentos almofadados à volta da mesa. A cozinha era sumptuosa e reconfortante como um biscoito coberto de delicioso mel.

Enquanto esperava a chegada de Thomas para o nosso primeiro jantar a dois, abri a porta do forno, retirei o meu mais recente tabuleiro de biscoitos e olhei para a massa esturricada. Bolas!

Ainda não aprendi o toque mágico. Esta cozinha sabe que não valho nada. Sabe que tenho medo do fogão, medo do futuro, medo do mundo exterior. Tal como o Thomas sabe.

Deitei os biscoitos no lixo, bebi um gole de vinho, mexi um tacho de pastosa sopa de batata e alho-francês, misturei uma taça de salada, endireitei os novos talheres de prata nos novos individuais na velha mesa e depois olhei pelas janelas. Até Thomas admitia que a casa beneficiava dessa encantadora paisagem e de toda a luz do sol que ela trazia.

Ouvi o ruído da carrinha de Thomas. As cadelinhas abanaram as caudas e correram para a porta de entrada. Rapidamente arranjei o cabelo e dei um jeito à roupa. O coração começou a bater mais depressa e o meu corpo, antecipando-o, encheu-se de doçura. Fossem quais fossem os nossos problemas, não era capaz de imaginar a minha vida sem ele.

Ouvi a porta de entrada abrir e fechar, os passos dele no vestíbulo e a correria das cadelinhas de volta das pernas dele. Assumi uma pose artística ao pé da mesa, como se tivesse acabado de parar ali de um modo decoroso.

– Estou aqui a cozinhar para ti – anunciei.

– Sinto o aroma maravilhoso dos teus biscoitos – replicou.

– Isso é porque me esqueci de ligar a nova ventoinha de teto e pulverizar o ar com ambientador para disfarçar o cheiro a queimado.

Ele apareceu à porta. Trazia um enorme ramo de flores primaveris numa mão e uma das vasilhas de leite de nove litros da minha avó na outra. Estava com um par de *jeans* deslavados, um cinto de boa qualidade e uma camisa impecável branca, aberta no colarinho. Olhou-me de cima a baixo, lentamente, e não tirou os olhos de mim ao aproximar-se do balcão. Pôs as flores na vasilha do leite, encheu-a com água no lava-loiça e colocou o arranjo na mesa entre os nossos individuais de mesa. Sem nunca tirar os olhos de mim. E eu olhava para ele, de braços caídos e queixo levantado, o meu corpo num ângulo perfeito e o coração aos saltos.

Acercou-se de mim, parando ao meu lado, o corpo muito próximo do meu, mas sem me tocar e deixando um espaço fluido entre ambos, carregado de intensidade. Ergui a cara, escondendo como sempre o lado desfigurado, num esforço para esquecê-lo. Peguei-lhe na mão.

– Vamos fazer amor num quarto autêntico. Na minha cama.

Os seus dedos fecharam-se em redor dos meus.

– Isso – concordou, puxando-me contra si – seria delicioso.

Quando é bom, o sexo faz a vida parecer simples. É o perigo dele. Permanecemos deitados, nus, na minha cama em desalinho. Thomas era um desses homens raros que gostavam de falar depois de fazer amor. Era um traço que eu, em geral, apreciava, mas não ultimamente. Demasiado arriscado. As distrações eram mais seguras. Tirei o meu vibrador debaixo da cama.

– Quero mostrar-te os usos milagrosos da eletricidade moderna – declarei, exibindo o aparelho.

Ele pousou a mão sobre a minha e impediu-me.

– Vamos vestir-nos e dar um salto a Ruby Creek. Eu é que te quero mostrar uma *coisa*.

– É bom que seja tão excitante como isto – respondi, acenando-lhe com o vibrador e piscando-lhe o olho maliciosamente enquanto o terror me crescia no peito.

– Muito mais – assegurou-me com ar sério.

Ajoelhámo-nos junto do ribeiro, na doce sombra do fim da tarde, segurando nas bateias de metal pouco fundas que Thomas tinha trazido.

– Enfia a tua bateia naquela areia ali – instruiu. – Apanha a areia com alguma água, fá-la girar e escoa-a pelo lado. Se fizeres com jeito, a areia sai e deixa ficar as pedras preciosas.

– Tens a certeza que encontramos rubis ou safiras neste sítio? Porquê aqui?

– As condições físicas são perfeitas. Calculei a curva das correntes, a percentagem do volume de água, a força do fluido que transporta a areia para estas inclusões aqui debaixo da superfície, a elevação hidráulica contra a tonelagem métrica.

– Até eu sei reconhecer paleio técnico quando o ouço.

– Confia em mim e apanha.

Apanhei um pouco de areia, agitei a bateia, apalpei umas quantas pedrinhas cinzentas, deitei-as fora e voltei a apanhar. Senti uma coisa pesada na bateia.

– Olha, devo ter apanhado um calhau. – Fiz girar a bateia. A areia revelou uma pequena caixa preta ao escoar. Uma caixinha de joalheiro. Fiquei a olhar para ele.

– Thomas, que é…

– Abre – insistiu.

Com as mãos a tremer, pousei a bateia, pus a caixa na palma da mão – da mão boa, naturalmente – e abri a tampa. Lá dentro, cintilava um anel de ouro e platina branca, com um desenho de retângulos delicados e interligados, encimados por vários rubis pequenos em torno de um grande diamante. Era lindo, único e de certeza desenhado por ele.

Thomas percebeu que eu não ia aceitar assim que levantei os olhos para ele. Exalou profundamente. A expressão dos seus olhos partiu-me o coração.

– Eu espero o tempo que for preciso – declarou. – Diz-me só que diabo nos está a acontecer.

Fui tomada de desânimo.

– Que acontece quando acabares de me «restaurar»? E te aperceberes – apontei para a minha cara – que, por mais que te esforces, isto nunca mais volta à forma original? – Desviei os olhos dele, debatendo-me para me dominar.

Ele aproximou a sua cabeça da minha.

– Achas mesmo que ando para aqui a desejar que o teu rosto não estivesse desfigurado? Achas mesmo que é isso que define a maneira como te vejo? Como vejo o nosso futuro?

Olhei para ele, com lágrimas nos olhos.

– Não é só a minha cara. Sou eu. Por dentro e por fora. Queres que eu seja uma mulher forte e confiante capaz de fazer frente às pessoas sem medo. Não sou capaz, Thomas. Se calhar, vou ser uma reclusa toda a vida. Se calhar, vou transformar-me na reclusa demente do Cume da Mulher Selvagem.

– Não vais nada. Recuso-me a desistir…

– Recusas-*te* a desistir. Nem mais. E se for eu a desistir? Que acontece se eu não conseguir mudar e tu não conseguires mudar-me e um dia começares a sentir-te ainda mais desiludido comigo do que agora e decidires que as minhas limitações estão a asfixiar as tuas escolhas, a tua vida, os teus sonhos? Thomas, não quero ser uma desilusão para ti nem para a Cora e para a Ivy.

– Amo-te. Estás a fazer uma tempestade num copo de água.

– Aparecer outra vez em público não é fácil para mim. Adoro estar contigo e com as miúdas e os animais, isolada aqui. Isso não chega por agora?

– Tu não gostas de ser uma reclusa. Resignaste-te. Há uma diferença. E eu facilitei-te a vida com a minha presença constante. Mas agora acabou. Não tenciono continuar a viver no celeiro. Na próxima semana, volto para a minha cabana.

Gemi.

– Como podes fazer-me uma coisa dessas? Como és capaz de transtornar a Ivy e a Cora assim?

– Que é que achas que elas pensam neste momento? Estão sempre com medo que eu e tu acabemos por nos separar. *Eu vivo no celeiro, Cathy*. Elas sabem que isso não augura nada de bom. Odeio o fingimento. Ou estamos juntos, como uma família, casados, ou este fingimento tem de acabar. Não há meios-termos, entendes? A dada altura, amar alguém significa correr riscos. Aprendi essa lição à minha custa. E tu também precisas de a aprender.

– Concordo. Sei que tenho de ser mais forte, mais corajosa, melhor. Mas não se trata de correr riscos contigo. Trata-se de correr riscos comigo.

– Diz-me que fazes esse discurso no outono. Que tentas. Não peço mais nada.

– Não posso. Não posso. Sinto muito.

Levantei-me depressa e ele também se pôs em pé de um salto. As lágrimas corriam-me agora mais copiosamente pelas faces. Ele também tinha os olhos marejados de lágrimas. Agarrei-lhe violentamente no braço.

– Não digas às miúdas que te vais embora. Elas não vão entender. Não lhes digas nada por enquanto. Dá-me alguns dias para pensar. Para pensar no que lhes hei de dizer.

Ele anuiu.

– Alguns dias.

Voltámos para casa, caminhando lado a lado, sem nos tocar, tomados de uma profunda tristeza.

Capítulo 27

Cathy

No Café

– Tu e o Thomas gostam muito de complicar as coisas – disse Delta, para ajudar, enquanto eu lhe aplicava *rouge* nas faces redondas. – Tu andas com ar de quem perdeu o melhor amigo e o Thomas anda igual. Recusa-se a falar comigo sobre o assunto. Como é homem, não consigo arrancar-lhe nada. Mas a *ti* consigo. Desembucha.

Atirei o pincel para o estojo de maquilhagem e deixei-me cair ao lado dela, numa das cadeiras com assento de ripas do café. Era segunda-feira à tarde e o café, que fechava às segundas, estava silencioso e deserto. Delta tinha pedido uma câmara de vídeo emprestada a um dos netos; eu tinha-me oferecido para fazer o papel de realizadora e operadora de câmara para um vídeo de demonstração. Tinha-a convencido a prestar provas para a Food Network.

– Continuas fechada em copas – queixou-se, vendo-me a olhar por uma janela do café.

– Vem aí uma tempestade. Olha para essas nuvens. Uma trovoada das valentes.

Delta tirou um lápis para os olhos do meu estojo e segurou nele como se fosse um espeto.

– Não me obrigues a usar isto.

Afundei-me mais na cadeira.

– Amo-o e quero casar com ele. Só não quero que ele insista tanto comigo para voltar a ser «normal».

– Ora, deixa-te disso. Se as pessoas esperassem até serem normais para se casarem, nunca ninguém dava o nó.

– As expectativas dele a meu respeito são demasiado altas. Quando uma pessoa se casa, faz a promessa de ser quem a outra pessoa quer. Neste momento, não posso fazer esse juramento de

boa-fé. Seria mentira. Quando me casei com o Gerald, não acreditava seriamente nos votos que fiz. Pensava que sim, mas não passavam de palavras. Desta vez, não quero que sejam apenas palavras.

Delta revirou os olhos.

– As pessoas casadas dizem muitas coisas sem intenção que não cumprem, mas pelo menos tentam. Claro que se desiludem mutuamente de tempos a tempos. E depois? Que graça é que tinha se as pessoas casadas não discutissem, não amuassem, não se preocupassem e não estivessem prontas para mais? A única maneira de preservar um bom casamento é mudar permanentemente, fazer um esforço constante para adaptar a maneira como cada um vê o outro. Desde que haja amor no centro da relação, enquanto a pessoa for a certa, lá no fundo onde nada muda, o resto não passa de manteiga na bolacha. – Sacudiu o lápis dos olhos na minha direção, com ares de virtude. – Ou há outro problema? Não me digas que ainda não esqueceste o Gerald, esse cretino de todo o tamanho.

– Por favor. No fundo, nunca estive casada com o Gerald. Aqui não. – Bati com um dedo no coração. – O Gerald não é para aqui chamado.

– Seja. Tens então algum segredo inconfessável que o Thomas não conhece? Transformas-te em lobisomem em noites de lua cheia?

– Se transformasse, a estas horas já tinha feito o *Banger* em frangalhos. Já te disse que ele comeu um par de sapatilhas minhas na semana passada? Incluindo os atacadores.

– Não mudes de assunto. Estás à espera que caia um relâmpago? De momentos mágicos de felicidade para te arrepiarem a pele? Que as tuas cicatrizes desapareçam como que por milagre?

Olhei para ela durante um longo e tenso momento e depois desisti e assenti com a cabeça.

– Da última. É isso mesmo.

– Oh, prima, já sabes que isso nunca vai acontecer. Sabes o que tens de fazer? Tens de mudar a imagem que tens de ti mesma.

Um trovão rebentou sobre Ten Sisters. Apontei com a cabeça nessa direção, sorrindo com amargura.

Ela tomou a minha cara nas mãos gorduchas e vermelhas do trabalho.

– Orgulha-te da cara que tens e não da cara que tinhas. Olha para este rosto bonito, com cicatrizes e tudo.

Baixei a cabeça.

– Nunca me hei de ver assim. Sempre que o Thomas olhar para mim… sempre até ao fim das nossas vidas… hei de sentir um impulso para me virar ligeiramente para a esconder. E ele sabe. Sabe que eu me retraio um pouco, Delta. Tenta fingir que não se importa, mas um dia há de acabar-se-lhe a paciência. Há de cansar-se das minhas manias. Não me posso casar com ele enquanto não for capaz de encará-lo e deixá-lo olhar diretamente para mim, enquanto não for capaz de olhar para ele e só pensar que o amo, sem pensar que sou feia. – Afastei-lhe as mãos da minha cara, apertei-as e levantei-me. – Lá fora, um relâmpago fulgurou. – É melhor ir ver como as raparigas se estão a arranjar com essas flores.

Delta suspirou.

Cora e Ivy entraram no restaurante a correr com braçadas de azáleas cor-de-rosa, as últimas da estação.

– Está um tempo de meter medo lá fora – disse Cora, aflita.

Ivy também parecia preocupada.

– As nuvens estão a andar muito depressa e estão negras. No *Discovery Channel*, disseram que a maioria dos tornados se dá entre as três da tarde e as nove da noite, entre março e maio. São quatro menos um quarto e é a primeira semana de maio.

Delta desvalorizou a estatística e a força da natureza com um gesto.

– Não passa de uma trovoada, meninas. Às vezes estas velhas montanhas roncam como um urso. Vá, vamos lá pôr essas azáleas em jarras. – Com uma mão ajeitou a fatiota azul-turquesa. – Vamos enfeitar o «cenário» do meu programa para dar à minha cozinha um aspeto rosado e florido.

Conduziu as raparigas para a cozinha onde eu já havia instalado a câmara num tripé. Tinha também colocado alguns candeeiros aqui e ali para iluminar as zonas de sombra e alegrar o ambiente. Nunca me tinha apercebido de que sabia tanto de técnicas de cena.

Enquanto ia atrás das pequenas e de Delta, um relâmpago ofuscante causou-me um sobressalto. O trovão que logo se lhe seguiu abanou o restaurante inteiro. Cora soltou um grito. Fui espreitar pela janela e estaquei. Normalmente, as tempestades não me assustavam – nem eu me imaginava queimada por um relâmpago –, mas o remoinho de nuvens sobre Ten Sisters provocou-me um aperto no estômago. O parque de estacionamento estava tão escuro que parecia noite. Fortes rajadas de vento sacudiam as árvores.

O meu telemóvel tocou. Thomas. Ele estava a construir novas vedações para a pastagem na casa com uma equipa que incluía o *Santa*.

– Vou para aí – anunciou. – O Pike diz que foi avistado um tornado a oeste de Turtleville. Está a avançar nessa direção.

– Tem calma. A Delta diz que quase nunca há tornados no Vale. Ten Sisters e Hog Back formam uma barreira natural. As nuvens de tornado dissipam-se ao tentar atravessar as montanhas.

– Vai dizer isso a um tornado que avança ao longo do Ruby Creek. Daqui a pouco estou aí. Entretanto, convence a Delta a fazer-te uma visita guiada pela cave.

– Só se ficares no cume e fizeres uma visita guiada da cave da minha avó à tua equipa. Livra-te de vires por aí abaixo nessa tua lata velha.

– Não *insultes* a minha carrinha. Vai lá para baixo, já – ordenou ele.

Desliguei. Franzi a testa para o telemóvel, meti-o no bolso dos *jeans* e dei outro pulo quando um relâmpago caiu tão perto que o ar estalou. *Bum*. As janelas do café abanaram. Cora veio a correr para mim asssustada. Peguei nela ao colo e apertei-a com força.

– Chiu, não tenhas medo, *Corazon*.

Delta, com a Ivy em estado de alerta, de olhos arregalados, apareceu à porta da cozinha com uma lanterna.

– Quem quer ver onde o meu avô costumava esconder o alambique dele? – perguntou ela tentado disfarçar.

Apressámo-nos a segui-la por um corredor nas traseiras até à porta da cave. A meio do caminho, o café começou subitamente a tremer. Os candeeiros do teto apagaram-se. Os calendários antigos emoldurados e os quadros de arte popular de cenas agrícolas dançavam nas paredes. E um rugido – sim, como o ruído de comboio que as pessoas costumam descrever – encheu-nos os ouvidos.

– Para a casa de banho! – gritou Delta.

Corremos imediatamente para os lavabos interiores do café.

– Baixem-se! – berrou Delta.

Encolhemo-nos as quatro no chão. Empurrei Cora e Ivy para debaixo do lavatório.

– Não vai acontecer nada – prometi-lhes, tocando-lhes na cara.

– Segurem-se! – gritou Delta por cima do barulho. Estava tudo a abanar. Estava tudo às escuras. De repente, vi-me no *Trans Am*, a perder o controlo. O pânico turvou-me o cérebro.

A porta da casa de banho bateu atrás de mim. O café gemia e guinchava. Ouvi Delta soltar um grito de infelicidade. O seu bem-amado café, o *nosso* bem-amado café, estava a ser fustigado.

Madeira a partir, cabos a desprender-se, janelas a estilhaçar-se. De súbito, o corredor desabou contra a porta da casa de banho que cedeu sobre as velhas e robustas dobradiças. Começaram a cair-nos em cima pedaços de estuque e restos de madeira do teto da casa de banho. Lancei os braços por cima das raparigas e enfiei-me debaixo do lavatório com elas no momento em que o enorme candeeiro do teto caiu em cima do lavatório. Voaram vidros em todas as direções e a pesada base de metal do candeeiro ressaltou-me do ombro.

Ouvi Delta a gemer. Senti-me percorrida de calafrios. Estendi uma mão e agarrei na parte da frente do seu saia-casaco azul-turquesa.

Ela não se mexia.

E instalou-se então um silêncio.

O comboio seguiu caminho, elevou-se nas nuvens, apanhou a via rápida para o esquecimento. Comecei a ouvir o choro suave de Cora e a respiração arranhada de Ivy. Estava escuro e quente e o café – ou o que restava dele – rangia e movia-se à nossa volta. Uma corrente de ar húmido, vinda do sótão, entrou pelo buraco de trinta centímetros deixado pelo candeeiro do teto.

– Está tudo bem, já passou – ouvi a minha voz dizer às raparigas, dando-lhes vigorosas pancadinhas na cabeça e na cara, instintivamente à procura de sinais de vida e ansiosa por não encontrar nenhuma textura viscosa como sangue. Quando pousei uma mão sobre a cabeça de Delta, não tive tanta sorte. Retirei a mão ao sentir a humidade.

– Delta!

Ele mexeu-se um pouco e balbuciou.

– Pelos vistos… enganei-me. A respeito dos tornados.

Aproximei-me com dificuldade e encontrei a lanterna. Premi o botão e fez-se luz. Uma rápida inspeção revelou que Cora e Ivy estavam aterradas mas ilesas. Quando orientei o feixe de luz para Delta, ela estava caída contra a parede da casa de banho, com a cara crispada de dor. Corria-lhe um fio grosso de sangue pelo lado direito da cara. Apontei a lanterna para a cabeça dela, apalpei suavemente com um dedo trémulo e descobri um pequeno golpe no centro de um inchaço.

– Nunca mais te maquilho se teimas em sangrar – trocei numa voz áspera. Ela conseguiu esboçar um sorriso. Virei-me para as raparigas. – Ivy, põe-te aqui ao lado da Delta. – Arranquei um chumaço de folhas de papel higiénico. – Segura isto contra o corte. Ela vai ficar bem. E nós também.

Ivy encatrafiou-se ao lado de Delta e pressionou o papel higiénico contra a ferida.

– Como é que vamos sair daqui?

– Não gosto desta caverna – choramingou Cora.

– Anda cá, meu anjo. – Puxei-a para o meu regaço. – Não nos aconteceu nada, só temos de esperar que o Thomas chegue. Sim?

– Sim.

– Pega-me na lanterna. Linda menina. – Tirei o telemóvel do bolso, abençoei o dia em que foi inventado e preparava-me para premir a tecla de marcação rápida do Thomas quando o aparelho tocou. Ele tinha-se antecipado.

– Diz-me que estás bem – disse-me ele ao ouvido. Ouvi o ruído grave do motor da carrinha a toda a velocidade. A sua voz era enganadoramente tranquila. Tinha sublimado os medos, as recordações, o horror. *Outra vez não*, devia estar a pensar.

– Estou, estou bem. – Casual. Relaxada. E diziam os críticos que eu não sabia representar. Ah!

– As miúdas? A Delta?

– Também. Mas o café está de pantanas.

– Estou aí dentro de cinco minutos. O *Santa* está comigo. O Jeb vai a caminho, e o Pike e toda a gente que o Pike conseguir mobilizar.

– A Delta tem um corte na cabeça, mas não parece grave. O problema é que estamos presas na casa de banho. A porta está bloqueada. – Orientei a mão trémula de Cora com a lanterna e olhámos através do buraco no teto. – O candeeiro caiu e o sótão está à vista. Ou melhor, o que resta do sótão. Delta, agora a tua casa de banho tem uma claraboia. E entra uma brisa agradável. – Ao apontar a lanterna através do buraco, qualquer coisa chamou-me a atenção. Um farrapo cinzento a mover-se no ar. Seria um leve remoinho de pó? Devia ser. Ou então era imaginação minha. Claro, só podia ser.

A minha pele gelou. O terror exsudou de queimaduras invisíveis submersas pelas cicatrizes. O meu corpo jamais esqueceria essas feridas, jamais esqueceria o efeito do fogo.

– Cheira-me a fumo – disse Ivy em voz baixa.

A mim também.

Thomas

O coração parou-me de bater no peito. Fogo não. Outra vez não. Por Cathy, por Ivy e por Cora, por Delta. Por Ethan, por Sherryl, pela criança que ela trazia no ventre. Por mim. Desta vez não. Nunca mais.

– Liga para os bombeiros – berrei para o *Santa*, atirando-lhe o telemóvel e continuando a conduzir. – Liga para o serviço florestal. Chama toda a gente que tiver uma mangueira, um balde e areia. *Chama-os*.

– Merda – gritou Joe, começando a marcar.

Continuei. A minha vetusta carrinha roncava obediente pelo trilho da ribeira. Contornei árvores caídas. O tornado tinha arrancado folhosas e abetos enormes das margens da ribeira. Guinei para o piso da Trace e a carrinha derrapou. Levantaram-se duas rodas do chão. Mas o velho cavalo de lide, baixo e robusto, não capotou; manteve-se firme na estrada como um amigo. Sabia que continuava a ser respeitado, necessário, tinha um trabalho a fazer.

Carreguei mais no acelerador. Íamos a voar estrada fora.

Quando avistámos o café, vi uma fina coluna de fumo a elevar-se dos destroços. Subiu-me a bílis à garganta. O vento transportava o vago som de sirenes provenientes de Turtleville. Pike vinha a todo o gás do outro lado do condado. Jeb e a equipa não estavam muito longe atrás de nós.

Olhei para o fumo. *Cathy, não vou deixar que te aconteça nada, nem às miúdas nem à Delta. Juro-te. Juro. Juro-te, Sherryl e Ethan. Nunca mais*.

Dava impressão de que o café fora varrido por uma mão gigantesca. O lado direito da casa desabara completamente para dentro e parte do telhado estava espalhada em fragmentos pela pastagem atrás dos carvalhos. Parei a carrinha a centímetros das ruínas do alpendre lateral. A Sentina não passava agora de um monte de detritos com meio metro de altura.

– Tenho de chegar ao sótão – gritei ao *Santa*. – Posso tirá-las da casa de banho pelo teto.

– Não vais conseguir subir por esses escombros; é impossível! Espera pelos bombeiros com a autoescada!

Carreguei no acelerador, meti primeira e apontei para uma parede da Sentina que estava caída sobre os destroços. Ia usá-la como uma rampa. *Santa* soltou hurras quando a carrinha subiu pelos escombros.

– Mano – disse Joe ofegante. – Acabas de transformar esta lata ambulante numa cabra-montês.

Tirei a chave de cruzeta dos pneus debaixo do assento, saí, saltei para cima da capota da carrinha e enfiei-me de rastos por baixo do que restava do telhado do sótão.

Circulava fumo suavemente à minha volta, fechando-se como uma manta mortífera sobre os meus pulmões. Senti o cheiro do pó da Torre Norte do World Trade Center, senti o impacto do ar carregado de tragédia. *Bem-vindo de volta aos teus pesadelos*, sussurrava. *Tu e a Cathy vão levar a melhor sobre mim desta vez?*

Cathy

Ouvi ruídos lá fora, mas estava de tal modo em pânico que não conseguia destrinçá-los. Estava muito quente na exígua casa de banho e o ar parecia adensar-se, prestes a asfixiar-nos.

– Pressionem o papel contra o nariz – disse à Delta e às meninas, dando-lhes toalhas de papel embebidas em água. Molhei a minha *T-shirt* e lavei a cara. Não era possível ignorar o fumo acre. Corria-me suor pela pele ao subir para a sanita, batendo furiosa com o cabo de um piaçaba no buraco deixado pelo candeeiro caído de modo a aumentá-lo. Choveram sobre nós lascas de madeira e pedaços partidos de azulejo do teto.

O buraco alargou-se um pouco. O cabo do piaçaba ia rachando e partindo. Uma estilha afiada espetou-se-me na palma da mão. Mal dei conta.

– Pronto, já está – anunciei às raparigas. – Cora, sobe, Ivy, ajuda-a. Depois eu levanto-te, Cora, e tu enfias-te pelo buraco. Tem largura suficiente para passares. Depois de saíres, abro-o mais para a Ivy poder passar. Anda, agora.

– Tenho medo do bafo do dragão – gemeu Cora, a chorar. Saía fumo pelas fendas do teto.

– Ele está a ressonar, mais nada – respondeu Delta, levando a mão à cabeça ensanguentada. – Não te faz mal. Anda lá, Cora, vais ver que consegues.

Ivy agarrou-a pelas pernas e impulsionou-a.

– Força, Cora. Eu vou já atrás de ti, ouviste?

– Tenho medo!

Levantei-a, esticando-me o mais que pude.

– Enfia os braços pelo buraco, Cora!

Ela gritou, fechou os olhos e estendeu os braços dentro do sótão.

– Está quente. O dragão está a cuspir ar quente aqui! – Baixou as mãos e rompeu em soluços.

– Cora! – Baixei-a o suficiente para lhe fazer passar um braço, afastar-lhe o cabelo suado da cara e olhá-la nos olhos.

– Olha para mim. – Quando ela olhou, sorri. – Nas histórias de fadas, as princesas também têm medo dos dragões. Não faz mal ter medo, entendes? Mas não deixes de tentar dar *luta* ao dragão! Combinado?

Cora chorou com mais força, mas assentiu. Voltei a içá-la. Ela enfiou os braços e a cabeça no buraco.

– Estou a olhar – disse –, mas não vejo o dragão. É melhor andarmos depressa.

– Sobe para os meus ombros, está bem?

– Há muito fumo, tenho medo.

– Dá luta ao dragão, Cora.

Subiu um pouco mais.

– Estou presa!

Meu Deus. Empurrei-a. Ela gritou. Eu transpirava cada vez mais. As minhas cicatrizes começaram a latejar com o calor. A minha pele sabia o que estava para vir. Que estávamos presas.

– Não desistas, Cora! – supliquei.

– O Thomas! O Thomas está aqui!

Ouvi passos pesados sobre nós. De repente, como que por magia, Cora foi puxada para cima.

– Já a tenho – gritou Thomas. – Vou passá-la ao *Santa* e volto já.

Ouvi os seus passos apressados a afastar-se. Em baixo, Ivy e Delta começaram a tossir. Estendi uma mão à Ivy.

– Anda, agora és tu. Sobe.

– O buraco é demasiado pequeno para mim. Sabes muito bem que é.

– Vamos tentar na mesma! Sobe para aqui!

Ela pôs-se em cima da sanita e passou para o lavatório. Agarrei-a por uma mão. Delta segurou-a pelas pernas. Olhámos todas para o buraco. Ivy apertou-me a mão e abanou a cabeça.

– Não caibo – gemeu.

Tinha razão. Meu Deus, estava a esgotar-se-nos o tempo.

– Cubram as cabeças – gritou Thomas.

Estava de volta, por cima do buraco, o fumo a flutuar-lhe à volta da cara.

– Cuidado, vou começar a dar pancadas no teto com a chave de cruzeta.

Encolhemo-nos enquanto ele atacava a madeira sobre nós. Caíram-nos em cima fragmentos de madeira. As tábuas partiam e os pregos chiavam. O buraco alargou-se um pouco mais.

– A Ivy já passa! – gritei.

Ele largou a alavanca e, a tossir, baixou as mãos.

– Anda, Ivy. Eu puxo-te.

Ela estendeu as mãos. Thomas agarrou-a pelos pulsos.

– Sou muito gorda… – começou ela, mas o protesto morreu num arquejo quando Thomas a puxou para dentro do sótão.

– Leva-a para fora – gritou Thomas para alguém. Depois, para mim e para Delta: – O Jeb está aqui.

– Aguenta aí, mamã – disse Jeb. – O papá chegou agora mesmo. Está aqui.

– Não deixes o teu pai subir aí para cima – pediu-lhe. – Ainda dá outra vez cabo das costas.

Uma nuvem de fumo entrou na casa de banho por um respiradouro do ar condicionado no alto de uma parede. Tapei o nariz com a ponta da minha *T-shirt* encharcada. Uma minúscula chama laranja saiu enrolada pelo respiradouro de metal. Como a língua obscena de um monstro sorridente – um dragão, sim – lambeu o ar na minha direção. *Desta vez não escapas*.

– Cobre a cabeça, Cathy! – avisou Thomas. Jeb passou-lhe uma motosserra. O motor zuniu e a longa lâmina começou a girar.

– Baixa-te! – gritou Delta, puxando-me pelo braço.

Caí em cima da sanita. Encostámos as nossas cabeças, a tossir, enquanto o Thomas abria mais o buraco no teto com a potente motosserra. Quando acabou, deitou-se de barriga e estendeu completamente os braços para mim.

– Agarra, Cathy.

Todas as células do meu corpo queriam fugir daquela casa de banho, mesmo que significasse abandonar Delta. Ser a primeira a sair. Durante toda a minha vida fora a menina de ouro que ia sempre em primeiro lugar. Mas, desta vez, não era capaz. Já não era essa pessoa. Tinha família em quem pensar. Delta tossiu violentamente ao meu lado. Pus-me de pé a cambalear.

– A Delta vai primeiro. Está a custar-lhe a respirar e está ferida.

– Cathy, deixa-me tirar-te daí e depois…

– Desta vez não! – Desci do assento da sanita e empurrei Delta para cima dela. – Vai, vai. Sobe. Tu consegues.

Ela tossia tanto que não foi capaz de repontar, mas com esforço moveu o corpo roliço para cima da retrete. Não parei de empurrá-la, enquanto ela não ficou de pé. Levantou os braços. Thomas agarrou-a pelos pulsos. Ele puxava e eu empurrava. Delta soltou um grito e balançou os pés. Quando Thomas conseguiu passar a cabeça e os braços dela pelo buraco, Pike apareceu no sótão ao lado dele, pegando na Delta por baixo dos braços.

– Vais fazer mal às costas – berrou.

– Grita comigo depois – respondeu ele.

Pôs-lhe os braços à volta, mas ela debateu-se e virou-se para olhar para mim.

– Cathy!

– Vai – ordenei. – Gosto muito de ti, prima!

– Também gosto muito de ti, prima.

Pike teve praticamente de arrastá-la para fora do sótão. Thomas lançou-se de novo por terra. Tinha a cara suja de fuligem. O fumo era tão denso que nem sempre conseguia distingui-lo. Ele estendeu outra vez os braços.

– Cathy! Aqui, aqui! Anda lá!

Mas eu comprimi-me contra o canto da casa de banho quando a chama do respiradouro se reavivou transformando-se numa horrível bola de fogo.

De súbito, a madeira em redor do buraco começou a arder. A manga esquerda da camisola do Thomas começou a fumegar e depois rebentou em chamas. Foi a visão dele a arder que me obrigou a gritar pela primeira vez. Ele apagou a chama com a mão, tirou a camisola e atirou-a para mim.

– Molha-a e torna a atirar-ma.

Meti a camisola na bacia da retrete, retirei-a a pingar água azul desinfetada e atirei a rodilha ao Thomas. Ele apagou as chamas de um dos lados do buraco do teto, lançou-se por cima do tecido encharcado e estendeu as mãos para mim.

– Agora!

Saltei para o assento da sanita a centímetros das chamas do respiradouro. Nada me fazia tirar os olhos daquela aterradora goela de fogo que me atraía e atormentava. Os meus braços recusavam levantar-se em direção ao Thomas. Para escapar, tinha de me aproximar, correr o risco de ser tocada pela chama. Não era capaz.

– Sai daqui, Thomas. Não quero que morras comigo. Vai-te embora. Já.

– Para de olhar para ela. Olha antes para mim. Porra, Cathy, *olha para mim!*

Aos poucos, arrastei os olhos para ele. Através do fumo, do medo, do desespero crescente, vi-lhe o rosto distintamente por um breve segundo. Ele estava a olhar para mim, para as minhas cicatrizes, para mim e não mais para elas, com uma devoção inabalável. Compreendi que era mesmo capaz de atravessar o fogo por mim. Nunca me há de abandonar.

Thomas estendeu uma mão.

– Ou saímos daqui juntos ou morremos aqui juntos! Decide. Morro queimado contigo, se é isso que queres.

As suas palavras eram sinceras. Morreria aqui comigo. Olhei novamente para o fogo. *Já te dei tudo. Nunca mais me roubas o que tenho de melhor. Não te deixo levar o Thomas*. Levantei os braços. O calor lambia o ar junto do meu braço direito e as cicatrizes latejavam de dor. Fechei os olhos e rezei. Thomas fechou as mãos sobre os meus pulsos. Pôs-se de joelhos a custo, levantando-me. Subi com ele. A macabra língua de fogo fez um pequeno e estranho movimento na minha direção. Ao passar por ela, abri provocantemente os olhos. *Vou viver*.

Com um poderoso impulso com o corpo, Thomas puxou-me para o soalho quente e fumegante do sótão. Lancei um braço à volta da cintura dele e saímos do sótão a cambalear.

Fomos recebidos pelas mãos prestáveis do Jeb, do *Santa*, do Juiz e dos outros. Não larguei o Thomas e ele não me largou. Subimos para a capota da sua pobre carrinha, um cordeiro sacrificial em cima de uma pira de madeira fumegante. Ao descermos para o solo, em segurança, olhámos os dois desesperadamente à nossa volta à procura das raparigas: lá estavam elas, do outro lado da estrada, querendo correr para nós, mas restringidas por Becka, Cleo e Dolores. E Delta também lá estava, sim, sã e salva, sentada na berma da estrada com Pike ao lado. Um paramédico dos bombeiros voluntários quis tratar-lhe do ferimento na cabeça. Ela mandou-o embora. Que importância tinha um golpe perante um coração dilacerado? Quando

nos viu, fechou os olhos, num gesto de gratidão, e depois abriu-os, olhou para as ruínas em chamas do seu bem-amado café e rompeu em soluços.

Corremos para ela e para as raparigas, caindo nos braços uns dos outros. De mãos dadas com elas virámo-nos e, juntamente com Delta, contemplámos a encantadora e velha casa, o coração do Vale, a pedra de toque que nos havia juntado a todos aqui.

Sob o nosso olhar, o Café Crossroads desfez-se em chamas.

Thomas

Eu e Cathy fizemos amor no sofá, nessa noite, como amantes que se reencontraram depois de um exílio de mil anos. Estávamos sujos, cobertos de fuligem e bolhas, exaustos e tristes por causa do café, mas não conseguíamos tirar as mãos um do outro. Ivy e Cora – lavadas, acalmadas, alimentadas e mimadas – dormiam um sono tranquilo nas suas camas com os animais e uma confiança renovada. As suas dúvidas tinham-se dissipado. Eu e Cathy nunca as abandonaríamos. Não voltariam a recear nada de nós.

Virei a mão e o braço de Cathy. A parte interior, do cotovelo ao pulso, estava coberta de gaze. A pele tinha ficado ligeiramente empolada.

– Ainda dói? – perguntei preocupado.

Ela anuiu. Os seus olhos fixaram os meus, maravilhados.

– Mas há de sarar. Agora sei que sim. *Vai* sarar.

Puxei-a para o meu regaço. Cathy afagou-me a cara.

– Amo-te – disse-me

– Eu também – respondi. – Sempre amei.

Cathy desceu do meu colo e ajoelhou-se à minha frente, pegando-me nas mãos. Pela primeira vez, desde que a conhecia, olhou para mim sem inclinar a cara para mostrar o lado bom. As poses tinham acabado, o encobrimento.

– Hoje compreendi finalmente o verdadeiro significado de *confiança* – murmurou. – Confio-te a minha vida, o meu amor e o meu futuro e quero que tenhas a mesma confiança em mim. Prometo ir no outono a Asheville e falar na conferência das vítimas de queimaduras. Prometo deixar de me esconder do mundo. Desde que olhes sempre para mim como estás a olhar agora,

sou capaz de enfrentar tudo o que mundo lançar no meu caminho. Thomas Mitternich, casas-te comigo?

Tirei de dentro da camisa um fio em que o anel de rubi e diamante estava enfiado. Retirei o anel da corrente e enfiei-o na mão esquerda de Cathy.

– Quando foi a última vez que te disse que és a rapariga mais bela do mundo? – perguntei.

Nessa noite, fomos tranquilos para a cama, na casa mágica de Mary Eve. Fizemos amor à luz de uma lua primaveril que cintilava do outro lado de uma janela de vitrais que a avó de Cathy montara na madeira com as suas próprias e sábias mãos.

Quando adormecemos, sonhei que estava a comer biscoitos com Cathy no café inalterado. Um bom sonho.

Como nós, o café seria restaurado.

Cathy

Com a cara inchada de tanto chorar, Delta estava diante das ruínas carbonizadas do café. Eu e Thomas esticámos a cabeça atrás de uma multidão que incluía o clã Whittlespoon e a maioria dos vizinhos do café no Vale. Pike estava ao lado, com uma expressão carregada e os braços cruzados sobre o peito. Delta aclarou a garganta.

– Chamei-os aqui hoje para lhes transmitir uma decisão que me custou muito tomar. – A sua voz tremia. Olhou para Pike, pedindo apoio, mas ele apenas franziu ainda mais a testa. Rejeitada, inspirou fundo, acalmou-se e olhou para todas as pessoas tristemente. – Esta velha casa que me é tão querida nunca mais será a mesma. O meu coração está destroçado. Os desígnios da banha são verdadeiramente insondáveis. Não vou reconstruir o café. Que ninguém pense em dissuadir-me.

Enquanto nos entreolhávamos, espantados, ela encaminhou-se para o carro, sentou-se ao volante e arrancou em direção a casa. Entrou e não voltámos a vê-la durante dias.

Delta perdera a fé nos biscoitos.



As pessoas de toda a região cobriram Delta de manifestações de compaixão e encorajamento, mas em vão. Delta, resoluta e inconsolável, recusava-se a sair de casa.

Eu e as raparigas estávamos de mãos dadas a contemplar as ruínas.

– Cathy, tiveste medo que morrêssemos? – perguntou Cora baixinho.

Abanei a cabeça.

– Não. Sabia que o Thomas nos vinha salvar.

Ivy deu uma cotovelada no ombro de Cora.

– O Thomas cumpre as promessas que faz. Não precisamos de nos preocupar mais. Temos o Thomas. – Levantou os olhos brilhantes para mim. – E temos-te a ti.

Apertou-se-me a garganta de emoção. Adorava estas meninas, estas pequenas pessoas que precisavam de mim e de Thomas, tanto quanto nós precisávamos delas. Éramos uma família. Até Mrs. Ganza reconhecia o facto. Depois do incêndio, tinha-nos enviado um *e-mail*.

Caros Ms. Deen e Mr. Mitternich,

Estava enganada. Tenho de admitir que sabem ser bons pais. Quando pedirem formalmente a adoção, darei a minha aprovação incondicional. Em troca, quando o café reabrir, espero que me mandem biscoitos.

Não fazia tenções de lhe dizer que o futuro do café era duvidoso.

Thomas encaminhou-se para nós. Tinha estado a inspecionar a carrinha queimada que já fora rebocada dos escombros. Passou a mão pela cabeça das raparigas que lhe sorriram.

– A boa notícia – anunciou – é que a minha carrinha não parece estar pior do que estava. Tem conserto. Aliás, em tributo ao heroísmo dela, vou restaurá-la em toda a sua glória. Vai ficar como nova.

Sorri-lhe um pouco melancólica.

– Vamos ficar todos bons. Como novos. Mas que vamos fazer a respeito da Delta?

Thomas passou um braço à minha volta.

– Vamos fazer o que ela fez por nós. Não vamos desistir.

Nessa noite amena de primavera, Pike abriu-nos a porta da casa dos Whittlespoon. Estava com um ar desgastado e exausto.

– Ela está na marquise. Espero bem que a consigam convencer. Porque, como disse ao telefone, agora diz que vai *vender* o café para as pessoas deixarem de andar por aí à espera que ela mude de ideias. Diz que vai vender tudo o que puder ser resgatado e que depois vende o terreno. E os direitos ao nome. O menu. As receitas dela. E até os tabuleiros dos biscoitos, os que não ficaram destruídos no incêndio. Tudo o que puder ser vendido.

Thomas sacudiu a cabeça.

– Não pode estar a falar a sério.

– Mas está. Está mesmo destroçada. Está convencida de que o sítio nunca mais será um santuário. Nunca mais terá o mesmo espírito. Sempre se sentiu segura no café. Depois de os nossos filhos terem morrido afogados, tornou-se num lugar sagrado onde nada de mal lhe podia acontecer nem a ninguém que ela amasse. Agora Deus destruiu essa ideia e ela está tão zangada com Ele que é capaz de tudo. Está furiosa com Deus e, como tal, nunca mais vai cozinhar para ninguém. – Pike franziu a testa. – *A comida sulista acabou*.

– Vou tentar chamá-la à razão – anunciei com ousadia. Encaminhei-me para a marquise, fazendo sinal a Pike e a Thomas para se deixarem estar enquanto punha em prática o meu charme.

Delta estava deitada, às escuras, numa das espreguiçadeiras de vime, vestida com um velho roupão de felpa com um par de chávenas de café cor-de-rosa bordadas na frente. Estava a olhar sombriamente para o vazio. Sentei-me na espreguiçadeira ao lado dela.

– Olá, prima. Levanta esse rabo e faz-me uns biscoitos. Estou com sintomas de privação.

– Não me convences a não vender o café.

– Convenço, pois. Tu não és pessoa para desistir.

Ela deixou cair os ombros.

– Fui criada naquela casa. Foi lá que aprendi a cozinhar. Os meus dois primeiros filhos nasceram naquela casa. Depois de morrerem, aquela casa era o meu consolo e o meu ganha-pão. Quando cozinhava, quando servia comida às pessoas, alimentava todas as minhas memórias. Posso construir outro café, claro, mas *aquela* casa nunca mais posso reconstruir. Simplesmente não tenho forças para tentar.

– Estás então a dizer que não vale a pena guardar sobras? Estás a dizer que não faz sentido salvar o que já não é perfeito? Que as coisas não podem ser maravilhosas de uma nova maneira? – Apontei para o meu rosto. – Estás a dizer que tudo o que me disseste sobre

acreditar em mim mesma era mentira?

Delta olhou imediatamente para mim.

– Sabes muito bem que não é isso que quero dizer.

– Então explica-me o que queres dizer.

– Não fiz mais do que dar de comer às pessoas e meter-me na vida delas. Não vejo prova nenhuma de ter transformado a vida de *ninguém*. As pessoas mudam sozinhas. Tu não precisaste que eu te dissesse como havias de viver. E o Thomas também não. Dei-lhes de comer, mais nada. E agora nem isso posso fazer.

– Ah… interessaste-te por mim por diversão, foi? No fundo, não pensavas que valesse a pena salvar ou reconstruir a minha vida? Era-te indiferente que o Thomas se matasse? Para ti, não passávamos de mais dois clientes que pagam a conta?

– Deixa-te de me aguilhoar para ver se eu cedo. Ouve bem, estou cansada de me preocupar com esse café. Olhar para aquelas ruínas carbonizadas dá-me volta ao estômago. É como uma pessoa morta. Não posso ressuscitar os mortos! Deixa-me em paz!

Inclinei-me para ela.

– Ensinaste-me a nunca desistir. Devolveste-me a vida, mesmo quando eu pensava que já não queria viver. Agora um incêndio destruiu a tua imagem de ti própria, tal como um incêndio destruiu a minha. Era através da minha cara que eu comunicava com o mundo. Tu comunicavas através do café. Disse-me o Thomas que uma vez lhe contaste que eu estava presa num sítio escuro e ele tinha de ser a minha luz. Agora vou ser eu a *tua* luz. Mesmo contra a tua vontade.

– Vou vender o café. Não discutas mais comigo. Vai-te embora!

– Muito bem, já que insistes, *eu* compro-te o café. Diz o preço. – Peguei na carteira que tinha largado no chão de ladrilhos, tirei o livro de cheques e uma caneta e assinei. – Toma. Preenche tu o valor. – Pousei o cheque em cima do peito dela. – Compro-te a propriedade, o nome, o direito às tuas receitas e os escombros. O Thomas já está a projetar uma renovação completa, com uma cozinha moderna e mais algumas novidades, mas a ideia é usarmos todos os materiais originais que pudermos salvar.

– Não há a mais pequena hipótese de essa casa voltar a ser o que era – retorquiu Delta, com desdém. – Tu nem biscoitos és capaz de fazer.

– Não preciso de cozinhar. Contrato a Becka e a Cleo para cozinharem e gerirem o restaurante. Mesmo que os biscoitos delas não cheguem aos calcanhares dos teus, servem perfeitamente. Não sei se sabes, mas gerir um restaurante é só uma questão de divulgar uma imagem. As

pessoas não têm de saber que já não és tu que estás na cozinha. Para elas, basta que o Café Crossroads esteja outra vez a funcionar.

Ela olhou para mim.

– Muito te quero ver, a ti e a elas, a levar isso a bom porto. Força. Fica combinado.

O coração caiu-me aos pés. O meu charme habitual não estava a resultar. Estampei um sorriso casual na cara e estendi a mão, a queimada.

– Ótimo. Negócio fechado.

Apertámos a mão. Peguei na carteira e saí.

Pike andava às voltas no alpendre da frente. Thomas estava encostado a um poste, afastado dele. Olharam ambos para mim com otimismo.

– Conseguiste chamá-la à razão? – perguntou Pike.

– Não, mas comprei o café.

– O quê?

– Devia ter percebido que não conseguia enganá-la. Agora passamos ao Plano B. Reconstruímos a casa, pomos a coisa em andamento e esperamos que Delta mude de ideias. O Thomas já está a tratar do projeto.

Pike virou-se para Thomas.

– Achas que consegues, Tommy, meu rapaz? Ressuscitar o café, pô-lo como antes?

Thomas abanou a cabeça.

– Não. Não posso criar mais que uma ilusão. A Delta tem de fazer o resto.

– E se ela não for nisso?

Dei um abraço ao Pike.

– Ela nunca desistiu de mim. Nunca desistiu do Thomas. E nós também não vamos desistir dela. Vais ver que sim, que vai nisso.

Olhei para Thomas. Ele acenou firme para tranquilizar Pike, mas parecia menos seguro quando olhou de relance para mim.

O sagrado biscoito da esperança estava agora nas nossas mãos.

Sétima Parte

O futuro pertence àqueles que acreditam na beleza dos seus sonhos.

− *Eleanor Roosevelt*

É maravilhoso ver uma mulher bonita com carácter tornar-se bela.

− *Mignon McLaughlin*

É mais importante o que está dentro do rosto de uma mulher do que aquilo que está fora dele.

− *Claudette Colbert*

Capítulo 28

Cathy

Restauro

Todas as pessoas do condado tinham um contributo a dar ao novo café; todos queriam ressuscitar a fé de Delta nos biscoitos. Alberta e Macy foram das primeiras a aparecer, com a sua equipa de mulheres munidas de martelos.

– Estamos aqui para trabalhar, mesmo que não te agrade – resmungou Alberta, claramente irritada por eu ser a proprietária do restaurante. – Não precisas de nos pagar.

– Ótimo. Adoro ser insultada de borla.

– Não estás mesmo a pensar gerires tu o restaurante quando ficar pronto, pois não? Estás a brincar, não estás?

– A tua confiança otimista nas minhas capacidades enche-me de satisfação.

– Não penses que basta dares uma cara nova ao restaurante para convenceres a Delta das tuas fantasias.

– Espera para ver. Uma boa cara nova pode mudar a vida de uma mulher.

Alberta fulminou-me com os olhos.

– É nessas frivolidades que continuas a pensar? O mundo não pode ser endireitado com um novo penteado e o tom certo de sombra para os olhos. A aparência não é tudo. Não aprendeste nada desde que ficaste grelhada no teu carro de luxo?

Lancei-me sobre Alberta tão depressa que pestanejou e deu um passo atrás.

– A imagem não é uma frivolidade e a maquilhagem não é o inimigo – sibilei. – Há mulheres que retiram poder da sua inteligência, outras do físico, mas há mulheres que retiram poder do

rímel. No teu caso, beneficiarias muito de um bom tom de verde nos olhos e de uma base bege que atenuasse o vermelho da tua pele. Uma cara nova não prejudicava o teu lado másculo e viril.

Alberta cuspiu fogo.

– Ora, beija-me o cu desmaquilhado.

– Aposto que também ele está a precisar de maquilhagem. E, provavelmente, de creme contra a celulite e de uma boa depilação.

Pensei que era desta que a Alberta me ia bater. Fechei o punho, preparada para responder. Nesse momento, deu-se um milagre. Um trejeito formou-se-lhe na boca. Enfolou-lhe os lábios e debateu-se para a reprimir mas, no fim, deixou escapar:

– *Oh, oh, oh, oh*. Correção. O meu lado másculo e *feminil*.

Macy, que observava atenta, ficou aliviada. Estendi a mão queimada para a Alberta.

– Aceito o pedido de desculpa.

O riso abafado evaporou-se.

– Porquê?

– Ora, não me faças enunciar a lista toda.

Ela fixou a minha mão. Os apertos de mão tímidos, femininos, com a mão esquerda tinham acabado. Um aperto de mão decidido de mulher. Macy deu-lhe uma cotovelada. Alberta suspirou.

– Seja. És mais rija do que eu pensei. Para uma rainha de beleza e uma atriz heterossexual de terceira categoria. Olha que não és a Angelina Jolie.

– Não me faças ir atrás de ti com um par de pinças afiadas.

Apertámos a mão. Foi mais um braço de ferro, mas era um começo.

Thomas

Eu sabia que era capaz de reconstruir o café de uma forma que preservaria todos os seus pitorescos encantos. Isso nunca, nem por um momento, me preocupou. Mas as pessoas veem

nos edifícios aquilo que querem ver e é verdade que os edifícios antigos possuem uma qualidade que nem a mais meticulosa atenção ao pormenor pode recuperar.

– Muito bem, vamos fazer o seguinte – disse eu ao pessoal, encabeçado pela Cathy e pelas raparigas. Armados de velhas facas e garfos, estávamos reunidos à volta de pilhas de madeira nova no parque de estacionamento do café. – Piquem estas tábuas, raspem-nas, façam o que quiserem com elas. Quando terminarem, todas as tábuas têm de parecer que têm cem anos.

O som dos talheres a bater na madeira encheu o ar tépido. Dando pontadas numa tábua com uma faca de carne, Cathy olhou de esguelha para mim.

– Tens a certeza que estas tábuas vão acabar com um ar elegantemente envelhecidas e não simplesmente *horrorosas?*

– Depois de uma criativa mão de tinta, vão parecer as originais do café, garanto. – Arrastei um garfo de salada baço e torto sobre a madeira. – O problema com um trabalho de restauro é que a nova versão de um edifício antigo resulta demasiado nova, demasiado limpa. As cicatrizes são apagadas. O carácter desaparece. Sem imperfeições, o interesse é apenas superficial.

Continuei a trabalhar com o garfo na tábua e ela não disse mais nada. O seu silêncio preocupava-me e olhei na sua direção. Estava de olhos postos em mim, com uma expressão que me deu imediatamente uma ereção.

– Eu sei que já te perguntei – disse baixinho –, mas casas-te comigo?

Mulheres. Nunca haveria de compreender como a cabeça delas funcionava. Oferece-se-lhes um pouco de filosofia da arquitetura e ficam logo excitadas.

Não me estava a queixar, note-se.

Como a maioria dos homens, não alimentava fantasias a respeito do casamento. Não percebia para que serviam os rituais, por que razão a menina das flores tinha de ziguezaguear pela coxia fora como se fosse um *flipper* balofo, por que razão o rapaz das alianças mal tinha idade para usar um *smoking* minúsculo por cima das fraldas e muito menos por que razão levava a almofada das alianças com um determinado lado para cima ou por que razão as mulheres se afligiam durante tanto tempo com as flores exatas para os ramos e a configuração exata das mesas no copo-d’água.

Só sabia uma coisa: queria casar-me com Cathy, participar numa cerimónia de casamento com ela, mas primeiro, para isso ser possível, tinha de reconstruir o café.

– Está assente –dissemos. – Queremos que o nosso casamento se realize no café quando reabrir no outono.

Sentimental, o lugar perfeito, um cenário carregado de significado, sim.

Assente. Mas que diabo, esperar até ao outono.

Entretanto, dividíamos os nossos dias entre as obras de renovação na quinta e a construção no Vale. As raparigas lançaram-se de alma e coração neste intenso programa e desfrutávamos de muitos dias felizes, dias em família. Preparávamos abundantes refeições na nova cozinha e, aos sábados, passeávamos pela floresta e apanhávamos pedras preciosas na ribeira; visitámos um criador de cabras e comprámos um harém de bonitas cabras *Cashmere* para o *Banger*; depois fomos a um aviário e comprámos um bando de robustas galinhas vermelhas de Rhode Island para o *Herman*. Ele andava no sétimo céu. Contratámos um advogado em Turtleville para dar início ao processo de adoção das raparigas e, uma noite, sentámo-nos com Cora e Ivy na sala de estar para lhes explicarmos a situação.

– Isto é para sempre – disse-lhes Cathy. – De acordo? Vamos ser uma família em todos os aspetos. Vocês vão viver definitivamente connosco e dizer a toda a gente que são nossas filhas. Se quiserem, podem dizer a toda a gente que somos os vossos pais.

Acrescentei:

– Tencionamos prendê-las de tal maneira que há de haver momentos em que vão querer ver-se livres de nós.

– Prometes, mamã? – perguntou Cora.

– Fixe, mamã e papá – disse Ivy.

Não podia ser mais simples. As decisões mais profundas são-no muitas vezes.

Nessa noite, depois de as raparigas adormecerem, Cathy estava a beber um copo de vinho tinto e eu bebi um gole do copo dela. O venenoso demónio da *vodka* tinha sido vencido. O meu gosto pelo produto das uvas era inofensivo.

– Às nossas filhas e à nossa vinha – disse Cathy, erguendo o copo.

– Além de filhas, vamos ter uma vinha? Já decidiste?

Ela concordou.

– A ideia agrada-te?

Refleti. Uvas, vinho, provas de vinho, queijo, bolachas de água e sal, amigos, família, fertilidade. Ser produtor de vinho. Vinificar.

– Agrada – respondi enfaticamente.

Ela sorriu.

– Tenho uma ideia para um nome. Para a nossa marca. Árvore da Vida. Que achas? *Vinhos Árvore da Vida*. Um tributo ao teu ídolo, Frank Lloyd Wright.

Afaguei-lhe a face com as costas dos dedos.

– Porque é que não pomos antes o nome do Cume da Mulher Selvagem à marca? Soa bem. *Vinhos Cume da Mulher Selvagem*.

Cathy gostou.

– E o logótipo como seria?

– Que tal uma mulher louca com o cabelo a arder, atrás de um bode a comer um telemóvel?

Ela olhou para mim com os olhos arregalados, processando a imagem de uma perspetiva ligeiramente inebriada. Por um segundo, tive medo de ter ido longe de mais com a alusão ao fogo. Mas aquele famoso sorriso logo lhe iluminou o rosto.

– Pode ser. É um ponto de partida.

Alguns dias mais tarde, Cathy comprou-me uma prenda de casamento antecipada. Chegou pouco depois de acabarmos o novo quarto principal. Bert e Roland levantaram-na em Asheville e vieram entregá-la na velha furgoneta de caixa aberta do Bert. A visão de vários caixotes etiquetados com a palavra CAMA deve ter divertido grande parte do Condado de Jefferson antes de chegar à nossa crista.

– É uma *Stickly* – disse Cathy, olhando ansiosa para mim à procura de indícios de desagrado ou rejeição. – Uma reprodução, porque originalmente o Gustav Stickly não criou camas de tamanho gigante. Mas continua a ser a empresa Stickly, conhecida pela melhor mobília em estilo *Craftsman*. É cerejeira maciça e o estilo é clássico.

– Gosto muito – retorqui, enquanto estudávamos os enormes caixotes espalhados pelo novo quarto até então vazio.

– Mas ainda não desempacotámos os caixotes nem a montámos.

– Não interessa, eu sei que gosto. Porque é uma *Stickly* e porque tu a escolheste especialmente para mim e porque gosto de dormir em qualquer cama, onde quer que seja, desde que tu estejas nela comigo.

– Oh, contentas-te com pouco.

Pus os braços à sua volta e fiz-lhe pressão contra a bacia.

– Não, estou é com tesão.

Cathy sorriu.

O melhor sexo transporta-nos a qualquer lado. A um lugar quente e expansivo, um paraíso de luxúria e felicidade. O sexo é e deve ser, apesar de o raramente o ser, um ato de comunhão com algo maior do que nós. As pessoas dizem que os homens fodem e as mulheres fazem amor, mas nós, os homens, fazemos amor quando fodemos uma mulher que adoramos; para nós, não há diferença. Somos sinceros. Havia lugares dentro de mim que só Cathy podia preencher com o seu corpo e eu fazia-a feliz com o meu corpo mais do que alguma vez me julguei capaz.

Nessa noite, ficámos deitados na nova cama, contemplando as estrelas estivais através das grandes janelas novas que eu começava a apreciar. Ela acariciou-me as coxas com as pontas dos dedos.

– É uma boa cama para vivermos – sussurrou.

– Concordo – respondi.

Cathy

Durante os primeiros dias das obras de construção no café, o Jeb e Bubba tiraram um fogão bojudo dos escombros; oferecido a Delta há anos pela minha avó, costumava estar num canto da sala de jantar principal do café. O Clube de Jardinagem de Turtleville, dirigido pela Toots Bailey, encarregou-se do pequeno fogão e deu-lhe um novo acabamento. Os metodistas doaram seis cadeiras de baloiço feitas à mão para o novo alpendre; os batistas, para não ficarem atrás, reconstruíram um piano que tinha ficado chamuscado na sala de jantar do alpendre lateral.

Mais pessoas trouxeram novas recordações para as paredes, apresentando-as solenemente ao Pike, em representação de Delta. Um quadro de informações para substituir o antigo que estava sempre cheio de anúncios a gatinhos gratuitos, vendas de ocasião e peças escolares. Velhas fotografias, louça de cozinha antiga e pedaços de corindo com fragmentos de rubi e safira. Candeias de querosene, formas de metal para tartes e cafeteiras de esmalte azul. Livros para a nova estante de permuta e cortinas de guingão para as novas janelas.

Não tardámos a ter todos os ingredientes para criar um café renovado. Só precisávamos da cozinheira para esta refeição de fé.

Mas ela continuava em casa, deprimida.

– Temos de instalar aqui uma armação para acolchoados. – Thomas apontou para a confusão de serras e martelos em ação. Estávamos no novo alpendre lateral do café a olhar para os desenhos com Cleo, Becka e Jeb.

– Valha-nos Deus, tens razão, quase nos esquecíamos – disse Cleo. – Este espaço não seria o mesmo sem uma manta de retalhos semiacabada pendurada no teto.

Jeb concordou.

– Eu construo uma armação nova.

Becka virou-se para mim.

– Cathy, tens de nos ajudar a criar um padrão. Uma coisa especial que alicie a Delta a voltar.

– Imagino que isso quer dizer que tenho de aprender a costurar.

Começámos a manta de retalhos uma noite, no pátio do café, sentadas num círculo de cadeiras de lona com montes de pequenos retalhos de tecido no regaço. Eu estava entre a Toots e a Ivy, virada para a Cleo, a Becka, a Dolores e mais algumas mulheres. Volitavam traças e morcegos por baixo das grandes lâmpadas de trabalho. Cora andava alegremente a brincar com outras crianças, entre risos e correrias. Os adolescentes estavam refastelados nas sombras, fingindo-se indiferentes. Thomas organizou uma partida de póquer debaixo dos carvalhos. Apareceram dezenas de vizinhos com comida. Os pratos estavam sobre mesas compridas; havia cerveja gelada e chá doce em baldes de gelo. O *Banger* andava por ali, dando cabeçadas afetuosas às árvores e a pilhas de madeira e às pessoas. Tínhamo-lo trazido connosco para visitar a sua velha casa.

– Que é aquilo? – perguntou um dos miúdos à Cora, apontando para um monte de massa escurecida que estava no balde da comida do *Banger*.

– São os biscoitos da Cathy – respondeu Cora. – Só o *Banger* é que consegue comê-los.

– A Delta não vem à sessão de acolchoados hoje? – perguntei ao Pike. – Não consegue sequer convencê-la a sentar-se aqui e a tirar prazer de trabalhar numa manta nova?

Ele abanou lassamente a cabeça.

– Ela fez as malas hoje de manhã e partiu para Chattanooga. Foi visitar uns familiares meus. Disse que não aguenta ver as pessoas a fazer de conta que nada mudou.

Delta fartou-se de viajar nesse verão. Nunca apareceu nas obras e, quando era obrigada a passar de carro, olhava para o outro lado. Ela e Pike chegaram mesmo a levar os netos num cruzeiro pelas Caraíbas, embora Jeb nos tivesse confidenciado que a mãe ainda era atormentada por más recordações de crianças à mercê da água.

Alberta e Macy deram um concerto improvisado das *Log Splitters,* nessa noite, na sessão de acolchoados.

– Agrada-nos pensar que estamos a desenvolver uma sonoridade à *Dixie Chicks* – anunciou Alberta ao microfone. – Mas mais acutilante e sem canções de amor por homens.

Mordi a língua e, prudentemente, abstive-me de fazer comentários.

Becka lançou o projeto dos acolchoados com este anúncio:

– Podíamos seguir a tradição e fazer um desenho tipo *Crazy Patch* ou *Sampler,* mas acho que o momento exige uma coisa diferente. Portanto, pessoal, cosam os vossos retalhos da maneira que quiserem e, mais tarde, juntamos tudo numa grande manta maluca. Representa-nos a todas e pelo menos há de ser uma peça única.

Observei a Dolores a separar tecido amarelo e verde.

– Que é que estás a fazer? – perguntei.

– Rosas amarelas abstratas.

Toots organizou os seus retalhos em grupos de verde e rosa.

– E tu, que estás a fazer? – inquiri.

Ela sorriu.

– Um campo de golfe.

Ivy organizou os retalhos dela em montes separados por padrão e começou a compor uma grande forma arquitetónica.

– Vais fazer o Vaticano? – perguntei.

– A mansão Biltmore – explicou ela pacientemente.

Thomas tinha levado as raparigas a ver a fabulosa propriedade em Asheville. Ivy e Thomas passaram a visita a discutir a arquitetura. Ivy olhou para a minha confusão de retalhos.

– Que é que vais fazer?

– Vou chamar-lhe… *Noite dos Óscares.* Este desenho miúdo de rosas vermelhas representa a passadeira vermelha. Estes quadrados de flores-de-lis azuis e douradas são as bancadas descobertas onde os fãs se sentam.

– Tens saudades? – perguntou-me. – De percorrer a passadeira vermelha e tudo isso?

Podia mentir, mas não o fiz.

– Tenho – respondi.

Mais tarde, estava eu debruçada sobre a minha criação, Thomas aproximou-se, pousou as mãos nos meus ombros e estudou o meu trabalho.

– Não há fotógrafos na tua passadeira vermelha? – perguntou.

– Nunca.

Ele enterrou as pontas dos dedos nos meus músculos, massajando-os e tentando apagar a memória da cruel objetiva durante o acidente.

Estremeci. Fotógrafos. Câmaras. Em breve, teria de enfrentá-los novamente. O discurso em Asheville estava sempre presente no meu espírito.

Capítulo 29

Cathy

O Discurso

O café estava concluído. Fechado e vazio, mas pronto.

Eu e Thomas planeámos o nosso casamento para outubro. Seria uma cerimónia modesta e íntima, na qual as pequenas seriam as damas de honor, Delta a matrona de honor e John, o irmão de Thomas, o padrinho. John e Monica iam trazer os filhos que, pela primeira vez, conheceriam as novas primas, Cora e Ivy.

– Pode ser que se consiga convencer a Delta a vir ao novo café se ameaçarmos que vamos contratar uma empresa de *catering* – disse a toda a gente. – Não acredito que deixe a cozinha dela ser ocupada por estranhos.

– Parece o velho café, mas mais limpo – declarou Pike. – Bom trabalho. – O Clube de Acolchoados de Crossroads, de que eu e a Ivy éramos agora membros regulares, pendurou a nossa bizarra manta numa parede na nova sala de jantar.

Thomas entregou a Delta a chave da nova porta de entrada do café. Ela estava sentada à mesa de vime na sua marquise, a fazer de conta que lia o jornal.

– Instalei o sistema de fecho antigo numa porta nova – explicou Thomas. – Esta é a tua chave original. E abre a porta como sempre abriu.

Delta continuou a ler o jornal ou a fingir que lia.

– O restaurante agora é de vocês todos. Fiquem com a chave.

Empurrei a chave para debaixo do jornal.

– Não, fica tu com ela. Pensa nas possibilidades.

Ela afastou a chave.

– Não preciso de pensar nas possibilidades. Reformei-me.

Voltei a empurrar a chave.

– Só tens cinquenta anos.

Afastou de novo a chave.

– A Becka está outra vez grávida. Agora tenho tempo para brincar com o meu novo neto, em vez de espetar com ele em cima do balcão enquanto tempero um guisado de abóbora.

Explodi.

– Andaste este tempo todo a pregar-nos sermões, a mim e ao Thomas, sobre como havíamos de viver a nossa vida. Que nunca devíamos desistir. Que devíamos manter a fé e a esperança. E nós acreditámos em ti. Reconstruímos o café porque tínhamos a certeza de que acabarias por cair em ti. Se acreditas seriamente que és capaz de deixar de te preocupar com os outros, que és capaz de deixar de alimentar e acarinhar os outros, então esconde-te aqui nesta marquise até ao fim da vida. Mas, se quiseres ver a que ponto a tua inspiração mudou a minha vida, aqui tens.

Empurrei um cartão dobrado na direção dela.

– É um convite para o meu discurso na conferência da associação de vítimas de queimaduras em Asheville. Se não me fores ouvir, fico a saber que, no fundo, nunca te importaste.

Dei meia-volta e saí.

Terror. Sentia-o impregnar-se nos ossos, deslizava-me pelas veias, cobria de gelo a minha pele. Quando Thomas estacionou o *Hummer* no parque do Centro Cívico de Asheville, naquela fria tarde de outono, eu ia hirta, petrificada no banco da frente, mais uma vez a ensaiar em silêncio o meu discurso escrito em grandes letras de imprensa num maço de papéis. Tinha-o memorizado, recitado um milhar de vezes, proferido diante das raparigas, do Thomas, da gata, das cadelinhas, das galinhas, das cabras e de toda a fauna selvagem no cume.

Mas não o tinha proferido diante de estranhos. Estranhos em público. Estranhos em público munidos de câmaras. Durante todos estes meses, todos os passos que eu havia dado fora do santuário do Vale tinham sido cuidadosamente orquestrados, o meu rosto coberto por capuzes, lenços e depois pelo cabelo artisticamente arranjado, para uma audiência de amigos e vizinhos de confiança, pessoas que não tiravam fotografias, pessoas que não falavam com jornalistas, pessoas que não faziam juízos.

– Mamã, podemos ir jantar depois do teu discurso? – perguntou Cora no banco de trás. – Quero comer piza. O papá diz que podemos ir comer fora como pessoas normais depois de te livrares disto.

Ivy mandou-a calar.

– A mamã está a concentrar-se. O discurso dela tem muitas estatísticas. Ela não se pode enganar. Tem calma.

– O que são estatísticas?

– São números, meu anjo – respondeu-lhe Thomas, olhando pelo espelho retrovisor enquanto manobrava o carro para estacionar. – A tua mãe gosta mais de números do que de histórias pessoais.

Murmurando a última página do meu discurso, ignorei este sarcasmo. Não estava interessada em confessar aspetos íntimos da minha experiência perante uma plateia de *voyeurs*. Planeei uma atuação formal, uma intervenção impessoal. Enquanto proferia as palavras, inclinava a cabeça, virava os ombros, levantava e baixava o queixo: todos os movimentos representavam uma *nuance* ensaiada. Tinha aperfeiçoado todas as inflexões, todas as expressões faciais, todas as poses corporais para o discurso de trinta minutos. O meu tema? *A Cultura da Beleza – Perspetiva Privilegiada sobre a Autoimagem*. O meu discurso estava eivado de factos e resumos de opiniões científicas. Soava importante, solene, académico. Um discurso enfadonho que não revelava nada sobre o meu sofrimento pessoal.

– Chegou a hora da verdade – disse Thomas com ternura, quebrando o meu ansioso devaneio. O *Hummer* estava parado e silencioso. Tínhamos estacionado. Ele e as raparigas estavam a olhar para mim, preocupados. Dobrei o discurso, meti-o na carteira e inspecionei a cara no espelho da pala contra o sol. Uma madeixa de cabelo sobre o lado queimado, sim. Camisola de gola alta justa para esconder o pescoço queimado, sim. Fato de casaco e calças por medida para esconder o braço e a perna queimados, sim. Expressão agradável e fechada na cara, sim.

– A hora da verdade – repeti.

As raparigas iam ao meu lado e do Thomas ao entrarmos no centro cívico. Cora ia de mão dada connosco a baloiçar alegremente os braços. Ivy enfiou-me o braço e deu uma palmadinha na manga do meu casaco.

– Mamã – disse baixinho, quando entrámos por uma porta de serviço –, mesmo que vomites, não faz mal, ouviste?

Abracei-a.

– Só espero que ninguém me fotografe a fazê-lo. Não quero ser a protagonista de um vídeo de sessenta segundos sobre vómito na Internet.

O Dr. Bartholomew sorriu-nos com algum embaraço ao cumprimentar-nos num átrio nas traseiras.

– Estou certo que está habituada a atrair multidões, no entanto estamos espantados com o que está a acontecer.

– Estou a esforçar-me por não pensar nisso.

Ele tinha programado a minha intervenção para uma sala normal de seminários, como prometera no verão. Trinta, quarenta pessoas na assistência. Mas dois dias mais tarde, a associação de vítimas de queimaduras noticiou a minha participação no seu boletim informativo *online* e, a partir daí, o responsável pela programação foi inundado com contactos da comunicação social e ainda uma enxurrada de membros a pedir à associação para transferir o evento para uma sala maior. Como tal, o Dr. Bartholomew alterou o local para o salão de baile do centro cívico que tinha capacidade para algumas centenas de pessoas. Receosa, eu acabara por concordar.

– Onde é que vou agora fazer o meu discurso exatamente? – perguntei num fio de voz.

O seu sorriso transformou-se num retraimento esperançoso.

– No Auditório Thomas Wolfe.

– Deve ser um espaço enorme.

– É onde a orquestra sinfónica de Asheville atua. – Ele fez uma pausa, retraindo-se ainda mais. – Está à cunha.

Senti-me fraquejar. Thomas agarrou-me pelo cotovelo.

– Ela precisa de um minuto para se adaptar à ideia. Um sítio privado.

– Com certeza. Sigam-me. Eu levo-os aos bastidores.

Entorpecida, deixei Thomas rebocar-me para o complexo do auditório. As raparigas vinham atrás de nós apressadas, as bocas abertas de pasmo.

– Esperem aqui com o doutor Bartholomew – pediu-lhes Thomas, levando-me para um camarim e fechando a porta.

Pegou-me pelos ombros.

– Toda a tua vida atuaste perante públicos exigentes. Estas pessoas são vítimas de queimaduras e profissionais de medicina que tratam vítimas de queimaduras. Estão do teu lado. És capaz, Cathy. És capaz.

Libertei-me dele e comecei a dar voltas, ligeiramente vergada e agarrada ao estômago com mãos trémulas.

– A comunicação social. Dezenas de fotógrafos. Todos a quererem as primeiras fotos de mim e das minhas cicatrizes.

Thomas barrou-me o caminho, afastou-me as mãos da barriga e encostou-as ao seu peito.

– Tu – proferiu numa voz solene – és a mulher que não gritou quando as enfermeiras lhe rasparam a pele em carne viva. És a mulher que atravessou as montanhas numa nevasca à procura da casa da avó e depois acampou lá dentro sem aquecimento, sem eletricidade, sem água corrente e sozinha. És a mulher que deu um lar a duas meninas enjeitadas. És a mulher que pôs a segurança dos outros à frente da sua durante o incêndio no café. És a mulher que se recusa a desistir da Delta. – Levou as minhas mãos à sua boca, beijou-as e rematou: – És a mulher que me salvou a vida e faz com que a minha vida valha a pena ser vivida. És capaz de fazer este discurso.

Olhei para ele, relaxei um pouco e assenti.

– Cá me arranjo. Não sei como, mas hei de conseguir.

Ele beijou-me na testa para não me esborratar a maquilhagem.

– Vou sentar-me com as pequenas na primeira fila, a torcer por ti. Olha para nós e esquece o resto.

Respirei fundo lentamente e endireitei-me.

– Pronto, pronto. *Acalma-te. Respira. Concentra-te*. – Pronto. – Palavra mágica. Pronto.

– Amo-te.

– Eu também.

Thomas dirigiu-se para a porta. Antes de ele sair, eu disse:

– Thomas? Tudo isso que enumeraste? Sem ti, nunca teria sido capaz.

Ele olhou outra vez para mim com um sorriso calmo.

– E também vamos aguentar este discurso juntos.

A porta fechou-se silenciosamente atrás dele.

Encarei os espelhos iluminados do camarim. Pela primeira vez, desde aquele dia no Four

Seasons, quase dezoito meses antes, ia apresentar-me diante do mundo. Dessa vez, tinha visto biscoitos e tragédia no espelho.

Desta vez, via apenas o meu medo.

Thomas

– Vai correr tudo bem com a mamã? – perguntou Cora quando encontrámos os nossos lugares no centro da primeira fila. Levantou os olhos para o balcão apinhado e depois para a plateia superlotada. – Estas pessoas vieram todas ver a mamã? Mas a mamã não *as* quer ver.

Anuí com a cabeça.

– Vai correr tudo bem.

Ivy deu-me uma cotovelada.

– Papá, olha para aqueles tipos com as câmaras à frente do palco. Devem ser, sei lá, uns cem. Ela vai desatinar.

– Não vai nada. Ela é uma estrela. Vais ver.

Só queria sentir a confiança das minhas palavras. Sentámo-nos. Olhei para o lugar vazio de Delta ao meu lado e fiz figas.

– Senhoras e senhores, a ASAQS tem o prazer de dar as boas-vindas a Cathryn Deen.

Uma ovação. O som profundo e retumbante, uma onda sonora orgásmica. Antigamente, adorava estas manifestações de apreço, os assobios, o som do meu nome a ser gritado por entre os aplausos.

Agora era com esforço que punha um pé à frente do outro, que sorria, ao entrar no palco elegantemente iluminado diante de todas aquelas pessoas, de todas aquelas câmaras. Ofuscante, aterrador. *Encurralada. Só me resta vomitar, fugir de cena ou desfalecer. Uma visão patética, tal como no ano passado, no acidente, captada para gáudio dos curiosos, dos mesquinhos e dos gananciosos, para ser partilhada numa questão de segundos por pessoas em todo o planeta.*

Apertei a mão ao Dr. Bartholomew. Ele fez-me sinal para me encaminhar para um projetor. Tentei controlar a respiração. O microfone colocado na minha camisola captaria o mais leve

gemido produzido pelo meu terror. Aturdida, caminhei até a um pódio elegante e pousei ali o meu discurso e, em seguida, aprumei-me, fixando as câmaras, as luzes fortes, o público. Os aplausos continuaram, subindo e descendo. Tremiam-me as mãos, caídas dos lados. Não conseguia respirar. Se não me controlasse, a minha voz sairia quebrada, numa sucessão de falsetes, e estas pessoas, o mundo inteiro, perceberiam a minha verdadeira fraqueza. Nunca me tinha ido abaixo num palco até hoje. O meu coração batia com tal força que havia o risco de o microfone apanhar o seu batimento sacudido.

Por fim, a assistência calou-se. Eu permaneci ali, com medo de falar. Aos poucos, comecei a estudar os rostos que me miravam. Muitos estavam desfigurados, deformados pelo fogo. Muito piores do que o meu. Que podia eu dizer a pessoas que tinham sofrido mais do que eu? Que espécie de estatística ou preceito sentimental podia resumir aquilo por que tinham passado, aquilo com que viviam e o que agora compreendiam sobre a vida sem o verniz da perfeição física?

Lancei um olhar de pânico para a primeira fila, semicerrando os olhos para lá do muro de câmaras. Thomas e as raparigas. Queria localizá-los. Pronto. Estavam ali. A olhar para mim com todo o seu amor. Thomas estava sentado na ponta da cadeira, tentando parecer calmo, solidário, casual, como quem diz *não é nada do outro mundo se ficares catatónica, querida*. Mas sem sucesso. A sua expressão era de preocupação.

Queria desesperadamente que eu me saísse bem. Consegui orientar os meus olhos paralisados para o texto do meu discurso. As palavras eram grandes, gordas e maçudas e estavam à espera. *Quero agradecer à Associação dos Sobreviventes de Acidentes por Queimaduras do Sudeste por me ter convidado para estar hoje aqui presente. Venho falar-lhes do significado da aparência pessoal na cultura americana…*

Abri a boca. Não saiu nada. Engoli em seco, peguei no copo de água da mesa de leitura, bebi um gole e vi a água espichar do copo porque a minha mão estava a tremer sem parar.

Não consigo fazer isto. Não consigo. Sinto muito, Thomas, mas não consigo.

As pessoas mexeram-se um pouco nas cadeiras, olhando de relance umas para as outras e sustendo a respiração. Pressenti a pior coisa que um ator pode sentir num palco: a temida vibração do silêncio constrangido. *Ignora. Olha para o Thomas e para as miúdas, olha apenas para eles e tenta ignorar os outros e… diz alguma coisa, diz alguma coisa!* Freneticamente, voltei a perscrutar a primeira fila. Fixei os olhos no Thomas, mas ele acenou com a cabeça para a sua esquerda. Os meus olhos reagiram de imediato. Esquerda. Olha para a esquerda dele.

Delta.

Delta estava ali sentada, olhando para mim com lágrimas nos olhos e uma mão no coração. Pegou num enorme prato de plástico que tinha no regaço, levantou a tampa e ergueu-o.

Biscoitos, articulou sem som.

Biscoitos. Tinha começado a fazer novamente biscoitos! O nosso símbolo de tudo o que era bom, de tudo quanto trazia esperança, de tudo em que valia a pena acreditar e por que valia a pena lutar. Tinha trazido biscoitos para pedir desculpa por ter perdido temporariamente a fé e para me recordar quem eu era e quem eu sempre seria. Era a neta de Mary Eve Nettie e a prima de Delta Whittlespoon. A herdeira da massa sagrada.

Baixei os olhos para o discurso. É agora ou nunca. As pessoas hão de ver-te da maneira que queres que te vejam, mas tens de lhes dizer quem és, não quem elas pensam que és. Diz-lhes. Diz-lhes. Diz-lhes.

Peguei no discurso. Levantei-o bem, virei-o de través e segurei nele com uma mão de cada lado. Rasguei as folhas ao meio. Depois rasguei as metades ao meio e as metades das metades em quartos. A seguir, atirei os pedaços para o ar como confetes. Os *flashes* das câmaras sucederam-se.

O auditório inteiro mergulhou num silêncio ainda mais profundo. As pessoas olhavam para mim espantadas. Pelo menos, tinha conquistado a atenção enlevada de toda a gente. Saí do pódio e, continuando sem dizer nada, aproximei-me da ponta do palco. Olhei para a bateria de câmaras e depois para a audiência. Tirei o casaco. A camisola de gola alta não tinha mangas. Atirei o casaco para o pódio atrás de mim e, em seguida, levantei graciosamente o meu braço direito queimado para que todos o vissem. *Este é o braço da nova Cathryn Deen, do ombro à ponta dos dedos; vejam o espesso tecido cicatricial rosa do braço e a carne retorcida da mão. Podem fotografar à vontade, mirar, fixar este belo apêndice, com declarada piedade ou mesmo repugnância. Livre!*

Seguiram-se mais *flashes*.

Em seguida, sempre sem falar, estendi o pé direito, o joelho levemente dobrado, o dedo esticado. Passei as mãos pela perna. *Abracadabra. E agora vejam a perna da nova Cathryn Deen*. Levantei a perna das calças largas até ficar presa acima do joelho e não subir mais. As cicatrizes percorriam a parte exterior do meu joelho e barriga da perna, terminando num fio grotesco que se enrolava por cima do meu pé.

Mais *flashes*.

Deixei a perna das calças cair. Em seguida, levantei as mãos, com as palmas para cima e depois para baixo, os dedos abertos em direção à minha cara. *E agora, o grande final.* Enterrando as mãos no meu cabelo cuidadosamente penteado, remexi-o com fúria, destruindo a alquimia de *mousse*, gel e laca que o fixava. Depois, afastei o cabelo assim solto da cara. Virei a cara para que todos vissem bem as cicatrizes, o contorno destruído do cabelo, a horrível orelha. Houve pessoas que sustiveram a respiração.

As câmaras estavam num frenesim imparável.

Fiz pose. Dei-lhes o que queriam: não, desta vez, dei-lhes o que *eu* queria. Com um *timing* impecável. Ainda possuía o dom de hipnotizar uma multidão. Que os fotógrafos se saciassem, que o auditório inteiro, cheio de jornalistas, fotógrafos, sobreviventes de queimaduras como eu, médicos, enfermeiros e terapeutas, vissem a realidade, que olhassem bem e demoradamente.

As únicas pessoas cujas opiniões importavam estavam sentadas na primeira fila e, quando, tranquila, baixei os olhos para elas, estavam todas a sorrir. As raparigas sorriam-me. Delta ria-se e chorava, com os braços à volta do prato de biscoitos; Thomas estava com lágrimas nos olhos, mas acenou fervorosamente com a cabeça em sinal de aprovação. *Sim, é isso que tu és e eu amo-te assim.*

Voltei para o pódio, dobrei o casaco e pousei as mãos de cada lado da mesa de leitura. Aclarei a garganta.

– Tal como todas as pessoas hoje aqui presentes neste auditório que têm um corpo menos do que perfeito, eu não sou uma vítima de queimaduras. Sou uma *sobrevivente* de queimaduras. Há um ano, sempre que olhava para mim mesma, queria morrer. – A minha voz era distinta, forte e confiante. – Mas hoje posso muito honestamente assegurar-lhes que, se pudesse voltar atrás e impedir o acidente que me desfigurou, significando isso a renúncia às pessoas que se tornaram parte da minha vida por causa desse acidente, as pessoas que comecei a amar nesta minha nova vida, neste meu novo corpo, as pessoas que me amam, independentemente destas cicatrizes… se pudesse escolher voltar a ser bela, à custa de perder essas pessoas… *escolheria continuar desfigurada*.

A assistência entrou num alvoroço. As pessoas puseram-se de pé, aplaudindo com mãos queimadas, chorando com rostos queimados. Passaria ali a próxima hora e meia, relatando-lhes a história dos últimos dezoito meses com a maior das honestidades, falando da dor, dos medos, dos fracassos, mas também do amor, dos ensinamentos e das vitórias. Elas aplaudiriam a cada passo e a ovação de pé que receberia no final duraria dez minutos.

Mas, por agora, entreguei-me ao simples prazer da minha própria coragem, espantada por ser capaz de estar ali de pé, confortavelmente, olhando para a minha família – tinha outra vez uma família! – e depois procurei os olhos adoradores de Thomas e lancei-lhe o meu maior sorriso, o da estrela de cinema. E ele acenou com a cabeça e riu-se.

A partir desse momento, a noite só teve momentos bons.

Thomas

Cathy conseguiu. Reapossou-se de si mesma, recuperou a autoestima, disse ao mundo que olhasse para ela nos termos dela e que fosse dar uma grande curva. Foi uma noite incrível, estonteante, alegre e jubilosa. A presença de Delta foi o segredo. Mais tarde, Pike, que não arranjou lugar na plateia à cunha, encontrou-se connosco no salão de baile do centro cívico, onde os organizadores da ASAQS depressa prepararam uma receção para um público adorador. Cathy demorou-se uma hora, dando autógrafos, posando para fotografias com outros sobreviventes de queimaduras e pessoal médico. Ofereceu-se para participar em eventos de angariação de fundos para investigação sobre queimaduras, o que deixou o Dr. Bartholomew e os outros membros da direção deleitados.

A única coisa que ela se recusou a fazer foi falar com os jornalistas. Nunca tinha visto repórteres a esforçarem-se tanto para se livrarem de doentes de queimaduras sem sucesso. Não foi nada bonito.

– Já conseguiram o que queriam quando me tiraram aquelas fotografias todas esta noite – explicou, encolhendo os ombros. – O que eu tenho a dizer é-lhes completamente indiferente. Têm as imagens. – Não falou com azedume, apenas com sentido prático.

Depois fomo-nos embora.

– Temos crianças que precisam de comer e vamos jantar fora – disse ela. Prioridades. Levámos as pequenas, a Delta e o Pike a uma pizaria e sentámo-nos num canto, rindo e comendo e revivendo o extraordinário discurso, sob o olhar das pessoas, algumas das quais vieram pedir um autógrafo à Cathy e lhe tiraram fotografias, para as quais ela sorriu e acenou. Em seguida, Delta tirou da carteira as duas metades do cheque rasgado de Cathy para o café e pousou-as na mesa diante dela.

– Rejeito a tua oferta – disse. – Demorei foi alguns meses a decidir.

Lacrimosas, ela e Cathy abraçaram-se e brindámos com uma rodada de cerveja e pedimos uma segunda piza. Eu e Cathy regressámos no *Hummer* ao Vale, com as raparigas a dormir regaladamente no banco de trás. Em casa, com as pequenas na cama e uma lua nova a espreitar sobre a floresta de vermelhos e dourados outonais, vestimos *jeans* e camisolas confortáveis e sentámo-nos nos degraus do alpendre, embrulhados num dos edredões de Mary Eve.

Cathy tirou do bolso um pequeno embrulho rasgado.

– Isto chegou há dois dias de Nova Iorque. Foi o Anthony que o entregou. A Delta intercetou-o. E eu, admito sem vergonha, abri-o para ver o que era. Porque é da tua cunhada.

Tirei o embrulho aberto almofadado das mãos dela com um sentimento de fatalidade.

– Devia ter adivinhado que a Ravel não ia desistir. Mas não te preocupes. Já fiz as pazes com

ela, mesmo que ela não as tenha feito comigo.

– Vê o que ela te mandou.

Tirei o plástico de bolha do embrulho e desdobrei-o, até ficar de um tamanho que me cabia na palma da mão, e depois, lentamente, meti a mão lá dentro.

O relógio. O relógio de bolso de prata que a Sherryl me tinha dado no último aniversário do Ethan. Virei-o ternamente na mão.

– Havia alguma mensagem?

– Não. Acho que o relógio diz tudo.

Anuí. Meti o relógio nos *jeans*. Bastava de palavras. Tinha as minhas recordações, todas elas.

– Lua nova – disse eu a Cathy. Abraçámo-nos e observámo-la a subir.

Thomas

Levei uma pá e o pequeno embrulho, envolvido numa das minhas camisolas, para o cemitério dos Nettie atrás da casa. Estava uma manhã estupenda e eram quase nove horas do dia 11 de Setembro.

O primeiro avião ainda não se tinha despenhado contra as torres.

Abri uma campa funda e estreita, entre as lápides dos familiares de Cathy, agora meus. Ajoelhei-me ao lado e abri a camisola para olhar para dentro pela última vez. Passei os dedos pelo camião de brincar do Ethan. Pousei a mão no objeto pela última vez.

Enterrei o meu sofrimento pelo meu filho, não as minhas memórias, mas o meu sofrimento. Chorei. Depois levantei-me, limpei a cara e, pondo a pá ao ombro, regressei pelo trilho da floresta.

Cathy e as meninas estavam à minha espera no limite do quintal das traseiras. Quando me viram emergir da floresta, Cathy deu uma palmadinha nos ombros das pequenas. *Agora. Vão ter com ele agora*.

Cora e Ivy correram para mim de mãos estendidas. Olharam para mim com olhos preocupados e ternos.

– Estás bem, papá? – perguntou Ivy.

– Estás bem, papá? – murmurou Cora.

Peguei-lhes nas mãos, fechei-as dentro das minhas, encarei as lágrimas sorridentes de Cathy, esperei que a minha voz se recompusesse e disse às nossas filhas:

– Estou bem, sim. Estou ótimo.

E entrámos juntos em casa, os quatro, nessa manhã.

Cathy

– Mamã, estás na televisão! – gritou Ivy.

Ela e a Cora, seguidas pela gata a saltar e pelas cadelinhas aos latidos, correram para a cozinha, onde eu estava estoicamente à espera que outra fornada de biscoitos intragáveis saísse do forno. Thomas, sentado à mesa da cozinha a consultar as notícias num computador portátil, acenou com a cabeça.

– A vossa mãe está em todo o lado. Estão a mostrar imagens do discurso na Internet. Chamam-lhe «uma história admirável de coragem e inspiração» – Sorriu-me. – Não deixes que isto te suba à cabeça.

– Tenho biscoitos para arruinar. As pessoas podem chamar-me o que quiserem. A conversa não queima biscoitos, é tudo o que me interessa.

– Mamã, és uma estrela! – exclamou Cora, abraçando-me uma perna. – Quer dizer que também somos estrelas?

– Claro! – Afaguei-lhe distraidamente o cabelo, espreitando pelo vidro da porta do forno.

Malditos biscoitos! Não pareciam estar a crescer nada esta manhã. Nunca mais ia atinar com eles. Suspirei e sentei-me defronte de Thomas. As raparigas deixaram-se cair em cadeiras ao nosso lado. Ivy pousou o meu telemóvel na mesa.

– Não é melhor ligá-lo a ver se alguém telefonou desde ontem à noite?

– Suponho que sim. Liga.

A caminho de casa de Asheville, eu tinha desligado o telemóvel. Sabia que os jornalistas iam

ligar. As histórias do costume. Ivy ligou o aparelho e debruçou-se sobre ele, estudando o visor.

– Uau – disse baixinho. – Olha, papá.

Thomas deitou os olhos ao telefone e ficou surpreendido.

– Ao que parece, tens aqui um bom número de mensagens. Tantas, aliás, que recebeste um aviso a dizer que a capacidade da tua caixa de mensagens está cheia.

Soltei uma interjeição de desdém e levantei-me.

– Grande coisa. Tenho de ir fazer os ovos mexidos enquanto espero que os biscoitos se decidem a cozer.

– Mamã – disseram as raparigas num tom persuasivo.

– Pronto. Ivy, passa algumas das mensagens no modo de voz para nos divertirmos todos com as perguntas mais estúpidas.

Sorri, partindo grandes ovos caseiros castanhos para uma das tigelas de louça da minha avó. Ivy estava às voltas com o telemóvel nas mãos.

– Pronto, já está. Aqui vai.

«Cathryn, olá. Fala o Brad Harris da ProtoToon. Gostava muito de saber se estaria interessada em dobrar uma voz no nosso projeto de filme animado. Grande discurso ontem à noite. Acho que daria uma leoa fantástica.»

«Cathryn, minha querida! Fala a Marcia Steen Conklin. Diretora de *casting*. Ligue-me, de acordo?»

«Cathryn. Já sabe quem fala. Não me obrigue a implorar. Ligue-me, está bem?»

As chamadas, dezenas delas, continuaram nesta veia. Propostas, sérias, e pedidos de resposta de diretores de estúdios. A minha agente tinha deixado uma dúzia de mensagens. A primeira dizia: «Ei, disse-te para arranjares um tipo porreiro, casares e teres filhos, mas nunca pensei que fosses arranjar um noivo, duas filhas, uma quinta, um café, uma vinha, animais de estimação e um bode no espaço de um ano. Lembras-te do que eu disse aqui há tempos sobre as tuas opções? Esquece. Depois desse discurso, o mundo é diferente.»

E então, por fim, veio a chamada que me fez parar com a mão na porta do forno.

«Fala o Gerald», dizia a voz gutural e pomposa. «Cathryn, anda lá, companheira. Podemos lançar-te outra vez em público. Uma campanha nova. O rosto da *Flawless* não tem de ser perfeito. Estavas fabulosa ontem à noite. Com a iluminação certa, podemos ir longe. Nunca

desisti de ti, sabes. Ainda podemos fazer grandes coisas juntos.»

Clique.

Eu e o Thomas olhámos um para o outro. Ele olhou para o telemóvel. Contraiu o maxilar. Eu também. Uma pequena veia latejava-lhe na face. Uma maior latejava na minha. Aproximei-me, peguei no aparelho e disse calmamente:

– Se me dás licença.

Saí pela porta da cozinha, atravessei o pátio lateral e dirigi-me para as novas vedações das pastagens das cabras e do celeiro palaciano. Thomas e as raparigas seguiram-me. O *Banger* e concubinas levantaram os olhos de um delicioso monte de feno. Estendi-lhe o telemóvel por cima da vedação.

– Uma iguaria especial. Esta está carregada de conversa fiada de altas calorias. Queres?

– *Bah* – baliu alegremente, abocanhando o telefone.

Voltei-me e dei com a expressão séria de Thomas a transformar-se num sorriso. As raparigas olharam para nós, de testa franzida.

– Mamã, não vais aceitar nenhuma dessas propostas? – disse Ivy.

– Não vamos viver para Hollywood, pois não? – perguntou Cora. – Acho que as galinhas não iam gostar.

– Não, não vamos sair daqui – prometi, sem tirar os olhos de Thomas.

– Mas sou capaz de aceitar uma boa proposta de vez em quando. Não faz mal a ninguém ganhar algum dinheiro extra de vez em quando. E que tal fazer publicidade aos *Vinhos do Cume da Mulher Selvagem*. Hum?

Thomas riu-se e acenou com a cabeça.

– Acho que darias uma leoa fantástica.

Eu também achava.

Ivy virou-se para a estrada da quinta, à escuta.

– Vem aí alguém.

O carro-patrulha do Pike entrou no pátio. Corremos para ele.

– A Delta está a cozinhar – gritou eufórico. – Venham até ao café. Ela está de volta à cozinha!

– Vão buscar os vossos casacos – ordenou Thomas às raparigas. – Eu dou de comer às cadelinhas, à gata e…

– Os meus biscoitos ainda estão no forno – protestei, correndo para casa. Ia ser a pior fornada de sempre. Precipitei-me para a cozinha, abri a porta do forno e espreitei lá para dentro, agarrando num par de luvas de forno do balcão.

Estaquei, pasmada.

– Os desígnios da banha são insondáveis – sussurrei.

O rumor espalhou-se como o aroma da boa comida. O Café Crossroads reabriu nessa manhã sem qualquer publicidade prévia e, mesmo assim, o parque de estacionamento estava cheio quando lá chegámos. Eu e Thomas dirigimo-nos para a nova cozinha pela nova porta das traseiras.

– Frita esse *bacon* um pouco mais – ordenou Delta com alegria. – Põe essa nova grelha na temperatura correta. Por favor, alguém que adicione outro pedaço de manteiga a essa sêmola de milho.

A Becka, a Cleo, o Jeb, o Bubba, a Alberta, a Macy, a Dolores e o Juiz corriam por todo o lado. Eu e Thomas enfiámo-nos num canto seguro. Delta deu meia-volta e viu-nos.

– Façam alguma coisa!

Dirigi-me a ela como uma camponesa que leva um presente a uma rainha. Estendi um cesto de pão pouco fundo coberto com um dos panos da cozinha bordados da minha avó.

– Consegui – disse-lhe baixinho.

Thomas levantou cerimoniosamente o pano do cesto. Uma pequena montanha de biscoitos dourados aninhava-se por baixo. Delta soltou uma gargalhada e bateu palmas.

– Não te disse que era uma questão de coração? Estão perfeitos!

– Mais importante ainda, estão uma delícia.

Ela pegou num de cima, estudou-o como um entendido em vinhos estuda um excelente *Cabernet,* e partiu o biscoito em dois.

– Estaladiço, a cheirar a manteiga, perfeito – entoou.

Lentamente levou um pedaço à boca, fechou os olhos, mastigou e engoliu. Riu-se, olhou para

mim com olhos brilhantes e estendeu os braços.

– Agora és uma biscoiteira, prima.

Abraçámo-nos.

Delta pegou nos meus biscoitos e pousou-os numa mesa.

– Sirvam-nos – disse ela ao pessoal. – Os biscoitos não são só para serem admirados; são para sustentar a alma ferida e alimentar o coração amachucado.

Os meus biscoitos foram levados para as novas salas de jantar. Nessa manhã, comecei a alimentar os carentes espirituais, a partilhar a minha sabedoria sobre a crosta dourada. Thomas beijou-me.

– A massa está a esfarelar um pouco – comentou –, mas está uma delícia.

Ri-me.

– Que podemos fazer para ajudar? – perguntei à Delta.

Delta apontou para uma caixa de maçãs.

– Descasca e corta às rodelas. Pressinto que vem aí um bolo de maçã.

Eu e Thomas levámos as maçãs lá para fora. Sentámo-nos debaixo dos carvalhos com uma bacia de água e descascadores, sob a luz do sol dessa manhã de outono. Tudo na vida nos conduz para onde devemos ir. Nem sempre é fácil vislumbrarmos o nosso destino a meio da viagem. Thomas perdeu o filho, mas encontrou-me e encontrou as raparigas. Eu perdi a minha beleza, pelo menos a sua versão mais simples, mas encontrei-o e encontrei as raparigas, a Delta e o café.

Não trocaria nenhum deles por um rosto perfeito. Nunca.

Avistei a deslumbrante paisagem outonal das montanhas. Ouvi as gargalhadas de Cora e de Ivy a brincar com amigos no quintal traseiro do café. Pensei nos nossos animais em casa, bem alimentados e em segurança. Inalei o aroma da cozinha do café. Pensei no calor e na amizade que me reservavam os anos futuros. Olhei para Thomas a trabalhar regaladamente ao meu lado. Teríamos muitas décadas de felicidade à nossa frente. Anos repletos de biscoitos. Caseiros e deliciosos, carregados de amor. Pousei uma mão sobre o coração.

A beleza é isto.

Agradecimentos

A inspiração para esta história, o primeiro ingrediente da receita que mais tarde se tornou este romance, começou com uma viagem em busca de flores e comida. Três mulheres numa expedição atrás de rosas e do almoço.

Num dia de primavera, há muitos anos, eu, a minha mãe e a nossa amiga, Ceil, metemo-nos num carro, no nosso hotel em Asheville, e dirigimo-nos para norte, para os altos picos da Cordilheira Azul, no Oeste da Carolina do Norte. A nossa missão era encontrar um viveiro de plantas raras sobre os quais tínhamos lido numa brochura turística. E, como sempre, saborear uma boa refeição. As mulheres não se limitam a fazer compras. Fazem compras e comem. É um dado adquirido.

Uma hora mais tarde, cansadas de percorrer uma estrada de duas faixas que ziguezagueava pelas montanhas como uma cobra enrolada à volta de uma pedra, começámos a interrogar-nos se iríamos perder o almoço, sem sequer o encontrar. Se tivéssemos de fazer mais uma curva em cotovelo, sem nada senão rocha escarpada a pique de um lado e ar rarefeito do outro, comida seria a última coisa que haveríamos de querer.

Por fim, a montanha-russa da estrada depositou-nos do outro lado do mundo, num vale de montanha aninhado entre cristas ainda mais altas, por baixo de uma cúpula de céu azul de Delft. Suspirando de alívio, passámos por pequenas e encantadoras quintas, capoeiras, campos repletos de vacas e retalhos verdejantes de jardins primaveris. Tratava-se de um lugar onde as estradas mais civilizadas arrancavam à força o seu trajeto aos leitos rochosos das ribeiras; havia sempre uma ribeira à esquerda ou à direita, ensombrada por grandes árvores de folhas persistentes, as margens carregadas de fetos rendilhados. Estas montanhas da Carolina do Norte devem ser habitadas por duendes. E unicórnios e pequenos dragões. Os leitos das ribeiras contêm magia.

Sem saber muito bem como tínhamos ali chegado e sem fazer ideia do que esperar, descobrimos uma tranquila interseção na floresta. A ribeira que nos acompanhava serpenteava por perto, passando por baixo de uma ponte estreita antes de desaparecer na direção do Tennessee. Uma encruzilhada dirigia-se para lugares desconhecidos. Algumas tabuletas velhas na estrada sugeriam que um cartógrafo talvez fosse capaz de localizar esta encruzilhada, porém, seria preciso uma lupa.

Numa esquina, via-se uma pequena e linda casa de lavoura, rodeada por canteiros de flores espetaculares. Na esquina contrária, estava o equivalente moderno de uma paragem de diligência: uma loja familiar, um par de bombas de gasolina descoloridas pelo sol, um parque de estacionamento de cascalho e, para nossa felicidade, um restaurante. Apressámo-nos a entrar e deixámo-nos cair num reservado ao lado de uma enorme janela panorâmica com vista

sobre a ribeira. Uma mulher robusta e sorridente trouxe-nos menus escritos à mão enumerando as ofertas do dia. Estudámos a lista que incluía todos os alimentos básicos de uma divinal refeição sulista: frango frito, molho de carne cremoso, biscoitos, estufados, grelos, ervilhas guisadas, broa de milho, creme de milho, picles caseiros, legumes de conserva, pudim de banana, tarte de maçã e por aí fora.

Excitadas, abanámo-nos. Nada causa mais depressa palpitações às mulheres sulistas de um certo volume do que a perspetiva de um prato recheado dos grupos alimentares mais importantes cozinhados em meio quilo de banha. Não esquecendo o toucinho e a manteiga.

Depois de decidirmos os acompanhamentos, pedimos truta frita, apanhada nessa manhã num lago local. Quando as travessas (travessas e não pratos) chegaram, colocadas junto a copos altos e embaciados de chá gelado tão doce que punha as colheres em sentido, a minha mãe inclinou a cabeça sobre o repasto e rezou: *Os desígnios da banha são insondáveis. Ámen.* Nada mal para uma metodista não praticante convertida ao universalismo, na companhia de uma católica e de uma ambientalista.

E comemos. E comemos. E comemos, olhando ao mesmo tempo regaladamente pela janela panorâmica para a ribeira, para a quinta, para a floresta e para as montanhas. Nesse dia, desfrutámos da experiência gastronómica de cinco estrelas mais solitária do planeta, com uma vista fenomenal. E o que a tornou ainda mais especial foi ter chegado até nós como um tesouro escondido, uma surpresa que não tínhamos imaginado encontrar. A comida sabe sempre melhor quando somos nós que a preparamos, que cultivamos os alimentos ou os caçamos ou pescamos. No nosso caso, quando a descobrimos depois de termos pensado que estávamos simplesmente perdidas num alto vale de montanha.

Voltámos tropegamente para o carro, ensonadas e saciadas. Restauradas as energias para explorar, demos com o viveiro de plantas raras nas proximidades. Comprámos roseiras antigas e *pot-pourri* caseiro de pétalas de rosa e regressámos ao nosso hotel em Asheville, inalando o aroma dos jardins das nossas avós e rememorando os cozinhados delas. A comida e as flores reavivam o espírito dos nossos antepassados. Eu preparo refeições pelas receitas da minha avó. Cultivo as rosas-chá, as íris, os lírios-tigre e os narcisos das minhas avós no meu quintal. As minhas avós perduram na farinha, nas flores, no coração e na fornalha.

Nunca esquecerei esse dia nas montanhas sobre Asheville, essa refeição, essa camaradagem na encruzilhada.

E, assim, este livro é dedicado a todas as avós montesinhas dos Apalaches do Sul que recebem de braços abertos estranhos à sua mesa, que adoram a comida, os espaços selvagens, as rosas, as estradas ribeirinhas e as cristas altas que só os esfomeados e os bravos ousam visitar em busca de um vislumbre e de um gosto do olimpo.

Obrigada a todas; não há dúvida de que os desígnios da banha são insondáveis e maravilhosamente nutritivos.

Quero expressar ainda a minha profunda gratidão a todos que tornaram este livro possível com a sua ajuda, encorajamento e inspiração. O meu eterno reconhecimento à minha boa amiga Linda Wolfowitz, não apenas por me ter prestado conselhos em todas as questões iídiche, mas também pelo seu enaltecimento, paciência e inabalável apoio ao longo da nossa troca de correspondência. A todos os leitores, livreiros e bibliotecários que me contactaram quando dei a conhecer os capítulos iniciais deste livro por *e-mail*, endereço os meus agradecimentos pelo entusiasmo e contributos dados. Corrigi os erros e aprendi a soletrar «extrapolar».

A todos no Google: sem vós, continuaria às voltas na biblioteca à procura da história geológica dos Apalaches, da história da criação das vacas de Guernsey, do percurso exato da Autoestrada de Ventura na Califórnia, dos protocolos de tratamento das queimaduras, de um mapa urbano da Baixa de Manhattan e de uma centena de outras informações que, de outro modo, garanto, não figurariam neste romance. O vosso é o trabalho de Deus num mundo de escritores atormentados.

Ao meu marido, Hank, obrigada, como sempre, pelo amor, apoio, paciência, esperança, ajuda e fé inabalável. Amo-te. Ao meu irmão e irmã e às famílias deles. Obrigada por me mostrarem o que é e o que não é uma família. Transformaram o meu entendimento do verdadeiro espírito familiar e, acreditem, nunca esquecerei a lição. À minha mãe: obrigada por teres estado presente agora e teres estado presente quando fizemos essa viagem nos arredores de Asheville.

A todas as raparigas que tão competentemente se ocuparam da frente doméstica em anos recentes: Sue, Marie, Judy, Sandra e Bobbie. Fizeram mais do que cumprir uma tarefa e a vossa compaixão foi profundamente apreciada.

À minha avó, Agnes Nettie Qualls Power, que fazia os melhores biscoitos do mundo sem nunca medir uma pitada que fosse de farinha ou um pedaço de banha, obrigada por essa memória. A minha avó cozinhava por instinto e amor e a sua comida alimentava mais do que o corpo. Eu não passava de uma criança quando ela morreu, mas o meu coração ainda conhece o conforto das suas refeições.

À minha tribo, ou seja, as minhas sócias na BelleBooks, amigas de longa data, irmãs do coração – Debra Dixon, Sandra Chastain, Martha Shields e Nancy Knight – este livro não existiria sem vós. As suas bases e o seu processo não fariam sentido. Todo o sucesso que possa vir a ter não teria mérito. Em suma, espero que todas ganhemos muito dinheiro com ele. Ainda havemos de comprar essa casa de praia da BelleBooks.

Mas, acima de tudo, este livro é dedicado a Gin Ellis. Gin, espero que saibas que temos imensas saudades tuas. As tuas flores estão a florir, a tua cerâmica, a tua arte, os teus livros, as tuas fotografias e as tuas sábias palavras vivem entre nós como um tesouro precioso. Não há muito tempo, estivemos na tua casa vazia e chorámos, sorrimos e pensámos em ti. Nunca te esqueceremos.

Até breve, combinado?